

Prof. José Carlos Dalgin - Última
Versão

SIMPÓSIO SOBRE JUAZEIRO
DO PADRE
CÍCERO
E A BEATA MARIA DE ARAÚJO



UM CONTEXTO DE MILAGRE

PROGRAMA

15-09 - SEX.

- 14h às 17h → Entrega de Credenciais
- 20h → Cerimônia de abertura
 - Conferência - A RELIGIOSIDADE POPULAR
 - Prof. Michel Maffesoli - Universidade René Descartes - Paris
 - Lançamento de livros

16-09 - SÁB.

- 08h → PAINEL - Três Aspectos da Liderança do Pe. Cícero no Nordeste
 - Josildete Gomes Consorte - PUC-SP
 - Lísias Nogueira Negrão - USP
 - Virgínia Tavares da Silva - UFC
- 10h → PALESTRA - Pe. Cícero e a Beata Maria de Araújo nas diversas perspectivas: uma avaliação historiográfica.
 - Marcelo Aires Camurça Lima - UFRJ
- 11h → Mesa-Redonda - A Igreja dos Beatos e das Beatas
 - Coordenador - Pedro Ribeiro de Oliveira - ISE
- 14h → PAINEL - A Ritualização de um Mundo Milagroso: o caso dos penitentes do cariri
 - Waldemir Caldeira de Jesus Coelho de Araújo - UFPE/UFRPE
 - Vera Lúcia Gomes Maia - UNIFOR
- 16h → PAINEL - A importância de José Marrocos no Contexto do Milagre de Juazeiro
 - Luitgarde O. C. Barros - UFRJ/UERJ.
 - F. S. Nascimento - ACL
- 17h → PAINEL - A Representação Artística do Milagre de Juazeiro
 - Rosemberg Cariry Nação Cariry
 - Renato Dantas - IPESC
 - Oswald Barros - Jornal O Povo
 - Martine Kunz

17-09 - DOM.

- 08h → CONFERÊNCIA - Da construção da Negação do Milagre e suas possibilidades
 - Helcion Ribeiro - FTNSA/SP
- 09h30 → PAINEL - O Milagre de Juazeiro: Questões Filosóficas e Teológicas
 - Manfredo Oliveira - UFC
 - José Oscar Beozzo - CEHILA, Lins.
 - Francisco Salatiel de Alencar - Sem. Federal
 - Plácido Cidade Nuvens - URCA
- 14h30 → COMUNICAÇÕES - Depoimento Histórico: Pe. Antônio Vieira, 100 anos de Romagem em Juazeiro.
 - Dr. Manoel Sulliano Filho
- 16h → PALESTRA - O Autoritarismo e a negação do Milagre de Juazeiro
 - Pe. Neri Feitosa - Diocese de Quixadá

18-09 - SEG.

- 08h → Palestra - Análise do Inquirito de Juazeiro, ressaltando os fenômenos extraordinários.
- Maria do Carmo Forti, Psicóloga.
- 09h → PALESTRA - Leitura Psicológica Sobre a Beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo
- Antônio Eduardo Lodi, Psicólogo.
- 10h30 → PALESTRA - A localização do Fenômeno de Juazeiro na Pesquisa da Parapsicologia
- Juan Pablo Garulo Rico, filósofo e psicólogo, SENAC-SP.
- 14h → PALESTRA - Análise Parapsicológica dos fenômenos de Maria de Araújo
- Maria do Carmo Forti, psicóloga.
- 16h → PALESTRA - No tempo e no povo de Maria de Araújo: o sentido e significado do milagre, eucaristia, mulher, padre, seca e santidade, e em que o fenômeno vem confirmar ou questionar os conceitos.
- Marcelino Sivinski - Inst. Teol. Pol/RS
- 17h → Síntese conclusiva
- 19h → Encerramento

LOCAL: MEMORIAL PADRE CÍCERO
Juazeiro do Norte-CE
De 15 a 18 de setembro de 1989

REALIZAÇÃO:



Universidade Regional do Cariri



*Instituto José Marrocos
de Pesquisas e Estudos*

COLABORAÇÃO:

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE
CÂMARA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE
CAPES – SEGOV – SEFAZ – UFC – BNB

Pró-Reitoria de Extensão – (088) 3521.0160

Transportadoras oficiais: Viação Rio Negro/Rápido Juazeiro/VARIG S/A

Reservas de Passagens e Hospedagens, Setur.
Telefone (088) 3511.3673

APOIO:

Televisão Verdes Mares Ltda
Diário do Nordeste

APRESENTAÇÃO

Em busca de alguma coisa, caminha a humanidade.

Viver é buscar.

A mente humana procura, indaga, questiona, sai de si mesma em direção de...

Juazeiro do Norte tem sido lugar de "chegada", centro de Romaria, eminentemente popular.

Fenômeno que continua desafiando, desde o dia em que Mons. Francisco Rodrigues Monteiro mostrou a três mil pessoas vindas de Crato os panos tintos de sangue que corria da boca da beata Maria de Araújo, após ter recebido a SAGRADA HÓSTIA das mãos do Pe. Cícero.

Milagre? Embuste? Contestação dos oprimidos? Grito dos abafados?

Quem estaria por trás dos panos? Foi imposto um silêncio, mas o povo continua vindo. Juazeiro cresce. Pe. Cícero é o sacerdote mais estimado das massas nordestinas. Qual o sentido desta consagração, a despeito do silêncio oficial da Igreja, da censura de muitos, da exploração dos políticos e do oportunismo de tantos?

O IPESC – Instituto José Marrocos de Pesquisas e Estudos Sócio-Culturais, da Universidade Regional do Cariri, em Juazeiro do Norte, deseja emprestar preciosa colaboração a estas e outras questões.

Cem anos depois, a pesquisa científica pode sugerir enfoques novos que superam o simplismo de ontem, a inveja radical de muitos, o reducionismo cômodo de tantos.

De 15 a 18 de setembro, além de romeiros que superlotam as ruas e praças do Santuário do Nordeste, mestres, escritores e conferencistas debaterão, com a comunidade e estudantes, com leituras variadas, a QUESTÃO de Juazeiro. Será o 2º Simpósio sobre Pe. Cícero e as Romarias de Juazeiro do Norte, num contexto de FENÔMENOS DA HÓSTIA, ontem motivo da ascese nas estradas, hoje, interrogação que caminha em desafio à inteligência dos estudiosos.

Pe. Murilo de Sá Barreto
Paróquia de N. S. das Dores
Juazeiro do Norte – CE

Apresentação para os Anais do II Simpósio Internacional: Juazeiro do Padre Cícero e a beata Maria de Araújo, um contexto de Milagre.

*Dom Fernando Panico
Bispo diocesano de Crato*

Há 17 anos atrás, durante a romaria de Nossa Senhora das Dores, realizava-se, em Juazeiro do Norte, o II Simpósio Internacional sobre "Juazeiro do Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo, um contexto de milagre".

Hoje, enquanto a romaria de Nossa Senhora das Dores acontece, pedem que eu escreva uma apresentação para estes Anais, fruto daquele Simpósio.

É um grande privilégio fazê-lo e as razões são múltiplas:

- Uma delas é a distância que o tempo nos proporciona e que nos permite avaliar com mais clareza a importância das contribuições que cientistas do Brasil debateram por iniciativa e com o incentivo da Universidade Regional do Cariri – URCA. A Mãe das Dores certamente abençoou aquele encontro.

- Então, naquela época, era a primeira vez, após 100 anos de proibições, nem sempre obedecidas, de silêncio, quase sempre ruidoso, que cientistas, pesquisadores de todo Brasil se reuniram para falar de um fato extraordinário – o sangramento da hóstia – de uma mulher – a beata Maria de Araújo – e de um padre – Padre Cícero – cernes, eles mesmos, desse contexto de milagre.

- Não há dúvidas, ao ler o conteúdo destes Anais, que este Simpósio facilitou e abriu caminho para o entendimento que a Igreja de Crato hoje tem desses assuntos tão polêmicos, tão duradouros e tão fortes no nordeste brasileiro, cuja expressão maior são as romarias que se fazem para Juazeiro do Norte em honra à Mãe das Dores e ao Padre Cícero. Durante 100 anos, esses fenômenos foram destituídos de sua realidade que, agora, depois de tantos estudos, podemos afirmar que é a mais visível: a sua religiosidade legítima, a espiritualidade fecunda, o amor a Deus e à Igreja que os acompanham.

- Como Pastor, ao perguntar-me sobre o desafio pastoral da Diocese de Crato para com esta realidade numinosa de Juazeiro do Norte, posso me apoiar nos muitos estudos e debates já realizados, inclusive nestes Anais do II Simpósio Internacional que agora – finalmente – são publicados.

No livro "Memória do Sagrado"¹, Carlos Rodrigues Brandão termina sua apresentação perguntando: "De que modo, mais do que uma ideologia de classe através da religião, os sinais e símbolos do sagrado ajudam a escrever a face mais imaginária da identidade e do modo de vida de tão diferentes tipos de grupos e pessoas das classes populares?"

Em última análise, é isso que, me parece, se discutiu o tempo todo nesse Simpósio: a força do símbolo sagrado na constituição da identidade e do modo de vida de milhares de nordestinos que, seguidamente, buscam em Padre Cícero, na Mãe das Dores, em Jesus Cristo o alimento para sua fé.

Nesse Simpósio se discutiu o sangramento da hóstia acontecido com a beata Maria de Araújo. Em tempos do Padre Cícero, foi o fenômeno simbólico constitutivo da identidade do povo que vinha em romarias a Juazeiro: um símbolo aglutinador de massas de sertanejos convertidos, o chamariz de romeiros de toda parte, o milagre – acreditavam eles – que Jesus Cristo realizava para transformar Juazeiro em um "lugar de salvação" para todos os que se arrependessem de seus pecados. "O milagre convida o homem a uma transformação profunda na sua vida, a partir do anúncio da salvação", diz o Pe. Manfredo Oliveira, na sua intervenção no Simpósio. "Ele é um sinal de um evento libertador". E assim parece que foi para o povo romeiro.

Mas esse fenômeno foi também objeto de divisões, de mal-entendidos, de discórdias, de castigos, de perseguições por parte da Igreja, sim, mas também por parte da Academia que

¹ Brandão, C. R. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. SP: Paulinas, 1985, p. 9.

durante anos a fio ratificou a posição da hierarquia eclesiástica na análise e entendimento da religiosidade popular como fanatismo, superstição e fé ilegítima.

Paul Ricoeur², filósofo da religião, nos ensina que os símbolos "porque mergulham suas raízes nas constelações duradouras da vida, do sentimento e do universo, e porque têm uma tão incrível estabilidade, levam-nos a pensar que nunca morrem, apenas se transformam."

Isso também nos diz Brandão, no já citado Memória do Sagrado: "Quando uma forma cultural de crer nos mistérios do sagrado morre entre camponeses ou operários, ela nem sempre dá lugar ao seu oposto, mas a formas novas (...) de modo a que, reinventados, os mistérios sagrados, possam ser de novo amados e acreditados."³

Teria a perseguição, os castigos, as polêmicas transformado o símbolo do sangramento da hóstia em outro símbolo? Hoje a beata Maria de Araújo é quase desconhecida pelo povo romeiro. À época do Simpósio mais ainda, já que foi lá que pela primeira vez se discutiu publicamente o fenômeno e a beata. O sangramento da hóstia, fenômeno acontecido com ela, pouco significado tem para o povo romeiro.

Mas esse fenômeno desocultou uma realidade opaca, clarificou a mensagem de salvação de Jesus Cristo e fecundou o povo que acreditou, pois ali estava a resposta ao apelo de sua própria existência. A verdade do símbolo operou e realizou o movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte. E para onde foi o símbolo, já que ele nunca morre?

Em uma das minhas andanças, encontrei-me com um artista popular. Ele faz xilogravuras e gravava, naquele dia, na imburana, a imagem da beata Maria de Araújo recebendo a hóstia das mãos de um padre. Talvez fosse o Pe. Cícero. Ainda não tinha dado tempo de lanhar a madeira para dali sair o sangue da hóstia. Conversamos sobre o assunto e eu lhe perguntava porque o povo não falava mais sobre esse fato. "É proibido", dizia ele. "Meu Padrinho Cícero proibiu..." "Mas esse fato que tanto impressionou as pessoas na época dele, o que aconteceu? A fé na beata e no sangramento da hóstia, o que aconteceu com essa crença?", perguntava eu. "Virou no meu Padrinho", concluiu ele. Feriu a madeira... e a primeira gota de sangue saiu da hóstia....

Padre Cícero amava a Jesus Cristo, dizia que Juazeiro era um lugar de salvação para as almas, ensinou a devoção à Mãe das Dores, a rezar o Rosário e, apesar de todas as vicissitudes, amava profundamente a Igreja. Ele sim podia ser venerado, acolhido como padrinho, tomado como exemplo, entendido como constitutivo da identidade do povo nordestino, como "narrativa fundante", "ponto de equilíbrio" como constataam algumas das contribuições destes Anais.

Percebo que uma outra grande contribuição que este Simpósio nos trouxe e que, por isso, abriu muitas pistas para pesquisas posteriores foi a reconstituição histórica e a análise crítica de toda bibliografia sobre Padre Cícero e a questão religiosa de Juazeiro. Alguns pesquisadores se debruçaram sobre os livros já escritos e outros sobre as fontes primárias da questão o que permitiu novos enfoques posteriores e a superação da posição quase maniqueísta dos que eram "contra" e dos que eram "a favor" dos fatos e dos personagens de Juazeiro. E também a superação da interpretação do fenômeno do sangramento da hóstia como embuste, de um lado e, na outra ponta, como milagre.

Neste Simpósio ficou claro, como disse a Professora Luitgarde Barros, que não se sustentou a afirmação de que o Pe. Cícero, a beata e José Marrocos haviam sido cúmplices na elaboração de um embuste para forjar o sangramento da hóstia. Esse é um dado importante, se olharmos as possibilidades que se abriram, nestes 17 anos posteriores, para a análise da fenomenologia religiosa do Juazeiro. Não houve truque no sangramento da hóstia na boca da beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte, nos idos de 1889. Exatamente 100 anos após, essa constatação tornou-se um dado fundamental que foi, posteriormente, com ainda outras análises e estudos, assumida pela Comissão de Estudos para a Reabilitação Histórico-Eclesial do Padre Cícero, instituída por mim. Isso permitiu que se tivesse segurança ao se pedir a reabilitação do Padre Cícero à Congregação para a Doutrina da Fé, em maio de 2006. Ao lado das virtudes

² RICOEUR, P. "Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação." Porto, Ed. Porto, 1995. p.110.

³ Brandão, op. cit., p. 8

inequívocas do Padre Cícero, antes deste Simpósio pairava, sempre, a dúvida do embuste. Hoje essa não é mais uma questão.

Nós, Igreja de Crato, queremos agradecer, mais uma vez, à URCA que com coragem enfrentou temas como os deste Simpósio – milagre, mulher, religião, espiritualidade, embuste, igreja – que poderiam ser mal vistos e mal entendidos no meio acadêmico, não fosse a seriedade e o nível intelectual no qual ele se processou. De outro lado, a autonomia da universidade possibilitou que pesquisadores que se acercavam desses temas tabus, especialmente em contexto eclesial, debatessem e apresentassem seus estudos com liberdade e isenção.

Como bispo desta Diocese de Crato, agradeço e parablenho aqueles que, durante anos, se dedicaram a recuperar os escritos, as conferências e os debates que aconteceram nesse grande evento. Não há dúvidas que, para nós, estes Anais serão também um instrumento pastoral, já que nos permitem entender ainda mais uma realidade tão rica da Igreja católica espalhada pelo nordeste brasileiro, cuja força primordial é a fé no Deus da Vida, em Jesus Cristo Salvador, em Nossa Senhora das Dores e no Pe. Cícero.

**PALAVRAS DO PREFEITO DE JUAZEIRO DO NORTE,
CARLOS ALBERTO CRUZ**

Meus senhores e minhas senhoras...

Mais uma vez, Juazeiro do Norte prestigia-se e reencontra-se nos seus anseios, na oportunidade em que recebe as melhores expressões culturais do Brasil e da Europa para este simpósio sobre os fenômenos do Pe. Cícero e da Beata Maria de Araújo – um milagre.

Esta cidade historicamente já se constitui o grande cadinho de experiências e buscas de temas sociológicos, religiosos e analíticos. Aqui é uma pedra de toque para todos os que buscam as mais diversas respostas que falam de milagres, religiosidade popular, folclore nordestino, artesanato, progresso e desenvolvimento. E, neste contexto, sairá a figura imortalizada e querida por todos, a do Pe. Cícero Romão Batista, como denominador comum para todas as respostas.

Internacionalmente estimado e estudado, Pe. Cícero continua oferecendo a esta terra uma força de desenvolvimento magnífica, apesar de ter se separado de nós, há 55 anos.. Não seria, logo aí, uma primeira indagação para nossos mestres da intelectualidade brasileira: de onde vem esta força, em forma de imortalidade e respeito, de veneração, de fé e de milagre?

Como administrador da cidade e afilhado do Pe. Cícero, de quem meu pai foi amigo e enfermeiro, por mais de 40 anos, desejo dar as boas vindas aos que aqui vêm nos trazer novas luzes e engrandecer a nossa cultura, que hoje é fonte de pesquisa nacional e internacional. Sejam bem vindos! A chave da cidade já lhes foi entregue. O prefeito e o povo recebemo-los. Pela alegria de tê-los conosco, na certeza de que todos estão sendo abençoados pelo padre Cícero Romão Batista, sejam bem vindos, pois! Muito obrigado!

SIMPÓSIO SOBRE JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO E A BEATA MARIA DE ARAÚJO: UM CONTEXTO DE MILAGRE

Geraldo Menezes Barbosa*

Palavra de Abertura

O "Instituto José Marrocos de Pesquisas e Estudos Sociais", da Universidade Regional do Cariri – URCA, alegra-se em dar as boas vindas aos que aqui se integram – mestres, conferencistas, pesquisadores, estudantes, autoridades e povo, neste Simpósio Nacional que envolve estudos multidisciplinares sobre um contexto de milagres.

Percebe-se, mais uma vez, o insaciável desejo do ser humano, ao alongamento de sua visão, em busca de saber do último significado das coisas. No momento, sondas espaciais atingem o primeiro planeta do sistema, rumo ao Sol, em busca de nossas origens bio-físico-químicas, enquanto outros controlam a fissão nuclear ou tentam contatos do terceiro grau, junto às galáxias.

Sabe-se que quase todos os anseios do coração humano, mesmo ante os prazeres mais sensuais ou daqueles tidos como inusitados, misteriosos, representam uma luta em busca do infinito. Para os agnósticos, seria o envolvimento ao cosmo. Para os espiritualistas, a busca para Deus.

Nossa meta, aqui na lendária cidade de Juazeiro do Norte, ao nos engajarmos, neste Simpósio Nacional sobre o Padre Cícero e Maria de Araújo, implica um brado secular de indagação: indagação-povo, indagação-tempo, indagação científica; é a busca por uma resposta aos fenômenos tidos e havidos pela *vox populi* como sobrenaturais, confirmados por atestados e declarações de médicos, farmacêuticos e sacerdotes da época. Cem anos, em que a Hóstia Consagrada, ministrada pelo Padre Cícero Romão Batista a uma pobre beata do lugarejo, Maria de Araújo, transformou-se em sangue rubro, vivo, repetindo-se o fato, por mais de cinquenta vezes e por um período de mais de dois anos. Para todos, só uma resposta: milagre.

Por que – perguntam – um século já passou, e a palavra científica, o comportamento da Igreja ou a informação analítica permanecem indefinidos a um reestudo desse fenômeno, à luz do século XX?

Por que – indaga-se – (e isto é contundente) Padre Cícero, tendo sido, em vida, aquela presença dinamizadora de progresso, disseminador incansável do Evangelho, que optou pelos pobres até morrer, permanece, ainda, cinquenta e cinco anos após seu desaparecimento, sendo esta realidade incondicional, da qual pessoas de todas as classes continuam a precisar?

* Presidente do Simpósio

Por que (e isso é verdade) pobres e ricos poderosos e povo continuam precisando desta realidade e dela se beneficiando?

E estes cem anos de romaria a Juazeiro, esses milhões vindos de todo o Brasil e até do exterior, apresentando um comportamento de Fé e piedade ou uma forma presente de Deus?

A Teologia expressa que Deus é mistério, que não pode ser representado, embora não seja ela uma linguagem absoluta. Convince-nos a idéia de que Deus está muito além de qualquer teologia e não se deixa segurar por nenhuma forma de pensamento. Podemos, entretanto, experimentá-lo, no dizer do teólogo Ivo Storniolo, em dois mistérios: o mistério da Liberdade e o mistério da Vida. No primeiro, Ele nos liberta para sermos o que sempre fomos sem nunca ter sido antes. No segundo, Ele nos chama a viver e criar vida, em todos os sentidos. Liberdade e vida representam um mar sem praias, esse Infinito de Deus que apenas podemos pressentir.

Encaminhemos, portanto, este Simpósio, imbuídos desse eterno desejo de busca, envolvidos nesta série de perguntas que especulam o transcendental, as essências do espírito, as participações cósmicas, o ser ou não ser da sobrenaturalidade, não nos esquecendo, sobretudo, de que temos pressa para algumas conclusões, desde que estão a se fecharem as últimas janelas deste século que foi tão fértil ao consenso das descobertas, em outros ramos da ciência.

É muito provável, elementar mesmo, que o século XXI, tão logo assuma sua presença no comando do tempo, exija dos estudiosos, (e por que não dizer) dos que aqui se reúnem neste Simpósio, desafiadoras programações envolvendo notáveis gabaritos sobre os segredos da alma humana, do Homem Imortal, do Infinito Misterioso e de outras dimensões teológicas sobre o comandante-em-chefe de todas as coisas do universo, esta presença-equilíbrio sideral, este concerto em sintonia estelar, este bioquímico que se move sobre a face da terra, portador de raciocínio, de emoções, que se embala em sonhos e em amor, mas que ainda não conseguiu conhecer-se.

Temos pressa, portanto, muita pressa, dos estudos ou soluções desses temas que nos fogem às linhas do ver e do sentir físico.

Padre Cícero, Maria de Araújo, Hóstia em Sangue, Romarias, num contexto de milagre, pedem uma resposta para que, por isto mesmo, possam constituir-se, neste Simpósio, em um proveitoso passatempo vivencial, que é mais um testemunho do "Padim Pade Cicho" e uma forma de hospitalidade do povo juazeirense.

Muito obrigado.

Juazeiro do Norte, 15 de setembro de 1989.
"Memorial Padre Cícero" – Juazeiro do Norte – CE

PALAVRAS DE ABERTURA DO REITOR DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, PROF. JOSÉ TEODORO SOARES.

Excelentíssimos senhores pesquisadores e professores das universidades aqui representadas, senhores professores, senhores alunos, minhas senhoras e meus senhores...

O simpósio sobre Juazeiro do Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo, cujos trabalhos se iniciam no Memorial Padre Cícero, deverá ensejar rigorosa investigação científica interdisciplinar. As exposições e debates aqui desenvolvidos visarão ao acerto e à compreensão de fatos sociais e históricos, com exercício de fenomenologia husserliana, enriquecida e melhor aparelhada pela contribuição das filosofias e das ciências contemporâneas. Buscar-se-á apreender e explicar o fundamento de certas condutas individuais e coletivas que, não obstante transcorridas várias décadas, na verificação dos acontecimentos sobre exames, ainda hoje continuam intensamente presentes e interagem em largos e expressivos extratos do tecido social nordestino.

Para a leitura desses acontecimentos, os pesquisadores, estudiosos e intelectuais haverão de valer-se das ciências sociais e humanas, na tentativa de decifrar, através dos testemunhos registrados, as verdades articuladas aos fatos contestados. Imprescindível, portanto, que o enfoque proceda interdisciplinarmente, pois assim o exige a correta investigação científica, sobre o pressuposto de que se abrigam nas sedimentações culturais e contextuais acentuadas possibilidades de heterocompreensões.

A comunidade científica e acadêmica torna-se cada vez mais exigente e cautelosa no que é pertinente à recepção e análise dos fatos. Notando-se, pela pertinência, que a própria filosofia é reformulada na modernidade, com base e a partir da exploração e do progresso de outras ciências contemporâneas, meus senhores e excelentíssimas senhoras, a Universidade Regional do Cariri, ao planejar o simpósio sobre Juazeiro do Pe. Cícero e da Beata Maria de Araújo, fê-lo no intuito de esclarecer uma realidade sócio-histórico-humana, marcada por paradoxos, por contextualizações polêmicas, por oportunismos, por intrincado jogo de poder, por interpretações simplistas, radicais ou grotescas.

Existe um fato cujas conexões sociais, históricas, econômicas, religiosas e comportamentais postulam e reclamam que os estudiosos, os pesquisadores, os intelectuais lhe definam as razões fundantes. É isto que a URCA pretende atingir ou pelo menos lançar bases interdisciplinares para mais um esforço. Insiste no substrato do ser nordestino, com reações, procedimentos e visões de mundo inseridos a partir de expressivo contexto social e histórico.

A Universidade Regional do Cariri, compromissada com a verdade, com a ciência e com o saber, incentivará pesquisas sobre o fato em tela, tomando em sua dimensão relações e questionamentos pessoais, econômicos, culturais e históricos. Analisando fatos insólitos, projetados para além dos anos de sua verificação, importa buscar, mediante práticas epistemológicas fenomenológicas, releituras que esclareçam o complexo jogo de interesse, de paixões, de interferências, de condicionamento que normalmente compõem casos como o tal.

Aí o jogo de interpretações constitui um desafio para os estudiosos, nessa tentativa de ressituar conceitos de verdade, de falsidade, nos termos das ciências sociais e humanas. A universidade deseja contribuir para a compreensão dessa interface da tipologia de 'homo religiosus', sem abordar, de maneira específica, questões teológicas. Poderá até ocorrer que inferências e verdades daqui resultantes passem a reclamar o posicionamento teológico das instituições interessadas. Mas isso estará vindo por acréscimo e benefício do saber e da fé.

Meus senhores e excelentíssimas senhoras, este simpósio situa-se no mesmo plano das pesquisas de fundo sociológico, antropológico, histórico, político, econômico. Aqui, a URCA vem se dedicando, por entender ser de primordial importância, a analisar a particular situação do homem nordestino, no contexto que o condiciona, e a maneira como interage com outros e com o mundo. Ademais, importa lembrar que os temas relacionados com a religiosidade popular, ethos e os fatos que acompanham não são privilégio e exclusividade de nenhuma cultura, nem pertencem a esta ou aquela população, nem se restringem a tal ou qual região geográfica. Mas, sim, são notas em contradição, onde quer que exista o homem.

Conclui-se, então, que a compreensão de certos fatos verificados em determinados contextos e religiosidade popular liga-se necessariamente à compreensão da própria criatura humana, conceituada como suposto na natureza racional. Daí por que as disciplinas sociais e humanas se complementam nessa tentativa de compreensão. Daí por que a URCA, promovendo este simpósio, espera lançar novas luzes sobre o cenário e os personagens dos fatos de Juazeiro do Pe. Cícero. Ver-se-á, ao fim das contas, que os episódios que titulam este simpósio confundem-se com os macro-temas do homem, nas contextualizações históricas de cada um.

O Instituto José Marrocos de Pesquisa e Estudos Sócio-Culturais (IPESC) assegurou a presença e participação de conferencistas e debatedores do mais elevado nível e de todos quantos nos honram na composição do programa deste simpósio. Fizeram-se conhecidos pela idoneidade, pela coerência e pela seriedade nos estudos da religiosidade popular e suas implicações no relacionamento do indivíduo com o poder, com as estruturas sociais e com a hierarquia.

Desejo, como Reitor da Universidade Regional do Cariri, mas, sobretudo, como pessoa interessada nos estudos do homem, dentro e fora de situações definidas, dar as boas vindas a nossos convidados, aos conferencistas e debatedores e, enfim, a quantos se inscreveram neste simpósio. Os temas são apaixonados e apaixonantes. O povo é sabidamente hospitaleiro. A região do vale, do verde vale, linda e convidativa. É o momento de reflexão. Desejo a todos reflexão, bons e construtivos debates, sem esquecer os proveitos de boas amizades e os prazeres do turismo e do lazer.

RELIGIOSIDADE E "POTÊNCIA" POPULAR

*Michel Maffessoli**

Podemo-nos interrogar sobre um outro aspecto da potência popular, que é do "divino social", termo pelo qual Émile Durkheim designava essa força agregativa que está na base de não importa que sociedade ou associação. Poder-se-ia dizer igualmente "religião", na medida em que esta palavra é empregada para designar o que nos une a uma comunidade; trata-se menos de um conteúdo (aquilo que é contido), que é da ordem da fé, que de um continente, aquilo que serve de suporte ao "estar juntos".

Eu reempreguei neste sentido uma definição de Simmel: "o mundo religioso mergulha suas raízes na complexidade espiritual da religião entre o indivíduo e seus semelhantes ou um grupo de seus semelhantes; (...) estas relações constituem os mais puros fenômenos religiosos, no sentido convencional do termo".

Não se trata aqui de fazer sociologia da religião; aliás, os especialistas desse campo são reticentes, quando se trata do ressurgimento do religioso. Eu me absterei de entrar no domínio nebuloso do sentimento religioso, propositalmente, aliás, o que me permite ficar atento ao desenvolvimento religioso, *'stricto sensu'*, (em particular as suas manifestações não institucionalizadas), à importância dada ao imaginário, ao simbólico, todas estas coisas que incitam os espíritos apressados ou prevenidos a falar do retorno do irracionalismo.

Pode-se dizer, de início, que existe uma relação certa entre o reinvestimento do natural (do naturalismo) e o reencantamento do mundo que se observa, hoje em dia, para além das desmistificações, das "desmitologizações" que encontram adeptos no seio mesmo das reflexões tecnológicas. Esse "farejador" social, que é o sociólogo, não pode deixar de considerar todos esses múltiplos elementos que privilegiam a sorte, o divino, os astros, a magia, o tarot, os horóscopos, os cultos da natureza, etc.

É mesmo certo que o desenvolvimento dos jogos de azar, tal como se conhecem na França, dos jogos populares (loto, tacotac, turfe, loteria nacional) que estão na moda dos cassinos, participe desse mesmo processo. Trata-se aqui de pistas que mereciam pesquisas precisas. Não é o caso, a esse respeito, de gritar de indignação. Lembremos, de fato, aquele que é um "postulado essencial da sociologia" para Durkheim: "Uma instituição humana não saberá repousar sobre o erro e sobre a mentira; sem o que ela não poderá durar. Se ela não

* Professor da Universidade René Descartes - Paris

estivesse fundada dentro da natureza das coisas, ela teria encontrado (...) resistências sobre as quais ela não teria podido triunfar”.

Esta sábia observação poderia ser aplicada a nosso tema. O senso comum, a constatação empírica, os artigos jornalísticos, todo mundo está de acordo com a multiplicação dos fenômenos religiosos. É conveniente, então, abordá-los sem necessariamente exagerar o seu alcance, mas também os desqualificar logo de saída, porque isso reenvia a atitudes sobejamente consagradas em todos os milieux. No que concerne ao povo simples, isso já se deixa ver; mas, mesmo se é feito com discrição, não é mais incongruente na inteligência falar-se de horóscopo, de ter no pescoço ou no punho um amuleto qualquer. Quanto a outros segmentos sociais, os estudos em curso certamente farão sobressair esses fenômenos. A título de anedota: recentemente, por ocasião de um jantar, reunindo membros da hierarquia do serviço público (além de alguns “excêntricos” como um bispo, um professor universitário e uma astróloga) eu pude, à parte, manter uma longa conversa com essa astróloga famosa, enumerando políticos de todos os matizes da cena política, os quais eram seus clientes; e à parte, também, pude escutar, em confidência, um certo Chefe de Segurança Pública, homem nacional, se é o caso, explicando-me o calafrio mágico, verdadeira droga semanal, que lhe acontece por ocasião da tiragem da loto. Naturalmente, para limitar um comprometimento total, é o seu motorista que deve comprar o bilhete fatídico. Tudo isto é anedótico, mas são bem os fatos, por mais minúsculos que sejam, que, por sedimentações sucessivas, constituem o essencial da existência tanto individual quanto coletiva. Por outro lado, eles sublinham com força outra relação com o meio-ambiente natural ou cósmico, distinta daquela à qual nos havia habituado um pensamento puramente racionalista. E naturalmente com os outros (família, escritório, empresa, rua); tanto é verdade que é esta a maneira pela qual é vivido e representado “o ser (aqui lançado) no mundo” que determina sua encenação: eu quero me referir com isso à gestão das situações que, pouco a pouco, constituem a concatenação existencial. Então, se se pode falar em reencantamento do mundo, é porque isso ocorre por si mesmo. Este naturalismo, esta conveniência merece ser sublinhada; é isto que pode fazer referência ao “dado” social, ou ainda, segundo a expressão de Schutz, ao “Taken for Granted” (aceito como concedido). Participa-se, por bem ou por mal, pois nós somos deste mundo miserável, imperfeito e, no entanto, preferível a “nada”. Visão trágica se é o caso, que supõe menos a mudança (reforma, revolução) que a aceitação daquilo que é, do status quo. Fatalismo — dirão alguns; certamente, em parte; mas, em virtude do ativismo (anglo saxão?) que coloca em concorrência indivíduos opostos, esse fatalismo (mediterrâneo?), por uma integração na matriz natural, reforça o espírito coletivo.

Eu saliento que, se o "divino" humano ou social (a partir de Feuerbach e, em seguida, através de Comte e de Durkheim) é uma preocupação do pensamento social, pode-se, no entanto, estabelecer um paralelo com uma certa tradição mística, para a qual aquilo a que se chega é a perda no "grande todo". Uma tal atitude, por uma parte, reenvia ao naturalismo do qual tratamos e, ao mesmo tempo, serve de fundamento à constituição de pequenos grupos (comunhão, fusão erótica ou sublimada, seitas, congregações, etc.) que se relacionam e que se podem observar em nossos dias. Não se deve esquecer que a expressão teológica, dando melhor conta desse processo, "a comunhão dos santos", repousa essencialmente sobre a idéia de participação, de correspondência, de analogia, noções que parecem, de fato, pertinentes para analisar os movimentos sociais que não se deixam mais reduzir às suas dimensões racionais ou fundamentais. Um grande sociólogo, como Roger Bastide, cujas análises estão fadadas a desempenhar novamente um grande papel, falava da religião em termos de "evolução arborescente". Aqui, outra vez, além da imagem naturalista que está em causa, somos enviados à idéia de elementos ligados organicamente (ramos formando uma árvore), por anéis e concatenação de comunidades se imbricando umas às outras, num conjunto mais vasto, velha figura bíblica de Jerusalém mítica "onde todo o conjunto faz corpo", designando com isso a convinhabilidade do paraíso por vir. Poder-se-ia, a partir de algumas dessas observações, extrapolar e estabelecer uma ligação com a potência popular? Parece-me que se trata, aqui, de um processo legítimo, tendo em vista que a característica essencial de religião, que se pode modular diferencialmente, continua, entretanto, inatingível, pois se trata sempre da transcendência. Que esteja situada em um além, ou seja, uma "transcendência imanente" (o grupo, a comunidade que transcende os indivíduos), isto em nada muda a questão. Ora, nossa hipótese, ao contrário daqueles que se lamentam sobre o fim dos grandes valores coletivos e do estreitamento sobre o indivíduo, que eles metem abusivamente em paralelo com a importância dada à vida cotidiana, é justamente a de que o fato novo que emana (e que se desenvolve) refere-se à multiplicação de pequenos grupos de redes existenciais, espécie de tribalismo que repousa, ao mesmo tempo, sobre o espírito da religião (religare) e sobre o localismo (proxenia, natureza). Talvez, agora que se acaba a civilização individualista, inaugurada pela Revolução Francesa, nós sejamos confronto com aquilo que foi um ensaio abortado (Robespierre): quer dizer, essa "religião civil" que Rousseau desejava. Essa hipótese não é certamente infundada, tendo em vista que, como observa E. Poulat, ela não deixa de preocupar, ao longo do século XIX e no começo do atual, pensadores como Pierre Leroux, Comte, e, naturalmente, Lolsy ou, ainda, Ballacha, que pensava que "a humanidade será chamada a formar uma quarta pessoa nos céus". Inspirando-me em um termo aplicado a

Lammenais, poder-se-ia dizer que essa perspectiva "demoteísta" permitiria compreender a potência do tribalismo ou a potência da socialidade, incompreensível aos analistas econômico-políticos.

Sabe-se, Durkheim continua preocupado com o vínculo religioso: "como resiste uma sociedade que nada transcende, mas que transcende todos os seus membros"; esta bela fórmula de Poulat resume bem a temática da transcendência imanente. A casualidade ou o utilitarismo não podem por si só explicar a propensão a associar-se. Apesar dos egoísmos e dos interesses particulares, existe um cimento que assegura a permanência. Talvez se deva procurar a fonte no sentimento partilhado. Segundo a época, este sentimento se concentrará em ideais longínquos e em consequência da baixa intensidade; ou em objetivos mais potentes porque mais próximos. Neste último caso, ele não poderá ser unificado, nem a fortiori racionalizado; e sua explosão mesma fará aparecer mais a coloração religiosa. Dessa forma, a "religião civil", que é difícil de ser aplicada a toda uma nação, pode ser vivida, em nível local, por uma multiplicidade de pólis (exemplo grego) ou de agrupamentos particulares. Nesse momento, a solidariedade que ela engendra toma um senso concreto. É sentido que uma certa indiferenciação, consecutiva à mundialização e à unificação dos modos de vida e, às vezes, de pensamentos abstratos, pode vir junto com a conceituação de valores particulares, os quais são adotados, com intensidade, por alguns. Destarte, pode-se assistir a uma "mass-mediação" crescente, a um vestuário standartizado, a um "fast-food" invasor e, ao mesmo tempo, ao desenvolvimento de uma comunicação local (rádio, livros, tv a cabo), ao sucesso de roupas específicas, de produtos ou pratos locais, quando se tratará, em momentos particulares, de se reapropriar de sua existência. É isso mesmo que ressalta que o avanço tecnológico não chegará a apagar a potência da ligação (da re-ligação) e, às vezes, lhe serve mesmo de adjuvante.

E porque existe saturação dos fenômenos de abstração dos valores dominantes, das grandes engrenagens econômicas ou ideológicas, é que se pode observar, sem que isto seja contestado (o que seria ainda lhe atribuir demasiada importância), uma recentragem sobre objetivos à mão, sobre sentimentos realmente partilhados, tudo quanto constitui um mundo, costumes, rituais, aceitos como tais ("taken as granted").

É justamente essa proximidade que dá todo o sentido àquilo que chamamos o "divino social". Este não tem nada a ver com um dogmatismo qualquer ou com uma inscrição institucional; ele reinveste a figura pagã que, não levem a mal os historiadores, nunca desapareceu totalmente das massas populares, da mesma forma que os deuses Lares, causa e efeito da reunião familiar, o divino, do qual nós falamos, permitem, dentro das inumanas e

frias metrópoles, recriar cenáculos onde se conservam calorosos espaços de sociedade. O desenvolvimento vertiginoso das grandes metrópoles (megalópoles, dever-se-ia dizer), que os demógrafos nos anunciam, não pode valorizar essa criação de "aldeias dentro da cidade", para parafrasear um título conhecido. O sonho de Alphonse Allais se realizou: as grandes cidades transformaram-se em campos, onde os bairros, os guetos, as paróquias, os territórios e as diversas tribos que os habitam substituíram as aldeias, lugarejos, comunas e cantões de antanho. Mas, como é necessário reunir-se em assembléia, em torno de uma figura tutelar, o santo padroeiro, que se venera e que se celebra, será substituído pelo guru, pela celebridade local e pela equipe de futebol ou pela seita de dimensões muito modestas.

O fato de "conservar-se ativo" é uma maneira de se aclimatar, de domesticar um meio-ambiente, que sem isto seria ameaçador. Pesquisas empíricas em meio urbano constatarem esses fenômenos. Fazendo a análise das mudanças sociais, consecutivas às migrações urbanas de uma cidade da Zâmbia, Bennetta Jules-Rosete chama nossa atenção para o fato de que existem "habitantes que sempre participaram ativamente" da reorganização e do crescimento da comunidade. E, precisa ela, "the most distinctive characteristic shared by many of these residents is their membership in indigenous African churches". E, aliás, é essa participação que torna mais visíveis os subgrupos da comunidade. Assim sendo, a transformação urbana é talvez correlativa a uma descristianização galopante, mas ela não deixa de favorecer um sincretismo religioso de efeitos ainda incalculados.

Em um texto, uma surpreendente atualidade sobre a "concepção social da religião", Durkheim, para quem "a religião é o mais primitivo de todos os fenômenos sociais", depois de haver constatado o final dos velhos ideais ou divindades, não deixa de destacar que se deve sentir "por baixo o frio moral que reina na superfície de nossa vida coletiva, as fontes de energia que nossa sociedade porta nelas mesmas", forças de energia que ele situa "dentro das classes populares". Trata-se de um diagnóstico que se inscreve justamente na linha de nossa demonstração (diagnóstico que é cada vez mais compartilhado por um grande número de pesquisadores): a desumanização real da vida urbana engendra agrupamentos específicos para partilhar a paixão, os sentimentos. Não nos esqueçamos dos valores dionisiacos, que parecem atuais, concernentes ao sexo, mas também aos sentimentos religiosos: os dois são modulações da paixão. E porque o "divino social" tem secundariamente uma função de adaptação e de conservação de certa forma, encontramos-lo principalmente nas explosões de revolta. Eu já abordei esse tema com a noção de "revolta ouroboros", mostrando que existe sempre uma forte carga religiosa nos fenômenos revolucionários que foram, pouco depois, qualificados de unicamente políticos. Quanto à Revolução Francesa, a coisa é evidente; este

foi igualmente o caso, durante os "48" europeus, e H. de Man mostrou que a Revolução Bolchevique não foi indene. A Guerra dos Camponeses pode ser considerada como um paradigma na matéria, e o belíssimo livro de E. Bloch faz uma análise inquestionável. É, aliás, a esse propósito que Manheim não hesitava em falar "energias orgiástico-estáticas" que tinham "suas raízes em planos (...) profundos e vitais da alma". Por que fazer referências a esses momentos de efervescência, senão para indicar que existe um constante vaivém entre explosões e distensões, e que esse processo é causa e efeito do vínculo religioso, isto é, da partilha da paixão?!! De fato, a religião assim compreendida é a matriz de toda a vida social. Ela é o cadinho onde se formam as diversas modulações de estar-juntos. Os ideais podem, de fato, envelhecer; os valores coletivos se saturar; o sentimento religioso gera sempre e novamente esta "transcendência imanente" que permite explicar a continuidade das sociedades, através das histórias humanas. É bem nesse sentido que existe um elemento dessa misteriosa potência que nos preocupa aqui.

Eu tenho falado de atitude extática, que se deve compreender, *stricto sensu*, como saída de si. De fato, a continuidade a que acabamos de nos referir repousa essencialmente sobre o fato de que existe massa, povo. G. Le Bon não hesita em falar da "moralização do indivíduo pela multidão", e ele dá alguns exemplos neste sentido. É isso que haviam bem compreendido os teólogos católicos, para os quais a fé é secundária em relação à expressão desta fé, dentro do contexto da igreja. Para empregar uma linguagem de moralista, pode-se dizer que, para eles, o "foro exterior" (ou foro eclesiástico) é mais importante que o "foro íntimo" (interior). Para empregar uma linguagem que é mais familiar, e que eu teorizei precedente a propósitos daquilo que eu chamei o "imoralismo ético": não importa qual seja a situação e a qualificação moral, que é, sabe-se, efêmera e localizada – a partilha do sentimento é o verdadeiro cimento social; ele pode conduzir ao levante político, à revolta pontual, à luta pelo pão, à greve por solidariedade; ele pode igualmente se exprimir na festa ou na banalidade corrente. Em todos esses casos, ele constitui um *ethos* que faz com que, contra ventos e tempestades, através das carnificinas e dos genocídios, o povo se mantenha como tal e sobreviva às peripécias políticas. Este demoteísmo é aqui exagerado (caricaturado), mas isto é, em minha opinião, uma coisa necessária, se se quer compreender a extraordinária resistência às imposições multiformes que constituem a vida em sociedade. Levando ainda mais longe nossa hipótese, pode-se, a partir do que vem a ser dito, propor uma mudança mínima do adágio clássico e substituir "populo" por "deo". É desta forma que, para o sociólogo, tentando compreender o vitalismo da sociedade, a sentença poderia ser: "omnis potestas a populo". Com efeito, é aqui que a sócio-antropologia pode ter uma dimensão

prospectiva, senão profética; é possível que a estruturação social, em uma multiplicidade de pequenos grupos, ajustando-se uns aos outros, permita subtrair-se, ao menos relativizar as instâncias de poder. É esta a grande lição do politeísmo, da qual inúmeras análises já foram feitas, mas que ainda propõe uma pista de pesquisas realmente fecunda. Para ser mais preciso, podemos imaginar um poder em vias de mundialização, bi ou tricéfalo, disputando e compartilhando as zonas de influência econômico-simbólicas, fazendo o papel de intimidação atômica e, deste lado ou ao lado, a proliferação de agrupamentos de interesse diverso, a criação de baronatos específicos, a multiplicação de teorias e de ideologias opostas umas às outras. De um lado, a homogeneidade e, de outro, a heterogeneização. Ou ainda, para retomar uma velha imagem, a dicotomia no plano universal de um "país legal" e de um "país real". Esta perspectiva é atualmente denegada pela maioria dos cientistas políticos ou dos observadores sociais, em particular porque isto transgride seus sistemas de análise provenientes dos pensamentos positivistas ou dialéticos do século passado. Mas, se para nós dá no mesmo interpretar índices (indez: o dedo que aponta) com o massivo desengajamento político ou sindical (a atração cada vez mais afirmada pelo presente), o fato de considerar o jogo político como aquilo que é – ativamente teatral ou de variedades de maior ou menor interesse, o investimento em novas aventuras econômicas, intelectuais, espirituais ou existenciais, tudo isto deveria incitar-nos a pensar que a sociabilidade que está em vias de nascer não deve nada ao velho mundo (que é ainda o nosso) político-social.

A esse propósito, a ficção científica é um exemplo instrutivo: aí se encontra, sob uma roupagem tecnológico-gótica, a heterogeneização e a insolência em relação aos conformismos dos quais acabamos de falar. É através dessa disposição autonomista, frente aos poderes dominantes, que se pode exprimir a divindade social. Com efeito, sem se colocar a questão de como "deve ser" a sociedade futura, sacrifica-se a "deuses" locais (amor, comércio, violência, território, festa; atividades industriais, alimentação, beleza, etc.) que podem haver mudado de nome, desde a antiguidade greco-romana, mas cuja carga emblemática sobrevive idêntica a ela mesma. É nesse sentido justamente que se opera a reapropriação da existência "real" que está na base daquilo que eu denomino a potência popular. Com firmeza e teimosia, de uma maneira talvez um pouco animal, quer dizer, exprimindo mais um instinto vital que uma faculdade crítica, os grupos, as comunidades, as relações de afinidade ou de vizinhança preocupam-se com as relações sócio-próximas; dá-se o mesmo com o ambiente natural. Dessa forma, mesmo parecendo alienados pela longínqua ordem econômico-política, asseguramos sua soberania sobre sua existência próxima. Eis aqui o resultado do "divino social" que é, ao mesmo tempo, o segredo da permanência: é no

secreto, no próximo, no insignificante (aquilo que escapa à finalidade microscópica), que se exerce o domínio da sociedade. Pode-se mesmo dizer que os poderes não podem se exercer, se se distanciam demasiado dessa soberania.

Pode-se compreender este princípio "soberano" na perspectiva contratual de J. J. Rousseau, o que lhe dá uma dimensão unânime e um tanto idílica. Igualmente, pode-se encará-lo como sendo esta "harmonia conflitual" em que, por efeito de ação-retroação, um conjunto, bem ou mal, ajusta os elementos naturais, sociais, biológicos que o compõem e, dessa forma, assegura sua estabilidade. A teoria dos sistemas ou a reflexão de E. Morin mostram com rigor a atualidade e a pertinência de uma tal perspectiva. Assim, mesmo que para muitos se trate, aqui, de uma figura de estilo, a aproximação que pode ser feita entre o povo e o soberano é perfeitamente fundada. E, por outro lado, o levante, a ação violenta, a via democrática, o silêncio e abstração, o humor ou a ironia múltipla são as maneiras que tem o povo de exprimir sua potência soberana. E toda a arte do político está em fazer com que essas expressões não tomem múltipla amplitude.

O poder abstrato pode, pontualmente, triunfar. E é verdade que se pode colocar a questão de La Boétie: o que funda a "servidão voluntária"? A resposta se encontra certamente nesta segurança incorporada, com a qual corpo social sabe que, em longo termo, o Príncipe, seja qual for a sua forma (aristocracia, tirania, democracia, etc.), é sempre tributário do veredito popular. Se o poder se constitui do indivíduo ou de uma série de indivíduos, a potência é o apanágio do "phylum" e se inscreve na continuidade. É nesse sentido que esta última é uma característica daquilo que podemos chamar de o "divino social". Tudo é uma questão de anterioridades. Falar de potência, de soberania, de divino, a propósito do povo, é reconhecer para reempregar uma expressão de Durkheim, "que o direito provém dos 'mores', quer da vida em si mesma", ou, ainda, que são "os 'mores' que fundam a verdadeira constituição do Estado". Esta prioridade vitalista, sob a pluma do positivista desconhecido, merece ser destacada; é certamente essa reflexão que lhe permite sublimar a importância do vínculo religioso na estruturação social. Trata-se, naturalmente, de uma idéia geral que necessita ser atualizada, mas que reconhece que a íntima ligação do vitalismo (naturalismo) e do religioso constitui uma verdadeira "vis a tergo" impulsionando os povos, assegura-lhes perenidade e potência e é plena de conseqüências num momento quando a comunicação, o lazer, a arte e a vida das massas impõem um novo fundamento social.¹

¹ Traduzido por Rommel Mendes Leite.

II SIMPÓSIO SOBRE O PADRE CÍCERO E A BEATA MARIA DE ARAÚJO

CONFERÊNCIA

TRÊS ASPECTOS DA LIDERANÇA DO PADRE CÍCERO NO NORDESTE

*Josildete Gomes Consorte**

Bem, inicialmente, queríamos agradecer aos organizadores do Simpósio sobre Juazeiro do Padre Cícero, pelo fato de estar aqui, e dizer que, realmente, consideramos um privilégio essa oportunidade porque, tendo desenvolvido um pequeno trabalho sobre um movimento, um surto messiânico que tem suas raízes no Pe. Cícero, nunca esperamos ter o ensejo de debetê-lo com aqueles que vêm vivendo essa cultura, essa experiência de Pe. Cícero de Juazeiro, de uma maneira tão verdadeira, tão grande quanto a platéia que aqui está.

O nosso trabalho se intitula "Pe. Cícero: Um mito fundador da cultura sertaneja" e gira em torno do movimento, que o Prof. Lísias e eu tivemos a oportunidade de acompanhar, há quase uns dez anos, na Paraíba.

Pouca gente sabe, porque quase nada foi divulgado nesse sentido, da relação existente entre o movimento messiânico, que ficou popularmente conhecido como "Borboletas Azuis", e o Pe. Cícero, ocorrido na Paraíba, no final da década de 1970.

Tal fenômeno, porém, ganhou noticiário nacional, via Rede Globo, numa noite de domingo de 1980, e cuja notoriedade devia a anúncio de um dilúvio universal, esperado para 13 de maio daquele ano. Tinha não apenas suas raízes profundamente mergulhadas na figura do Pe. Cícero, como todo seu desenrolar inspirado nos movimentos de Juazeiro.

Já nos dizia a Professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, em seu trabalho "Messianismo no Brasil e no mundo", de 1965, que, desde a morte do Pe. Cícero, ou melhor, desde a sua viagem, notícias de seu reaparecimento e profecias da sua próxima chegada despertavam, de tempos em tempos, nas populações sertanejas e citadinas surtos messiânicos de curta ou longa duração e que várias reencarnações do Pe. Cícero, em Juazeiro, sobretudo fora dele, já haviam ocorrido.

Estávamos, pois, diante de mais um dos surtos referidos, para o qual só era possível encontrar explicação, achávamos nós, no extraordinário poder do padrinho em continuar organizando experiência e dando sentido às vidas da gente nordestina pelo profundo significado que possui no seu universo cultural, urdido nas tramas da sua perene condição de enviado divino para amparar, cuidar, proteger e salvar a gente desse rincão.

* Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Pouco sabemos a respeito dos eventos a que se refere Maria Isaura, nesse seu trabalho, mas o fato de Lísias e eu termos podido acompanhar o movimento da Paraíba deu-nos a possibilidade de levantar dados preciosos, senão para uma análise exaustiva, porém para uma primeira compreensão da sua dinâmica e das suas articulações com o universo de Juazeiro.

O movimento, que passou à história com o nome "Borboletas Azuis", teve por cenário Campina Grande, um dos mais importantes centros regionais do Nordeste, como todos sabemos.

O palco, onde se desenrolaram os acontecimentos, era um Centro Espirita fundado, no início dos anos de 60, por um homem de 57 anos que, até há pouco, havia sido um próspero comerciante e figura de proa da sociedade campinense.

Aparentemente, o Centro de Ródão Mangueira, era este o seu nome, poderia ser tomado por mais um dentre as inúmeras agências religiosas que se multiplicavam por ali, no interior de um campo religioso extremamente diversificado, já naquele momento, pela presença de católicos que, embora hegemônicos, dividiram espaços com protestantes, kardecistas, xangozeiros, catimbozeiros de vários matizes, aos quais se agregariam, mais tarde, representantes da mais nova vertente da Igreja, a Teologia da Libertação.

O centro fundado por Ródão Mangueira, porém, não era nem jamais seria mais um dentre os muitos já existentes, pois possuía a singularidade de ter sido fundado por ordem de Pe. Cícero e São Francisco.

Ródão Mangueira, que perdera quase toda sua fortuna pagando os prejuízos advindos de um incêndio, num dos seus depósitos de algodão, depois do que ficara, aproximadamente, 2 anos afastado do mundo dos negócios, em casa, quase sem sair, período em que, por causa de comportamentos estranhos, foi dado como doido e tratado em instituições psiquiátricas, iniciava assim uma nova fase da vida.

Como costuma ocorrer com líderes messiânicos, morria para o passado e nascia para uma nova existência. Nomeadas e interpretadas por ele como mediunidade, ou mais precisamente como um fenômeno de possessão pelo Pe. Cícero, as manifestações estranhas que exibia em público e que eram rotuladas pelos seus amigos e familiares como loucura, Ródão passou a canalizar todo o tempo e energias, a partir de então, para os seus novos afazeres.

Como parte importante de sua biografia, no que tange às suas relações com o Pe. Cícero, é importante assinalar que Ródão nascera em Conceição de Piancó, no sertão da Paraíba, no ano 1904 e lá vivera coincidentemente até 1934, ano da morte do Pe. Cícero, quando se mudou para Campina Grande.

Filho de um proprietário de terras abastado, mas que morreu pobre, quando ele ainda era menino, Ródão Mangueira criou-se semi-analfabeto e trabalhando duro para sobreviver.

Criando-se ali mesmo, no sertão de Piancó, como sertanejo pobre, foi, portanto, contemporâneo do Pe. Cícero e do sucesso de Juazeiro. Mais que isso, porém, dada a proximidade daqui e a religiosidade de sua família, foi criado no interior desse universo, tendo seguido suas próprias afirmações, aprendido com sua mãe as rezas do padrinho e visitado freqüentemente Juazeiro; acredito que como romeiro.

A data de fundação do centro, escolhida pelo Pe. Cícero, foi 24 de dezembro, aniversário de nascimento de Jesus. E o nome "Centro Espírita Jesus no Horto", com a doutrina católica, traria nas suas origens a sua vinculação. Nós todos sabemos da presença de Jesus e do Horto na História de Juazeiro.

Sob inspiração e orientação do Pe. Cícero e dos santos, Ródão foi urdindo a sua trama doutrinária. Em seu centro, baixaram os espíritos sofredores que freqüentam habitualmente o universo Kardecista.

Mas o que distinguiu, além, naturalmente, da presença do Pe. Cícero, foi o contingente de personalidades do mundo católico, figuras e dignitários da igreja, padres, freiras, bispos, papas; e do mundo protestante intimamente ligado ao destino do catolicismo, como Martinho Lutero, que ali desceram em busca de luzes e de perdão.

Santos e santas, por sua vez, São Francisco, o santo da devoção pessoal de Ródão Mangueira, ajudado por São João Batista, um destaque especial, estes santos e santas lá estiveram para auxiliar Pe. Cícero, na sua tarefa de doutrinação e nos trabalhos de afastamento das correntes do mal. Muito curiosamente baixaram caboclos para ser batizados, mas não baixaram pretos velhos, Zé Pilintras, boiadeiros, baianas, ciganas, exus e pombas giras, seus companheiros nos terreiros de umbanda.

Baixaram, no entanto, sob mil disfarces, o cão e a besta fera, os grandes equivalentes do mal, no imaginário nordestino.

Não sabemos em que ordem os elementos de doutrina, católicos e espíritas foram sendo resgatados, reelaborados e integrados no sistema que Ródão foi construindo. Mas os primeiros elementos a serem introduzidos parecem ter sido as concepções sobre a saúde e doença. Foi através de um quadro interpretado pela comunidade campinense como loucura, mas identificado por Ródão como manifestação mediúnica, ou seja, incorporação do Pe. Cícero, que, como vimos, começou a sua história.

E foi através de uma convocação que fez ao povo, na rua, para ir ao seu centro tratar-se que Ródão promoveu sua inauguração.

Disse ele na ocasião: "Eu não fiz nenhum anúncio não (referia-se a anúncio em jornal), eu disse na rua pro povo, eu disse na rua, eu disse que quem queria assistir, vai haver a parte, a 1ª sessão e tal, aí o povo veio, aí eu peguei o trabalho sozinho e dizia: quem tiver doença, não a doença-loucura, não a doença-coração, não há nada; quem quiser pode vir; aí eu me pegava com ele, Pe. Cícero, me botava nele, aí tirava o cão e botava ele pra ir embora."

Aí veio o povo, e começou a aparecer médium, etc. Sua missão primeira foi assim, curar os doentes, sobretudo aqueles para cujos males a medicina se mostrava mais incompetente: os cancerosos, os cardíacos, os loucos. Este foi o seu rebanho inicial, e esta característica jamais o seu centro perderia.

Em busca de cura, dirigiram-se ao Centro de Ródão pessoas das mais variadas procedências e dos mais diversos segmentos sociais. No auge de sua popularidade, chegou a ser freqüentado por entre 600 e 800 pessoas. A noção central, orientar a conduta de Ródão, neste particular, pode ser assim resumida: Não há doença, tudo isso é invenção dos médicos, ou seja, as doenças não tinham origens em causas materiais, conforme nos ensinava a medicina, mas resultavam da ação dos espíritos maus ou do próprio satanás; eram a materialização do mal. Coerentemente, toda a sua atenção foi dedicada ao tratamento daquelas entidades. Na sua doutrinação, e quantas a isto se mostrassem refratárias, no seu aprisionamento, elas eram posteriormente lançadas no mar, nas profundezas do oceano. Interessante o contraponto mar e sertão.

É possível que a missão de batizar aquelas que morreram pagãs tenha surgido também, logo no início das atividades do centro.

De qualquer modo, com o tempo, a missão de batizar constituiu-se na missão precípua do centro, em que a fusão de elementos da doutrina espírita e do Catolicismo aconteceu da maneira mais fecunda, mas que, aos seus olhos, legitimou, de forma irretorquível, apenas a sua condição de católico em defesa da verdadeira Igreja de Jesus Cristo.

Esta tentativa de contabilizar Catolicismo e Espiritualismo atravessou toda a doutrina e o ritual do grupo, conferindo a sua especificidade. Tão importante considerava o batismo que afirmava que nenhum ser humano, uma vez gerado, alcançaria os céus sem que lhe tivesse sido ministrado o batismo católico. Isso se aplicava aos povos anteriores à cristandade, mas não cristão, e daí a presença do caboclo.

Uma vez transformado em matéria, só o batismo tornaria possível a chegada do homem a Deus. Jesus não se batizara? Por ser tão importante o batismo como pré-condição ritual da salvação, dedicou-se a Casa de Caridade Jesus no Horto, não ao batismo de adultos e crianças encarnadas, porque esta é uma atribuição da igreja e dos sacerdotes, mas ao batismo dos espíritos de pessoas que morreram sem ter recebido este sacramento, e estavam, por esse motivo, impedidas de entrar no Céu.

Batismo, casamento e penitência foram os sacramentos da igreja que o Centro tomou como eixo ordenador das relações do homem com Deus e entre si, e pelos quais se empenhou a fundo.

Muito embora não tivessem se dedicado à promoção de casamentos espirituais, não abriam mão do casamento religioso entre os vivos. Diziam eles: "só existe casamento que é o da igreja. Aqueles que não são casados, nós mandamos casar, para que eles possam ser de Deus, e os filhos também possam ser de Deus."

Na esteira da defesa do casamento, vieram a defesa da família e das virtudes femininas: virgindade para as moças; sexo só no casamento e procriação para as casadas; recato para todas; obediência aos pais e aos maridos.

A condenação a toda forma de vaidade feminina caminhou da condenação à pintura do rosto e das unhas ao corte dos cabelos, ao uso de brincos e de jóias, de um modo geral, às calças compridas dentro das igrejas, à comunhão sem véus e com mangas curtas. Houve adoção de diversas peças que cobrissem literalmente o corpo das adeptas e dos adeptos e de véus que permanentemente lhes escondessem os cabelos, no caso das mulheres.

Trajes estes muito semelhantes a hábitos de freiras e à indumentária dos apóstolos. A defesa da religião católica tornou-se, com o tempo, cada vez mais a defesa da religião tradicional, como dizia: "as coisas de Deus não tem remendo não; não é roupa que precisa de remendo; a religião de Deus não é moderna".

À recusa ao moderno, que parecia se esboçar, desde o início, através da relação com a medicina, foi se adicionando cada vez mais a defesa da igreja tradicional contra as transformações que iam sendo introduzidas, através da sua vertente progressista.

"Cadê o povo católico? Cadê o povo de Deus? Cadê? Cadê as rezas?" - perguntava perplexo um dos adeptos. "Nós respeita a Igreja e os sacerdote, agora o que nós num aceita é as reformas".

E eles diziam que os padres tinham por missão fazer rezas novas, mas não podiam mexer nas rezas antigas.

Para os adeptos do Ródão, o catolicismo verdadeiro foi o deixado por Deus, isto é, o aprendido por eles na infância: as rezas e liturgias tradicionais da igreja, a figura convencional do padre de batina, voltado exclusivamente às coisas de Deus, as penitências, a administração dos sacramentos.

As inovações introduzidas, as reformas litúrgicas e os novos papéis desempenhados pelos sacerdotes representavam concessões da igreja ao mundanismo e, mais do que isso, constituíam-se em autênticos sacrilégios, pois remendavam ou fantasiavam o sagrado, o autêntico e o absoluto deixado por Deus.

Por outro lado, verdadeiro povo de Deus, o povo católico reclamado era aquele que rezava as antigas orações, sem fantasias ou remendos. Reverenciava os santos, fazia penitências, ensinava histórias sagradas e os bons hábitos aos seus filhos.

No Centro de Ródão, o panteão e a doutrina eram referidos ao catolicismo, desde o conjunto que abrigava o Centro, uma igreja com puxado lateral à guisa de convento, com torre e sino; passando pela disposição interna dos passos, com o altar repleto de imagens de santos, separado da assistência pela tradicional grade de madeira, comum a todas as igrejas católicas; passando pelas rezas, pelos cânticos, pelos benditos, pelas devoções, entre as quais o terço de Nossa Senhora ocupava o lugar central. Tudo vinha do catolicismo tradicional. Infelizmente, não possuímos nenhum texto das pregações de Ródão, incorporado pelo Pe. Cícero; apenas os registros de alguns hinos cantados pelos remanescentes do movimento, quando da nossa visita, depois do malogro do 13 de maio, outra data que supomos também não tenha sido escolhida, por acaso, para a grande inundação libertadora.

Faziam a defesa da vertente mais tradicional do catolicismo e sentiam a necessidade de um exemplo que os reafirmasse como porta-vozes mais legítimos, no interior daquele campo religioso, a que já nos referíamos, extremamente heterogêneo e competitivo; a realidade desse exemplo, com o tempo, propiciaria a descida do próprio Jesus, na páscoa da jovem Luciene. Assim como Jesus encarnara no ventre da Virgem Maria, também aqui se manifestaria numa virgem, de quem se esperavam grandes prodígios. Este momento vivido com muita intensidade pelo grupo tornou-se um verdadeiro divisor de águas entre os que realmente haviam aderido à fé e os demais. O anúncio do dilúvio, em junho de 1978, foi acompanhado de duras exigências: uma penitência de doze procissões e adesão pública às vestes, até então usadas apenas no culto, o hábito de freiras já referido e timão dos homens com o manto azul, daí a designação popular Borboletas Azuis.

Data desse momento uma queda vertical no número dos seguidores de Ródão. A ascensão pública da adesão ao grupo veio expô-los inapelavelmente ao juízo da opinião

pública e colocá-los à sua mercê. Sua visibilidade, assim à luz do dia, tornou-os objetos de toda sorte de avaliações, de risos e chacotas, vivendo permanentemente a ameaça de apedrejamento, quando saíam à rua, por qualquer motivo. Vestidos com seus trajes, freqüentemente necessitados da proteção policial, os Borboletas Azuis não mais souberam o que fosse sossego, junto à população de Campina Grande.

Severas crises internas, por outro lado, abalaram ainda mais sua existência, naqueles dias, já de intensa provação, tornando-os alvo de uma verdadeira caçada jornalística. A fuga de Luciene para casar com um outro jovem membro do grupo, a morte, após prolongado jejum, de um outro participante, denúncias de transgressões morais mantiveram o grupo nas manchetes dos jornais locais, semanas a fio. Como se não bastasse a fuga de Luciene, para abalar os sentimentos do grupo, diríamos os sentimentos e a moral, o agravamento da saúde do seu líder, então com 76 anos, um mês antes do exemplo que tanto esperavam, só veio aumentar as suas dificuldades. Com o malogro do dilúvio, no dia 13 de maio, não lhes restou outra saída senão dispersar-se, fechando definitivamente o Centro, com a morte do seu líder, pouco tempo depois.

Durante dezenove anos, de 1961 a 1980, um grupo de sertanejos, em Campina Grande, na Paraíba, viveu o mistério da morte do Pe. Cícero, nas sessões do Centro de Ródão. Mesmo os que começaram duvidando encontraram um jeito de certificar-se, e aí nos permitimos contar uma pequena história, porque eu e Lísias estamos muito interessados em tirar esse mistério a limpo: Um dos sertanejos que encontramos lá, como remanescentes do movimento, contou-nos a seguinte história: Ele chegou pra ver e não acreditou, mas, no momento em que Pe. Cícero falava, quando o Ródão o possuía, ofereciam-se evidências daquela verdade, da verdade da sua presença, e uma delas tinha a ver com uma história que ele contava a respeito de um juazeiro sem espinhos que ele havia plantado aqui, na praça, e imaginamos que seja a praça que leva o seu nome. Então, como não conhecemos juazeiro, juazeiro a planta, juazeiro a árvore, a idéia que passamos a fazer, àquele momento, era a de um juazeiro, só mesmo plantado por Pe. Cícero. Então, o tal adepto veio efetivamente à praça e constatou que existe um juazeiro que não tem espinhos. A partir daí, ele se rendeu à evidencia, estava lá como um dos remanescentes do movimento. Então, alguém que ouviu esta historia e sabe onde está esse juazeiro, à saída, por favor, nos mostre, nós queremos também conhecer.

A gente se trai, não é? Bem, o que é que vamos fazer? Estamos terminando, só um minutinho. Portanto, mesmo os que começaram duvidando encontraram um jeito de acreditar na sua experiência. Durante 19 anos, Pe. Cícero voltou a aconselhá-los, a protegê-los, a curá-

los e abençoá-los, de viva voz, e não foram poucos os que saíram consolados, e foram muitos que se sentiram curados, por obra da sua atuação. Ao contrário do movimento matriz, no qual se inspirara o movimento de Campina Grande, este situa-se num outro momento e num outro contexto. Não produziu, e nem podia, os mesmos efeitos do movimento original, ao sinal da segunda volta de Cristo, o milagre ocorrido com a beata Maria de Araújo. No primeiro, o movimento de Juazeiro, colocara-se, no início, em evidência, Pe. Cícero como a própria encarnação do sagrado. No movimento de Campina Grande, ao se colocar em anúncio, a promessa de um dilúvio, o não acontecimento deste, fizera malograr o movimento. O malogro dos Borboletas Azuis, porém, não abalou nem a crença em Deus, nem em Pe. Cícero, como nos inúmeros outros casos de movimentos malogrados. Cumpria buscar a culpa dos insucessos no comportamento dos homens, nas suas falhas.

Pe. Cícero saiu incólume de mais este episódio, aliás, como salientamos no início, dele nem se falou na ocasião. Nesse universo movido pela eficácia simbólica dos significados que ele encarna, impregnados da sua presença, não faltará ocasião para a vivência de um retorno à prática do modo de viver orientado pelo Pe. Cícero, o que não deixará que se esmaça sua condição de mito fundador da cultura sertaneja.

O PADRE BEATO – CONTRIBUIÇÃO À ANÁLISE DA LIDERANÇA DE PADRE CÍCERO

*Por Lísias Nogueira Negrão**

Proponho-me, neste comunicado, a uma tarefa ingrata: colocar em foco a liderança de Pe. Cícero, a partir das contribuições dos estudos dos sociólogos sobre os movimentos messiânico-milenaristas realizados na Universidade de São Paulo. Tarefa ingrata, porque nenhum dos pesquisadores daquela Universidade, entre os quais me incluo, realizou estudos específicos sobre Juazeiro do Norte e sua instigante realidade religiosa. Não obstante, creio que os estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz e Douglas Teixeira Monteiro,¹ mesmo tendo como referências empíricas outros casos concretos, podem sugerir pistas para a tentativa de compreensão de tão complexo fenômeno, como o de Juazeiro do Norte e seu líder religioso.

Apesar das peculiaridades de ordem metodológica, teórica, conceitual e interpretativa que personalizam a obra de um dos autores, há uma semelhança fundamental na trajetória que percorrem. Ambos partem do estudo de um mesmo caso, o do Contestado,² e daí evoluem para estudos mais genéricos e comparativos.³ Infelizmente, nenhum dos dois autores dedicou um estudo específico a Juazeiro, que comparece apenas em seus trabalhos comparativos, ligeiramente reconstituídos. A partir de fontes bibliográficas disponíveis, D.T.M., cujos trabalhos são posteriores aos de M.I.P.Q., pôde servir-se dos minuciosos levantamentos históricos realizados sobre Juazeiro. Como seu leque comparativo é bem mais restrito que o dela, confrontando Juazeiro, Canudos e Contestado, (enquanto a autora procedia a exaustivo levantamento), pôde atribuir maior importância relativa ao movimento de Juazeiro, que entrou com maior peso em sua análise.

Por esta razão, o presente texto privilegia as análises de D.T.M., apesar de iniciar-se pelas de M.I.P.Q.

* (USP- São Paulo)

¹ Tive o Privilégio da convivência acadêmica com ambos, enquanto orientando da Autora e, como colaborador do Autor, junto ao Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP. Em decorrência do uso reiterado de seus nomes, utilizaremos no texto, apenas suas iniciais.

² La "Guerre Sainte" ou Brasil: Le mouvement Messianique du "Contestado" boletim N° 5, FFCL da USP, S. P. 1957, de MIPQ e os Errantes do Novo Século. Um estudo sobre o surto milenarista do contestado, Livraria Duas Cidades, S.P. 1974, de D.T.M.

³ Respectivamente, o Messianismo no Brasil e no mundo, Dominus Ed. da USP, S.P 1975, e "Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado" História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III, O Brasil Contemporâneo, 2º vol. Difel, RJ, SP, 1977. Ralph Della Cava. Miracle at Joazeiro, Columbia University Press, New York, London, 1970.

1 A contribuição de M.I.P.Q.

O pioneirismo não é o único mérito da autora. Seus amplos estudos sobre os movimentos messiânicos, brasileiros, rústicos muito contribuíram para o afastamento dos apriorismos e preconceitos dos trabalhos de cunho jornalístico, histórico e literário, que interpreta como fanatismos decorrentes da ignorância e da mestiçagem das populações sertanejas. Considera-os ela como sendo movimentos sociais normais, típicos das sociedades tradicionais, em seus momentos de crise, com tentativa de salvaguardar a sua essência, ou seja, as relações comunitárias e a moralidade rústicas religiosamente sancionadas. Para ela, tais crises não seriam geradas pelos contrastes da civilização rústica com a civilização litorânea ou pelas interferências desta naquela, mas por problemas endógenos da sociedade sertaneja — as guerras de famílias ou parentelas que conduziram a uma situação de anomia, contra a qual eclodiram os movimentos.

Buscando, por um lado, ajustar práticas e valores anomicamente dissociados, a partir de quadros religiosos e vigências morais rústicas, foram esses movimentos essencialmente conservadores. Enquanto tentativas práticas e efetivas de atuação no mundo, por outro lado, assumiram, por vezes, forma revolucionária que conduziu ao conflito aberto e à sua destruição. Seria esta ambigüidade entre um conteúdo reformista e uma forma revolucionária, para a autora, a característica distintiva desses movimentos, apesar de que, em alguns casos, a acomodação e não o conflito tenha sido o seu epílogo.

Acredita a autora que esses movimentos constituem-se em evidência de que as sociedades tradicionais não são estagnadas, nem que se transformariam apenas através de estímulos exógenos, mas dotadas de dinamismo interno, renovador; além disso, de que seus agentes são capazes de chegar a soluções para os problemas que os afligem. Papel decisivo, neste sentido, cabe aos líderes messiânicos, como condutores dos movimentos e artífices de seus projetos, retornarem a este ponto.

2 As contribuições de D.T.M.

Do mesmo modo que sua predecessora, nos estudos do messianismo, D.T.M. também diagnostica como causa desses movimentos as situações críticas, pelas quais passaram as culturas rústicas brasileiras, na passagem do século. Diferentemente dela, contudo, não localiza tais situações apenas no plano organizatório, conjuntural portanto, mas no plano de estrutura. Para ele, teria sido o abalo do sistema patrimonialista, em decorrência

da crise do poder local que, iniciada antes da República, com ela se acentua, que teria criado as condições propícias à sua eclosão.

Com a proclamação da República, os antigos mandatários rurais, com plenos poderes no plano social, são substituídos pelos "coronéis" ou neles se transmutam, cuja autoridade passa a depender de suas ligações com oligarquias estaduais. Estas, comprometidas com projetos econômicos desenvolvimentistas, ligados ao capital internacional, criam as condições para a penetração do capitalismo nas comunidades sertanejas, favorecendo o cultivo de gêneros de exportação e a implantação do trabalho assalariado. No Sul, em inícios do século, as indústrias madeireiras e os projetos ferroviários intensificam o processo, introduzindo profunda alteração no estilo de vida tradicional.

Divididos entre duas lealdades, para com as oligarquias e para com suas clientelas locais, tendem os coronéis a inclinarem-se, dada a natureza diversa das solicitações, para o pólo mais forte. Quebra-se, assim, a solidariedade interna do mundo patrimonialista, até então calcada no "consenso que encobre os aspectos coercitivos e que garante a continuidade de consensual"⁴. Produz-se, destarte, o desencantamento do mundo rústico, mediante a perda da legitimação religiosa por parte tanto do consenso quanto da coesão que, dissociados e sem legitimidade, colocam a descoberto o caráter repressivo da dominação patrimonialista. Estão dadas, assim, as condições pelas quais as populações sertanejas procura reencantar o seu mundo, a partir de suas concepções religiosas, calcadas no catolicismo rústico, "ousando", dessa forma, "assumir a condição de sujeito"⁵. As análises de D.T.M. sobre este processo de desencantamento estão baseadas todas no caso do Contestado. Por este motivo, não as reproduziremos aqui. Apesar de baseado neste caso, com o cuidado que lhe era peculiar, admitiu generalizar suas conclusões, enquanto hipóteses, para os demais movimentos eclodidos, à mesma época.

3 Cotejo das contribuições dos autores

Apesar das semelhanças do percurso analítico dos autores acima mencionados, suas contribuições são pessoais e diversificadas. Pela simples leitura dos títulos dos trabalhos, percebe-se claramente que em M.I.P.Q. predominam os conceitos (messianismo, movimento messiânico) sobre as referências concretas, enquanto em D.T.M. dá-se o inverso. Mesmo no momento em que se decide por estudos comparativos, sua abrangência, no caso deste autor, é

⁴ D.T.M., 1974, pág. 13

⁵ D.T.M., 1977

menor, confrontando apenas três casos, enquanto a autora se abre em leque, na busca exaustiva dos movimentos eclodidos "no Brasil e no mundo". Enquanto o primeiro se preocupa com a análise mais aprofundada de cada um dos poucos casos estudados, sobretudo do Contestado, que permanece sendo seu parâmetro, e evita generalizações, a segunda busca justamente montar um quadro classificatório que subsume o particular no geral.

A diferença entre os autores não se restringe aos objetivos de pesquisa de cada um deles. Há razões mais profundas de ordem metodológica e teórica para as suas atitudes diversas, diante do mesmo fenômeno. Correndo o risco da caricatura e da injustiça, poderia dizer que, na óptica basicamente positivista da autora, os fenômenos estudados ganham um significado que lhes é atribuído exteriormente, a partir dos quadros de referência do observador, não obstante sua insistência no empírico. Na óptica do autor, ao contrário, a captação do significado, que os próprios agentes atribuem a sua ação, impõe-se como ponto de partida, na medida em que adere à compreensão como método de abordagem do social. Em um caso, a observação é dirigida preferencialmente às relações selecionadas, mediante sua relevância teórica. No outro, é dirigida especialmente às relações definidas pelos agentes como relevantes.

É por isso que M.I.P.Q. faz sociologia dos movimentos sociais, enquanto D.T.M. faz sociologia da religião. Para a autora, a religião é simplesmente um conduto da rebeldia rústica, desprovida, contudo, da eficácia motivacional. Para o autor, os movimentos analisados só podem ser compreendidos, a partir do universo ideológico dos seus protagonistas. Se, de um lado, a origem dos movimentos prende-se a fatores políticos e econômicos que transcendem o universo rústico, estando além, portanto, de sua capacidade de controle, de outro lado, o rumo da reação, no qual se consubstancia o próprio movimento, depende do próprio imaginário religioso, a partir do qual se interpreta o passado e se projeta o futuro. Assim, os componentes simbólicos são colocados em posição de destaque em sua análise, não obstante a influência causal de fatores de outras ordens, que não a especificamente religiosa.

Na busca dos fatores sociais mais amplos que operam, no sentido de propiciar o surgimento dos movimentos, apesar de sua eficácia causal, não devem tais fatores ser invocados como explicativos em "última análise", pois tal atitude "pode significar a perda do humano e social concretos"⁶. Deve-se, considera ele, invocá-los como ponto de partida, em primeira análise, portanto, de onde se torna possível compreender a reação messiânica, como

⁶ D.T.M., pág. 13

elaboração de um universo simbólico, mediante o qual o grupo coloca em questão os fundamentos de sua existência.

Uma questão final, relevante neste cotejo entre os dois autores, refere-se ao privilegiamento de fatores endógenos (no caso da autora) e exógenos (no caso do autor) ao mundo rústico, como fatores explicativos do desencadeamento dos movimentos. Se, de um lado, a autora tenha bem demonstrado que há dinamismos internos no mundo rústico e que seus agentes são capazes de enfrentar e buscar soluções para os seus próprios problemas, de outro lado, não conseguiu perceber as articulações entre o mundo rústico e o mundo das oligarquias regionais e nacionais, que estariam na gênese dos problemas.

Como bem demonstrou Josildeth Consorte⁷, os movimentos messiânicos são reações a transformações radicais, não importa se lentas ou graduais, no modo de vida de populações tradicionais, ameaçando real ou potencialmente suas existências. Não percebeu M.I.P.Q. que, no caso dos grandes surtos messiânicos milenaristas, tais fatores, embora alterando profundamente a existência do mundo sertanejo, têm sua origem fora dele, no âmbito das relações em nível nacional e até internacional, como demonstraram D.T.M. e Ralph Della Cava, entre outros. As tentativas de soluções a estas crises – os próprios movimentos são – estão, sim, endógenas a esse mundo, motivadas e orientadas pela cultura rústica, portanto, a religião.

4 A questão da liderança

As discussões sobre o papel do líder, nos movimentos em tela, conduzem inevitavelmente ao conceito weberiano de carisma. Não há como fugir, assim, na análise dos autores, das qualidades pessoais dos líderes, tidas como extraordinárias, mesmo que não sobrenaturais, na explicação da gênese e do desenrolar dos surtos messiânicos – milenaristas. O papel do messias, enquanto salvador, é posto em relevo pela análise sociológica.

Tal é o caso de M.I.P.Q. que, preocupada com refutar as críticas conservadoras aos movimentos, as quais os tratavam como fenômeno de loucura coletiva desencadeado pelo desequilíbrio mental de seus líderes, vai buscar em Weber a fundamentação teórica que lhe permita sustentar a superioridade do líder, enquanto homem extraordinário e incomum⁸. No

⁷ "A mentalidade Messiânica", In: *A vida em meio a morte num país do terceiro mundo*. Ciências da Religião, Nº 1, Edições Paulinas – SP.

⁸ Não só a Weber recorre a autora em suas análises do Messias, mas também a Paul Alphandery que propôs a distinção, por ela aceita, entre o profeta messiânico, que apenas anuncia a vinda do Messias e de seu reino, e o Messias propriamente dito, que constitui a comunidade messiânica. M.I.P.Q., 1965, Pág. 3/24.

caso dos messias rústicos brasileiros, considera ela, com razão, terem sido eles não só psicologicamente equilibrados, mas também dotados de sensibilidade, instrução e inteligência acima da média, o que os aproximaria a uma espécie de "intelligentzia" das camadas inferiores.

Baseada em casos nos quais chegou a uma acomodação com a sociedade global – notadamente Juazeiro e Santa Brígida do Pedro Batista, na Bahia – argumenta que, em decorrência do descortínio progressivo de seus líderes, as comunidades messiânicas erigidas funcionaram como pólo de desenvolvimento regional, estimulando o estabelecimento de uma agricultura comercial, maquinizada, inclusive para exportação, sem descurar da policultura de subsistência, rasgando estradas e construindo açudes e redes de irrigação, fundando escolas, etc.⁹.

Levantou-se inclusive a hipótese de que, do ponto de vista econômico, as comunidades messiânicas poderiam ser entendidas como associações intermediárias entre a moderna empresa agrícola e a agricultura tradicional de autoconsumo; teria sido esta a solução encontrada pelas próprias comunidades para resolverem seus problemas de transição entre um e outro sistema agrícola¹⁰.

Não há como contestar a pertinência teórica e o embasamento empírico desta interpretação que privilegia o papel exercido pelos messias, na gestação e condução dos movimentos. É certa, como magistralmente percebeu Weber, a adesão emotiva dos seguidores que, ao reconhecerem no líder as qualidades extracotidianas que o diferenciam, fundam sua autoridade e criam as condições para a ruptura da ordem tradicional ou legal. As qualidades pessoais do líder são inerentes ao tipo de dominação carismática e legítima. Não obstante isso, não há como não reconhecer que o messias surge nos momentos de crise, em que uma sociedade inteira, ou sua parcela, sente-se ameaçada em seu modo de existência. Neste sentido, o messias não é apenas o homem excepcional, mas o homem das épocas excepcionais, dadas as condições para a sua emergência exterior a ele mesmo, nas condições sociais objetivas, conforme pondera P. Bourdieu, em sua crítica à teoria de Max Weber¹¹.

É, por esta razão, a partir das condições estruturais que, em primeira instância, são invocadas na explicação do messianismo, que D.T.M. não dedicou especial atenção ao papel do líder. Isso, por um lado. Por outro lado, seu caso paradigmático desses movimentos, o do Contestado, embora o mais flagrantemente milenarista de todos, não pode ser considerado em

⁹ M.I.P.Q., 1965, Págs. 321/327.

¹⁰ "Mouvements Messianiques et Developpement Economique au Bresil", Archives de Sociologia des Religions, N° 16, Juillet Decembre, 1963, CNRS.

¹¹ "Gênese e Estrutura do Campo Religioso". In: *A economia das tropas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 92-94.

torno da autoridade de um único líder. Apesar das profecias messiânicas de João e José Maria, e de sua atuação, ao início do movimento, foi este conduzido por uma pluralidade de líderes guerreiros, virgens e crianças inspiradoras. Nos dois outros casos por ele confrontados (Juazeiro e Canudos), houve lideranças de características marcadamente messiânicas, porém sua perspectiva de análise foi menos psicológica que sociológica e marcada, antes por preocupações com adequar os conceitos utilizados à realidade social sertaneja, do que propriamente por avaliações das atuações pessoais desses líderes. Vejamos. Afastando D.T.M. as explicações, em última análise, que reduzem os movimentos messiânicos a conceitos tais como de "falsa consciência" e "alienação", detém-se ele na crítica das interpretações de Hobsbawm sobre as rebeldias primitivas¹². Não considera felizes as colocações deste autor, ao considerar tais movimentos como pré-políticos e ao rotulá-los como reformistas ou revolucionários, chegando à conclusão de que "de um lado, tem-se um quadro de referência histórico-insatisfatória, de outro, uma conceituação geral e abstrata"¹³. Embora o próprio D.T.M. não o faça, podemos entender essa sua crítica às análises de M.I.P.Q., que também trabalha com as categorias reforma e revolução. Muito pouco revela estes conceitos na aplicação que a autora deles faz aos movimentos messiânicos, sobretudo porque eles, deste ponto de vista, são ambíguos. É compreensível sua utilização, em um trabalho classificatório, exaustivo, como o da autora; muito pouco acrescenta, contudo, a aplicação dessa tipologia ao conhecimento de qualquer caso particular.

No sentido de superar a dupla inadequação (histórica e conceitual) por ele apontada nos estudos do messianismo, D.T.M. dá a sugestão que talvez seja a sua maior contribuição ao estudo dos movimentos rústicos brasileiros: partindo sempre da análise do sistema patrimonialista de dominação, demonstra como o tal sistema vacilou entre a autonomia e o comprometimento em relação à sociedade, inclusive. Distingue a existência de dois vetores, um autônomo e outro heterônomo, no interior do mundo rústico, tensionalmente presentes nos pares didáticos que o tipificam, ou seja, as relações padre X fiel, coronel X cliente, padrinho X afilhado, beato X seguidor e santo X devoto.

Nestes pares didáticos há sempre um nível intrínseco e outro extrínseco à sociedade sertaneja, que melhor podem ser percebidos nos dois primeiros. Se o padre, através do fiel, liga-se ao mundo rústico e é parte dele, por outro lado, vincula-se à Igreja, instituição não apenas nacional, mas transnacional. Como funcionário da instituição, cabe ao padre atuar sobre a religião rústica, impedindo-a de trilhar os caminhos da heterodoxia. No caso da

¹² HOBBSAWM, Eric J. **Rebeldes primitivos**: estudo sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales em los siglos XIX e XX. Barcelona: Ediciones Ariel, 1968.

¹³ D.T.M., 1977, Pág. 86.

relação coronel X cliente, o mesmo se dá, se o coronel é autoridade local; por outro lado, sua vinculação à oligarquia é o veículo pelo qual as decisões políticas mais amplas penetram o mundo rústico e o transformam. Os laços do compadrio interclasses reforçam o par anterior relativo à solidariedade coronel X cliente. No caso do compadrio intraclasse, permanece sendo apenas intrínseco do mundo rústico. Os pares didáticos beato X seguidor e santo X devoto podem subsumir-se ao par padre X fiel, na medida em que reproduzem a oposição entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular.

Há toda uma rica análise comparativa que D.T.M. faz dos 3 casos por ele considerados. Reiterei aqui apenas suas referências quanto a Juazeiro, permeadas com algumas considerações pessoais. De todos os líderes considerados messiânicos apenas Pe. Cícero foi ponto de intersecção de todos os pares didáticos relacionados. Padres e coronéis estiveram presentes nos conflitos do Contestado e de Canudos, mas apenas o Patriarca foi Padre e Coronel, além de beato e, mesmo antes de sua morte, santo.

Como padre, condição a que nunca renunciou e pela plenitude da qual lutou até o fim da vida, manteve-se fiel à Igreja que o penalizou. Evitou, assim, que as potencialidades cismáticas, presentes entre penitentes e beatos, se consumassem. Como coronel, participou do jogo político e inclusive da violência costumeira dos tempos de República Velha, evitando, enquanto baluarte da ordem, qualquer possibilidade de contestação política mais radical. Nenhuma contestação ao poder republicano foi por ele incentivada, no momento em que os dois outros movimentos foram eliminados, a partir da acusação (outro pretexto) de monarquismo. Leal à Igreja e ao Estado, o Padre coronel evitou o rompimento dos vínculos que conduziu à autonomia extremada do Contestado e à rebelião conservadora de Canudos.

Mas foi com a conjunção dos papéis especificamente religiosos, de padre, de padrinho, de beato e finalmente de santo milagroso que Padre Cícero vinculou-se ao mundo do sertão paradoxalmente mantendo acesa a chama de autonomia. Como padre dedicado e virtuoso, tornou-se beato, na fenda aberta por Mestre Ibiapina, o que levou D.T.M. a considerá-lo um padre com seguidores, contrastando-o a Antônio Conselheiro que seria um beato com fiéis. Finalmente tornou-se Santo, ainda em vida, em função de seus milagres, sobretudo o das hóstias ensangüentadas. Todos estes papéis religiosos vincularam-no ao mundo do sertão; somente sua condição não abdicada de sacerdote o vinculava ao mundo exterior, sendo talvez esta sua tentativa de preservar sua condição eclesiástica que o tem levado a assumir também o papel político de coronel.

Padre Cicero foi, destarte, a personificação das tendências centrípetas e centrífugas que caracterizaram a vida sertaneja do período. A ambigüidade dos movimentos messiânicos, tensionalmente divididos entre a autonomia marginalizadora e a heteronomia participativa, encontrou no Padre Cicero seu ponto de equilíbrio. Padre, sim; obediente à Igreja, sim, mas sem nunca abandonar ou decepcionar os seus seguidores, afilhados e devotos políticos, sim, coronel, também sim. Mas sempre a contragosto, buscando com exercício do poder reunir os meios que lhe devolvessem a plenitude das ordens e promovessem a condição de sua imensa e sofrida clientela.

(LOCAL RESERVADO AO TÍTULO DO TEXTO)

*Virginia Tavares Silva**

Queremos dizer que estamos muito felizes por estar aqui, participando deste simpósio sobre o Pe. Cícero e a Beata Maria de Araújo, no contexto do milagre. Agradecemos muito o convite e esperamos contribuir com este nosso trabalho para esclarecer as questões propostas.

Nos Estados, como o nosso Ceará e outros, menos São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, havia uma oligarquia que dominava, um grupo só. Isso para garantir também a política nacional, privilegiar a política do café, São Paulo/Minas.

Mas, por outro lado, apesar de as oligarquias terem uma estrutura de poder bastante funcional e repressora, o que a história do Ceará já registrou, também existia uma oposição a essa oligarquia. Existia uma resistência de várias camadas, inclusive da popular. É nesse contexto de dominação que fomos estudar, partindo das oposições e não da oligarquia propriamente dita, apesar de estudar o declínio dela, o declínio dos Acioli, quais foram as forças locais que contribuíram para seu declínio.

Este trabalho liga-se também a uma tendência da historiografia que tem se dedicado bastante a estudar a dominação no País. Achamos até que é como resultado das frustrações de 1964/1968, quando o movimento popular foi, de certa forma, debelado, que se instalou um regime autoritário no País. Estamos estudando e defendendo teses e contribuindo para esclarecer a questão do domínio no País, desta dominação de um Estado centralizado e tão autoritário. Também há estudos sobre populismo nesses nossos trabalhos. Sempre ficamos procurando revoluções ou nepotismo, populismo, a questão da revolução burguesa no País. A historiografia está hoje preocupada com a resistência, com a classe trabalhadora, a historiografia da Igreja, também, saiu de uma questão polêmica, que era a Igreja e o Estado, e passou a se preocupar com a Igreja específica da América Latina, com a especificidade da Igreja Católica, na América Latina, no Brasil. Hoje são outras as preocupações da historiografia, e esses trabalhos têm contribuído bastante para renová-la.

Quando nos deparamos com as oposições do Ceará, procuramos ver quais eram as bases desses grupos, em que local estavam seus manifestantes, onde estavam localizados seus interesses. Partimos de uma premissa que não acreditava nessa luta "burguesia mercantil-

* Professora de História da Universidade Federal do Ceará – UFC

industrial" contra "burguesia rural". Aachamos que toda formação social, regional ou local pode especificamente mostrar onde estão essas contraposições, esses conflitos de interesse.

Estudando a questão do Cariri, quando Acioli foi substituído no poder, em janeiro de 1912, em uma luta na cidade de Fortaleza, emergiu um movimento ligado à oposição no Ceará e que se instaurou com o movimento rabelista... (pausa) fenômeno dito de Juazeiro... (pausa) Eu tive... (pausa) no caso ligado aos Boris e ao comércio de exportação de algodão... (pausa) brutais... (pausa) Nós também constatamos que existe realmente o surgimento de um comércio, agora... (pausa) é um comércio em crise, exagerado. É uma classe emergente, um grupo, mas... (corte para o próximo painalista).

industrial" contra "burguesia rural". Achamos que toda formação social, regional ou local pode especificamente mostrar onde estão essas contraposições, esses conflitos de interesse.

Estudando a questão do Cariri, quando Acioli foi substituído no poder, em janeiro de 1912, em uma luta na cidade de Fortaleza, emergiu um movimento ligado à oposição no Ceará e que se instaurou com o movimento rabelista... (pausa) fenômeno dito de Juazeiro... (pausa) Eu tive... (pausa) no caso ligado aos Boris e ao comércio de exportação de algodão... (pausa) brutais... (pausa) Nós também constatamos que existe realmente o surgimento de um comércio, agora... (pausa) é um comércio em crise, exagerado. É uma classe emergente, um grupo, mas... (corte para o próximo painalista).

PE. CÍCERO E A BEATA MARIA DE ARAÚJO NAS DIVERSAS PERSPECTIVAS: UMA AVALIAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Prof. Marcelo Camurça

A Historiografia acerca dos “fatos extraordinários”, ocorridos em 1889, em Juazeiro, envolvendo o Pe. Cícero e a Beata Maria de Araújo é bastante rica, embora seja uma literatura extremamente polarizada e passional: contra ou a favor, embuste ou milagre, fanatismo ou santidade. Só mais recentemente, com o surgimento de uma abordagem acadêmico-universitária, uma perspectiva crítica maior parece se esboçar, porém até mesmo essas teses de pós-graduação parecem ser atingidas pela comoção e paixão que o tema enseja.

Tentaremos neste breve trabalho estabelecer uma tipologia da literatura produzida acerca do Padre, da Beata e do “Milagre”, agrupando-a em três. Ao analisar o quadro social de Juazeiro, segue também a tradição de Euclides da Cunha, utilizando as teorias da mestiçagem e da raça inferior de Lombroso e Maudsley:

Naquele ambiente de ignorância geral, de superstição rude e grosseira, onde a condição da quase totalidade do povo é a de um primitivismo manifesto, onde as taras de um caldeamento de raças inextricável favorece as explorações de todas as anormalidades sem forças em si (p. 99).

Portanto, para Lourenço Filho, em virtude da localização de Juazeiro, afastada da civilização, e da mestiçagem racial de sua população, a mentalidade coletiva da comunidade só podia estar circunscrita à dimensão do Fanatismo, e este era o cenário ideal para a proliferação de crendices e superstições, dentre as quais, para ele, o pretenso “milagre” da beata e do Padre:

Para o homem rude, pouco afeito a raciocinar sobre factos da natureza, nada mais claro e aceitável que o maravilhoso. Ele ocupa a maior zona de uma obscura explicação dos phenomenos (p.124).
O espirito místico tem sede do incompreensível, do mysterioso, sente-se mal no domínio da realidade” (p.84).

Não foi de outra forma que outros cientistas, como Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, analisaram o fenômeno do Conselheiro e Canudos.

O elitismo de Otacílio Anselmo ponteia seu volumoso Pe. Cícero – Mito e Realidade, cujo título é bastante emblemático do seu conteúdo, como deixa bem claro N. W. Sodré, no seu prefácio à obra:

O seu estudo trata, justamente, de reduzir o mito à realidade, para isto estava preparado como ninguém, pela extensa pesquisa, pela colheita direta de material nas fontes, pela captação das bases orais do mito, SODRE, N. W. Prefácio – (grifo nosso).

Este prefácio, em estilo laudatório, louva o trabalho de Anselmo, por ele ter reunido extensas provas documentais e através delas conseguido extirpar o mito e chegar à realidade objetiva. Sabemos, porém, que a perspectiva da objetividade total é um dos postulados do positivismo e que o fato de coletar documentos não garante que neles esteja contida a realidade, como queria Ranke, ao afirmar “que os documentos falam por si mesmos”. A utilização que Anselmo dá aos documentos não é desinteressada, e a interpretação que faz deles é no sentido de reforçar seu discurso elitista sobre Juazeiro.

Aponta como causa do fenômeno a mentalidade mística do padre e da Beata;

De início, o sacerdote entregou-se a um apostolado exaltado, já que se achava sob o domínio de um profundo misticismo (p.56).

Como prova irretorquível da mente insana e fanática da Beata, Anselmo revela o depoimento dela, perante as autoridades eclesiásticas, no qual admite ter falado com Cristo, e este ter lhe recomendado tornar Juazeiro uma “Cidade Santa”.

Em colóquio com Cristo, este manifestou a vontade que Juazeiro se tornasse uma porta para o céu e um lugar de salvação para as almas (depoimento de Maria de Araújo – 14-09-1891) p.29.

A Antropologia e a Sociologia da Religião, porém, analisam este quadro de uma perspectiva diferente da de Anselmo. Este fenômeno é enquadrado nas categorias do messianismo e milenarismo, representações mentais das camadas populares do campo, que servem para organizar os “espaços sagrados”, lugares regidos por normas sociais e morais, distintas do espaço social dominante, lugares onde impera “a lei de Deus”, em oposição ao resto do mundo dominado pela “lei do cão”. Esta representação aparece também em Canudos e Contestado. Portanto, a expectativa messiânica da beata e do Padre Cícero de transformar Juazeiro em “Cidade Santa” é representativa deste imaginário.

Registra, ainda, Anselmo outra gravíssima blasfêmia da beata, que revela sua periculosidade social, o fato de ela dizer-se instrumento de Cristo para desautorizar o clero, como seu representante na terra. Eis as palavras que Cristo teria proferido a ela:

Não é de admirar que não entendam o mistério de derramar-se sangue das hóstias consagradas, sangue que é meu – Quando eu vim ao mundo não foram os Pontífices e sacerdotes que me deram sentenças de morte (p.133-134) (grifo nosso).

Ou, ainda, a petulante suspeição da beata, de que seria a presença dos padres o fator de impedimento de realização de novos “milagres”, como que degradando sua condição sagrada.

|| Maria de Araújo passou a afirmar, na Casa de Caridade que o Milagre da hóstia não se operava, porque os padres que dirigiam os testes não se encontravam em estado de Graça, naquela ocasião (p.159).

Ainda aí, o que Anselmo não entende é que, ao contrário de misticismo ou demência, o que está em questão é uma certa disputa entre o catolicismo popular e a hierarquia da Igreja, pela afirmação de um estilo de prática e concepção do catolicismo. É uma tensão entre Beatos e Clero, pela ascendência sobre as populações religiosas do sertão.

O elitismo do Pe. Antônio Gomes de Araújo em APOSTOLADO DO EMBUSTE não se caracteriza por uma crítica ao conteúdo de fanatismo de Juazeiro ou do Padre Cícero. Estes aparecem mais como um ambiente e mentalidade propensa, pelo seu atraso primitivo e ingênuo, a aceitar o truque.

Para o Pe. Gomes, a população de Juazeiro e o Pe. Cícero também foram vítimas do embuste. Aí, na minha opinião, reside a visão elitista do Pe. Gomes, a de reduzir toda a complexa questão cultural, sociológica de Juazeiro a uma manipulação e engodo. Para o Pe. Gomes, tudo não passou de uma fraude que adquiriu maiores proporções, devido à credence popular.

Quem foram, então, os protagonistas do embuste? José Marrocos, o autor intelectual, e Maria de Araújo, que o executou. Pe. Gomes chega a esta conclusão, a partir da constatação de que, após a morte de Marrocos, em 1910, são encontrados em seu quarto, segundo o Juiz Alfredo Teixeira Mendes, um livro francês de fazer fórmulas químicas e famosos panos ensangüentados. Supõe, então, o Pe. Gomes que o livro era o “prontuário que ensinava a produção de corante” (p. 07) com os quais Marrocos “tinturava os panos” que foram roubados por ele, “para fugir ao exame inexorável e desmacarador da química científica” (p.14). Com a combinação de determinados elementos químicos, se chega a uma coloração vermelha. Pe. Gomes diz ter feito esse teste com sucesso.

Uma pitada de bicarbonato de sódio na língua e em contacto com amido de solução alcoólica de fenolftaleína dá coloração vermelha (p.26 item 2).

De posse desta descoberta, o Pe. Gomes justifica o engano do médico Marcos Madeira, que diagnosticou corretamente que o líquido rubro não provinha do organismo da Beata, pensando, então, tratar-se de origem divina. Como também justifica o fato do dito "milagre" não se realizar, perante a comissão de padres que obrigou a beata, após a comunhão, ficar de boca aberta. Para o Pe. Gomes, a beata trazia escondida a partícula de amido preparada quimicamente por José Marrocos e, ao comungar, substituía a hóstia pelo amido com a solução química.

Após ler todo o arrazoado "científico" de Pe. Gomes, tem-se a impressão de que sua argumentação parece convincente. Porém a principal "prova" de Pe. Gomes, o tal livro francês de fazer tintura, cujo autor nem data ele cita, baseia-se apenas na referência do Juiz Teixeira Mendes, é uma descrição. Segundo a antropóloga Luitgarde Barros¹, o "Precis D'Analyse Chimique" foi editado em 1903 (logo, vários anos após o "milagre" de 1889). O livro, segundo a antropóloga, serviria a Marrocos para chegar à proveniência do sangue e não para tinturar panos. Quanto aos panos ensangüentados, não foi o receio do exame clínico que fez Marrocos se apossar deles e ocultá-los, mas a certeza de que, quando caíssem nas mãos da Igreja, seriam destruídos, como de fato ocorreu mais tarde², pois seus sacerdotes tinham, por determinação do Santo Ofício, a ordem de apagar todos os vestígios do "milagre".

Temos então que as irrelutáveis provas científicas do Pe. Gomes são relativizadas, e a perspectiva de explicar a falsidade do "milagre", pelo caminho do embuste, parece, no mínimo, simplista.

Por sua vez, o elitismo do Pe. Alencar Peixoto, em Joazeiro do Cariri, difere radicalmente do elitismo "cientificista" já citado, situando-se na fronteira com o conto episódico. Consideramo-lo, ainda no grupo elitista, pelo seu estilo minucioso na linguagem e pela roupagem intelectual de que se serve para fins de depreciar Juazeiro.

Enquanto, porém, os interesses dos intelectuais positivistas era o da explicação científica para elucidar a questão de Juazeiro, embora recorrendo a uma ciência elitista, o que move o Pe. Peixoto é o mais puro revanchismo de alguém que foi preterido politicamente, em Juazeiro, e pretende vingar-se, colocando toda a sua erudição a serviço deste fim.

¹ BARROS, Luitgarde O. C. A terra de mãe de Deus. p.226.

² Os panos foram resgatados pelo Pe. Cícero das mãos do Cel. Antônio Luiz, ocultando-os, durante anos (Della Cava). Após a morte da Beata Bichinha, D. Amália Xavier os entregara a Mons. Joviniano Barreto (Xavier A. p.84), que os encaminha à Hierarquia da Igreja, pela qual são incinerados (ANSELMO, O. 332).

O livro é, na verdade, apenas uma caracterização maldosa e injuriosa à comunidade de Juazeiro, mas, devido ao prestígio intelectual do autor, estes desaforos bem articulados terminaram por fixar uma visão profundamente desfavorável de Juazeiro.

Eis sua descrição da Beata e do Padre:

Beata: os olhos pequenos mexem-se hystericamente ... os beiços moles e relaxados deixam à descoberta um dos cantos da cacóstoma boca!!! A pele, cor de azeitona, em estado de putrefação. A saliência do maxilar inferior, desafiando-lhe a protuberância do frontal, semelha-se ao do homem de Darwin ... Eis, meus amigos, em ligeiros traços, o transupto dessa cacodemoníaca creatura que deve ser mulher, que assim o indica ... (p. 42-43).

Padre: E basta, amigo! Que as obrigações do meu estado me não permitem falar daquele padre hypócrita, o maior cadimo de meu conhecimento, o maior ladrão, quiçá, dos tempos de hoje (p.70).

LITERATURA DOS CRONISTAS E DEPOIMENTOS

Esta produção se caracteriza por apenas narrar os fatos-episódios, em estilo de reportagem, evitando uma análise macrossocial, ficando no terreno de elementos como o caráter, a bondade, a inteligência, a índole vidente, como fatores explicativos do fenômeno.

O fato de o caso de Juazeiro ser um grande filão editorial fez com que jornalistas, escritores e ficcionistas se debruçassem sobre o tema. Ai, podemos situar os trabalhos de Nertan Macedo, Edmar Morel, Glauco Carneiro e mais recentemente Doc Comparato e Agnaldo Silva.

Vejam como Nertan Macedo se contrapõe a uma linha interpretativa de causações sócio-econômicas (está se referindo à abordagem marxista de Rui Facó).

Certos ensaístas, aplicando lentes marxistas sobre o cangaço e misticismo, nas caatingas, viram nestes fenômenos formas de reação econômica contra um sistema baseado no latifúndio e no autoritarismo.

Cangaceiros e beatos são produtos acabados de um status moral, social e religioso, envolto na própria historicidade sertaneja.

Conselheiro nunca desejou, algum dia, acabar com os proprietários da terra (p.105).

Macedo, com esta afirmação categórica, insiste em dispor uma Historicidade Sertaneja, dimensão cultural, aos fatos sócio-econômicos. O seu argumento é sofismático, pois Facó não fala do movimento de Canudos como um projeto de liquidar o latifúndio, mas como um movimento em função da estrutura do latifúndio, como "reação primária" à

estrutura latifundiária (em que pese a posição um tanto esquemática e mecanicista da análise de Facó, a qual veremos mais adiante).

É importante, porém, que se frise que esta literatura, embora no seu estilo bastante factual, não é neutra, e será a produção "científica" elitista (anteriormente abordada) que ela irá recorrer, como fonte para seus vãos mais altos.

Repetidas vezes, Nertan cita, nos seus livros, Lourenço Filho, Rodolpho Teófilo e Otacílio Anselmo, como fontes irrepreensíveis. Assim como o roteiro de Agnaldo Silva e Doc Comparato, para um seriado na Rede Globo, (editado depois na forma de um livro) mostra um clima de histeria e falsificação grosseira por parte das beatas e beatos com relação ao "milagre".

Por outro lado, há também uma outra matriz desta literatura supostamente neutra, por ser descritiva; é a que provém da comunidade de Juazeiro, da qual podemos citar os trabalhos de Floro Bartolomeu, Manuel Diniz, Pe. Azarias Sobreira e Dona Amália Xavier.

Destacamos para uma apreciação O Padre Cícero que eu conheci, de Amália Xavier, e Joazeiro e o Padre Cícero, de Floro Bartolomeu, que, guardadas as diferenças de tempo e perspectivas (o livro de D. Amália: um esboço da história de Juazeiro e do Padre Cícero, e o de Floro: uma coletânea de seus discursos na Câmara federal), têm ambos o mesmo propósito, qual seja o de colocar a trajetória de Juazeiro como não contestatória à Igreja e aos poderes públicos. Os conflitos (provenientes de concepções distintas da Religião) são vistos sempre como perseguições e injustiças que o Padre acatou e suportou. Portanto, o objetivo desses livros é o de provar que Juazeiro sempre esteve na faixa da "normalidade social" e que o padre funcionou sempre como fator de "Ordem e Progresso" no sertão.

Os dois (Juazeiro e Canudos) não podem ser comparados pelos que conhecem a história de ambos (OLIVEIRA, Amália Xavier de, p.208).

O livro de Amália Xavier de Oliveira, num estilo sóbrio, baseado na documentação herdada das beatas e no depoimento dos mais antigos³, propõe-se a contar "a verdade histórica", como indica seu subtítulo, embora, na verdade, expresse uma versão, um ponto de vista desta história.

Uma análise acurada do texto revela sua posição de católica "romanizada" (D. Amália não é uma beata) obediente à hierarquia da Igreja. O episódio mais demonstrativo

³ Como documento, ela possuiu o breviário do Pe. Cícero e várias cartas dele deixadas pela Beata Bichinha. Estes depoimentos foram colhidos de seu pai, José Xavier, homem de confiança do Padre. Valem também suas recordações de menina, quando presenciou vários episódios.

disto é a entrega a Mons. Joviniano Barreto dos "panos sagrados", por tantos anos escondidos pelo Pe. Cícero e pelas beatas. Por ordem da hierarquia, Monsenhor destrói-os.

Quando eu vi os paninhos, estes já estavam sob os cuidados da beata Bichinha. Reconheci a caixa e concluí que lhe havia sido confiado o precioso legado. A referida beata já estava às vésperas da morte. Foi então que resolvemos entregar a Mons. Joviniano Barreto, e este entregou, na mesma hora que recebeu, ao Senhor Bispo D. Francisco, que os fez depositar numa arca, segundo nos disse Mons. Joviniano. Daí não soubemos mais, e nem Mons. Joviniano soube o que fizeram deles (OLIVEIRA, Amália Xavier de, p.169). "Três clérigos, tendo consigo a caixinha de madeira com os paninhos dos Milagres, reuniram-se no fundo da área privada do Seminário São José, entre eles o Mons. Joviniano Barreto e os Padres Francisco Custódio Limeira e Antônio Batista Vieira"... Seguindo, então, as instruções recebidas do Diocesano, os sacerdotes lançaram fogo aos paninhos e enterraram as cinzas num buraco previamente escavado (ANSELMO, Otacílio, p.932).

Ao longo do seu livro, D. Amália mostra o Padre Cícero como sacerdote fervoroso, abnegado, amigo dos pobres, obediente e fiel à Igreja, evitando o assunto do "milagre".

Quando, por fim, este é abordado, apenas menciona num estilo discreto, sem qualquer apologia ou defesa. A única coisa que defende é a sinceridade do testemunho dos que acreditaram nele: seus parentes e o Padre Cícero. Do episódio realça principalmente a obediência do Padre às imposições da Igreja:

"Seu Padre não quer que se fale neste assunto porque é proibido pela Santa Sé" (p.55). "Também jamais o ouvimos fazer a mais leve referência aos casos de Juazeiro; era proibido falar, ele obedecia" (p.106).

Quando, porém, ocorre uma ação autônoma por cima da imposição da hierarquia, logo desobediente, D. Amália justifica o ato, dizendo que o Padre tinha um compromisso anterior com Deus mais do que com o Bispo.

Floro Bartholomeu também procura mostrar o Padre como fator de progresso e civilização no sertão. Defende-o, pelas suas qualidades morais: honestidade e renúncia.

Pelos trabalhos eclesiásticos nunca recebeu emolumento (p.35).

Ralph Della Cava, em Milagre em Joazeiro, critica a perspectiva milenarista como instrumento de análise para o caso de Juazeiro, expressada por Maria Isaura, colocando o problema como uma política:

A estratégia que visa a enfatizar a totalidade das ligações do movimento religioso popular com a política, não se restringindo aos seus limitados aspectos "messiânicos" e milenaristas, tornou-se exigência, em face às circunstâncias históricas que envolveram o movimento do Joazeiro (p.19).

A sua proposição central é que o caso de Juazeiro se deflagra num quadro de um nacionalismo clerical, em oposição ao processo de "Romanização". Cita o processo de tensão entre os seminaristas brasileiros e os seus professores, lazaristas franceses, no Seminário da Prainha, que eclodiu numa greve, durante um feriado nacional que os superiores franceses não queriam comemorar.

O ápice desta tensão, ou a forma como este nacionalismo se apresenta, é através do reconhecimento por parte do clero cearense do surgimento de um milagre no Nordeste Brasileiro.

Assinalou nessa missiva que, caso Roma não autenticasse os milagres de Joazeiro, ela se defrontaria com a tarefa de invalidar milagres idênticos, que já tinham sido aprovados pela Igreja, e nos quais as provas de França, Portugal e Itália vinham, de longa data, acreditando (p.70).

Luitgarde de O. Barros, na Terra da Mãe de Deus, utilizando instrumental teórico-gramsciano, chega à conclusão de que a questão do "milagre" é menos de sobrenaturalidade e mais de poder. A disputa por quem iria liderar as populações sertanejas, se a alta hierarquia da Igreja ou dos beatos? Para ela, em que se dá o confronto de duas leituras da Religião – Na teoria de Gramsci, "a crença dos intelectuais é análoga à filosofia; e a crença dos simples, análoga ao folclore e ao senso comum"; as duas, incompatíveis entre si. A Religião Católica será, portanto, a tentativa de homogeneizar estas duas concepções. É uma "gigantesca utopia", enquanto preconiza a igualdade entre os irmãos, embora relegando-a para a vida extraterrena.

A religião das baixas camadas, "crassamente materialista" para Gramsci, funciona como uma moral para a conduta prática e de costumes. É a tentativa de trazer para a terra a igualdade preconizada para os céus, onde todos são iguais, porque filhos do mesmo Pai.

A Religião Popular funciona como ideologia orgânica, veiculada pelos beatos, enquanto autênticos intelectuais orgânicos, porque estão ligados tanto à organização das regras sociais quanto à produção material da vida. Estes movimentos liderados pelos beatos negam, a princípio, a ideologia do grupo dirigente da Igreja Católica para, em seguida, negar o nível instrumental da sociedade, organizando seu modo de produção comunal que se

consubstanciou nas comunidades igualitárias de Canudos e Caldeirão, autênticos “Estados dentro do Estado”.

No caso de Juazeiro, por seu líder Padre Cícero viver a ambigüidade de ser beato (intelectual orgânico) e sacerdote (intelectual tradicional), insistindo em conduzir seu movimento por dentro da estrutura da Igreja, recorrendo com apelações e cumprindo as sanções, o Padre enquadra os arroubos mais radicais dos beatos, além de estabelecer contatos com a sociedade política e aliança com as oligarquias da Religião, a fim de angariar força política para sua causa, qual seja a de legalizar o “milagre”. Isso, porém, descaracteriza o potencial igualitário da Religião Popular, que permanece latente em Juazeiro, reascendendo-se no episódio do Caldeirão.

Douglas Teixeira Monteiro – em Juazeiro, Canudos e Contestado um confronto, vê o movimento num quadro de um Catolicismo Rústico (o termo para ele não significa uma vulgarização da sua matriz: o Catolicismo, tampouco um sincretismo). Suas características remontam à tradição judaico-cristã: Esperança Messiânica do Reino de Deus numa terra renovada. Este Catolicismo Rústico está em oposição a um desgastado Catolicismo Colonial, relacionado com as Elites e o Estado, em séculos de dominação.

A matriz judaico-cristã deste Catolicismo faz com que ele guarde identidades com as concepções tridentinas da Igreja, na sua reação tradicional contra o poder do Estado Laico. O “Milagre”, para o Padre Cícero, é um sinal de que Juazeiro é o lugar escolhido para redimir os males do mundo: a Maçonaria, o Positivismo, o Republicanismo e Protestantismo, porém, ao lado dessas concepções tradicionalistas, havia no movimento um forte componente de Autonomia e uma forte influência dos beatos, na concepção e derivações do fenômeno milagroso.

Para Douglas, o “Milagre” deflagra uma “Igreja Local”, não separada cismaticamente do Tronco Romano, mas unida a ele pelo mesmo sistema de crenças, ritos, padrões de organização, mas marcada pela AUTONOMIA.

Douglas aponta, porém, certos elementos milenaristas: Pe. Cícero, como profeta; Juazeiro, como cidade santa; e o “Milagre”, como sua segunda Redenção.

Destaca-se, na sua análise, uma construção entre as visões do Pe. Cícero e da Beata. Na visão do Padre, o “Milagre” é uma revelação divina, alertando para o mal do Positivismo e Ateísmo, que ganha corpo no mundo, contudo não é um novo marco na História Sagrada. Para ele, a Igreja de Juazeiro é continuação da Igreja Católica. Já a Beata encara o “Milagre” como um “Mistério Novo”, um novo momento do Milênio que reúne elementos

para um recomeço do mundo. Por exemplo, a sua espera de uma segunda vinda de Cristo à Terra, na Serra do Horto.

Mas estas concepções da beata são contidas pelas lideranças do movimento (Padre Cícero, Marrocos, José Lobo, Mons. Monteiro), mantendo seus vínculos com a Igreja e as estruturas do poder. Para Douglas, o máximo da realidade a que chega o movimento é uma Igreja Cismática que acomoda nos seus quadros os ardores milenaristas.

Padre Cícero será sempre uma figura ligada a duas forças que constituem a Igreja e os Beatos, porém atuará sempre como força de ordem e contenção aos segundos.

Manter-se bem com a Igreja e, ao mesmo tempo, garantir a permanência da imagem do Beato, inseparável do reconhecimento de legitimidade religiosa dos milagres – esse foi o problema principal que o Padre Cícero enfrentou (p.90).

BIBLIOGRAFIA:

- ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero: mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- ARAÚJO, Pe. Antônio Gomes de. **O apostolado do embuste**. Crato: Itaytera 1956.
- BARROS, Luitgarde O. C. **A terra da mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
- COSTA, Floro Bartolomeu de. **O Joazeiro e o padre Cícero: Um depoimento para a história**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1923.
- DELLA CAVA, Ralph. **O milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- LOURENÇO, FILHO, Manoel Bergnstron de. **Joazeiro do padre Cícero: cenas e quadros de fanatismo no Nordeste**. São Paulo: Companhia Melhoramento s/d.
- MACEDO, Nertan. **O padre e a beata**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1969.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira de. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: **História geral de civilização brasileira**. vol. 3, Brasil Republicano. São Paulo: DIFEL, 1985.
- MOREL, Edmar. **O padre Cícero o santo de Juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O padre Cícero que eu conheci**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1974.
- PEIXOTO, Pe. Alencar. **Joazeiro do Cariry**. Fortaleza, 1913.
- QUEIROZ, Maria Isaura pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**.

A RITUALIZAÇÃO DE UM MUNDO MILAGROSO: O CASO DOS PENITENTES...

*Valdenir Caldeira de Jesus Coelho de Araújo**

(....) Bom, todo o mundo se aconchegou, primeiro, na Zona da Mata, porque é perto, 20,30 quilômetros, no máximo, de percurso. Os outros se aliaram na Zona do Agreste, um percurso que não ultrapassava 250 quilômetros. E o restante? Nos primeiros 2 anos, ficou em aberto, ninguém queria vir. Então, em 1977, meu marido foi transferido para Belém. Então foi a deixa: todo o mundo, todos os meus colegas, de um modo geral, diziam: "põe Valdenir, porque Valdenir tá sem marido, tá disponível." Então eu vim rever o sertão, pois o meu primeiro ponto de contato, quando cheguei aqui ao Nordeste, ainda criança, foi exatamente o sertão, e eu gostava, tinha muita vontade de voltar ao sertão. Então, em 77, concordei e comecei a trabalhar. Durante minhas vindas constantes, às vezes eu fazia três, quatro viagens, durante o mês; isso tudo em final de semana, para fazer trabalhos, fazer festivais de bandas de pífanos. Fazíamos exposições itinerantes de artesanato, em várias cidades do interior. Dávamos cursos de extensão, na Área de Folclore, em todos os cursos de formação de professores, situados dentro do Estado de Pernambuco.

Nessas minhas idas e vindas, descobria o mundo maravilhoso da penitência. Foi, assim, um namoro, aliás, uma paixão total, quando eu os vi, pela primeira vez, na cidade de Juazeiro da Bahia. É realmente algo impressionante que atrai. E quem é pesquisador dificilmente resiste a estudar um segmento tão ímpar de religiosidade popular, como é formado pelos grupos de penitência. Então vi, pela primeira vez, aqueles grupos desfilando, altas horas da noite, pelas ruas. Vi que saem de um local geralmente denominado Casa de Oração e perambulam, todas as noites, durante a Quaresma, que se inicia na Quarta-Feira de Cinzas e termina na Sexta-Feira da Paixão. Eles saem, impreterivelmente, todas as segundas, quartas e sextas-feiras, e percorrem sete estações de Penitência. Estas estações, às vezes, têm nomes até sugestivos, como a Estação das Maravilhas.

Estou me recordando de Juazeiro de Bahia, porque esse círculo só existe nesse local e em algumas cidades de lá perto. A maioria não faz mais esse tipo de penitência. Eles não se cortam mais, são grupos que fazem única e exclusivamente pedir pelas almas das pessoas que morreram de morte violenta. Crianças há que ainda se cortam. Este ano, tive a oportunidade de ver crianças de até 8 anos se açoitando, com um instrumento chamado

* UFPE/UFRPE

disciplina, que os padres conhecem, com certeza, porque era usado nos conventos, antigamente. Até recentemente, se usava a disciplina dentro da Igreja Católica. A disciplina é, mais ou menos, uma peça de aço, deste tamanho assim, ovalada, e vai para todos os lados, significando que onde ela bater corta. Em geral, eles usam uma ou mais disciplinas amarradas num fio de couro, ou de plástico e se açoitam. Lá existe ainda bastantes grupos de disciplinadores, mas o que me levou a vir aqui a Juazeiro do Norte foram exatamente muitos benditos cantados em Juazeiro da Bahia e que se referiam a Padre Cícero. Eles têm benditos lá que falam do Padre Cícero. Em alguns grupos, saindo um pouco de Juazeiro da Bahia, e em Pernambuco, ainda dentro do contexto do Rio São Francisco, cidades ribeirinhas, a devoção ao Padre Cícero é muito grande. Há grupos daquela área que vêm, anualmente, visitar o Padre Cícero. E lá, atualmente, vê-se a imagem do Padre Cícero que foi levada daqui; também é local de romaria.

Mas esses grupos de Pernambuco já não se cortam mais. Houve, durante muito tempo, um trabalho da Igreja, no sentido de convencer os penitentes daquela região de que não havia necessidade mais de se cortarem, e que a penitência atual da Igreja é muito mais no sentido de dar esmolas, de fazer a caridade e não de mortificação do corpo. Os grupos de Pernambuco, atualmente, não se cortam mais.

Eles usam alguns instrumentos para o ritual: o búzio, que é para modificar a voz e não serem reconhecidos pela comunidade. Esta é uma das formas de chamar, mas eles podem chamar também uns aos outros com a campá, com o chifre de boi. Aqui nesta região, eles usam um bendito, que chamam de 'alerta pecador', acordando o penitente para o ritual. Há, em Juazeiro da Bahia, a visita do cordão da alimentadeira, entrando na casa de uma pessoa que pede a visita do grupo, durante a Quaresma. Uma outra particularidade consiste em as mulheres não poderem carregar o madeiro, mas, quando elas fazem promessas, dependendo do percurso, carregam-no como pagamento dessas promessas. À chegada do grupo de penitência à casa da pessoa que solicitou o pagamento de promessa, o dono da casa vai à porta, recebe do penitente o madeiro e coloca-o junto ao oratório. Em Barbalha, também acontece esse ritual. O penitente não quer ser reconhecido, por isso ele está com a cabeça encoberta. Existe a figura do Decurião que, em Belém do São Francisco, canta os benditos e reza todas as orações. Quando termina, ele se levanta e continua cantando os benditos em pé. Do pessoal que está assistindo e participando uns ficam dentro de casa; outros, porque geralmente as casas do interior são pequenas, não conseguem entrar. Acontece também que o pessoal leigo acompanha. Durante a função, há um momento de parada para o café. Alguns grupos têm o costume de colocar o café aos pés do altar.

Lá na Represa, tive medo de não poder voltar, mas, graças a Deus, pude documentar este fato e vir apresentá-lo justamente neste tão importante simpósio sobre as duas personalidades da vivência religiosa do Nordeste: Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo. Obrigada!

Por intermédio, e a pedido, de D. João, Obediente e Grato, Mostre a todos os irmãos de Deus Obediente e Grato, uma mensagem que chegou ao meu coração. Padre Cícero estava no hospital, muito doente, e a família, por não poder ir ao hospital, pediu para que eu, por intermédio de D. João, Obediente e Grato, entregasse a mensagem. A mensagem foi entregue, e a família ficou muito feliz. A mensagem foi entregue, e a família ficou muito feliz.

Padre Cícero, Obediente e Grato, recebeu a mensagem com muita alegria e gratidão. Ele me disse que estava muito doente, mas que estava muito feliz por poder receber a mensagem. Ele me disse que estava muito feliz por poder receber a mensagem. Ele me disse que estava muito feliz por poder receber a mensagem. Ele me disse que estava muito feliz por poder receber a mensagem.

Depois disso, eu fui ao hospital, e vi a família de Padre Cícero. Eles estavam muito felizes por poder receber a mensagem. Eles estavam muito felizes por poder receber a mensagem. Eles estavam muito felizes por poder receber a mensagem. Eles estavam muito felizes por poder receber a mensagem.

E assim, eu pude entregar a mensagem a todos os irmãos de Deus. Eu pude entregar a mensagem a todos os irmãos de Deus. Eu pude entregar a mensagem a todos os irmãos de Deus. Eu pude entregar a mensagem a todos os irmãos de Deus.

Fui encaminhada, aqui em Juazeiro, para Dona Omilde Figueiredo. Muita gente aqui se lembra de Dona Omilde Figueiredo, uma senhora que residiu na casa onde Padre Cícero dormiu, na primeira noite, quando veio a Juazeiro. Era a casa do professor Simião Macedo, segundo professor deste lugar, que chegou a montar uma escola com mestre Pelúcio, onde Padre Cícero se hospedou e teve aquele sonho.

Então Dona Omilde Figueiredo recebeu-me com uma forma de empatia muito grande, porque eu vinha com uma recomendação do Padre Azarias. Por isso pude ter mais contatos com ela, ao longo de alguns meses, no ano 73. A família do Renato Casimiro, por intermédio da Ana Célia, colocou-me em contato com a família de Zé Bernardo, que me levou ao Caldeirão, ao povo do Caldeirão. Renato Casimiro disse-me que há nos Salesianos um belo documental e que o Ralph Della Cava já tinha ido copiá-lo.

Peguei-me, primeiro, com Dona Amália Xavier, Padre Coutinho e Padre Gomes. Foram estas as minhas fontes iniciais. Com os anos, fui descobrindo que essas pessoas, embora de diferentes maneiras de vida, não erraram. O Renato tinha muitas fotografias, mas eu também vim por minha origem nordestina, com uma recomendação dos remanescentes da família do beato Romoaldo. Então quero dizer que, através desses contatos, comecei a descobrir que há muitos documentos em Juazeiro. Quando eu ainda não tinha acesso aos documentos dos Salesianos, Dona Amália falava-me do escritor José Marrocos, de quem tive o privilégio de receber alguns documentos e até um diário.

E esse trabalho foi crescendo, fiquei com alguns documentos que recebi dessas correntes, menos a dos Salesianos, porque o aqui presente, Professor Antenor, Padre Antenor, diretor da escola, quando pude fotocopiar os documentos dos Salesianos, ficou comigo estudando-os, selecionando as coisas que eram importantes e, pela primeira vez, iam se abrir para o público de Juazeiro. Então, Antenor fez um registro dos documentos que ele ia me emprestar, pois eu ia sair de Juazeiro, pela primeira vez, com uma mala de documentos dos Salesianos, os quais Ralph Della Cava já tinha fotocopiado mas não tinha passado ao público de Juazeiro. Mas Renato já começou o núcleo do centro de documentação, aqui em Juazeiro. Ele já tinha o centro de documentação das fotografias. Dessa maneira, toda a documentação existente está sendo conhecida, está sendo divulgada e, paulatinamente, sendo devolvida, e

* UFRJ/UERJ

dou exemplo, pois todo documento, que me foi confiado, por esses romeiros ou por esses crentes, eu estou devolvendo, progressivamente, por intermédio de Renato Cassimiro.

Usando uma obra de José Marrocos, e falar sobre o Zé Marrocos, pra mim, é uma tentativa de usar o método compreensivo. E falar sobre o Zé Marrocos, em alguns aspectos, seria o Zé Marrocos como homem público; o José Marrocos, o empirista; o José Marrocos, o intelectual. Quero tentar entender o Zé Marrocos, através do seu espólio, documentos que estou passando a Antônio Renato, redigidos pelo escrivão que foi fazer o levantamento do espólio do Zé Marrocos.

No arquivo do Padre Cícero, nos Salesianos, tive a oportunidade de lidar com tantos papéis escritos pelo Zé Marrocos que eu já era capaz de identificar os seus papéis no meio dos de outros que trabalham com uma escrita muito variada, muito irregular, e o José Marrocos tinha uma escrita firme. Esse homem público tinha várias fases. Não quero entrar com esquema de defender o Zé Marrocos ou acusá-lo. Tenho que fazer alguma abordagem ou alguma análise do homem José Marrocos como eu vi, porque eu vi José Marrocos, através dos livros que ele deixou copiados, dos depoimentos que foram dados sobre ele. Então, nesse José Marrocos, homem público, eu consideraria um jornalista que acabou de ser muito bem apresentado pelo professor Nascimento, o José Marrocos professor, que é também muito citado pelo professor Nascimento, e todo o mundo faz referência a ele, inclusive o Padre Azarias Sobreira cita muito a importância do José Marrocos, em diferentes depoimentos. Dona Amália Xavier falou-me de todos os colégios que ele foi criando, ao longo de sua vida: quando mudava de lugar, deixava algum diretor nesse colégio, deixava professores feitos, em Barbalha, Juazeiro e Crato. Ele foi, antes de tudo, um didata, um educador, na sua geração.

Além de professor, agiu como divulgador da história do Padre Ibiapina, como abolicionista, defensor do milagre em Juazeiro e, por último, na fase, antes de sua morte, um defensor da autonomia política de Juazeiro, o idealizador de Juazeiro como município autônomo. Bem, creio que me daria mais no José Marrocos abolicionista, com uma singularidade totalmente diferente da que temos tratado aqui o José Marrocos radical, extremamente diferente dessa prática que a gente conhece.

Na minha pesquisa, trabalhei em cima da pesquisa do professor Raimundo Girão: A abolição no Ceará, livro em que a gente encontra, pelo ditado nordestino: 'dize-me com quem andas, que eu te direi quem és', o José Marrocos, quando entrou no movimento abolicionista do Ceará. Começo a ver o José Marrocos muito pouco, esse homem quietinho, esse jornalista religioso; mas, para encontrar um homem capaz de uma ação, até de uma luta que ninguém imagina, fosse ele capaz, somente lendo a ata da sessão do dia 30 de Janeiro de

1881, do chamado grupo mais radical do abolicionismo cearense, que se reunia para eleger uma nova diretoria da sociedade libertadora, abolicionista, a Cearense Libertadora.

E esse grupo estava tendo uma cisão, dentro do movimento abolicionista do Ceará. Depois, escrevi um pequeno trabalho, lá no Rio, que chamei de 'Abolicionismo: teologias em debate num Ceará precursor'. Nessa luta, a gente já começa a ver um abolicionismo radical, que era ligado à Cearense Libertadora, e um abolicionismo mais comedido, que era o do centro abolicionista comandado pelo Barão de Stuart. Pois bem, o professor Raimundo Girão, no livro – não é nenhuma pesquisa minha – cita, nas páginas 9 e 96 das pesquisas dele, que, conforme reunião da diretoria desse grupo radical, eram 20 elementos do abolicionismo cearense, sendo o principal agitador João Cordeiro; cita que este proferiu o seguinte discurso, transcrito na ata dessa época: "Meus amigos, exige-se de cada um de nós o juramento sobre este punhal, para matar ou morrer, se for preciso pelo bem da abolição dos escravos. Vamos travar uma luta horrível com o governo, por isso está em tempo de se retirar aquele que for amigo do mesmo governo, ou dele dependente. Quem tiver coragem para tanto pode sair; quem quiser saia em tempo". E logo se retiravam alguns, cujos nomes, por conveniência, ocultamos do desprezo público. E juraram de punhal na mão: João Cordeiro, José do Amaral, Frederico Borges, Antônio Bezerra, Antônio Martins, José Teodorico, José Barros, José Marrocos e Isaac do Amaral. Alguém não tão quietinho, ele, posteriormente, se juntou a Rodolfo Teófilo. E foram chamados aqueles que professavam um abolicionismo sem guerra, os 10 libertadores. Estes se espalharam pelos municípios do Ceará e criaram a instituição de luta de libertação dos escravos, a Libertadora Cearense ou a Cearense Libertadora, em cujo estatuto, no artigo primeiro, lê-se: um por todos, e todos por um; e o parágrafo único: A sociedade libertará escravos, por todos os meios ao seu alcance. Sala de aço, 31-01-1881.

Então, esse José Marrocos e os demais, naquele momento, entram numa ação tão subversiva que passam a trabalhar com pseudônimos. E achei interessante que José Marrocos escolheu para pseudônimo: Ocona. Para quem estuda a história de guerras internacionais, essa família, esse grupo, esse nome Ocona é ligado a toda luta de libertação da Irlanda desde o Século XVI. Toda geração tem um Ocona dentro da guerrilha, e, hoje, dizem que, no Irã, ainda há um grupo de libertação da Irlanda contra a Inglaterra, como o nome Ocona. Eles sempre foram famosos por sua capacidade de guerra e de resistência. Não sei por que psicologicamente Zé Marrocos escolheu esse pseudônimo.

Continuemos com João Cordeiro, dizendo o que é esse grupo de que faz parte Zé Marrocos: "Queremos uma sociedade carbonária, sem ligação com o governo; que se ocupe

revolucionariamente da libertação dos escravos, por todos os meios ao alcance dos nossos recursos peculiares, na nossa inteligência e na nossa energia". E eles vão solidificar o grupo, o centro abolicionista do Barão de Stuart. E por não quererem se aventurar em lutas subversivas e atentar contra a constituição do Império, eles passam a trabalhar seu Jornal Libertador, cujo lema é: 'Ama o teu próximo como a ti mesmo'. Então, enfocando esse aspecto do grupo ao qual José Marrocos pertence como abolicionista, ele me dá a personalidade que aparece na luta contra a hierarquia católica. É um homem que já se revela, naquele momento, como alguém que não se curva ao poder e nem à hierarquia. Ele é muito manso, é muito rezador, mas isso é uma face da sua opção de vida, é uma face da sua opção de luta. Depois, eu gostaria de pensar um pouco sobre José Marrocos empirista, como é esse homem. Dona Amália Xavier, no dia 08 de fevereiro de 1973, quando a estou entrevistando, fala do Zé Marrocos como um homem alto, escuro e esbelto, de bigodes grandes, cabelos brancos, um homem reservado, que fala Francês, esse reservado José Marrocos. Ela diz muito da constituição daquela personalidade. Não estou falando psicologicamente, mas sociologicamente. Aquele homem é como um vulcão: num momento, está quieto e é um rezador; noutro momento ele é um carbonário, é um homem que enfrenta tudo dessa sociedade abolicionista. Eles fazem aquilo que hoje se chamaria treinamento de guerrilha. Esse grupo de João Cordeiro faz treinamento de como raptar escravos nas fazendas, faz treinamento de como ativar greve para impedir o pessoal de embarcar escravos no Ceará, e não é por acaso que esse grupo está reunido, na primeira greve do Ceará. Coloquei no artigo: O Ceará, precursor de greves, os primeiros pescadores, os primeiros vaqueiros que se revoltam, se recusam a transportar escravos do porto do Ceará. Ele está ligado a esse grupo carbonário mesmo. Eles aprendem técnicas de roubar escravos das fazendas; quando não conseguem juntar dinheiro para comprar escravos que estão sendo torturados, eles os raptam das fazendas. Interessante, eles não acham isso um roubo. Mais tarde, quando José Marrocos se apossa dos panos sagrados, ele não vê isso como um roubo; está dentro do seu esquema ideológico, está dentro da sua concepção de luta; é uma das estratégias, e a denúncia é a que soa fora, através da imprensa, é a que a sua inteligência deixa, e que a sua disposição dá, que a sua coragem permite.

Então, esse José Marrocos empirista é aquele homem que, dentro do Seminário, é o maior amigo do Padre Cícero. Estão sempre fazendo grandes discussões; é este homem empirista que é acusado de ser jansenista, que é acusado de fazer ciências ocultas, que é acusado de ser expulso de vários lugares, de ter sido expulso, por ter feito magia negra, e o Reitor do Seminário sabe disso. Existe em livro de que tenho cópia, está no Centro de

Psicologia das irmãs, a cópia do livro do Seminário, onde está a declaração de que ele é convidado a sair do Seminário, porque é filho ilegítimo de um padre com uma negra escrava. Ele tem o duplo crime de ser filho de um Padre e ainda ser filho de uma escrava. Se a gente pega um tipo de aproximação com o Sartre, nas análises que ele faz, com o método existencialista, quando ele analisa os autores franceses; se a gente pega a importância disso, na construção da vida do José Marrocos, a gente entende outra coisa impressionante no Zé Marrocos, o Zé Marrocos que sai daquele Seminário, ele não sai gritando nem denunciando a Igreja, mas sai um católico, luta pelo abolicionismo. Ele não se passa para o lado de branco que o expulsa, porém fica no lado da sua mãe, amante de um Padre, negra escrava, amante de um Padre. Ele dedica a sua vida a libertar o povo da sua raça – impressão abolicionista que a sua tribulação não destrói. Torna-se um celibatário, não casa. Ele sai do Seminário, e até seus detratores nunca mostra vinculação dele com mulheres. Parece que ele mantém o celibato, e ninguém testemunha, nem inflama que ele opta por uma vida sexual. Tem uma posição muito ao lado das mulheres. Toda sociedade libertadora dá apoio, então, às classes, e ele bota as mulheres no movimento de libertação, aqui em Juazeiro. Quando ele se faz diretor do teatro, trabalha com a beata que vem, por intermédio do Padre Ibiapina. Padre Cícero acolhe a Beata Isabel da Luz, e o Zé Marrocos faz junto com ela montagem de textos que são encenados aqui dentro de Juazeiro, inclusive o martírio de Santa Inês, um drama de Heródoto. Durante a Semana Santa, não é somente a nova Jerusalém que arrasta a multidão presente, José Marrocos também.

Então, ele não tem posição machista, pois anda com as mulheres, na luta abolicionista e no desenvolvimento cultural de Juazeiro. Ele é um homem de uma singularidade impressionante.

Eu gostaria de me referir também ao escriba. Além desses livros todos que encontrei nas mãos dos Salesianos, nos trabalhos dos Salesianos, Dona Amália Xavier sempre me declarou, várias vezes, e especificamente nesse dia 08, que o Zé Marrocos tinha escrito uma biografia do Padre Ibiapina. Dona Amália Xavier recebeu emprestado um caderno grosso, copiado do de Zé Marrocos, contendo a biografia do Padre Ibiapina e os documentos que estão transcritos na revista do Instituto do Ceará. Ela copiou os documentos e os devolveu, pois são da biblioteca do Padre Cícero e estavam em poder da esposa do Doutor Juvêncio. Depois, ela soube que esse caderno foi emprestado a Celso Gomes. Ela deu esta biografia ao padre Eduardo que, naquela época, morava em Recife e escreveu um capítulo para a revista eclesiástica. Posteriormente, a gente foi ver que o Zé Marrocos não registrou sozinho tudo o que ele podia, mas foi ajudado por pessoas que fizeram esse registro. Zé Marrocos também cultivou o hábito

de fazer os registros de todos os sermões. Era um verdadeiro Diácono. Ao tempo da minha pesquisa, foi-me dado um Diário que não tem assinatura, onde faltavam as cartas. Esse Diário teria sido escrito pelo secretário, Coronel José Lobo, famosíssimo Coronel José Lobo que, um dia, foi a Roma, levando todo o dinheiro do Padre Cícero.

A pessoa que me deu esse Diário deu-me o documento da Legião da Cruz, que é um documento de filiação. Está assinado pelo Coronel José Joaquim de Maria Lobo, para ser reconhecida a sua autenticidade. Os elementos escritos pelo mestre Pelúzio já estão sendo copiados, têm divulgação e etc.. Todo o inquérito foi copiado pelo Zé Marrocos, teve abrigo lá nas mãos dos Salesianos, e os livros são escritos em Latim, em Francês, Italiano e Português, em vários idiomas. Parece que ele adivinhava que viria gente de vários países estudar tudo isso, um dia.

E agora quero falar, também, desse homem empirista, proibido pela Igreja de falar. Ele lançou um livro e organizou um belíssimo arquivo documental, que foi a ponte para um Instituto Zé Marrocos. Acho que nada mais justo que o primeiro instituto criado em Juazeiro, oficialmente, pela URCA. O Reitor Teodoro teve a felicidade de acatar essa reivindicação dos jovens pesquisadores de Juazeiro, em apenas criar uma instituição para abrigar um arquivo já feito, iniciado pelo José Marrocos. Cabe a esse novo instituto analisar toda a documentação.

Fala de Padre Antenor — A Igreja, não vai proibir que nós — eu sou Padre Salesiano, Católico Apostólico Romano — divulguemos a história dos seus fatos, como colocamos em um cofre prata, ouro, cobre, qualquer outra coisa que seja. De modo que aí estão os documentos, e os senhores terão oportunidades de revê-los, estudá-los e fazer o que deles quiserem. (palmas)

Renato Casimiro — Antenor, não é de hoje que eu e algumas pessoas da minha geração tivemos a preocupação de encerrar esses trabalhos. É chegada a oportunidade de lhe prestarmos uma homenagem sincera, pelo que você inaugurou, inovando muito o pensamento da própria ordem, em relação a esse documentário que está tão próximo, ao mesmo tempo tão longe. Recebi várias cartas da Universidade de Colúmbia, pedindo informações (...). É pra mim uma grande contradição escrever a Ralph Della Cava: mande os documentos. Preciso de você com a sua sensibilidade para encerrar esses trabalhos; hoje nada está escondido e temos que, mais e mais, nos esforçar para reunir o máximo de informações (...). O povo que não conhece o seu passado é um povo que está condenado ao retiro. Juazeiro passou pela beata, passou pelos jagunços, passou pelos filhos da Mãe de Deus e passa, hoje, por bênçãos e contradições, e luta, todo dia, pelo seu espaço, pelo seu desenvolvimento.

JOSÉ MARROCOS: O PROPAGADOR DO MILAGRE DE JUAZEIRO

F.S. Nascimento

Para quem nunca leu ou ouviu falar sobre José Joaquim Teles Marrocos vai aqui uma breve notícia biográfica. Nascido na cidade de Crato, a 26 de novembro de 1842, foram seus genitores o Padre João Marrocos Teles e sua criada parda, Maria da Conceição. Recebeu o ensino primário na escola do seu pai e no educandário do professor Rufino de Alcântara Montezuma, prosseguindo os estudos no famoso colégio do padre Inácio de Souza Rolim, em Cajazeiras, Paraíba. Cumprida essa fase preparatória, foi encaminhado para Fortaleza, ingressando no Seminário da Praínha. Em todas essas etapas de vida estudantil, foi seu colega o primo, em terceiro grau, Cícero Romão Batista.

Versão anacrônica

Em seu polêmico e vigoroso estudo Em defesa de um abolicionista, afirmou o padre Azarias Sobreira que, “deixando a carreira eclesiástica, quase às vésperas do presbiterato”, José Marrocos “rumou para o Rio e logo entrou a militar na imprensa, com o ardor de um cruzado, ombro a ombro com José do Patrocínio e Joaquim Nabuco, empolgado pelo ideal abolicionista”. Configurava-se aí um anacronismo. José Marrocos interrompia os estudos, no Seminário da Praínha, em 1868, (Cf. Otacílio Anselmo, PADRE CÍCERO – Mito e Realidade, p. 35), já se encontrando em Crato, nesse mesmo ano. E, por essa época, o que faziam José do Patrocínio e Joaquim Nabuco? Em seu Dicionário Literário Brasileiro (Edições Saraiva, 1969), Raimundo de Menezes responderia:

Nascido em Campos dos Goitacazes, em 1853, José do Patrocínio transferia-se para o Rio de Janeiro, em 1868, demorando-se a ingressar no jornalismo guanabarrino, no qual estreava, em 1877, ano da publicação do seu romance Mota Coqueiro. Somente a 3 de agosto de 1880, no Teatro São Luís, subiria à tribuna, pela primeira vez, dando início à campanha abolicionista. Quanto a Joaquim Nabuco, em 1867-1868, era aluno da Faculdade de Direito de São Paulo. No ano seguinte, retornava à sua terra, bacharelando-se, em 1870, pela Faculdade de Direito de Recife. Diplomata no exterior, desde 1876, de volta ao Brasil era eleito deputado geral pela província, em 1878, quando iniciaria seu trabalho pela abolição da escravidão, ao lado de José do Patrocínio, Joaquim Serra e outros.

Vocação publicitária

Portanto, longe do Rio de Janeiro se achava o ex-seminarista, em fins dos anos 60. A prova disso é que, sob os auspícios do Padre José Antônio de Maria Ibiapina e a direção do professor e jornalista José Marrocos, aos 5 de dezembro de 1868, começava a circular, na cidade de Crato, o periódico dominical A Voz da Religião do Cariri. A seção "diversificada" era aberta com a notícia da inauguração solene, no dia 1º de novembro daquele ano, do Internato do Coração de Maria, graças à iniciativa do Revmº Padre e notável educador paraibano Inácio de Souza Rolim. Ficava aí esboçada a vocação do publicitário, atento aos fatos mais significativos de sua região.

Frutos da competência

O jornalismo e o magistério passariam a ser um binômio contínuo na existência desse grande caririense. O Padre-mestre Inácio de Souza Rolim sabia de sua competência administrativa e de sua prodigiosa erudição, e daí a confiança que lhe depositava, ao declarar: "Quanto a mim, confesso que já me reconheço cansado e incapaz de representar o importante e prestimoso papel de educador da mocidade, e me achando vacilante à frente da empresa, eis que felizmente se oferece o Sr. José Joaquim Teles Marrocos disposto para suportar a onerosa tarefa de dirigir o Colégio Cratense, ou Internato do Coração de Maria...Ele dará as providências necessárias e relativas ao ensino e administração do internato".

Apologia da caridade

A religiosidade do homem cingia-se à linguagem exuberante do repórter, disso resultando um discurso rico de combinações verbais. Era com esse estilo que José Marrocos noticiava a inauguração da Casa de Caridade de Crato, em A voz da Religião no Cariri, edição de 14.03.1869:

"A Pátria e a religião acabam de ter um destes dias de glória, que abrem uma página dourada na história e fazem época nos anais da vida. Domingo, 7 do corrente, teve lugar o ato pomposo e brilhante da instalação da Santa Casa de Caridade, nesta cidade. A importância desta festividade inaugural, a majestade augusta das cerimônias religiosas, a simpatia fascinadora do Venerável Padre Ibiapina atraíram à solenidade um concurso extraordinário, imenso e quase inumerável. As pompas alegres e festivas do ato, as

demonstrações entusiásticas e ovantes do povo, as galas inteiramente novas e belas de que se revestiram esta solenidade são outras tantas epopéias ricas e magníficas que fizeram do 7 de março um dia de glória para a religião e de felicidade para a Pátria”.

Sonho da igualdade

Sem jamais lamentar a sua condição étnica, e construindo de sonhos o princípio mais alto de sua filosofia de igualdade humana, era ungido pelo anseio de conagração universal que José Marrocos descrevia este “Jantar dos Pobres: servido após a inauguração da Casa de Caridade, se estenderam 3 mesas de 110 palmos cada uma, e por 3 vezes foram cheias de todas as qualidades de manjares bem preparados e deliciosos. Os cavalheiros mais grados e distintos do lugar serviram às mesas e liberaram aos mendigos, aos infelizes e aos pobres todas as atenções que se têm para com as altas sociedades. Houve muita abundância, grande pompa e muito entusiasmo nesta esplêndida festa que realizou, em certo modo, o belo sonho da igualdade humana”.

A Fonte Miraculosa

De um fenômeno natural — a cura por aquífero subterrâneo, enriquecido de elementos químicomedicamentosos — José Marrocos faria a primeira tentativa de uma eclosão demográfica dirigida para um dos mais belos recantos do Vale do Cariri. Dessa feita, seu estilo descia à compreensão da massa, estimulando as esperanças daqueles filhos do sertão impossibilitados de acesso aos bens da medicina. O publicitário buscava alcançar as camadas populares, utilizando-se desse instrumental da veemência”:

“Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Sim, louvemo-lo, por tantas e tão grandes maravilhas que tem liberalizado às águas do Caldas, em benefício dos pobres e dos infelizes. Os milagres ainda não cessaram, porque o espírito de fé não se arrefeceu em todos que, desenganados dos recursos humanos, procuram o remédio de seus sofrimentos na bondade e na misericórdias de Deus. Em testemunho desta verdade, aqui consignamos à história os fatos que tiveram lugar, nestes últimos dias.

Teodora Maria da Conceição, mulher de Manuel Joaquim de Oliveira, moradora do Sítio Coité, termo de Barbalha, sofria, há 3 meses, de um cancro no peito. A enfermidade progredia cada vez mais e já se achava em estado de abundante supuração. A pobre padecente

tomou todos os remédios que lhe foram aplicados por diversos curiosos e, nunca obtendo melhora, resolveu-se a tomar banhos no Caldas e ficou perfeitamente boa.

Benedita, mulher de José de Pinto, moradora no Sossego, sofria, há 3 meses, de vômitos, diarreia e febre contínua. Impossibilitada de ir ao Caldas, mandou vir de suas águas e ficou imediatamente livre de todos os incômodos de sua moléstia.

José Gomes dos Santos, mulato de 43 anos de idade, morador em Boa Esperança, que demora perto dos limites do Ceará com a Paraíba do Norte, padecia, há 3 anos, de uma erisipela na cabeça e de dores cruéis de reumatismo, que privavam o braço direito de todo e qualquer movimento. Hoje, está perfeitamente bom, graças às águas miraculosas”.

A velha e o milagre

Procedeu tendenciosamente quem, baseado na mesma informação publicada em A voz da Religião no Cariri, vislumbrou nas suas entrelinhas qualquer interveniência milagreira do padre José Antônio de Maria Ibiapina, nas curas obtidas com a água do Caldas. Tal interferência extraordinária não foi insinuada por José Marrocos, e sim pelo gramático e geógrafo cratense João Gonçalves Dias Sobreira, num artigo publicado na imprensa de Fortaleza, a 15 de maio de 1891, sob o título de “Fundação de Caldas”, e reproduzido na Revista do Instituto do Ceará, tomo LV, 1941.

Segundo o mencionado divinizador de Ibiapina, por aconselhamento desse “santo padre”, uma velha “que sofria de incurável moléstia exterior” alcançara a cura, pelos banhos cálidos no Caldas. E completava o informante que, ao vê-la sarada, “todos aqueles que conheciam a velha ficaram maravilhados desse tão grande prodígio, e a notícia dele se estendeu rapidamente aos quatro ângulos da cidade, de todo o Cariri, do Ceará, do Brasil”.

O estilo e o sonho

Mais uma vez ausente desse cenário de aptidões miraculosas, se efetivamente demorara no Rio de Janeiro, no último quartel dos anos 70, em fins de 1880, José Marrocos já se achava em Fortaleza, situando-se entre os fundadores da Sociedade Cearense Libertadora.

Sob o comando redatorial de Antônio Bezerra de Menezes e Antônio Dias Martins, então poetas e sem formação escolar, e do erudito professor cratense, a 1º de janeiro de 1881, começava a ser editado ao libertador. Confirmado pelo seu conterrâneo e ex-

discípulo José Carvalho, da pena de José Marrocos saia o editorial com esse estilo impregnado de sonho:

“Em vista da atitude majestosa que haveis tomado na festa que ontem teve lugar no Passeio Público, para extirpar do solo cearense a nódoa da escravidão, é-nos lisonjeiro pensar que, em futuro próximo, cantaremos, de um extremo a outro da província, o hino da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Animados do mesmo pensamento, estimulados do mesmo empenho, não longe está o dia em que ufanos possamos dizer: a terra das carnaubeiras, fadada para grandes cometimentos, não tem mais um escravo em seu seio!

A liberdade conciliará todos os seus filhos sob a mesma bandeira. Empenhadas na idéia do engrandecimento da terra querida, as artes, as letras, a indústria, a lavoura e a agricultura desenvolver-se-ão, nascidas e animadas ao bafejo livre das instituições. Seremos grandes perante as nações cultas, porque somos livres. A justiça, o direito não encontrarão mais tropeços na execução de suas sentenças, porque somos iguais. Terminarão os privilégios, os preconceitos que, muitas vezes, amesquinham as prerrogativas dos pequenos, em favor dos grandes, porque somos irmãos. Seremos, enfim, um povo grande com a consciência da própria grandeza”.

Colégio Ibiapina

Com a aprovação da Lei n.º 2.035, de 19 de outubro de 1883, e sua promulgação, em praça pública, a 25 de março de 1884, chegava ao fim a mais bela, romântica e comovedora epopéia da história da emancipação dos escravos no Brasil. E, concluída a sua intrépida participação no movimento abolicionista cearense, José Marrocos tomava novamente o destino da terra-mater, reencetando suas atividades educativas como dirigente e professor do Colégio Cratense que, em setembro de 1887, teria a sua denominação mudada para Colégio Venerável Ibiapina. Em O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará, José Carvalho afirmava ter sido aluno interno desse educandário, enfatizando que, através dessa casa de ensino, José Marrocos prestara “relevantíssimos serviços à instrução de sua terra”, concluindo: “A República veio encontrá-lo neste posto. Fui seu discípulo, admirador e amigo.

Romaria Vicentina

Seguindo caminhos paralelos, ao mesmo tempo em que José Marrocos transferia aos moços a centelha do seu idealismo e seletos fragmentos de sua fortuna cultural, o padre

Cícero Romão Batista iniciava a sua predestinada ascensão messiânica. O intercâmbio social e religioso praticado pela sede política em seu principal distrito, já se mostrava bastante intenso. Por conta desse relacionamento, atribuir-se-ia aos cratenses uma das primeiras romarias à localidade espiritualmente assistida pelo padre Cícero. Documentando o fato, Vanguarda, de 14-07-1887, noticiava:

“Efetuou-se na sexta-feira 17 de junho, uma romaria das Conferências de S. Vicente de Paulo desta cidade a Juazeiro, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Partiram os confrades do adro da matriz, às 3 horas da madrugada, chegando àquela povoação, às 7 horas do dia, onde foram recebidos, perto da povoação, pelo Revmº Padre Cícero, em companhia de mais de cem confrades. Houve absolvição, indulgências e comunhão, missa e bênção do S. Sacramento. O padre Cícero fez uma alocução brilhante, e o presidente do Conselho Particular falou aos confrades em abono do ato, recebendo todos uma medalha comemorativa”.

A Senhora das Dores

Meses depois, ficava comprovado que não eram apenas os vicentinos que se dispunham a sair em romaria a Juazeiro. A elite da sede paroquial do Cariri também se revelaria inclinada a esse tipo de peregrinação circunstancial, carregando para o mesmo cenário a massa contrerrânea. Mostrando-se bem inteirada das ocorrências da época, Vanguarda, de 15-09-1887, registrava nova caminhada religiosa dos cratenses à vizinha Meca em construção, divulgando:

“No próximo domingo, celebrar-se-á, na risonha povoação de Juazeiro, a festa solene da Senhora das Dores, padroeira da localidade. O ato começará pela bênção litúrgica da veneranda imagem, missa cantada de 3 sacerdotes e terminará pela procissão, à tarde. São paraninfos da solenidade todos os cavalheiros distintos de nossa sociedade e suas exmas. senhoras. A julgar pelo número dos convidados para a grande festividade, é de presumir que a nossa cidade ficará quase deserta para levar o melhor contingente de sua população ao teatro do religioso festival”.

A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DO MILAGRE EM JUAZEIRO

Rosemberg Cariry Nação Cariry

Não me coloco neste simpósio como um acadêmico; trago aqui o pensamento sistematizado. Eu me coloco mais como um artista, um profissional, que vem buscar na história, na antropologia e na sociologia e principalmente na vivência com o povo romeiro e com o povo do Cariri, subsídios para uma maior atuação da sua arte. A preocupação com alguns aspectos de Juazeiro do Norte, ficou assim bastante marcada, em alguns trabalhos meus, um deles é o filme documentário sobre o Caldeirão, que resgata, de certa forma, a memória comutativo-visual, e sobre a luta do povo do Caldeirão, um trabalho de cinco anos, com a colaboração de muitas pessoas, de alguns estudiosos do Ceará e de outros Estados também, sobre Juazeiro e principalmente a questão da beata Maria de Araújo. Considero este simpósio de uma coragem única, por voltar a tocar num tema que, durante um certo tempo, foi considerado maldito e herético.

De certa forma, estou com um projeto de realização de um novo filme, chamado Padre Cícero e o povo de Juazeiro, um filme que resgata a memória do Padre Cícero e a história da construção de Juazeiro do Norte e a sua utopia, a partir da perspectiva do imaginário popular, com as suas festas, seus folguedos, e da sua contradição, visto, de forma mundial, o fenômeno da Beata Maria de Araújo. Eu gostaria de dizer o seguinte: Faço uma abordagem no filme, não a partir da discussão teológica sobre o milagre, um embuste. Vou começar a partir do fenômeno em si, ou seja, alguma coisa extraordinária aconteceu, no povo do Cariri e no povo do Nordeste, um povo sofrido e humilhado. O milagre da hóstia chega num momento exato, num contexto histórico, determinado. O acontecimento desse milagre, como se deu em outros tempos, gerou repercussão relativa à Beata Maria de Araújo. Acho que o que aconteceu com o milagre de Juazeiro foram as coisas mais subversivas da história da religiosidade popular do Nordeste.

Nós tivemos, no Século XIX, uma Igreja hierarquizada, aliada dos senhores feudais, dos senhores de engenho, dos latifundiários. Era uma coisa profundamente estruturada e opressora, uma ideologia de formação, em que os próprios bispos eram os príncipes da Igreja, e essa Igreja, os Padres dessa Igreja eram os mensageiros de Deus, no mundo. Ora, acho que, do ponto de vista simbólico, ou do ponto de vista da compreensão popular, a partir do momento que Deus, sob a perspectiva popular, resolveu se manifestar na terra pela boca de uma Beata, uma humilde lavadeira, alguma coisa de muito grave estava acontecendo, porque Deus não queria mais os intermediários entre Ele e o povo.

Então, o povo pôde elaborar o que chamo de projeto, que é o grande projeto, o utópico de Juazeiro do Norte, o projeto da Nova Jerusalém, um projeto que já vem enraigado, por séculos, também na própria formação do povo nordestino; já vem dos índios Cariris, já vem dos índios Tapuias, já vem de muitas outras histórias, mas nós voltaremos a este assunto, inclusive para mostrar como Antônio Conselheiro bebeu o mito das águas, quando falava que o sertão iria virar mar, exatamente aqui no Cariri, com a lenda da pedra da Batateira, que é uma lenda índia, uma lenda tapuia. Então, o que acontece é que o povo todo vem a Juazeiro e se une para a construção de um novo Projeto de uma sociedade diferenciada, de uma sociedade de inovações. (Corte)

(LOCAL RESERVADO AO TÍTULO DO TEXTO)

Renato Dantas

Ações e vivência nesse caldeirão de vivência é Juazeiro e seu movimento. Eu via muitos textos de teatro de autores consagrados, que mostravam a coisa pelo lado grotesco, hilariante, folclorizando aquilo de que eu fazia parte, que eu vivia, que via, mas isto não é folclore; isto é vida, é modo de viver, é modo de ver as coisas. Procurei ir fundo na medida das minhas limitações e notei que a dramaturgia no Brasil, em relação à religiosidade popular, em se tratando de Juazeiro e de agrupamentos similares, tinha dado sempre essa visão de uma cultura atrasada, de gente sem cura, porque havia um baseamento. Os parâmetros da medida desta cultura eram os parâmetros das classes dominantes, da intelectualidade. E foi levando a gente a pensar que realmente estaria errado aquilo que se passava em Juazeiro.

Então eu fui vendo, por exemplo, um livro de Dias "O Boi Santo", que foi um texto de teatro transformado em mini-série, há pouco tempo, pela televisão. Ele mostra uma característica, a do beato Mateus, que seria o similar de José Lourenço, um arcabouço que a gente poderia dizer maldoso, pré-conceituoso. Ele fala da construção psicológica do personagem, como deve ser a construção psicológica desse personagem. Vejam vocês, é um negro de meia idade, que tem o porte, o olhar e arrogância dos beatos, quebrada, de vez em quando, pela humildade apática de sua raça.

Se a gente analisar isso, depende dessa indicação, a gente pode verificar uma série de coisas, como, por exemplo, o racismo puro e cru da humildade apática da raça negra que ele coloca.

Ele coloca também o olhar de arrogância dos beatos. É fato notório que o olhar dos beatos, pelo menos no que se passa nas suas ações, é justamente o contrário. Existe a arrogância daquilo em que ele acredita, mas não arrogância imposta, como a gente nota na configuração de um bispo de uma igreja. Se os senhores prestarem atenção no cartaz do Seminário, vão perceber a dicotomia de posicionamento das fotografias lá existentes, como Dom Joaquim aparece com uma imagem plástica de um final. Então isso foi me levando a querer ver mais ainda, e eu conheci, há pouco tempo, a beata Maria do Egito, de Raquel de Queiroz. E ela me deu uma baita força, dizendo de nossa cultura, dando aos personagens, realmente, aquilo que eu estava acostumado a ver: os conflitos e os valores, que antes era acreditados, os valores que eram passados, fazer parte da vida do personagem. Ela mostra bem claro (...) Não é à toa que, quando a beata Maria do Egito vai ser presa, o tenente manda

que o cabo prenda a beata. Ele fica atônico, em conflito: eu faço? Eu não faço? Está certo? Está errado? A ponto que, após prendê-la, ele diz: 'mas não mando, sou mandado.'

Em uma concepção dialética no tratamento psicológico dos personagens, Oswald Barroso, em a "Irmandade da Santa Cruz do Deserto", resgata a utopia, a religiosidade praticada nesses tipos de agrupamentos místicos: aqui e agora, tem que se viver melhor já; o céu é a meta, porém, enquanto não chega, melhor se deve viver.

Então, é aquilo, o céu é a terra, mas tem que viver agora, eu preciso viver agora, eu preciso melhorar agora. E esse é o tratamento que Oswald dá aos seus personagens da Irmandade da Santa Cruz do Deserto.

Andei me questionando, também, ao tentar fazer uns textos do diário que eu fiz da chegada do Padre Cícero ao céu e, depois, transformei em cordel, em que transfiro a realidade nordestina para o plano dito superior, que seriam os céus. O padre Cícero morre e vai para o céu. E tento reproduzir toda a situação que existe no Nordeste, só que com o aparato de céu.

Então, a gente faz a divisão dos dois Brasis: o Brasil de cima e o Brasil de baixo, a região geográfica onde a cultura basicamente é quem determina esta função. E o céu do Sul seria o trono da Corte Celeste, da Igreja Católica Apostólica Romana. E o Nordeste, que seria o outro céu, afiliado ao céu, seria o local das almas penadas. E o padre Cícero lá chega nesse contexto, e eu jogo o padre, praticamente, para escanteio dentro do texto e deixo que as pessoas, os outros personagens construam a história. Eu pego São Jorge, o santo casado dentro da Igreja Católica, mas convive com o povo. Não sei até que ponto a cassação tenha tirado ou não os poderes do santo, mas eu jogo o santo pra descer ao inferno, ele pega elevador no céu e desce para o inferno e vai atrás de Lampião, que está no inferno. Seria essa junção de pensamentos, toda a inter-relação com o caso do meu São Jorge e do meu Lampião que, por sinal, não está no inferno não. Ele está roçando numa terrinha chamada Deusdará, dando trabalho aos macacos. E quem atende a São Jorge é o beato Forró Bodó, que é o porteiro do inferno.

Os textos aqui são de alguns juazeirenses; também foram feitos, muitos deles, em termo de classificados. Queremos, justamente, nos posicionar com relação a essa história, recontar essa história, contar uma história de uma maneira e a gente vê de outra, como é o caso de José Anastácio, que fez padre Cícero imortal; Francisco Feitosa de Anchieta, que fez padre Cícero meditando no sertão. Outros textos também são feitos nas escolas. Fico feliz, porque parece que, quando a gente começa a fazer esses textozinhos de escola, brincando de fazer teatro, a gente está buscando a identidade cultural da gente, e, se está acontecendo, é de grande valia para esta cidade.

Vários textos fazem parte desta dramaturgia. Eu queria apenas ler aqui os nomes para que vocês fiquem cientes disto e procurem ver dentro desta dramaturgia: O Boi Santo, de Dias Gomes; O padre e o povo, de Valter Muniz; A chegada do Padre Cícero ao Céu; Juazeiro; O Padre Cícero e o Nordeste; (estes dois são textos nossos); O show dos penitentes, de Chico Pereira da Silva; A beata Maria do Egito, de Raquel de Queiroz; Cícero Levita do Sertão, de Francisco Feitosa e Anchieta Carlos; Padre Cícero o Imortal, de José de Anastácio; O Reino da Luminária e a Igualdade da Santa Cruz do Deserto, de Oswald Barroso; O morto morto de Eduardo Campos; A chegada de Lampião ao inferno, de Jairo Lima; e a notícia de que Macelo Lopes está preparando um texto. (corte).

A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DO MILAGRE DE JUAZEIRO, ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL

Martine Kunz

A temática religiosa é das mais importantes, na literatura de cordel. Poucos folhetos deixam entrever algum sinal de anticlericalismo, inúmeros folhetos abordam unicamente assuntos religiosos; enfim, todos os folhetos têm traços evidentes de uma moral católica. É muito comum o poeta iniciar o folheto com uma louvação a Deus, a Jesus ou à Virgem Maria:

"Grande Deus enriquecei
Minha nova inspiração,
Ai dos poetas se não fosse
Vossa excelsa proteção.
Hoje, ó Deus, irei falar,
Daquele que soube amar:
Padre Cícero Romão"¹

O sentimento religioso expresso no conjunto dos folhetos populares, aparece como uma modalidade de reação do povo contra a tirania econômica, social e política das classes dominantes:

"Vendo passar sem chover
o dia de São José
formava-se a romaria
de gente marchando a pé
porque era o sofrimento
quem alimentava a fê"².

A religião do povo é adaptada às suas próprias concepções de vida, às suas necessidades. O povo não se preocupa com saber se está dentro dos moldes oficiais ou não. Ele quer expressar sua fé, de acordo com sua interpretação global do mundo. O povo, desesperadamente esperançoso, mergulhado num universo injusto que fecha qualquer via de afirmação de sua autonomia, vai pegar nas armas de que dispõe para expressar sua cosmovisão, seu sentimento do mundo.

¹ BARROS, Homero do Rego. *A gloriosa vida do Pe. Cícero*.

² SILVA, Gonçalo Ferreira da. *O Evangelho Primeiro do padre Cícero Romão*.

Quem melhor do que o poeta popular poderia falar, por exemplo, acerca dos chamados "fatos de Juazeiro"? O poeta popular, nordestino, artista, historiador, leigo, romeiro, devoto ou simples simpatizante do Padre Cícero recebeu de Deus o dom de versar a alma do seu povo. Portanto, ninguém mais indicado do que ele, certamente, para falar do Patriarca de Juazeiro e do famoso milagre.

De certo modo, para o povo ameaçado na expressão da sua religião, a literatura de cordel pode parecer uma bandeira de resistência. Seja pela escolha dos temas apresentados, ou pela ausência de fatos silenciados, o poeta popular vai traduzir em versos o conflito entre a religiosidade popular e a religião oficial da Igreja dominante, decorrente dos acontecimentos de Juazeiro, em 1889. Por mais superficial que seja, um simples confronto de dois textos, referindo-se ao milagre, mas oriundos de duas fontes diferentes, dar-nos-á uma primeira idéia da distância entre as interpretações dadas ao fato:

"Os Eminentísimos e Reverendíssimos Padres da Santa Igreja Romana, Cardeais Inquisidores Gerais, pronunciaram, responderam e estatuíram o seguinte: que os pretensos milagres e quejandas coisas sobrenaturais que se divulgam de Maria de Araújo são prodígios vãos e supersticiosos e implicam gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia; por isso o Juízo Apostólico os reprova, e todos devem reprová-los, e como reprovados e condenados cumprem ser havidos".

Trata-se do veredito da Sagrada Inquisição Romana universal, tornado público, no último dia de julho de 1894. O tribunal eclesiástico lança mão de superlativos louvadores e de maiúsculas idealizadoras para designar seus integrantes. O tom é imperioso, autoritário, deixando claro aos destinatários da mensagem que a decisão é irrevogável. O vigor do discurso não visa à adesão, mas à obediência dos inferiores hierárquicos e da comunidade envolvida no fato.

No seu folheto Verdades Incontestáveis ou A voz dos Romeiros, escrito a pedido dos romeiros, como faz questão de ressaltar o autor Expedito Sebastião da Silva, o poeta evoca o milagre, na intenção de rebater as acusações contra o Padre Cícero, acusações feitas pelo padre Gomes de Araújo, no livro Apostolado do Embuste (Ed. Itaytera, 1956). Com a voz o poeta:

"Pe. Gomes perdoai
a minha rude expressão
sou matuto e o senhor
homem de grande instrução
cada um demonstra o que tem
no íntimo do coração"

Vem a seguir a descrição do milagre:

"Pois saiba que apareceu
Na hora que comungava,
Maria de Araújo
A hóstia se transformava
Em sangue na boca dela
Que a capela incensava.

Vieram vários doutores
para o fato averiguar,
fizeram vários exames
queriam certificar
mas na boca da beata
nada puderam encontrar.

O seu sistema bucal
Era normal e perfeito,
sem uma cárie sequer
sem ter nos dentes um defeito
mas sempre na comunhão,
dando-se do mesmo jeito".

As advertências ao Pe. Gomes e, através dele, aos sacerdotes descrentes e máslínguas:

"Não fale mal da memória
de uma santa beata
com falsas acusações
lhe peço não a combata
ela não lhe ofendeu
porque é que a maltrata?

...

Pe. Gomes me perdoai
eu só disse o necessário
Deus me livre de falar
E maltratar um vigário
A vingança dos romeiros
É só rezar o rosário".

A linguagem tem a espontaneidade de um bate-papo direto e sem ardeios. Os ofendidos, que falam através do poeta, fazem-no com firmeza de tom, mas sem se desfazer de um certo respeito e humildade, frente ao representante da hierarquia eclesiástica. Longe da linguagem desencarnada do veredicto de 1894 e preocupado com a verossimilhança da sua descrição, o poeta consagra uma estrofe à saúde bucal da beata. A simplicidade do registro lexical contrasta com a arrogância e a soberba do primeiro texto. Embora digam respeito ao mesmo fato, as duas comunicações apresentam feições estilísticas que traduzem intenções opostas. De fato, o abismo não é só lingüístico, mas também psicológico e social.

Como vimos, nesse primeiro folheto, o poeta relata os fatos de Juazeiro, de maneira concreta, e ergue-se como o advogado de defesa da beata. O fato merece ser registrado, já que o milagre é tão raramente evocado na literatura de cordel.

Como explicar que o milagre, que será a pedra fundamental do movimento religioso popular de Juazeiro, aparece tão pouco na literatura popular em verso? O aspecto espetacular do milagre e a sua repercussão deveriam ser um "prato feito" para os poetas populares, ilusionistas do cotidiano, grandes amadores do sobrenatural, homens de fé e, muitas vezes, homens de negócios, atentos aos pedidos do seu público-freguês e do mercado editorial.

Por outro, a literatura de cordel impressa surge, no fim do século XIX, no Nordeste. Embora o papel dos folhetos fosse de péssima qualidade para enfrentar os anos, se tivesse havido uma produção proporcional à repercussão do assunto, alguns exemplares certamente teriam chegado até nós.

De várias listas de títulos sobre Padre Cícero pouquíssimos folhetos referem-se, de maneira explícita, ao milagre, e quase nenhum título cita o nome da beata Maria de Araújo, (a beata que, embora leiga, pobre e mulher, teve tanto peso com o Papa e foi tida como santa pelo povo) no conjunto de folhetos que consultamos para o presente estudo (uns 90 folhetos, escritos grosso modo, nos últimos cinquenta anos); encontramos referências ao milagre, mas sem que os fatos de Juazeiro tenham jamais o destaque esperado.

Por que será que o acontecimento em questão e a euforia espiritual dele decorrente não despertaram a verve dos poetas populares?

Por certo, uma das razões principais teria sido o medo da repressão. Caberia lembrar, aqui, as proscritões impostas pela Igreja Romana, em 1894, e particularmente os artigos 3 e 4 da Carta Pastoral de Dom Joaquim.

Artigo 3: - "Todos os documentos escritos e impressos que tenham por fim defender as pessoas e os fatos citados, assim como as medalhas e fotografias devem ser recolhidos e queimados".

Artigo 4: - "Os padres e leigos que falarem ou escreverem em defesa dos pretensos milagres incorrerão nas penas, respectivamente, de suspensão de ordens e privação dos sacramentos".

Nessa altura, o Pe. Cícero, considerado impostor e agitador, já tinha visto decretada a sua suspensão de ordens (ocorrida em 1892).

O plano das autoridades eclesiásticas era de silenciar Juazeiro, a qualquer custo. Consciente de sua força comunicativa, no meio do povo, e preferindo evitar um tema tão polêmico, o poeta opta certamente pela prática da auto-censura. Pode ser também que folhetos

anônimos ou não, tratando do assunto, tenham sido pura e simplesmente apreendidos e retirados do mercado. Além do mais, a repressão violenta, dirigida contra Canudos, em 1897, e mais tarde contra Caldeirão, em 1936, não deve ter encorajado o desabrochar da liberdade de expressão dos porta-vozes do povo (das mesmas listas citadas acima, registramos apenas 3 títulos sobre Canudos e 2 sobre Caldeirão).

Um século depois, as ameaças e as condenações pertencem ao passado, mas os resquícios desse clima de proibição alimentaram, por certo, uma tradição do silêncio em relação ao assunto, no meio dos poetas populares. Assim, quando ele vai relatar os fatos de Juazeiro, embora já se sinta mais à vontade com os fatos já longínquos, o poeta popular faz questão de registrar a data, a hora, o lugar, conferindo assim ao milagre a verdade do relato histórico:

"A 6 de março de 89
foi grande a confusão
a beata Maria de Araújo
na hora da comunhão
a hóstia em sua boca
ficou em transformação.

A hóstia virou em sangue
chamou o povo atenção
ensanguentou uma toalha
no meio da multidão
quando ela comungava
com padre Cícero Romão".³

É o sangue que importa, presença visível e palpável do Salvador. O poeta popular pode eventualmente prosseguir, dando o histórico das peripécias do padre Cícero, no confronto com a cúpula eclesiástica, mas ele não se detém nem comenta as questões em torno das quais se debatiam os representantes da igreja dominante. O poeta popular, nesse caso, demonstra indiferença aos dogmas e às sutilezas dos especialistas em teologia. Numa preocupação de objetividade jornalística e se precavendo contra qualquer acusação de proselitismo, ele não se pronuncia pessoalmente em relação aos fatos, mas, por outro lado, não os põe em dúvida, não questiona a ortodoxia da crença, na virtude da doutrina eclesiástica oficial. Não se pode falar do milagre da beata. Os poetas populares vão relatar mil outros milagres do padrinho, sem se preocupar com a averiguação deles. Os milagres do Padre Cícero em vida e post mortem vão ser a válvula de escape do poeta. Ele vai assim dar vazão a sua imaginação, expressar sua fé com maior liberdade, escapando, desse modo, ao controle e à censura da hierarquia eclesiástica. O poeta se apossa do Padre Cícero, vai fazê-lo santo e

³ MOURA, Raimundo Bezerra de. *Nascimento, vida e morte do padre Cícero Romão Batista*. 1985.

Papa, para o consolo do povo ainda à espera de seu salvador e sedento de milagres. E não se trata apenas de soltar a criatividade, mas também de encontrar outra saída para manifestar sua veneração ao Patriarca, "discípulo de Jesus". Ralph Della Cava lembra, no seu livro,⁴ que, quando Dom Joaquim colocou o povoado sob interdito parcial, em dezembro de 1893, impondo à população rituais, em virtude de suas crenças não ortodoxas, "o povo logo encontrou outras práticas para manifestar sua lealdade. Enfeitava as casas com retratos do Padre Cícero e da Maria de Araújo, que eram tidos e estimados como novos santos, os descobridores de novos mistérios".

O poeta não age diferentemente, sai por uma porta e entra pela outra. A um milagre contestado, aniquilado, silenciado, ele vai responder por uma pletora de milagres; a um padre humilhado, caridoso, devoto, mas feito vítima injustiçada e humilhada vai substituir um "Soldado de Cristo", um "anjo de bondade", "pastor divino" e "grande conselheiro". O primeiro milagre foi considerado transgressão, desafio, heresia. O que fazer, agora, dessa exuberância de milagres, verdadeiros ou não, pouco importa, que irrompem no mundo como afirmação de independência e rebeldia? O Padre Cícero é o ente "milagroso" por excelência, o taumaturgo incansável da literatura de cordel. Vamos aos fatos:

Tudo começou lá em cima, com a aflição de Maria perante o pecado que assolava o País. Para o maior susto dos exegetas do texto bíblico, a zeladora do povo pede ao seu filho para descer lá em baixo, outra vez:

"Quero fazer-lhe um pedido
vá ao mundo novamente
salvar os pobres inocentes
que estão todos perdidos"⁵

O Cristo não demonstra a menor receptividade à proposta. Já contaminado pelo lema do "cada um por si", ele é convencido de que não adianta salvar outra vez o que não presta mesmo. Ele concorda, no entanto, em mandar a mãe como corretora imobiliária de uma futura estação de recuperação espiritual. Maria, andarilho incógnito, desce à terra:

"Percorreu o mundo todo
foi até ao estrangeiro
procurando este lugar
não encontrou o primeiro
minha verdade não mente
veio encontrar no poente
na terra dos brasileiros".⁶

⁴ CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 73-74.

⁵ OLIVEIRA, Miguel Paulo de. *História Misteriosa – O Padre e a Virgem – Desejo de salvar o mundo*.

⁶ Id.

Vocês imaginam o resto, Cristo vai cuidar da irrigação e da infra-estrutura do lugar; Maria escolhe um anjo e, através de uma artimanha, ela vai substituir o seu Salvador por um recém-nascido de um casal de Crato, a fim de que seja criado por eles: Cícero Romão Batista acabava de nascer.

“Dona Joaquina Romana
Joaquim Romão Batista
são os seus legítimos pais
como a história registra
mas pela lei da razão
só são pais de criação”⁷

Com uma origem tão misteriosa, não será de estranhar as mil e uma façanhas do Padre Cícero, durante a sua vida. São os chamados milagres rotineiros, registrados pelo poeta popular: abrir portas trancadas sem ter a chave; decorar lições sem as ter lido; suspender o chapéu na parede, de preferência onde não há cabide; tomar banho sem se despir; ferrar um cavalo sem queimá-lo; andar sem pisar no chão; amansar tigres e leões; converter o turco pagão; fazer adivinhações; mandar chuva e mandar sol, todos são milagres cumpridos pela força do hábito. O exercício do sobrenatural tornou-se tão rotineiro que, até na hora da morte, quando Padre Cícero já não podia mais abençoar ninguém, o povo acreditou que ele voltava a viver:

“Na hora que o caixão
sobre a janela posou
alguém que estava de fora
atentamente olhou
e foram estremecendo
bradando vivas e dizendo
Padrinho Cícero tornou:

Nessa voz houve um estampido
de vivas do pessoal
que atentamente esperava
esse momento final
quando outra voz gritou:
ele não se levantou!...
se ouvia um pranto em geral”⁸

O cômico da situação não deve apagar a tragédia irônica da história: quem converteu tantos hereges morreu banido da igreja; quem salvou tantas vidas não soube ou não quis retardar a sua hora. Mas não fique descrente por isso, pois: “... ele obra milagre/Não é por tapeação.”⁹

⁷ REI, João de Cristo. Nascimento de padrinho Cícero e a troca misteriosa das crianças.

⁸ SILVA, José Bernardo da: A pranteada morte do padre Cícero Romão Batista.

⁹ SILVA, Severino Borges da. O Juazeiro e o padre Cícero.

Testemunham isso os milagres de maior repercussão do Padre Cícero: os milagres de salvação e os de castigo.

Quem zomba do Pe. Cícero ou quem pensa em matá-lo, que se cuide! Terá de escolher entre a morte súbita ou a metamorfose em bicho. Assim aconteceu com a moça que virou cobra, porque falou mal do Pe. Cícero. O castigo veio do céu para punir, mas também para advertir aos homens em geral:

"A moça disse: não creio
Já naquele vagabundo
que faça os ignorantes
Em menos de um segundo
Com milagres de mentira
Tapeando a todo mundo".

E mais "Disse ela: não creio em quem
Come feijão como eu".¹⁰

Zombou! Penou! A serpente monstruosa ficou assombrando o mundo inteiro, até que o Frei Damião, continuador da missão do Pe. Cícero, resolvesse pôr fim ao encanto.

Mas o "anjo de bondade" devia mesmo se dedicar a salvar o mundo. E o primeiro milagre que ele deu a ver foi o das suas virtudes incomuns, raras e incontestáveis. Virtudes de gente, sim, mas tão excepcionais, ontem como hoje, que se tornaram milagrosas na voz do poeta; e foi assim que o cajado virou varinha de condão.

O Padre Cícero é, antes de tudo, um devoto que consagrou sua vida aos valores religiosos. O poeta popular quase nunca evoca o primeiro prefeito de Juazeiro, o vice-governador, o deputado federal, mas sim o padre que rezava e conversava com Cristo:

"Juazeiro terra santa
Onde meu padrinho vivia
Aconselhando seu povo
Toda noite e todo dia
Resando o santo rosário
Da Santa Virgem Maria".¹¹

- Padre Cícero era desprendido e caridoso:
"(do) padre de Juazeiro
(que) casava e batizava
Não em troca de dinheiro".¹²

¹⁰ SILVA, João Vicente da. Exemplo da moça que virou cobra porque falou do padre Cícero.

¹¹ B., José Francisco. Palavras do padre Cícero ou a visita do horto.

¹² SOUZA, Francisco Perez de. As santas palavras...

"Sempre aceitava ofertas
Como qualquer outro aceita
Recebia com a esquerda
Entregando com a direita".¹³

Padre Cícero era o médico de uma população subnutrida, enferma e desassistida, para a qual eram preciosos os seus conselhos que, muitas vezes, não passavam de recomendações de higiene elementar ou de medicina natural e tradicional:

"Assim era o Padre Cícero
Curava endemoninhados,
Vários tipos de moléstias
Mudos, cegos, aleijados
Bastavam só terem fé,
Voltavam recuperados".¹⁴

Ou "Foi, na terra, o Pe. Cícero
O guia espiritual
além disso era o doutor
do povo pobre em geral
ensinando só raízes
para curar todo mal".¹⁵

O grande conselheiro encontrava sempre a palavra certa para os peregrinos desesperados de miséria:

"Nos dava bons conselhos
Com o fim de nos salvar
Sofrendo perseguição
Sem nunca se aperriar
e sempre nos consolou
foi assim que ele ganhou
a simpatia singular".¹⁶

Enfim, objeto de admiração e veneração, o Padre Cícero nunca se desfez da sua humildade e nunca deixou de acolher quem o procurasse:

"Padre Cícero era o amigo dos pobres
Era um pastor humilde
Quem a ele procurasse
podia ser lá quem fosse
ele não virava a faca
recebia todo mundo
sem exceção de classe".¹⁷

¹³ BANDEIRA, Pedro. *Carta aberta ao papa*.

¹⁴ FILHO, Manoel d'Almeida. *Padre cícero: o santo de Juazeiro*.

¹⁵ SILVA, Expedito Sebastião da. *Os milagres do padre Cícero*.

¹⁶ B., João Francisco de. *Desde meu padrinho Cícero*.

¹⁷ SILVA, Expedito Sebastião da. *O milagre do padre Cícero*.

e ainda "Apoiava ao imigrante
Dando pão, vida e calor,
Por isso foi e será
O grande mestre do amor".¹⁸

Não é de se estranhar que o Padre Cícero, tão virtuoso e carismático, tenha sido correspondido no seu amor. Após léguas e léguas de peregrinação, através do deserto de pedra e mato seco, muitos romeiros chegavam exaustos, mas confiantes, e muitos ficavam ricos de sonhos, de paixão e esperança, prontos e armados para edificar o grande milagre econômico do Padre Cícero: Juazeiro do Norte.

Os poetas lembram sempre com uma complacência o Juazeiro de antigamente, como para melhor apreciar hoje o florescimento econômico da segunda cidade do Estado:

"Juazeiro nesse tempo
não era povoação
era três ou quatro casas
aonde se achava então
uma capela de palha
de se fazer oração.

O povo do lugarejo
era perverso e bandido
criminoso e desordeiro
malcriado e atrevido
desses que vivem no mundo
completamente perdido.

A mãe de Deus vendo isto
teve tanta compaixão
que antes de começar
a obra de salvação
foi criar um sacerdote
de sua predileção".¹⁹

É claro que as terras férteis, as fontes, os recursos naturais favoreceram, entre outras coisas, o desenvolvimento da cidade, mas o poeta popular faz questão de ressaltar sobretudo a força e a determinação do padre Cícero, assim como a presença do divino, nesse lugar de eleição:

"Vi ele bater um dia
Com o cajado no chão
e dizer: este lugar
foi feito pra salvação
é santo, cresce e triunfa
quer o diabo queira quer não".²⁰

¹⁸ BANDEIRA, Pedro. Carta aberta ao Papa.

¹⁹ REL, João de Cristo. O que diz meu padrinho Cícero sobre a santa romaria.

²⁰ Anônimo. A profecia do padre Cícero sobre o Juazeiro.

O romeiro aqui chegando à vila-santuário, seguirá os caminhos entrelaçados da salvação temporal e espiritual:

"Juazeiro tem crescido
por este Brasil a fora
o seu comércio tem tido
uma tamanha melhora
é um milagre vivido
da fé que nos revigora".²¹

e ainda

"Quando te faltar a fé
da Santa religião
ou te faltar o descanso
a água, comida ou pão,
Venha para o Juazeiro
que acharás remissão".²²

Juazeiro, não se pode esquecer, foi criado sobretudo para "amparar os peregrinos/ e guiá-los para o céu"²³, tanto que não se pode ir a Juazeiro a qualquer hora:

"... pra Juazeiro só se vai chamado
No tempo marcado por Nossa Senhora"²⁴

Lembra João de Cristo Rei: A cidade santa, centro da salvação religiosa e econômica, assegura também ao romeiro o seu lugar celestial. Juazeiro é para a sua alma o porto de amarração que se alarga para o alto. Não há tabique firme entre o mundo terrestre e o além, não há fronteira material ou espiritual. A circulação é livre, sem pedágio, entre o céu e Juazeiro. Padre Cícero previu tudo: uma escada leva o romeiro ao andar de cima:

"A escada que nos leva
Ao reino da salvação
...
Cada dia que se reza
se sobe um degrau na frente".²⁵

Uma vez lá em cima, não há erro, pois a famosa dupla despacha no topo da escada do paraíso:

²¹ FREITAS, João Bosco de. *Homenagem a Padre Cícero*.

²² SILVA, Manoel Caboclo e. *O sermão do padre Cícero no ano de trinta e dois*.

²³ REI, João de Cristo. *Bendito da romaria ou o mistério do horto*.

²⁴ Id. *Despedida dos romeiros*.

²⁵ REI, João de Cristo. *Profecia aviso e morte do padrinho Cícero Romão*.

"Nossa Senhora é quem dá
do pecado a remissão
e meu padrinho é quem abre
a porta da salvação".²⁶

Não há jeito, padre Cícero manda e desmanda, dá ou não dá o paraíso, aparece ainda hoje e faz profecias... O Padre Cícero, marginalizado pela hierarquia católica, foi nomeado pelo povo supremo juiz da corte celestial. O povo sofrido identificou-se com o padre vítima e quis protegê-lo, ao seu modo, das vicissitudes da vida terrena.

O poeta popular raptou e encantou o padrinho. Inatingível, intocável, invisível, o Patriarca tornou-se eternamente presente no espaço e no tempo.

²⁶ Rei, João de Cristo. *Bendito da romaria ou o mistério do horto*.

DA CONSTRUÇÃO DA NEGAÇÃO DO MILAGRE E DAS SUAS POSSIBILIDADES

*Helcion Ribeiro**

Bom dia pra todos vocês! E como os demais, que me precederam, também digo que é uma alegria estar aqui, não porque eles disseram me precedendo, mas porque realmente é uma alegria voltar a Juazeiro, um lugar onde já fiz muitos amigos, dado que, desde o simpósio passado e este, já estive outras vezes aqui. Alegria também porque, das primeiras reuniões sobre este simpósio, tive a felicidade de participar e discutir as idéias iniciais.

Então, estar entre vocês é pra mim um prazer muito grande, apesar de não ter cumprimentado todas as pessoas que devia, como por exemplo, a Dona Generosa, que já vi, várias vezes, e não pude chegar perto dela.

Bem, eu adentro o tema e me enquadro de um modo mais restritamente no assunto o Milagre. Também não partilho daquela opinião porque, a partir do espírito do padre Cícero, aqui não estou usando a expressão espiritista, mas eu digo assim, da maneira de ser do padre Cícero. Ele também não gostaria de dizer assim: a igreja vai estar lá, e os outros vão responder se foi milagre ou não, eu acho que não. Acho que não é isso um revanchismo ou coisa semelhante, mas que a igreja, num determinado momento, deverá se posicionar sobre as coisas objetivas. Isso é óbvio, porque se vai colher dela tal postura, assim como fez com Galileu-Galilei pois, depois de tantos anos, a ciência progrediu, caminhou e mostrou outras maneiras de ver o mundo, que também são maneiras que Deus inspira a ver o mundo, tanto que a única óptica, não é a óptica eclesiástica, não é a óptica clerical, mas existem, dadas por Deus, diversas perspectivas para se ver o mundo e diversas maneiras de o homem caminhar, de modo feliz. A igreja tem um papel e não o único papel.

Mas, dizia eu que não me parece ser o momento de dar a palavra definitiva, porque se dermos a palavra definitiva, daremos uma palavra imatura. Imatura por quê? Porque não temos todos os quesitos necessários, por exemplo, ontem Luitgarde trouxe mais alguns elementos novos, além do que ela já havia trazido do livro dela sobre José Marrocos. Professor Nascimento trouxe outras invenções de José Marrocos. É necessário que não apenas o padre Cícero e a beata sejam reabilitados, mas, por motivo de credibilidade sobre a igreja, é preciso também uma objetividade sobre outras pessoas, e a objetividade surgirá não apenas enquanto houver interesse em responder imediatamente à igreja, porque a verdade não estará tão somente aí, o quadro é muito maior.

* FTNSA/SP.

Daí a contribuição de todas as ciências, as ciências sociais, as ciências humanas, psicologia, parapsicologia e outros campos mais. Elas exigem que a verdade apareça de modo claro. Ontem, Marcelo fez uma colocação muito importante, ao analisar de uma maneira rápida demais para meu gosto, porque acho que se deveria ter-lhe dado mais tempo ainda, mas Marcelo fez uma colocação de que é preciso que haja criticidade em relação aos textos existentes. Eu posso testemunhar alguma coisa que vivi, mas o meu testemunho sempre será o meu ponto de vista. Não significa necessariamente que seja a verdade, não quer dizer que seja mentira meu ponto de vista, é a verdade vista a partir de minha visão. E minha visão é uma visão ideologizada, a minha visão é uma visão política. No caso concreto, muitos tiveram sua visão, tomando partido por um lado ou pelo outro.

Ao processo, como um todo, faltam ainda muitos dados. Por exemplo, ontem, comentava-se que os salesianos estão dispostos a publicar todos os documentos. O bispado de Crato deveria publicar todos os documentos? É uma pergunta que aflora a muita gente e não cria mistério publicar além da verdade. Eu não discordo disto, mas também, tendo olhado o arquivo em Crato, vejo que quase tudo aquilo que está escrito lá já foi publicado, e outros elementos deverão ser publicados. No entanto, a bem da verdade, falta um arquivo, que é fundamental, a que, até hoje, apenas uma pessoa teve acesso, é o arquivo de Roma. O arquivo de Crato é incompleto, mesmo com todas as pesquisas de Ralph Della Cava e outros tantos que subseguiram, o arquivo é incompleto, faltam muitos elementos, e ele não é conservado como um historiador deveria conservar. É que a igreja, enquanto instituição, tem outros objetivos e nem sempre se dedica a causas de interesses de outras pessoas. Então, o arquivo de Crato não é completo, e o arquivo do Vaticano foi uma vez autorizado a ser consultado pelo doutor Helvidio Martins Maia, no entanto este autor, por infelicidade, fez um relato muito parcial. Daí que nós não temos, no Brasil, atualmente, nenhum conhecimento daquilo que lá existe.

E trabalhando com o livro do padre, do padre doutor Helvidio Martins Maia, constato que ele teve acesso apenas a uma partezinha que é aquilo de que há cópia aqui em Crato. Por exemplo, não consta, e nada há de entender que ele tenha consolidado as atas que analisaram o processo. E digo que isto é muito importante, porque a condenação do processo foi feita, na verdade, por uma história diversa; não foi lido o processo para ser condenado; quem condenou a priori tudo foi o futuro Cardeal Arcoverde, Cardeal do Rio de Janeiro, que escreveu para Roma orientando as coisas lá, enquanto ele era bispo em Cajazeiras, na Paraíba. E Arcoverde, que foi aluno de José Marrocos, colega de padre Cícero, tomou conhecimento dos fatos, porque seu ex-professor, José Marrocos, escreveu consultando o bispo de

Cajazeiras, como a vários outros bispos, qual seria o posicionamento. E Arcoverde respondeu com algumas palavras que, depois, constaram no primeiro decreto, o decreto de 1894.

Então, dentro da instituição, acredito que esta tem também um bem a fazer. Não nego que, enquanto instituição, como todas as outras, ela é passível de muitas críticas, e atualmente se tem gosto grande de criticar, porque se reconhece que ela tem uma influência grande também. Então, atualmente, assim como surge temática que envolve o universo científico, atualmente criticá-la é também uma conversão.

Agora existem outros estudos que tentam analisar sem problemas de paixões. Mas existem, por exemplo, católicos populares que não decodificam tudo aquilo que é do constitutismo da instituição. Não conhecem a gramática da instituição. Católicos populares falam uma outra gramática que a gente chama de popular. Assim, o padre diz uma coisa, e o povo entende outra. Significa que os níveis de pertença, os níveis de assumir essa instituição são diversos, e, nessa diversidade, existe a catolicidade.

Eu reputo, é uma coisa ousada a dizer, mas eu reputo, que, num plano maior, digamos que eu tivesse olhos de Deus para julgar essa instituição, eu diria que, um modo de ser católico é ser católico romano e fiel a toda a parafernália, mas a palavra parafernália é muito pesada. Enfim, com tudo aquilo que é o seu conjunto de pensamento. Mas existe uma outra forma, e esta é muito inculcada na filosofia e num conhecimento exclusivo a pessoas privilegiadas.

A instituição romana tem um nível de conhecimento tal que eu, passando vinte anos dentro dela, sendo edificado por ela, não o domino completamente. Acho que nenhuma autoridade, nenhuma pessoa, hoje, no interior dela, domina todos os conhecimentos, como os dominou Tomás de Aquino, há muito tempo, quando eles eram poucos ainda.

Esse conhecimento exige que o indivíduo, para compreendê-lo, tenha vários anos de estudo, no mínimo uns quinze, portanto é um conhecimento quase que hermético, não que seja um conhecimento proibido, mas é que ele pressupõe muitas outras coisas.

Então, exige uma capacidade grande, e a igreja investe nas suas melhores inteligências para dominarem o desenvolvimento dessa ciência, no caso a teologia. A teologia é um subsídio que foi elevado a um status muito grande, no interior dela, na medida em que a igreja precisava ter explicações de sua doutrina. Uma outra forma de catolicismo, a qual nós do Brasil, consiste numa riqueza muito grande, é o catolicismo feito pelo coração, pelo sentimento, o catolicismo popular.

O catolicismo, a religiosidade popular da Europa é radicalmente diversa da religiosidade brasileira. Hoje, estudando as ciências, compreendemos que muitas coisas cientificamente afirmadas na Europa não nos servem. Às vezes, a palavra é a mesma, mas o sentido tem de ser transplantado, porque as realidades são diferentes. E no caso, a religiosidade popular, é um caso bem flagrante. Por isto, para compreender a religiosidade latino-americano brasileira, precisamos critérios de científicos daqui, e com isso eu já digo que, ao meu modo de ver, as ciências do humano e social têm validade, na medida em que integram determinados universos de explicação.

Hoje, não defendemos, inegavelmente, a beata Maria de Araújo; depois, teremos os critérios da ciência da psicologia, por exemplo, talvez da parapsicologia, que indicarão algumas coisas sobre a beata. A beata, para o povo, era uma mulher forte, era uma mulher exemplar, por isso era tida como santa. Por que a igreja sempre ensinara que os santos são pessoas místicas e que têm poder, depois o povo viu que a beata tinha o poder de transformar a hóstia em sangue, isso era critério de veracidade para o povo. Esse critério foi sancionado pela instituição igreja, através de sua autoridade máxima, padre Cícero, a sua autoridade máxima local, porque quem é o Papa para o povo? Mesmo que a televisão, a Globo, goste tanto de apresentar o Papa João Paulo II; mesmo que a televisão mostre quem é o Papa, o Papa é um homem muito distante, como é distante o José Sarney. Mas quem é a autoridade local imediata? É o padre, mas o padre só é autoridade, quando ele é exemplo de vida. Um padre que não seja exemplo de vida, não é autoridade para o catolicismo do povo. Ele pode ser um autoritarista, mas não uma autoridade como o povo vê. Daí a autoridade do padre Cícero foi suficiente para confirmar o milagre. E o padre Cícero acreditou, com tudo que ele tinha de fé e com o conhecimento teológico, que tal fato era milagre; e será que não foi? E será que não foi?

Bem, dado que um doutor em teologia, um homem de proa, um homem de confiança, como monsenhor Monteiro, que convivia com essas ciências de milagre, e do dia 24 para o 25 de março, na Quinta-Feira Santa, quando ele, depois de ter ouvido falar diversas vezes do milagre de Crato, veio aqui ver que o milagre aconteceu também naquele dia. Ele saiu e começou a propagar tal fato. Então, era uma autoridade que o povo respeitava por aqui.

Uma outra autoridade, a mandado do bispo, que acreditou que fosse milagre, era padre Antero, doutor em teologia; padre Antero, secretário da comissão, doutor em teologia; essas autoridades foram de grande credibilidade para o povo, e o povo construiu o seu milagre.

Quanto a esse fato de a hóstia ter se transformado em sangue, existem algumas ciências que explicam fatos análogos; talvez possam até explicar esse fato, especificamente, ou ao menos algumas ocorrências dele.

Lembramos que algumas coisas deveram ser explicitadas. Antes da primeira publicação do milagre, padre Cícero, numa determinada ocasião, errou, como é próprio da liturgia: ele ergueu a hóstia para os fiéis verem, e, segundo a dona Amália - foi no livro dela, às páginas 316, 318 por aí diz - muitas pessoas viram correr o sangue pelas mãos do padre Cícero. Esse fato foi contado também por outras pessoas, outros antigos, e não se divulgou, porque padre Cícero proibiu. A memória histórica tem isto, tem esse dado; não consta em livros, a não ser no livro de dona Amália, e que ela também diz ser citado outro livro que tenho entre minhas anotações, mas que agora, provavelmente pela pressa, não vou conseguir.

Mas existia um fato, alguma coisa diferente da rotina, que também acontecia com Maria de Araújo que o padre Cícero reportou a Dom Joaquim, quando ele aqui esteve, em 1886, dizendo que alguns fatos estranhos aconteceram com ela. O fato de, na primeira sexta-feira de um mês de 1889, ter acontecido, na madrugada, empolgou um grupo de pessoas mas foi proibido de ver pelo padre Cícero. Esse fato se repetiu sempre, nas quartas e sextas-feiras da Quaresma, e depois na Quinta-Feira Santa. Monsenhor Monteiro ouviu e presenciou. E então, a partir dali, evocou o povo de Crato a vir, alguns meses depois, à festa do Preciosíssimo Sangue, a ver o que estava acontecendo, a ver o que tinha acontecido aqui em Crato. Casualmente, nesse dia 07 de julho de 1889, aconteceu o fenômeno. Eu, muitas vezes, me perguntei assim: terá sido realmente um milagre? Por que não? E aí, eu me perguntei, às vezes anteriores: terá sido efeito de forças parapsicológicas, por que não? Dado que em uma primeira manifestação, Deus poderia usar esse caminho, uma primeira manifestação miraculosa. Como Deus propõe outro objetivo, através desse fato extraordinário, Ele poderia criar fatos circundantes, fatos correlatos que não tivessem o nível de um milagre, para confirmar a fé de um povo que passou a crer.

Então, usar um fato parapsicológico, se for suficientemente explicado pela parapsicologia, poderia ter uma explicação teológica, semelhante a esta que acabo de anunciar.

Dai, a concepção de milagre feita pelo povo ser uma concepção muito diferente da concepção institucional. O povo crê que é milagre, se a igreja hoje defender que não foi milagre, o povo continuará crendo, porque, no seu universo, no seu simbólico religioso, é milagre. E aqueles que referendaram inicialmente são acatados como santos, no mesmo nível de outros santos. E ontem nós vimos, na literatura popular, que chegam a ser colocados acima de outros santos, a ponto de um deles fazer o padre Cícero o juiz de todas as coisas.

A concepção da instituição católica parte de outros critérios, a que não vou me estender, dado que posteriormente alguém vai falar sobre isso. Mas é interessante para a igreja

católica um raciocínio que nem sempre (...) que alguma coisa aconteceu, então é outra verdadeira. Teoricamente, é possível tal fato, sim. Algum fato é contado como acontecido, sim. Então, se nada o negar, ele se torna verdadeiro.

É um modo que ela usa para refletir, sobretudo baseada numa ciência, e eu tenho a impressão de que alguns vão dizer que não é ciência; é um assunto meio polêmico que também não me interessa, aqui, fazer comentário sobre ele.

Mas é um dos conhecimentos da humanidade; a filosofia é ciência ou é um conhecimento? Deixo aos especialistas.

Provocativamente, que eu gostaria de continuar conversando, ao menos em público aqui, apenas com aqueles que quiserem refletir e não com aqueles que quiserem polemizar, porque perde o sentido da academia. Não vim, aqui, defender posições da igreja institucional; vim aqui criar uma reflexão, que a academia possa também refletir. As perguntas internas da igreja, eu as farei num lugar adequado, como já fiz aqui em Juazeiro, lá pelo dia 06 ou 07 de janeiro deste ano, com um grupo de quase umas quinhentas pessoas. Por isso, eu agradeço a atenção de vocês.

(LOCAL RESERVADO AO TÍTULO DO TEXTO)

Manfredo Oliveira*

Há uma pergunta fundamental na vida da gente: quem não exclui a priori fatos como os assim chamados milagres, se pergunta qual o sentido disto na vida humana. Porque, antes de saber se foi, não foi, o que foi, um fato fala ao homem, quando ele é posto em algum contexto de sentido. O homem não é só um ser de fato; mas todo fato para ele se insere dentro de uma significação.

Então, eu acho que a pergunta primeira que devemos fazer é: qual é o horizonte de compreensão para um fenômeno como milagre? Dentro da vida humana, como tal, que significado pode ter o milagre? Como situar o milagre na vida do homem? Na vida do homem simples? Na vida do homem que estuda? Qual a significação originária de um fato como milagre, possa ter?

A Antropologia mais recente do nosso século recuperou a dimensão essencial da vida do homem. O homem não é um ser estranho para outro homem. Mas ele é um ser que dá sinais, produz sinais, comunica-se, através do que ele faz. Portanto, o homem só é homem, diz a Antropologia, enquanto ser do símbolo que medeia a sua relação com o mundo, com os outros, através de símbolos. Tudo é perpassado pelo símbolo. O professor e filósofo francês, Paul Ricoeur, escreveu um artigo que ficou famoso, com o título "Palavras e trabalho", com que ele procura demonstrar, trabalhando com Marx, que o trabalho é, de certa maneira, também símbolo; porque aquilo que o homem produz, Marx diz muito bem, é uma exteriorização do homem, uma objetivação dos fins que o homem se propõe. O produto do homem tem homem incorporado, é a própria essência humana objetivada. O homem que trabalha é o homem consciente e livre, o ser do sentido. Portanto, também o produto do trabalho, além de ser um objeto de uso, um objeto de troca, é um objeto de comunicação; é uma maneira de o homem mediar sua relação com os outros.

Neste sentido, é que se diz, hoje, que o homem é fundamentalmente linguagem; entendendo linguagem como o universo simbólico, vai além da simples linguagem verbal. A linguagem é o que constitui precisamente a mediação fundamental entre o homem consigo mesmo, o homem com os outros homens e o homem com o mundo. Quer dizer que na linguagem acontece um fenômeno humano: a criação de um mundo-sentido, porque é o ser do sentido, isto é, o homem, com a linguagem, abre o espaço de sentido no qual ele se situa, se

* Universidade Federal do Ceará – UFC

encontra, onde ele articula quadros de interpretação para aquilo que ele faz para aquilo que acontece.

Portanto, é precisamente aqui que emerge o homem como sendo aquele que, embora ser de natureza, isto ele é necessariamente, ultrapassa qualquer legalidade, qualquer situação factual, qualquer instinto e cria, a partir de tudo, seu próprio mundo de sentidos. Ora, esse espaço de sentido é condição de possibilidade de todo conhecimento, de toda ação do homem. É o horizonte possibilitador das ações concretas do homem. Significa dizer, então, que não podemos pensar a realidade histórica do homem, reduzindo-a a este ou àquele acidente. A história do homem é uma realidade diferenciada... (corte) Acompanha todos seus instintos. O milagre desperta, então, a liberdade, é um chamado à liberdade do homem. Milagre não é uma imposição de Deus; é um convite ao diálogo, de comunhão com o sentido radical proposto. Uma liberdade absoluta; liberdade fonte de liberdade. Por isso, não existe milagre sem uma dimensão ética, fundamental, constitutiva. O milagre convida o homem a uma transformação profunda da vida do homem, a partir do anúncio da salvação.

Se o milagre só tem sentido em relação à liberdade, ele é sinal de quê? Ele é sinal de um evento libertador; chama o homem à liberdade. São Paulo nos ajuda a compreender isto, na medida em que afirma que toda a realidade está sob o regime da escravidão, da lei, do pecado, da morte. Na Epístola aos Romanos, chega a dizer que o próprio cosmos está gemendo sob a escravidão da corrupção e da precariedade. Quem o libertaria desta situação de morte?; é a pergunta que faz São Paulo. A resposta: Jesus.

Cristo emerge na vida dos homens como libertador destes. Ele chama à liberdade que é a sua vocação. "Para ficarmos livres é que Cristo nos libertou", diz São Paulo, na Epístola aos Gálatas. Para São Paulo, aqui está o cerne do Evangelho. Ele é uma mensagem de libertação, é um convite ao homem para viver como ser livre. Por isso o filho de Deus, Jesus Cristo, na concepção de São Paulo, venceu o círculo férreo da escravidão e libertou o homem para o exercício de sua liberdade, portanto, para o amor, para o serviço aos outros. Na concepção cristã de liberdade, liberdade é, sobretudo, solidariedade, capacidade de conhecer o outro na sua dignidade de ser humano.

Ora, o milagre... (Corte na gravação; corte para as palavras do painelistas seguinte).

A gente pergunta: o que é milagre na experiência religiosa popular? Isto é, onde é que aparece, na experiência popular, a dimensão de milagre, a significação de milagre? Parece-me que a significação de milagre é, primeiro, a convicção de que Deus nos santos nos permite viver; que nas crises, nas situações-limite, de morte, de ameaça, de doença, de calamidade, Deus seria capaz, nos santos, de intervir para que a vida seja restabelecida.

Parece que aí está a raiz de milagre, que pode ser tanto uma significação pessoal, de um grupo, ou a significação maior, do tipo coletivo. Se a gente pudesse dizer assim, quais são os pontos-chave da questão do milagre? Eu diria, primeiro, Deus é poderoso para salvar a vida. Segundo, Ele nos permite superar os obstáculos que ameaçam a vida, sejam obstáculos de enfermidades, de trabalho, pobreza, aqui no caso de Juazeiro; a seca, no caso nordestino. E, finalmente, o milagre constitui sempre um ponto de partida fundante da experiência religiosa. Pensar no Êxodo dos judeus é algo fundante. A ressurreição de Jesus, para os cristãos, é algo fundante.

Em Juazeiro, a questão eucarística, o milagre com Maria de Araújo, também é fundante. Como é possível pensar esta cidade sem o tal milagre? Ele é fundante para tudo que acontece depois, é retomado sempre como uma dimensão que está na raiz da experiência... (Corte na gravação; corte para as palavras do painalista seguinte).

* CEHILA.

OS "FACTOS DO JOASEIRO", A DEVOÇÃO AO CORAÇÃO DE JESUS E A INTERPRETAÇÃO SACRIFICIAL DA EUCARISTIA

Francisco Salatiel de A. Barbosa*

RESUMO

Os fenômenos, ocorridos há cem anos, numa primeira sexta-feira de março de 1889, com a Beata Maria de Araújo, ainda hoje suscitam graves e enormes questionamentos. Sobretudo os de ordem teológica, uma vez que – com os pronunciamentos oficiais da Cúria Romana e do bispado do Ceará – o problema foi dado por resolvido, num clima conturbado e pouco propício a uma reflexão serena e madura.

Na revisão histórica, que ora se pretende encaminhar neste Seminário, entre os inúmeros elementos ou coordenadas teológicas dos "factos do Joaseiro", poderiam ser levantados os que dizem respeito à Devoção ao Coração de Jesus, a partir de uma interpretação sacrificial da eucaristia.

Essa interpretação, presente também na doutrina do Concílio de Trento a respeito da Missa, talvez seja o fio condutor que ligue os "factos do Joaseiro" não pura e simplesmente à devoção moderna (jesuítica e ultramontana) ao Coração de Jesus, mas àquela corrente penitencial da Idade Média subjacente na mais tradicional e luso-brasileira devoção ao Cristo Sofredor.

A leitura das 91 peças, entre interrogatórios, depoimentos, cartas, atestados e demais documentos que enfeixam o "Processo instruído sobre os factos do Joaseiro"¹, traz alguns *leit motives*, algumas ênfases sacrificais que poderiam ser resumidas com as seguintes expressões, tiradas dos depoimentos do Padre Cícero Romão Baptista e da Beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, prestados ao Comissário episcopal, em setembro de 1891²:

- "Nosso Senhor lhe revelava que isso se operava para que ella, em união com os sofrimentos de sua paixão, concorresse com Elle a converter os pecadores; a santificar as almas e a libertar as almas do purgatório" [18 (29 ss)].
- Muitos dizem que Eu não posso mais derramar meu Sangue, mas não... não posso deixar de sofrer no mundo... de novo vou reproduzir todos os tormentos de minha Paixão para a salvação dos homens... [33 (3-8)].

* Mestre em Teologia e exegese Bíblica, pela Universidade Gregoriana e Instituto Bíblico de Roma, exerce atualmente o magistério de Filosofia, Psicologia e Sociologia na Fundação Educacional do Distrito Federal e a função de Assessor Legislativo do Senado Federal para assuntos de Educação, Cultura, Desporto. Endereço: Caixa Postal, 04-0276- CEP: 70312- Brasília (DF) – Fone: (061) 351 3367.

¹ Arquivo do Bispado do Crato (CE) – Cópia autentica do Processo instituído sobre os factos de Joaseiro – 1891 a 1895. Daqui por diante, a denominação "factos de Joaseiro" indica os acontecimentos maravilhosos, extraordinários ou milagrosos, protagonizados pela Beata Maria de Araújo e o Padre Cícero Romão Batista.

² As citações do "Processo" trazem o número da página e da(s) respectiva(s) linha (s), onde se podem localizar as expressões. Essa numeração foi arranjada pelo autor deste ensaio, tomando por base o *fac simile* (cópia xérox) do Processo, a fim de facilitar a pesquisa. As citações serão precedidas da palavra "Processo".

- "Aquele sangue derramado das Hóstias Consagradas era o sangue de Jesus Cristo para salvação dos homens... Aquele sangue seria para a salvação de uns e condenação de outros". [36 (28 ss) a 37 (1 ss)].
- "Vivificavi Sanguinem cordis ad peccatores" (Dei nova vida ao sangue do coração para os pecadores) [44 (5 s)].

Também as "CARTAS DO PADRE CÍCERO" (1877/1934), publicadas por Antenor de Andrade Silva³ como parte de sua pesquisa dos "originais manuscritos" do Arquivo dos padres salesianos de Juazeiro do Norte, trazem alusões explícitas à ardente devoção do Padre Cícero ao Coração de Jesus.

Numa carta escrita ao Pe. João Cândido, datada de 13 de janeiro de 1893, ele assim começa: "O Sagrado Coração de Jesus lhe abra um anno ainda mais cheio de graça e santificação"; e adiante – "Espero que o Sagrado Coração não me deixará trahir a sua causa ainda que custe mais", referindo-se ao andamento do Processo em Roma, que ele chama "a causa do Precioso Sangue". E, no final da carta, o Padre Cícero pede ao amigo que reze "pedindo ao Sagrado Coração do meu bom Deus faça com brevidade e triumpho desta sua causa, abrindo mais em sua Igreja uma porta de salvação para as almas"⁴.

É inegável a ligação desses "factos" com a Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, cuja festa foi oficializada pelo Papa Pio IX para toda a Igreja, no ano 1856⁵, promovida sobretudo pelo Apostolado da Oração, com suas práticas de comunhões freqüentes. Aliás, o próprio começo dos assim chamados "factos do Joazeiro" deu-se no quadro litúrgico da primeira sexta-feira de março de 1889⁶, quando o Pe. Cícero celebrava, na capela de Nossa Senhora das Dores, juntamente com a "Associação do Sagrado Coração de Jesus... uma comunhão reparadora pelas necessidades da Santa Igreja, em desagravo às injúrias feitas a Nosso Senhor no Sacramento de seu amor e para a conversão dos pecadores, tudo segundo as intenções do terno e adorável Coração de Jesus".⁷

³ SILVA, Antenor de Andrade. **Cartas do padre Cícero (1877-1934)**. Salvador-BA: Salesianas, 1982.

⁴ SILVA, Antenor de Andrade – op. cit. p. 73s.

⁵ CARDOSO, Armando Eugênio S. J. Evolução histórica da Espiritualidade do Sagrado Coração nos Ensinamentos da Igreja, In: **Um coração novo para um mundo novo**. Conferências do I Congresso Nacional de espiritualidade do Coração de Jesus. São Paulo: Loyola, 1989. p. 29.

⁶ PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Imprensa Universitária do Ceará, 1963. Na pág. 165, ele documenta: "1889, 10 de março – Ocorreu em Juazeiro, sexta-feira da quaresma, pela primeira vez, em público, na igreja, o fato extraordinário de se transformar em sangue, na boca de Maria de Araújo, a hóstia que ela recebera, em comunhão, das mãos do padre Cícero Romão Batista. Assim se iniciou a questão religiosa de Juazeiro, cujas conseqüências vieram até nossos dias".

⁷ Processo 8 (1-5). É até possível que essa associação se deva também à influência do missionário jesuíta italiano Pe. Bartolomeu Taddei que desenvolveu, em todo o Brasil, a obra do Apostolado da Oração. Dom José Carlos de Lima Vaz S.J. refere-se à sua atuação no Ceará, na conferência – **O culto ao Coração de Jesus na Religiosidade Popular**, p. 169 da obra já citada (nota 6). Aliás, ele corrobora a tese fundamental desse ensaio, ao discordar das posições de Riolando Azzi, que generaliza e insiste unilateralmente sobre a proveniência romanizante da Devoção ao Coração de Jesus, deixando de lado o lastro do "homem da penitência medieval" – Cir. P. 153s, citando e criticando textualmente R. Azzi.

Essas conexões, contudo, conservam algumas peculiaridades que merecem ser ressaltadas e discutidas. Mesmo que elas tenham sido incentivadas pelos novos movimentos de missões populares⁸, promovidos na esteira reformista da segunda metade do séc. XIX e, portanto, bem dentro daquela atmosfera ultramontana de que os lazaristas franceses se fizeram exímios arautos no Ceará⁹, não se pode, à luz dos “factos do Joazeiro”, enquadrar sem mais a Devoção ao Coração de Jesus, que ali se cultiva, no processo de romanização das práticas devocionais populares¹⁰.

A pesquisa de Ferdinand Azevedo sobre o ultramontanismo, propriamente jesuítico no Nordeste¹¹, conclui com uma advertência bem mais prudente, em face do muito que se tem de conhecer, ainda, do substrato teológico de certas práticas devocionais de nossa gente.

“Em relação ao povo simples, diz ele, é mais difícil determinar os resultados da espiritualidade popular ultramontanista. Certamente o ultramontanismo não impediu que os padres jesuitas pudessem tocar os corações dos fiéis, como o podem todos os bons pregadores do Evangelho. Afirmar, com certeza, quais os traços derivados dessa espiritualidade, nos atos de piedade do povo, dependerá de futuras pesquisas. Esta influência histórica provavelmente está mais no sentido de que não foi imposta ao povo; mas o povo colheu dessa espiritualidade somente aqueles elementos que mais se encaixam em sua própria religiosidade”. (p. 84)

Noutras palavras, não é evidente que a veiculação, nos “factos do Joazeiro”, de uma Devoção ao Coração de Jesus traga unicamente as cênicas ênfases e matizes da espiritualidade e teologia ultramontanas, embora elas possam estar também presentes e

⁸ Para o estudo do período denominado de reforma ou romanização da Igreja no Brasil (segunda metade do século XIX), consulte os seguintes trabalhos de AZZI, Riolando. A romanização da igreja, a partir da república, In: **Inculturação e libertação**, 2. ed. Semana de Estudos Teológicos, CNBB/CIMI. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 105-116; também do mesmo autor – II. PANORAMA GERAL 2. A Teologia no Brasil. Considerações Históricas, In: **História da teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 21-43; e ainda – Do bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador – Um aspecto de evolução da teologia e da Espiritualidade católica no Brasil, In: **Perspectiva teológica**, Ano XVIII, (45): 215-233, maio/agosto de 1986. Na II. parte deste artigo ele dá um desenvolvimento maior à sua tese das Origens ultramontanas e romanizantes da Devoção ao Coração de Jesus. Outro estudioso do assunto, também consultado por mim, foi AZEVEDO, Ferdinand S. J. nos trabalhos – Espiritualidade Ultramontanista no Nordeste (1866-1874): Um ensaio, In: **A vida religiosa no Brasil**. OBRA org. por Rioldo Azzi – (estudos elaborados pela CEHILA-Brasil). São Paulo: Paulinas, 1983, p. 74-84; Também do mesmo autor – A Inesperada trajetória do Ultramontanismo no Brasil Império, In: **Perspectiva teológica**, Ano XX – (51): 201-218, maio agosto de 1988.

⁹ O primeiro Bispo do Ceará, Dom Luiz Antônio dos Santos, chamou os lazaristas franceses para ajudá-lo na reforma do clero e da vida eclesial da Província. Fundou, então, os Seminários da Prainha, de Fortaleza, em 1864, e o de Crato, no Cariri, em 1875. A influência dessas instituições foi marcante para o estilo de Igreja que se implantou nessa porção do interior do Nordeste brasileiro.

¹⁰ AZZI, Rioldo – Refiro-me ao terceiro trabalho já mencionado na nota (09), pág. 232, onde, na nota 16, – ele se refere a CAVA, Ralph Della. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 44. nota 33, a fim de corroborar a dependência ultramontana do papado de Pio IX.

¹¹ AZEVEDO, Ferdinand S. J., refiro-me ao primeiro trabalho do autor citado na nota (09), p. 84.

atuantes dentro de um leito bem mais tradicional e pré-moderno. Pois, nos “factos do Joaseiro”, existem indícios que nos apontam noutras direções.

Um deles vem minimizar, até certo ponto, o aspecto clerical das comunhões sacramentais, com a necessária dependência da Beata ao Padre; e o das comunhões espirituais ou miraculosas, onde aparece a familiaridade da Beata com o Cristo, que lhe dá diretamente a comunhão, sem a intermediação do ministério sacerdotal¹².

Outro indício, mais importante no que diz respeito à interpretação sacrificial da Eucaristia e que nos remete aos pródromos da Devoção medieval ao Coração de Jesus, é a insistência na realidade mesma do sangue que se derrama, do sangue que jorra do coração de carne sangrando e, por fim, da própria Hóstia que se transforma em sangue¹³.

Na seqüência dessa exposição, serão desenvolvidas duas premissas que fundamentarão, talvez, uma explicação da presença da Devoção ao Coração de Jesus, em moldes mais tradicionais e populares e, por isso, menos ultramontanos e romanizantes, nos “factos do Joaseiro”.

1) A Devoção ao Coração de Jesus, em seus primórdios medievais (séc. XIII), transpirava não só uma extraordinária seiva mística, mas também atitudes penitenciais, centradas no eixo Jesus – Homem – Sofredor e fiel solitário com sua Paixão sangrenta.

2) A Eucaristia, por essa mesma época, ganhava do sofisticado aparato da teologia escolástica a formulação da “transubstanciação”, em linguagem aristotélica¹⁴. Esse modo, sem dúvida, ingenioso de suplantar, numa codificação mais adequada para a época, a questão da “presença sacramental” de Cristo, em seu verdadeiro corpo e em seu verdadeiro sangue, sob as espécies de pão e vinho, era entendido pela piedade popular sem a sutileza acadêmica. O povo acreditava piamente nos “sangramentos milagrosos” de Hóstias como expressão da realidade mesma e atualmente repetida do Sacrifício sangrento de Cristo na Cruz¹⁵. Ora, a interpretação sacrificial e incruenta da Ceia eucarística passou também, como ênfase antiprotestante, para os Cânones do Concílio de Trento¹⁶. Desse modo, a visão tridentina da eucaristia não incorpora apenas a tradição bíblica do “memorial”, sobre a qual faziam fincapé

¹² Processo – 20 (9ss.) – 36ª Pergunta.

¹³ Processo – 34 (28) a 35 (4).

¹⁴ SCHOONENBERG, P. Transubstanciação: Até que ponto esta doutrina estará historicamente determinada?, In: *Concilium*, 4 (1967): 73-85. São Paulo: Herder, 1967 (edição portuguesa).

¹⁵ BROXE, P. sj. – DIE SCHOLASTISCHE THEORIE DER EUCHARISTISCHEN VERWANDLUNGSWUNDER, In: *tübinger theologische quartalschrift*, 110 (1929): 305-332 e ainda do mesmo autor: DIE EUCHARISTISCHE VERWANDLUNGSWUNIER DES MITTELALTERS, In: *Römische quartalsechrift*, 37 (1929): 137-169.

¹⁶ DENZINGER, Henricus; SCHONMETZER, Adolfus S. I. *Enchiridion symbolorum: Definitionum et Declarationum de rebus Fidei et Morum*. Ed. XXXII. Barcone: Herder, MOMLXIII. Citado convencionalmente com as abreviações DS seguidas de número do parágrafo pertinente: DS 1751 a 1759.

os protestantes, mas dava lugar também e abria uma brecha ao ultrarealismo de uma interpretação sacrificial da eucaristia, em que as dimensões propriamente sacramentais ficavam na penumbra.

I A DEVOÇÃO AO CORAÇÃO DE JESUS, NA IDADE MÉDIA (SÉC. XIII)

A espiritualidade medieval desenvolveu, sobretudo, graças ao incremento da pregação popular dos irmãos mendicantes ou itinerantes, traços nitidamente penitenciais, com uma predileção especial pelo Cristo – Homem Sofredor e coberto de chagas¹⁷, secundarizando o Senhor ressuscitado.

Não é de estranhar, pois, que – no interior dos mosteiros e abadias – florescesse uma mística também com essas características. Assim, passar da consideração das cinco chagas e do lado aberto pela lança para a do próprio Coração do Homem-Deus-Salvador foi um salto nada difícil, sobretudo quando isso tinha o respaldo de um pregador e místico do quilate de um São Bernardo, para quem a humanidade de Cristo, do verdadeiro Cordeiro era objeto constante de meditação¹⁸.

Como não é a intenção deste ensaio explorar minuciosamente o início da Devoção ao Coração de Jesus, no séc. XIII, lembraremos apenas alguns nomes que percorreram este caminho.

1 Santa Lutgarda d'Aywières

Mesmo quem lê, com espírito prevenido, a biografia escrita por Thomas de Catimbré, a *Vita Lutgardis*, não pode deixar de considerar como pertinentes as características da espiritualidade da santa. O Cristo lhe aparece descobrindo o lado e mostrando-lhe a ferida cheia de sangue, ou lhe pedindo para fazer penitência pelos pecadores que jazem em suas imundícies, ou para rezar e expiar pela Igreja, em luta contra os seus inimigos. Essa “vocaç

¹⁷ MAGLI, Ida. *Gli uomini della penitenza*. Lineamenti antropologici del medioevo italiano. Rocca San Casciano: cappelli Editore, 1967. Obra que, desde 1969, tem-me inspirado na procura dessas conexões dos “factos do Joazeiro” coma Idade Média. Cfr. Capítulo V – Il processo d'identificazione: la vita é uma passione – pág. 99 a 123.

¹⁸ A exposição dessa parte está fundamentada na obra coletiva *ME COEUR – Lés Études Carmelitaines* – bruger (Belgique): Lesclés de Brouwer, 1950, cujo trabalho principal nesse sentido intitula-se – *Commencement et Recommencement de la Dévotion au Coeur de Jésus*, pág. 147-192. Também EDVENHARC, John N.S.C. no trabalho *ESPIRITUALIDADE DO CORAÇÃO*, In: *A espiritualidade do coração*. (VV.AA.). São Paulo: Loyola, 1988, p. 35-69. Ajudou-me bastante nessa reconstituição de aspectos medievais da Devoção ao Coração de Jesus. O artigo da obra coletiva *LE COEUR*, citado no começo dessa nota, vem assinado por Pierre DEBONGNIE C. SS. R. (Namur). Sobre S. Bernardo cf. pp. 148-153.

de penitente e reparadora” garante Pierre Debongnie¹⁹, é uma das tônicas das visões de Lutgarda.

Numa de suas visões, o biógrafo narra a respeito dela o seguinte:

“Elevada em espírito, ela viu Jesus, a Cabeça de nossa salvação, com suas chagas que pareciam bem recentes e sangrentas, em pé diante do Pai e suplicando ao Pai pelos pecadores. Jesus diz à santa: ‘Vês como me ofereço todo inteiro ao Pai na intenção de meus pecadores e que afastes a cólera que está para ser lançada vingativa sobre eles’.”²⁰

Diariamente, acrescenta o biógrafo, durante a Missa, o Senhor Jesus Ihe (a Lutgarda) dizia a mesma coisa.

Os comentaristas e críticos, ao apreciarem a significação de tais visões, com a presença contínua de um Cristo sofredor e de cenas envolvendo derramamento de sangue e estigmas, acham tratar-se de “fenômenos autenticamente místicos”.²¹

2 As Matildes (a mais jovem e a mais velha) e **Gertrudes, a grande**, do Mosteiro de Helfra, na Alemanha, cartuxas ou beneditinas²², pouco importa, o certo é que, no mesmo século XIII, elas aprofundam, sob o mesmo teto, a veia mística de intimidade com o Crucificado, participando – como Lutgarda – até mesmo dos sofrimentos corporais da Paixão do Cristo. E, antes mesmo do séc. XVII, com Margarida Maria de Alacoque, as aparições são freqüentes, por ocasião da celebração eucarística, e a ênfase reparadora já aparece com realce.

Vejamos, primeiro, o fervor expiador de Matilde de Magdeburgo, a mais velha das Matildes de Helfta. Ela escreve:

“Durante uma grande doença que me abatia, Deus se revelou à minh’alma e me mostrou a chaga de seu Coração, dizendo: ‘Eis o mal que me fizeram’. E, então, respondi: É uma pena, Senhor! Por que haveis sofrido tantos males? Vosso sangue puro que se derramou, com tanta abundância, durante a vossa agonia, não seria suficiente para resgatar o mundo inteiro?”²³

Gertrudes, a Grande Santa de Helfta, ao mesmo tempo que é favorecida por revelações e pelos estigmas do Crucificado, tem a consciência de ser depositária da missão de revelar, nesses últimos tempos, a doçura dessas batidas, a fim de que o mundo, imobilizado pelo peso da idade, retomasse algum ardor no entendimento desses mistérios²⁴.

¹⁹ DEBONGNIE, Pierre – op. cit. p. 158.

²⁰ DEBONGNIE, Pierre – op. cit. p. 158.

²¹ DEBONGNIE, Pierre – op. cit. p. 159, nota 1.

²² DEBONGNIE, Pierre – op. cit. p. 163, nota 2.

²³ DEBONGNIE, Pierre – op. cit. p. 164s.

²⁴ DEBONGNIE, Pierre – op. cit. p. 171s.

Para concluir esta rápida apresentação da exuberância mística medieval, centrada no Mistério de Jesus Homem Sofredor, é bom não esquecer a contribuição da família franciscana²⁵, com a obra de São Boaventura "Vitis Mystica" (vinha mística), onde o Coração de Jesus, "meu rei, meu irmão, e meu amigo, o bom Jesus", tem ressonâncias bem populares; e também a contribuição das grandes místicas que foram Margarida de Cortona e Ângela de Foligno, santas da ordem terceira franciscana. Numa das revelações a Margarida de Cortona, Jesus lhe fala: "o sangue de meu coração deve ser o alimento de tua piedade".²⁶

Essas rápidas pinceladas da espiritualidade medieval podem indicar pistas bem mais tradicionais e não provenientes exclusivamente de Paray-le-Monial, na sedimentação da vertente eucarística, sacrificial, da Devoção ao Coração de Jesus. Às vezes, o mistério eucarístico é tomado numa interpretação sacrificial, ultrarealista e bem próxima de um certo fisicismo cafarnalítico, coisa que, por certo, repugnaria ao sentido mais moderado e místico de todas as visões e contemplações das Santas medievais, inclusive da própria Margarida Maria Alacoque.

No fundo, o que está em jogo não é o questionamento da presença de Cristo na Eucaristia, mas o próprio sentido da universalidade da redenção, operada historicamente pelo nascimento, vida, paixão, morte e ressurreição do Senhor.

II INTERPRETAÇÃO SACRIFICIAL DA EUCARISTIA, NO CONCÍLIO DE TRENTO (1545/1563)

Na celebração dessa segunda premissa, foram de grande valia os estudos de J.N.R. Tillard sobre o "Vocabulário Sacrificial e eucaristia"²⁷, e os de Louis-Marie Chauvet sobre a "Dimensão Sacrificial da eucaristia"²⁸ e sobre "O Sacrifício da Missa"²⁹.

Esses autores mostram os impasses criados pela linguagem dúbia do Concílio de Trento, que não soube unir a reflexão sobre o sacramento, produzida na sessão XIII, de 1551,

²⁵ DEBONGNIE, Pierre – op. cit. p. 174ss.

²⁶ DEBONGNIE, Pierre – op. cit. p. 176. A exploração da espiritualidade franciscana seria imprescindível, nesse contexto, principalmente pela penetração de seus missionários capuchinhos nos sertões nordestinos. Cfr. O trabalho São Francisco no Brasil escrito por Frei Clarêncio Neotti, O.F.M., na obra coletiva Nosso irmão Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 234-291.

²⁷ TILLARD, J. M. R. Vocabulaire sacrificiel et eucharistie. In: Brénikon Tome LIII. (1980): 145-174, Monastère de Chevetogne, Belgique.

²⁸ CHAUVET, Louis-Marie. La dimension sacrificielle de l'eucharistie. In: La Maison – Dieu. 123 (1975): 47-78 e, do mesmo autor: Le sacrifice de la messe, cf. nota seguinte.

²⁹ CHAUVET, Louis-Marie. Le sacrifice de la messe: représentation et expiation (I parte) e Le sacrifice de la messe: un statut chrétien du sacrifice (II Parte), respectivamente nas páginas 69 a 83 e 85 a 106 de Lumière et Vie, Tome XXIX, jan-fév. Mars, 1980, n° 146.

àquela outra sobre o sacrifício da Missa da sessão XXII, de 1562³⁰. Assim, o Concílio de Trento não soube unir a tradição patristica e escolástica medieval sobre o sacramento com a explicação bíblica do "memorial" como sacrifício.

E essa hesitação foi transmitida ao Catecismo do Concílio, editado em 1566, o qual utiliza (II Pars, Cão. VII, par. 77) uma expressão pouco nuanciada para falar do sacrifício da Missa: "nobis visibile sacrificium reliquit, quo cruentum illud semel in cruce post immolandum instauraretur" (deixou-nos um visível sacrifício para renovar aquele que pouco depois deveria ser oferecido uma única vez na cruz de modo cruento)³¹.

O verbo "instaurare" foi tomado, depois, pela tradição tridentina, como sinônimo de "renovar, reiterar, repetir"³².

A questão pode ser traduzida nos seguintes termos: se a eucaristia é o "memorial" do Sacrifício único e eficaz da Cruz, em que sentido se pode dizer que ela também é um "sacrifício incruento"? Como conciliar a unicidade e irrepetibilidade do evento histórico do único Sacrifício da Cruz com a Missa, tida pela Igreja Católica como a atualização desse mesmo e único Sacrifício?

No pano de fundo da polêmica com os protestantes, o cânon nº 3 sobre o Sacrifício da Missa do Concílio Tridentino dá bem a medida da desconfiança católica em face da linguagem protestante do "memorial", haurida na Bíblia. Esse cânon anatematiza todo aquele que considerasse o "Sacrifício da Missa só como um Sacrifício de louvor e de ação de graças, ou uma vazia comemoração do Sacrifício realizado na cruz, e não, como deve ser, um sacrifício propiciatório".³³

O Concílio e a tradição tridentina, que lhe seguiu as pegadas, não dispunha do instrumental conceitual, bebido nas fontes bíblicas, capaz de traduzir a sacramentalidade da eucaristia, em seu realismo simbólico.³⁴

O problema, portanto, tem ressonância, ainda hoje, quando se trabalha para eliminar as barreiras entre as Igrejas cristãs, através de um espírito mais ecumênico e menos sectário.³⁵ Pois a noção bíblica de memorial, assumida pelo Vaticano II, norteia bem melhor o enfoque sacrificial, corrigindo unilateralismos e distorções presentes em vocábulos como

³⁰ CHAUVET, Louis-Marie, art. cit. nota 28, pág. 60.

³¹ TILLARD, J. M. R. – art. cit. pags. 162s e nota 30, nesse mesmo artigo.

³² TILLARD, J. M. R. – art. cit. pags. 163.

³³ DS nº 1753.

³⁴ TILLARD, J. M. R. – art. cit. pags. 162.

³⁵ É bom não perder de vista que as disputas em torno da Eucaristia não começaram com os protestantes, no séc. XVI, mas datam de bem antes, precisamente dos tempos medievais.

renovação, reiteração e repetição do sacrifício da Cruz, em que o Senhor sangra e morre, outra vez, pelos pecados dos homens.

É certo que a interpretação sacrificial, calcada no “em memória de mim” (1º zikaron) do Novo Testamento, só se tornou tranqüila e ecumenicamente possível, graças às pesquisas da teologia cristológica e eclesiológica, centradas no Cristo libertador e na Igreja Sacramento da Salvação, aquisições incorporadas, em grande parte, nos textos e no espírito do Vaticano II.³⁶

Por isso é que hoje se pode ter a ousadia de afirmar serem antes as celebrações eucarísticas da Igreja primitiva o milieu originário do Kérygma do sentido sacrificial da Morte de Cristo e não o inverso³⁷. Assim, a celebração não sacrificial, de acordo com os padrões dos sacrifícios sangrentos do Velho Testamento, ou até mesmo antisacrificial da Ceia do Senhor, sacramento da unidade dos cristãos, sacramento do amor fraterno, viático dos que peregrinam neste mundo, é que ajudou a compreender, sob nova luz, o sentido plenamente sacrificial da Morte e Ressurreição do Cristo Jesus. Pois, como já foi afirmado acima, eram precisamente essas celebrações ou Frações do Pão o “lugar” adequado para a leitura das primeiras narrações evangélicas, centradas precisamente nos mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor.³⁸

Para Louis-Marie Chauvet, somente em 5 passagens da literatura paulina, interpreta-se teologicamente, com o vocabulário do culto sacrificial, a Morte de Jesus.³⁹ Em Paulo, é verdade, predominaria bem mais o vocabulário jurídico. Contudo, a carta aos hebreus, inspirando-se talvez na teologia de Paulo, é o documento neo-testamentário mais contundente como introdução ao mistério da Morte e Ressurreição do Cristo, numa linguagem cultural. Contudo, é aí onde se afirma, com todas as letras, o “enhanax”, o semel, a universalidade desse Sacrifício sui generis, pois Cristo é o mediador de uma nova e melhor Aliança (Hebr. 7, 22; 8, 6; 9, 15; 12, 24).⁴⁰

Se Dom Joaquim José Vieira, em sua primeira Pastoral sobre “os factos do Joaseiro”⁴¹, tivesse tido ao seu alcance – coisa impensável para a época – o instrumento

³⁶ TILLARD, J. M. R. – art. cit. pags. 166s.

³⁷ CHAUVET, L-M. – art. cit. (II Parte), p. 87 (ver acima nota 30).

³⁸ CHAUVET, L-M. – art. cit. (II Parte), p. 87ss. (ver acima nota 30).

³⁹ CHAUVET, L-M. – art. cit. (II Parte), p. 86 (ver nota acima n. 295. As passagens são as seguintes: 1 Cor 5, 7; 10, 16-22; 11, 23-26; Rom 3, 24-25 e Ef 5, 2.).

⁴⁰ Cfr. os comentários exegéticos de ALBERT VANHOYE, S. J. Le christ est notre prêtre – La Doctrine de l'Épître aux Hébreux, In: *Supplément à Vie Chrétienne*, Juin 1969, n° 118 e de DATTLER, Frederico. *A Carta aos Hebreus*. São Paulo: Paulinas, 1980.

⁴¹ Apud MAIA, Helvídio Martins. *Pretensos milagres em Juazeiro*. Petrópolis: Vozes, 1974, cf. Parte II – Pastorais de Dom Joaquim José Vieira, págs. 129-166.

conceitual da teologia do Vaticano II, com as Constituições como a “Sacrosanctum Concilium”, a “Lumen Gentium” e a “Gaudium et Spes”, ele teria, sem dúvida, feito outra leitura teológica desses mesmos acontecimentos. Sua argumentação, no entanto, ao citar as proposições dos Capítulos I, III e IV da sessão XIII do Concílio de Trento (em 1551) sobre o sacramento da Eucaristia, limitou-se bem mais aos quadros conceituais da escolástica e bem menos à exploração da Ceia do Senhor numa chave bíblica, incorporada timidamente no tratado da Missa da Sessão XXII (em 1562).

Postas essas premissas, convém retomar o que foi afirmado inicialmente, sem a fundamentação agora apresentada em linhas gerais.

Nos “factos do Joaseiro”, a Devoção ao Coração de Jesus não se alinha pura e simplesmente com o movimento da reforma promovida pelos bispos chamados romanizantes da segunda metade do séc. XIX. Antes, alimentada como era, num templo dedicado à Virgem das Dores, devoção reconhecidamente luso-brasileira, e numa época de calamidades e turbulências sócio-políticas, no embalo das grandes secas do Ceará, 1877 e 1888, essa devoção ao Coração de Jesus nascia como revivescência da tradicional devoção ao Cristo Sofredor, incorporando, agora, na linha pedagógica inaugurada no Nordeste pelo Padre Mestre Ibiapina, a classe das desclassificadas e rudes mulheres, as beatas.⁴² Se os modelos mais recentes, lazaristas e ultramontanos, estiveram presentes no nascedouro dessa Devoção, no Nordeste do Brasil, eles certamente foram absorvidos e assimilados dentro de um filão mais tradicional, mais penitencial e mais medieval do Cristo que padece, de novo, na Eucaristia.

E se, nos “factos do Joaseiro”, a presença do padre é a condição sine qua non para as maravilhas que se operam na beata, a importação sacrificial e reparadora não deixa de ter suas ligações com reminiscências bem mais antigas e de que o próprio Concílio de Trento, em sua linguagem teológica um tanto ambígua, dá testemunho.

Concluindo, talvez fosse conveniente sugerir algumas pistas de aprofundamento, suscitadoras, por certo, de novas questões:

1. É indubitável a influência que o Concílio de Trento teve, sobretudo a partir do séc. XIX, na formação do clero e, por conseguinte, na elaboração de um novo estilo de pastoral, de trabalho missionário. É inegável a força moldadora de novas práticas romanizante e

⁴² Servi-me das indicações preciosas de FRAGOSO, Hugo O. F. M. As beatas do padre Ibiapina: uma forma de vida religiosa para os sertões do Nordeste. In: **Padre Ibiapina e a igreja dos pobres**. CEHILA – Org. DESROCHERS, Georgette; HOONAERT, Eduardo. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 85-106. Do mesmo autor, na exploração dos aspectos da religiosidade peculiar ao Nordeste, serviu-me bastante o estudo O apaziguamento do povo rebelado mediante as missões populares nordestinas do II império. In: **A igreja e o controle social nos sertões nordestinos**. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 10-53.

ultramontana. Contudo, são ainda não bem conhecidos os estilos e práticas precedentes, transmutados talvez pelo vértice dessa nova práxis eclesial. Em termos de Nordeste e, em especial do Cariri cearense, onde hoje Juazeiro exerce o papel de centro religioso nevrálgico, ainda está por ser levantada a história teológica que subjaz por aí, dispersa, seja oralmente, seja em crônicas de missões, catecismos e devocionários, etc.

2. Até mesmo os "factos do Joazeiro", com suas monumentais questões teológicas, precisam ser analisados na dinâmica mais ampla da própria história da Igreja implantada aqui no início do séc. XVIII, com a Missão do Miranda de Frei Carlos Maria de Ferrara, filho da grande tradição franciscana, italiana e penitencial.

Para finalizar essa apresentação, bastante sucinta e despretensiosa, nada mais tenho a dizer senão meus sinceros agradecimentos aos promotores deste encontro, pela oportunidade de aqui estar nesse clima de diálogo construtivo, patrocinado pela Universidade Regional do Cariri, sempre atenta aos problemas que trazem a marca do sangue e da vida do povo, ao qual ela serve com dedicação.

OS SUPOSTOS MILAGRES DE MARIA DE ARAÚJO

Pe. Antônio Vieira

SÚMULA:

Fatos Históricos

Sua análise

Critérios da análise

Crítica desses critérios

Fontes de orientação para exame dos fatos

1 Bula da Sagrada Congregação do Santo Ofício

“In Congregatione feriae IV diei Aprilis anni 1894, discursis facti quae acciderunt in Joaseiro Dioecesis Fortalexiensis, Eminentissimi ac Reverendissimi Patres Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinales Generales Inquisitores pronunciaverunt, responderunt et statuerunt ut sequitur:

Praetensa miracula aliaque supernaturlis quae de MARIA DE ARAÚJO praedicantur vana esse et superstitiosa ostenta ac gravissimam detestabilemque irreverentiam et impium abusum Sanctissimae Eucharistiae continere; ideoque iudicio Apostolico reprobati et ab omnibus reprobanda esse, et proreprobatis et condemnatis habenda.

— Ut autem huiusmodi excessibus finis imponatur et graviora simul praecaveatur mala quae inde oriri possunt;

- I – Concursus peregrinorum aut cariosorum visitationes et accessus ad MARIAM DE ARAÚJO aliasque mulieres in eadem causa culpabiles a Fortalexiensi aliisque Brasiliae Ordinariis, quantum omnino fieri poterit interdicantur.
- II – Scripta quaelibet vel Libri aut opuscula in defensionem illarum personarum ac illorum factorum edicta vel forsitan, quod absit, edenda pro damnatis et vetitis habeantur, et quantum fieri potest cilligantur et comburantur.
- III – Tam Sacerdotibus quam laicis prohibeatur quominus de praetensis supramemoratis miraculis voce vel scripto agent.
- IV – Panni sanguine perfusi ac Hostiae de quibus actum est omniaque alia seu reliquiae asservata, ab eodem Ordinario auferantur et comburantur.

(Sign) R. CARDINALIS MONACO.

Haec sunt quae Suprema Congregatio Sanctae Romanae Universalis Inquisitionis pronunciavit, respondit, ac statuit, eaque in terminis communicamus.

In quorum fidem, sub Nostris subsignatione et sigillo.

Datum Petropolis ex Aede Internunciaturae Apostolicae hac die 5 Junii anni 1884.

Fr. Hieronymus Maria, Archiepiscopus Petraeus.
Internuntius Apostolicus.

TRADUÇÃO:

Na Congregação de 4ª feira, 4 de abril de 1894, discutidos os fatos que sucederam em Juazeiro, Diocese de Fortaleza, os Eminentíssimos e Reverendíssimos Padres da Santa Igreja Romana, Cardeais inquisidores gerais, pronunciaram, responderam e instituíram o seguinte:

Que os pretensos milagres e quejandas coisas sobrenaturais que se divulgam de MARIA DE ARAÚJO são prodígios vãos e supersticiosos, e implicam gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia; por isso o Juízo Apostólico os reprovava e todos devem reprová-los, e como reprovados e condenados comprem serem havidos.

— Mas para se dar cabo de tais excessos e a um tempo se evitarem maiores males que deles podem nascer:

- I – O Ordinário de Fortaleza e os outros do Brasil proibam, por todos os meios ao seu alcance, o concurso de peregrinos, ou as visitas e acesso de curiosos a MARIA DE ARAÚJO e às outras mulheres incursas na culpabilidade da mesma causa.
- II – Quaisquer escritos, livros ou opúsculos públicos, ou talvez, que tal não aconteça, por publicarem-se em defesa daquelas pessoas e daqueles fatos, tenham-se por condenados e proibidos, e sejam quanto possível recolhidos e queimados.
- II – Tanto aos sacerdotes como aos leigos seja-lhes defeso tratar, por palavra ou por escrito, dos pretensos milagres supra citados.
- III – Os panos ensagüentados e as Hóstias de que se falou e de todas as outras relíquias conservadas, o mesmo Ordinário as tome e as queime.

(Ass.) R. CARDEAL MONACO

Isto foi o que a Suprema Congregação da Santa Inquisição Romana Universal pronunciou, respondeu e estatuiu, e é o que comunicamos em termos.

Em cuja fé, sob Nossa Assinatura e Nosso Selo.

Dado em Petrópolis, na residência da Internunciatura Apostólica, no dia 5 de junho de 1894.

Fr. Jerônimo Maria, Arcebispo de Petra
Internúncio Apostólico

2 Cremação dos Paninhos dos Milagres

Passaram-se 55 anos e 179 dias, para que essa Bula Pontifícia fosse executada, o que aconteceu por Ofício da Cúria Diocesana de Crato, em que D. Francisco de Assis Pires determinava que fossem queimados os paninhos dos supostos milagres, conforme as circunstâncias que abaixo descrevo e que já tive oportunidade de relatar ao Cel. Otacílio Anselmo, que as publicou no seu livro "Padre Cícero: Mito e Realidade". Como também ao Pe. Helvídio Martins Maia, que as deve ter inserido no seu livro "Pretensos milagres em Juazeiro".

No dia 30 de setembro de 1949, encontrava-me ministrando aula no Seminário de Crato, por volta das 10 horas do dia, quando o porteiro me comunica que o Padre Pedro Rocha de Oliveira estava me chamando ao quarto do Padre Francisco Limeira, então ecônomo do Seminário. De incontinenti para lá me dirigi, quando estavam reunidos, além dos dois sacerdotes já mencionados, Mons. Joviniano Barreto, Vigário de Juazeiro, e Padre Raimundo Augusto, Secretário do Bispado.

Neste comenos, Padre Raimundo Augusto leu um mandato episcopal, determinando a incineração dos paninhos dos supostos milagres de Maria de Araújo, contidos numa caixa de madeira de cedro, forma retangular, medindo mais ou menos 60 por 40 centímetros, e uma altura presumível de 7 a 8 centímetros, cor verniz natural, com dois fechos comuns. No referido documento, designava S. Exa. Revdma. D. Francisco de Assis Pires aos padres Francisco Limeira e Antônio Vieira como incineradores da caixa com os paninhos, e Mons. Joviniano Barreto e Pe. Pedro Rocha de Oliveira como testemunhas.

Nessa mesma ocasião, ficou acertado que o Pe. Francisco Limeira cuidaria de mandar fazer a escavação do local, com a maior discrição, que não despertasse a curiosidade de estranhos e dos demais contingentes para execução plena e perfeita do mandato episcopal.

Essa caixa de madeira, segundo informação prestada por Mons. Joviniano Barreto, para satisfazer a nossa curiosidade como conseguira tão misterioso achado, ora entregue a ele por uma Beata, que mandara chamá-lo para comunicar-lhe que queria morrer em paz, e só poderia fazê-lo, entregando-lhe uma caixa que continha os paninhos dos milagres de Maria de Araújo. A referida caixa se encontrava debaixo do travesseiro da enferma e dali foi retirada pelo próprio Mons. Joviniano Barreto, a pedido da própria Beata.

Nesse interregno, sem mais comentários, fomos almoçar e logo depois fariamos a execução do plano. Realmente, terminado o almoço, retornamos ao quarto do Padre Francisco Limeira e nos dirigimos à parte norte do Seminário, extra-muros, para o lado do Noviciado

das Filhas de Santa Teresa e a uma distância de 20 metros do quarto, onde eu morava, que era vizinho ao do Padre Francisco Limeira. Estava escavado um fosso com um metro de profundidade por 80 centímetros de cada lado, vendo-se perto pá, enxada e chibanca, duas latas d'água e uma garrafa de álcool. Foi-me dada a incumbência de abrir a caixa, e todos nós demoramos alguns instantes em observar os paninhos, sem neles tocar. Lembro-me perfeitamente da existência de uma variedade de paninhos, dando a aparência de se tratar de corporais, sanguinhos, manustérgios e lenços, apresentando todos umas manchas de cor roxa esmaecida, diluindo-se nos bordos para uma cor pardacenta, com fragmentos de hóstias.

Padre Francisco Limeira derramou sobre eles uma garrafa de álcool e fez a caixa descer até o fundo do buraco, quando ateou fogo, cujas chamas atingiram a superfície. Terminado o ritual, tudo estava reduzido a cinzas. Então, com a pá e enxada, cobrimos tudo, e Padre Francisco Limeira, como estratégia de despistamento, como havia dito aos empregados do Seminário que cavaram o fosso, plantou uma mangueira no local, derramando as duas latas d'água. Por mais de uma vez, ali estive apenas com curiosidade de saber se não tinha havido alguma violação, notando apenas que o pé de manga não conseguiu nascer.

Voltando aos aposentos do Padre Francisco Limeira, assinamos um termo ou ata do feito, que acredito ainda esteja arquivado na Cúria Diocesana de Crato.

3 Critérios Teológicos para Análise dos Fatos

Tomei a liberdade de fazer, agora, algumas considerações para análise e aprofundamento dos teólogos, canonistas e sociólogos, com a intenção de esclarecer um problema de alta relevância, que foi resolvido, não dentro dos parâmetros de evangelização, mas ao calor das paixões, do radicalismo, dos melindres feridos, do fanatismo, de toda uma urdidura e trama de farsas, disfarces, preconceitos e mandatos inquisitoriais.

A fé é um conceito subjetivo ou objetivo? É aceitar, sem discutir ou duvidar, um lenço de afirmações devidamente elaborado e codificado, ou decidir-se, por uma convicção interior, por uma intuição natural, por aquilo que julga ser digno de credibilidade?

Segundo São Paulo, "a fé consiste na firme confiança daquilo que se espera e na convicção daquilo que não se vê". Portanto consiste naquilo em que se acredita "sponte suo" e não naquilo que os outros impõem que se aceite como verdade inconcussa.. Seria válido utilizar a dialética filosófica para convencer alguém sobre os motivos de credibilidade de certos postulados da fé? A fé é uma certeza subjetiva e não objetiva. Em consciência, estamos

obrigados a ser fiéis à nossa convicção interior certa, embora errada, e não a aceitar a verdade objetiva em estado de dúvida, incerteza e tergiversação.

Como será possível conciliar a liberdade de consciência com o método de evangelização imposto?

Desde o momento que um fato ou objeto de é transpõe as fronteiras do mistério e se banha de claridade, de evidência, deixa de ser objeto de fé e passa a ser ciência, conhecimento. "Felizes, Tomé, os que crêem sem terem visto", disse Nosso Senhor.

4 Credulidade Popular Versus Infalibilidade Teológica

Baseados nessas premissas, nessa certeza subjetiva, poderemos, em sã consciência e em respeito à fidelidade, à verdade, admitir preliminarmente como herética a crença nos supostos milagres de Maria de Araújo?

Os elementos de que o povo dispunha e com os quais formou as suas convicções eram por demais convincentes: a hóstia banhada de sangue exposta à visão pública, o testemunho de centenas de pessoas cultas e abalizadas, o veredicto firme e persuasivo de Mons. Francisco Rodrigues Monteiro, Reitor do Seminário de Crato, como também o confirmado insuspeito dos padres Quintino Rodrigues, Felix Moreira e Joaquim Soter e também do Dr. Marcos Rodrigues Madeira, e posteriormente a declaração oficial da Comissão Episcopal, escolhida por D. Joaquim José Vieira, Bispo de Fortaleza, nas pessoas dos mais eminentes teólogos e canonistas do Ceará: Padres Glicério da Costa Lobo e Francisco Ferreira Antero, pessoas às quais não se podia atribuir nenhuma suposição de crueldade, fanatismo, credence, ignorância ou preferências tendenciosas.

Por outra parte, quais os critérios e motivos desapaixonados para que D. Joaquim José Vieira, longe do palco dos acontecimentos, sem outras fontes de informação e de convicção, senão os pressupostos ideológicos da sua razão, da teologia, as regras dos canonistas, sempre de natureza inespecífica, abstrativa e generalizada, para confessar seguramente que tudo isto não passava de uma farsa?

Da suposição preconcebida, da verossimilhança passou a certezas absolutas. De supostas premissas, a conclusões apodícticas. De informações suspeitas, porque dirigidas, a uma atitude radical e irreduzível. Confesso, "urbi et orbe", que não sou crente dos milagres de Maria de Araújo, mas sou formalmente contra os métodos e critérios adotados para a solução de um caso que exigia mais do Bispo um posicionamento de evangelizador, de missionário do

que Inquisidor medieval. Estou plenamente de acordo com Pe. Aloysio Lorscheider, quando disse: "Onde está o povo, Deus aí está".

Continuando o nosso raciocínio, D. Joaquim José Vieira partiu da tese teológica dos tomistas, como se fora dogma de fé que é impossível o Corpo Glorioso de Cristo sangrar, e que aceitar o sangue das hóstias de Maria de Araújo como sendo realmente de Cristo seria aceitar o absurdo teológico de que estava havendo uma nova redenção, uma nova imolação do Cristo, um novo derramamento de sangue no Calvário, ou então admitir a criação de uma espécie miraculosamente formada "ad hoc" para confirmar a fé dos fiéis. A partir daí, só uma conclusão se impunha ao seu raciocínio a de que o sangue só poderia ser do corpo da beata Maria de Araújo, levando em conta as circunstâncias do seu estado enfermiço, das convulsões epiléticas, hemoptises e vômitos de sangue, que habitualmente aconteciam com ela.

Qual seria, pergunto eu, a expectativa de D. Joaquim José Vieira, quando mandou uma comissão examinar os fatos miraculosos de Juazeiro? Tudo indica, pelo que aconteceu, que ele já tomara subjetivamente um posicionamento e que se sentiu frustrado e melindrado, porque tudo contrariava as suas previsões. Quais as provas que desfariam o arcabouço daquela argumentação teológica? Não seria uma incoerência submeter um fato, dito miraculoso, portanto objeto de fé, aos critérios de análise e de experimentação científica?

Os sacerdotes, que não se conformaram com a intransigência de D. Joaquim José Vieira, recorreram ao Papa e, como era de praxe, fizeram-no através do Bispo, que terminantemente se recusou a ser o intermediário, o que revelou manifesta disposição de dificultar a tramitação do processo e esclarecimento dos fatos ou ainda revelação de melindres ofendidos.

5 Expansão do Fanatismo, Receios de Cisma Religiosa e Repressão Hierárquica

Com a crescente divulgação dos fatos miraculosos e do fluxo migratório de peregrinos e romeiros a Juazeiro, D. Joaquim José Vieira foi tomado de uma paranóia: tratava-se de um cisma. Além dos 2 sacerdotes que oram delegados para exame dos fatos, mais 18 outros padres formaram fileiras, dando dimensões nacionais ao expansionismo das romarias e dos crentes, além do apoio maciço das lideranças políticas da região e do número sempre crescente de adeptos, que chagavam à Meca sertaneja, fosse por curiosidade, fosse à procura de milagres ou como forma de psicoterapia coletiva.

Então o Bispo, desarmado de argumentos e desarmado de apoio moral, até dos colegas do Episcopado, carregou as tintas do quadro, quando não havia nenhum sinal positivo e efetivo de rebeldia, mas apenas a angústia torturante e a expectativa ansiosa da resposta de Roma ao recurso impetrado, segundo todas as formalidades canônicas.

Não teria sido mais prudente esperar que o tempo diluísse as sombras que anuviavam os horizontes e atenuasse os efeitos da credulidade popular do que provocar o povo e transformar o Padre Cícero num mártir, em vítima, em herói?

Refletia-se no espírito de D. Joaquim José Vieira uma angústia, pelos acontecimentos tanto nacionais como internacionais, que tramavam contra a unidade da Igreja e o prestígio da hierarquia eclesiástica. O Pontificado de Pio IX foi um dos mais agitados de toda a história da Igreja, com a luta dos maçons e carbonários, sob o comando de Mazzini e Cavour, e conseqüente desapropriação de todas as terras pertencentes à Igreja, como reação bem organizada e sistemática contra o dogma da infalibilidade do Papa, decretada pelo Concílio Vaticano I; e, aqui no Brasil, com a questão religiosa, dada a prisão dos dois bispos D. Vital Maria de Oliveira e D. Antônio de Macedo Costa, respetivamente bispos de Olinda-Recife e de Belém, no Pará, bem como a campanha republicana mediante a pregação ostensiva dos postulados do Positivismo e a separação da Igreja do Estado.

Açodado por estes acontecimentos, que atingiam frontalmente a autoridade do Papa e as estruturas doutrinárias da Igreja, e ainda situado no epicentro de acontecimentos, que não conseguia controlar, e que lhe pareciam movimentos de rebeldia, de revolta, de cisma e desacatamento à autoridade, D. Joaquim José Vieira não esperou a decisão da Sagrada Congregação do Santo Ofício e, logo em 1893, apoiado nos termos da Bula – SANCTISSIMUS – de Urbano VIII, de 13 de março de 1625, suspendeu o Padre Cícero de ordens e colocou o povoado de Juazeiro sob interdito, não podendo haver nenhum ato religioso ou movimento popular.

A 2ª Carta Pastoral de D. Joaquim José Vieira, em 1894, já com apoio da decisão e decretos da Sagrada Congregação do Santo Ofício, de 4 de abril, alargava a cominação de penas mais drásticas e violentas, cujo teor já lemos no vestibular deste trabalho, tanto em latim como em português.

Para execução desse mandato apostólico e abafar o movimento herético de Juazeiro, D. Joaquim José Vieira convocou o Padre Cícero e mais 4 sacerdotes dissidentes a Fortaleza, enquanto comissionava Mons. Antônio Alexandrino de Alencar, vigário de Crato, custodiado por 40 policiais enviados de Fortaleza para ir a Juazeiro ler a Carta Pastoral com todas as penalidades ali exaradas, remover a beata Maria de Araújo e 9 beatas para Crato.

Além desse documento público, havia determinações sigilosas, obrigando o padre Cícero a restituir todo dinheiro recebido em nome dos pretensos milagres, como também a prestar juramento de que renunciaria, no futuro, a receber quaisquer ofertas dos romeiros.

Colocado Juazeiro sob interdito e proibição de qualquer rito religioso no povoado, a reação tomou as proporções de uma metástase, porque transformou o Padre Cícero num mártir, transferindo o culto aos paninhos de Maria de Araújo para a personalidade do padre Cícero. E todas as casas do povoado, como dos sítios circunvizinhos, se transformaram em altares, enfeitadas, ornamentadas, decoradas com os retratos do padre Cícero e de Maria de Araújo, com flores, fitas coloridas, bandeirolas, cânticos de benditos e reza pública do rosário e de outras orações.

Por outra parte, o povo pobre, bem como os ricos proprietários boicotaram qualquer tipo de ajuda financeira à Igreja, golpeando assim as rendas indispensáveis à manutenção do culto como dos sacerdotes.

Era realmente impossível que as populações disseminadas, nos mais distantes recantos do sertão aceitassem e assimilassem as decisões da Santa Sé sobre os milagres de Juazeiro, porque as populações rurais do Nordeste jamais tiveram uma catequese adequada e bem orientada para formar-lhes uma consciência correta e dissipar as suas crenças cristalizadas por tantas formas de mistificação religiosa.

As Cartas Pastorais de D. Joaquim José Vieira como as Bulas Papais não eram lidas, comentadas e esclarecidas ao alcance da compreensão popular, através de sacerdotes com carismas de evangelizadores e missionários, mas com o topete de oficiais cartorários executando mandatos judiciais.

A campanha que se fez contra o fanatismo de Juazeiro chegou às raias da radicalização, da virulência, da descaridade, das ameaças e dos castigos divinos. Era o fanatismo da hierarquia eclesiástica contra o fanatismo das massas incultas, ignaras, relegadas ao próprio destino, como ovelhas sem pastor. O mesmo fenômeno e radicalismo de Juazeiro era irmão siamês do fanatismo que aconteceu e atuou em Canudos, de Antônio Conselheiro, em Santa Cruz do Ouricuri e, mais tarde, no Caldeirão do Beato José Lourenço. Em nenhuma oportunidade desse "affaire", a Igreja colocou nos lábios dos seus representantes as palavras de Cristo no Calvário: —"Pai, perdoai-lhes porque eles não sabem o que fazem".

6 Revelação Divina e Resposta da História

A Igreja, como a história, se repete, mas não se renova. Muda-se apenas o cenário. Os acontecimentos de Juazeiro do Norte dão simplesmente uma modalidade de outros

comportamentos da igreja, ao longo dos tempos, a nos mostrar, de um lado, a fragilidade dos que remam o barco de São Pedro, e do outro a estrutura granítica da sua perenidade na História.

A Igreja transformou a mensagem de Fé do Cristo em código teológico, canônico, ético e místico para consumo interno. A Fé deixou de ser historicamente uma opção possível, livre, espontânea, para ser uma imposição sancionária. Entrava na consciência com sangue e lágrimas: ou crês ou morres! Fizeram-se Guerras de Religião para converter os bárbaros, os mouros, os pagãos, os hereges.

Os teólogos estrategicamente adaptaram o Evangelho às conveniências da Igreja hierárquica que, por coincidência, eram sempre as suas próprias conveniências. Sacralizaram a autoridade como divindade. Obedecer aos superiores era obedecer a Deus. Ensinava-se que era melhor errar obedecendo, do que acertar desobedecendo. Poder que não se atribuía nem ao próprio Deus: fazer que o erro seja verdade e vice-versa. "Roma locuta, causa finita". Analisando a progressão da Igreja no tempo, chegamos, sem dificuldade, a aceitar como verdade inconcussa que os ignorantes, os humildes, os hereges, os pagãos foram menos prejudiciais à ortodoxia do que os teólogos, os canonistas e os Doutores da Lei. Cristo teve mais facilidade em dialogar com Satanás, o que fez muitas vezes, do que com os Fariseus e os Doutores da Lei.

Racionalizar a Fé é matá-la, é asfixiá-la. Fé é como o Amor: para ser vivida e não compreendida.

FONTES DA FÉ

- a) A Revelação Divina é progressiva e por isso se confunde com a própria História do Povo, com as suas convicções, costumes, sofrimentos, alegrias, esperanças. No Antigo Testamento, todo conteúdo da fé se concentra nas promessas de Javé ao seu povo: um só Deus, dignidade e transcendência divina, designio de amor e salvação, e expectativa do Messias.
- b) A auto-revelação de Deus atinge a sua plenitude em Cristo, como escreveu São Paulo: "agora, nestes dias, falou-nos por meio do seu filho" (Heb.1,2). Os Evangelhos condensam todo esse conteúdo messiânico e escatológico.
- c) A Igreja é depositária da Fé, a quem foi confiada a missão de pregar o Evangelho: "Ide e ensinai a todas as criaturas." As primeiras Comunidades Cristãs estão inseridas nessa missão evangelizadora, mediante a Fé, a catequese, a vivência na

caridade e o exemplo modelar de vida, conforme o testemunho dos Atos dos Apóstolos e a profissão do Símbolo dos Apóstolos: "cremos na Comunhão dos Santos".

- d) Depois da Última Ceia, Cristo enfatiza a fé dos humildes, dos simples, a religiosidade popular, quando se dirigiu ao Pai: "Eu te agradeço, ó Pai, porque ocultaste estas cousas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos humildes e pequeninos"(Luc. 10,21).

A partir de Constantino, a Igreja deixou de ser uma comunidade de amor e de fé para hierarquizar-se, organizar-se com as mesmas estruturas de um Estado: com poder, riqueza e todas as prerrogativas de um Estado Autocrata, Monárquico e Soberano. A Igreja tornou-se, ao mesmo tempo, fiadora e aplicadora do Direito Justiniano, Depositária única do Magistério Divino, Administradora das terras que compreendiam a Itália, Península Ibérica, Sul da Áustria e Provença (Sul da França).

Atualmente, difícil senão impossível a um historiador, teólogo, canonista distinguir, ao longo de 17 séculos, o que é o Magistério Eclesiástico, o conteúdo da fé e aquilo que é especificamente ato governamental, político, econômico, e toda parafernália de interesses pessoais, de exploração e manipulação do Direito, da Religião, da Ascética, da Moral, da Política, da Economia.

Seria longo e cansativo indicar, ao menos, os pontos capitais dessa caminhada, como diria Dante Alighieri, na Divina Comédia, "per questa selva selvaggia", mas daremos apenas alguns toques para que o ONTEM complete e justifique o HOJE:

- a) O primeiro Concílio da Igreja, realizado em Jerusalém, presidido por São Pedro, foi sobre questão culinária: saber se o gentio convertido podia ou não comer carne de porco.
- b) A imposição do celibato foi apenas uma sugestão de um grupo de monges reunidos num pequeno vilarejo da Itália, chamado Elvira, no séc. IV, e que a história da Igreja denominou Concílio de Elvira. Aliás, como escreveu o grande teólogo holandês, Edward Schillebeeckx, era muito habitual à Igreja transmitir como decisões conciliares pequenas conclusões de sínodos regionais ou Editos imperiais, como nos tempos do Augusto-Sacro Império Romano, quando até os Concílios Ecumênicos eram convocados e presididos pelos reis e imperadores.
- c) Durante 11 séculos, a Igreja não admitia o matrimônio como sacramento, porque seria inadmissível que o sexo fosse fonte de santidade.

- d) A abstinência de carne, durante a Quaresma, as Têmporas e Advento, incluía também a abstenção das relações conjugais, e as mulheres puerperas eram obrigadas a um ritual de purificação, porque a maternidade era uma coisa impura.
- e) Miguel Ângelo foi ameaçado de excomunhão, porque na tela da criação pintou Adão com umbigo.
- f) Ensinamentos mandamentais do Cristo no Evangelho foram atenuados e diluídos conforme as conveniências do tempo. O juramento, que foi condenado por Cristo, é transformado em ritual eclesiástico nos sacramentos da Ordem, Batismo e Matrimônio. A proibição terminante e peremptória de cobrar juros, de exercer agiotagem, na Idade Média sua execução foi exagerada, como meio de confiscar os bens dos judeus, mas ultimamente atenuada e supinamente utilizada pelo Vaticano, detentor de uma rede de Bancos Internacionais.
- g) Nenhuma virtude foi mais exaltada que a pobreza, para tornar mais generoso e pródigo o rico avarento, cujas esmolas dadas às pias obras sociais da Igreja alargariam as portas dos céus, por onde poderia passar não apenas um camelo, mas até uma cáfila, contanto que fosse carregada de ouro.
- h) As Ordens Mendicantes, instituídas na Idade Média, transformaram-se com as esmolas recebidas nas grandes construtoras das catedrais góticas e das grandes universalidades católicas, e nas multinacionais das redes de colégios e educandários espalhados pelo mundo inteiro.

Enquanto os teólogos, canonistas, congregações religiosas defendiam ou faziam voto de pobreza, viviam asceticamente a pobreza evangélica os humildes, os miseráveis, e os marginalizados sociais habitavam os guetos, as palafistas, as favelas, vivendo a sociologia dos pobres, da fome, das doenças, das procissões sociais, como o pobre Lázaro da Parábola Evangélica, suspirando por comer, ao menos, as migalhas e farelos que caíam da mesa farta e pródiga dos conventos e monastérios.

Juazeiro é apenas um pequeno episódio histórico, na longa caminhada dessa Igreja, que é santa e pecadora, e que, como o povo hebreu, caminha para a plenitude da vivência da caridade e fraternidade evangélica.

ECCLESIA, HERI, HODIE ET SEMPER!

Juazeiro do Norte, 18 de setembro de 1999

Padre Antônio Vieira

JUAZEIRO DO NORTE E UMA RELIGIÃO POPULAR

Dr. Suliano Filho

Prezados Simposistas:

Analizamos, complementamos, com nossas pesquisas e opinião, o trabalho "Um Esclarecimento da Psicologia Religiosa sobre o fenômeno Juazeiro do Norte"- texto-base da Palestra "Padre Cícero Santo Popular e Figura Paternal", do Prof. Antoine Vergote, da Universidade Católica de Louvain, apresentado aqui, em Juazeiro, no 1.º Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro, com apoio da Universidade Regional do Cariri -URCA, e elaboramos a presente comunicação – Juazeiro do Pe. Cícero e uma Religião Popular.

O trabalho do Prof. Antoine teve a colaboração das Ir. Guimarães e Cheline baseada nas pesquisas para Doutorados, apresentado na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica e em Paris, nos anos 1982 e 1983, sob os títulos: "Etude Psychologique de la Fonction d'un Saint dans le catholicisme populaire Pe. Cícero et la Religion du Nordeste Brasil – Université Catholique de Louvain, 1983 e da Ir. Cheline e H. Branthomme:

"Les Chemines de Dieu. Histoire des pèlerinages chrétiens des Origènes e nos Jours", apresentada em Paris – 1982.

Como vemos, na Bélgica como em Paris, alguém conhece sobre a vida do Pe. Cícero, em Juazeiro, no Ceará, Brasil.

Os AA comentam sobre a infância o significado de uma figura paterna, como o Pe. Cícero, num ambiente fundamental de cultura e de religião popular, da qual Juazeiro é o centro.

Referem que só há verdadeira cultura e autêntica religião, quando enraizada dentro dos costumes, dos símbolos, da linguagem, das festas e dos ritos de uma determinada comunidade.

Diz Antoine, que se opõe desprezo com que alguns intelectuais, as autoridades Cíveis e Religiosas, (com exceção da Igreja Católica Brasileira que, há anos, beatificou o Pe. Cícero), têm sido racionalistas demais, com desprezo em relação à cultura e à Religião Popular, que se acentou, em Juazeiro.

As lendas sobre o nascimento deles, os milagres, não há nisso nada de desprezível. Quando se ama e se admira alguém, é natural a tendência de atribuir-se a essa pessoa qualidades e pendores excepcionais, sobretudo quando se tem uma inspiração rica; o

que não se admite é explorar as crenças populares, chamadas de supersticiosas, porque ali mesmo a superstição tem algo de magnetismo pessoal e ambiental.

Estudar a contribuição no campo da Psicologia Religiosa, na formação da identidade pessoal e comunitária, bem como os aspectos sociológicos de um fenômeno, como o de Juazeiro, analisado dentro da realidade econômica do País, do seu passado, da história das relações e conflitos com as autoridades civis e eclesiásticas, pode ser compreendido, sobretudo dentro de um movimento mais ou menos messiânico, já antigo, revelado e aceito, como aquela revelação mediúnica, com que Jesus mostrava um povo, encarregava ao Padre aquele povo, (visto na visão do Pe. Cícero), que seria para ele tomar conta.

Diz Antoine que a personalidade do Pe. Cícero é um fato único, original, por cuja influência se explica parcial, porém essencialmente, a Religião Popular.

A Ir. diz que o Pe. Cícero é chamado pelo povo, de meu "padim Cícero", uma corruptela de padrinho.

"O Padrinho tem uma grande importância na cultura do nordestino, porque é substituto eventual do pai".

Existe o padrinho de batismo, de crisma, de casamento e de certas festas, como a "entronização" da imagem do Coração de Jesus, feita em residências com ritual de respeito e adoração.

É um costume popular, regional. Entre o padrinho e o afilhado há um laço especial, um laço de ordem de filiação, continua a Ir. Guimarães; que o Pe. Cícero também é o pai de todo o seu povo, na dimensão humana e na dimensão da fé religiosa. E as duas estão ligadas surpreendentemente; é que todos atribuem ao Pe. Cícero esta função e esta qualidade de ser seu padrinho, e que, no mesmo tempo, os diferentes grupos colocam nesta função de padrinho um significado matizado.

O ROMEIRO

Romaria é um fenômeno universal nas religiões, também no Cristianismo, desde a época das Cruzadas.

Todo peregrino vai sempre em direção de um lugar santo, um lugar que está, de um certo modo, fora do mundo habitual; por esta razão é sempre uma festa, há uma motivação, uma esperança de se ver algo inusitado. Não se espera ver a mesma coisa, quando se faz peregrinação a Lourdes, a Roma, a Meca, a Juazeiro ou Canindé.

Em Juazeiro, inicialmente, a busca de "O milagre em Juazeiro", fenômeno mediúnico de estigmatização, de êxtase e de comunicação espírita entre médiuns – (Para Normal- PK), de efeito físico e materialização, em busca do sangue deixado em toalha, destruída depois por ordem da Inquisição. O silêncio e a reação da Igreja motivaram mais a curiosidade à romaria.

Aquela fenomenologia, na época, envolveu um caráter de santificação, talvez encaminhado pela própria missão daqueles espíritos superiores, na preparação de fundar um "Centro de Cristandade a irradiar salvação para a Humanidade". Dizia-se a manifestação mediúnica, em êxtase, através da médium Maria de Araujo.

Continua a Ir., que o romeiro, o peregrino se aproximam do homem, a quem consideram santo, pelo acontecimento da presença de transformação da hóstia em sangue, em busca dos restos do sangue na toalha. Para eles, esse homem é santo – falecido – ainda está vivo nos objetos que usou, - (hoje em museus) ou destruídos pela Inquisição. "É preciso entender-se bem o significado desta afirmação"- diz a Ir. "Trata-se de uma presença viva além da morte, sem que a crença da ressurreição seja aqui necessariamente implicada". Dizemos nós, que o espírito vive no espaço, usa o livre arbítrio, reencarna, inicia uma "missão" a ser confiada, Não seria lógico que Ele, ao deixar o corpo, continuasse influenciando com a sua presença magnífica, sintonizando com aqueles que podem ser receptivos, usando os poderes mediúnicos de sensibilidade, os mais variados, que existem em todos nós?

Ele está hoje nos museus, na Estátua(mais alta do mundo em pessoa física), nas pequenas reproduções fotográficas ou em gesso, prata ou ouro, etc, até mesmo nos objetos de "paga" de promessas.

A presença do modelo desencadeia na menta humana os acontecimentos da vida dele ou a satisfação de algum pedido, de alguma necessidade atendida, às vezes auxiliado com a própria força da mente; recebeu assistência dele ou da falange de espíritos que o auxilia, no atendimento das rogativas lógicas e humanas que podem ser atendidas.

Por estes mesmos acontecimentos lógicos do mundo espiritual, a palavra superstição torna-se imprópria para caracterizar a crença na presença ainda viva, além da morte, de um personagem como o Pe. Cícero, diz Antoine – " Trata-se de fenômeno religioso muito normal". "O que é psicologicamente característico da religião popular é que a representação da presença espiritual do santo é como materialmente encarnada no símbolo de sua presença na Estátua. – Aqui temos a passagem entre a semelhança (Estátua que representa), que torna presente pela aparência e a continuidade. (aproximadamente material). Explica-se essa passagem da semelhança à representação de um continente material e

subjetivo. Enquanto a representação acorda a imaginação da presença, o desejo de possuir transforma a presença imaginada em presença quase real. –Nisto não há nada de anormal.

“Alguns intelectuais e autoridades eclesiásticas vêem nessa prática degradação supersticiosa da religião – diz Antoine –“como psicólogo e teólogo não partilho essa desconfiança a priori”.

Acha ele que tudo depende da intenção, do pensamento e da vontade dirigida. Pode-se praticar, de maneira supersticiosa, os sacramentos e rituais das religiões, se não se tem intenção realmente religiosa.

Entende a Ir. Guimarães que a procura dos romeiros à cidade do Pe. Cícero tem aquele sentido bíblico, dado ao patriarca Moisés, que anunciava a futura chegada do Messias e uma nova lei divina. Ele, Pe. Cícero, é também o mediador (“Eu vou para o céu rogar a Deus por vocês”), de um novo pacto entre Deus e o povo, o pacto da fé cristã. Acredita o povo que ele dá a Paz, dá um sentido religioso à vida, à sabedoria, dá também a reconciliação com a vida, que é dura; a própria reconciliação com Deus.

Que essa função propriamente espiritual, que o Pe. Cícero exerce para os Romeiros, é o prolongamento do que exerceu, durante a sua vida.

Comentando o significado do Pe. Cícero para os habitantes de Juazeiro, diz a Ir. que ele é recordado como se continuasse presente como pastor, aquele que reúne e guia, com planos humano, moral e religioso.

“A história de Juazeiro faz com que nesse pastor se veja também o ancestral, no sentido preciso que a Antropologia Cultural dá a este termo. O ancestral é o pai – fundador de uma comunidade cultural. Claro que o Pe. Cícero não é o pai que procriou. Mas isso também não é o mais importante no ancestral. Visto pela antropologia cultural, ancestral é o pai, fundador, na medida que ele deu à comunidade as crenças religiosas, as leis morais que são a base sobre as quais ele construiu uma sociedade cultural”.

Essas crenças e essas diretrizes de conduta são precisamente o que é transcendente aos indivíduos e que, por esta razão, mantêm a coesão da comunidade.

Por esses acontecimentos, a cidade de Juazeiro do Pe. Cícero deve ao turista-romeiro a oportunidade do desenvolvimento comercial, social e cultural, quiçá o Cariri.

Santo Popular – o povo canonizou o Pe. Cícero pelas suas virtudes, não por revolta carismática dos acontecimentos, pelos quais a Inquisição o “degolou”.

Canonizado o Pe. Cícero pela Igreja Católica Brasileira e pelo povo, agiram com grande independência, obedecendo à consciência, mas querendo ficar fiel à Igreja, conclui a Ir. Guimarães.

Diz Antoine – O Pe. Cícero é também considerado como santo, porque, enquanto conselheiro, encarnava sabedoria divina, e, enquanto figura profética, para os romeiros, sobretudo, ele é a boca “humana divina”, que pronuncia as palavras que dão sentido à vida. Sobre a figura paterna – continua Antoine – o título de padrinho dado ao Pe. Cícero é altamente significativo, é uma palavrinha carinhosa, é o símbolo dos laços particulares que têm com o Padre, ao mesmo tempo, os indivíduos e a comunidade Social e Cultural de Juazeiro. São laços de família. O título de padrinho deixa entender que o Pe. Cícero representou bem a figura paternal.

Das pesquisas da Ir. Guimarães, o Pe. Cícero sempre se conduziu na vida, pela própria iniciativa, como um pai para todos. O pai que dá alimento, dá a lei, dá a esperança, através da palavra de Deus.

Conclui Antoine – Sobre a figura paterna do Padre, as qualidades de profeta, de sábio e de pai fundador, mais as curas, bem estar e paz atribuídos, são as características que fazem do pai uma figura altamente estruturante e humanizante, para os indivíduos e para a comunidade.

Pode-se efetivamente ressaltar, na religiosidade de Juazeiro, muitos traços que se encontram em toda Religião Popular. É preciso, porém, evitar comparações e abstrações que desconhecem a natureza totalmente específica do caso de Juazeiro. Seria arbitrário e não científico querer explicar todo o fenômeno de Juazeiro pelas leis sociológicas e psicológicas gerais, diz Antoine. Sua explicação fundamental se encontra num acontecimento especial: A personalidade e as atividades da figura humana, religiosa, excepcional do Padre Cícero criaram uma forma singular de Religião Popular.

Muito Obrigado!

COMUNICAÇÃO: CANUDOS E O CONTEXTO DE JUAZEIRO

*Prof. Dr. José Paulino da Silva**

Minhas senhoras e meus senhores,

"Resgate da Memória histórica: Canudos ontem e hoje" é o título da proposta de trabalho que ora desenvolvemos com um grupo de alunos e ex-alunos da Universidade Federal de Sergipe e professores do ensino de 1º e 2º graus da rede pública e particular de Sergipe.

Não é nosso objetivo entrar em detalhes sobre o andamento de nosso trabalho, suas dificuldades, seus momentos de gratificação... Nesta comunicação, queremos apenas dar um recado, mesmo que breve e respeitoso:

- a) do porquê de nosso propósito em re estudar Canudos;
- b) do papel de uma universidade situada no Nordeste e seu compromisso com a verdade dos fatos históricos, dando especial atenção a este fato de muitos se empenharem em abafar e distorcer.

O Pe. Murilo de Sá Barreto muito bem expressou, na apresentação do programa deste simpósio, que Juazeiro tem sido lugar de "chegada".

É a partir deste sentido de caminhada e de chegada que gostaria de situar nosso trabalho sobre Canudos. Na verdade, a motivação maior que nos tem movido em direção a Canudos não tem sido Canudos apenas como episódio histórico, mas, sobretudo, Belo Monte, como lugar de "chegada", como utopia alcançada, que está a nos dizer que lá se pode chegar pelos caminhos que nos cabe construir. Entretanto, para chegarmos até lá é preciso caminhar. Um caminhar que necessariamente há de passar pelos sertões de nossa existência. Um caminhar, no qual não pode faltar um mantimento importante: o resgate de nossa memória histórica.¹

Permitam-nos dizer que, à semelhança de Juazeiro, Canudos, Contestado e Caldeirão fazem parte de um mesmo contexto: um contexto de opressão e de sofrimento de nossos irmãos trabalhadores do campo acossados pelo latifúndio que negou (e nega) a todos um pedaço de chão para trabalhar e para morar.

Um contexto de fé na sua mais espontânea manifestação popular;

* Pró-reitor de Pós-graduação e pesquisa da UFS.

¹ SILVA, José Paulino da. *Itinerários de libertação*: um estudo sobre a perspectiva libertadora da educação. Campinas-SP: Tese de Doutorado da UNICAMP, 1989.

Um contexto de irmãos que se somaram e realizaram uma experiência social sem a ajuda dos detentores do poder;

Um contexto de silêncio imposto por estes e de sua fúria insana para ver estas experiências destruídas.

No que diz respeito a Juazeiro, o Pe. Murilo indaga: qual o sentido desta consagração popular, a despeito do silêncio oficial da Igreja, da censura de muitos, da exploração dos políticos e do oportunismo de tantos?.

A Universidade Regional do Cariri –URCA, unida às pessoas estudiosas da Região do Cariri e de outras regiões do País, está dando um valioso exemplo do que pode ser feito, ao emprestar sua colaboração, no sentido de clarificar estas e outras questões. Eis o papel de uma Instituição de Ensino e Pesquisa: utilizar seus recursos humanos, na elucidação de questões importantes para a população a que ela serve.

No caso de Canudos, o compromisso com o seu resgate entendo que deveria ser de todas as instituições e/ou instâncias da sociedade que, inclusive, colaboraram para agredi-la, destruí-la e esquecê-la. Incluam-se nestas... o Exército, o Poder Estatal, a Igreja Católica, a Ordem Jurídica e a Opinião Pública.

Entendo, ainda, que é um dever das universidades do Nordeste o empenho por este compromisso histórico de fazer justiça, mesmo que tardia, àqueles nossos irmãos que, num passado não muito distante, nos deram uma lição de organização, de fé e, sobretudo, de muita coragem e decisão política.

Imbuídos desta preocupação, é que existe na Universidade Federal de Sergipe um grupo de pessoas interessadas em trabalhar a temática de Canudos, visando aos seguintes objetivos:

- 1) Formar, no âmbito da universidade, um grupo de estudo de caráter interdisciplinar para uma revisão do episódio da Guerra de Canudos;
- 2) Promover, no âmbito do ensino de 1º e 2º graus, uma revisão do episódio da Guerra de Canudos, a partir da análise crítica dos textos didáticos que tratam o assunto, de maneira caricaturada e/ou distorcida;
- 3) Formar um acervo bibliográfico, documental e oral sobre Canudos;
- 4) Publicar trabalhos que se relacionem com a temática de Canudos ontem e hoje e, em especial, elaborar textos e/ou folhetos para uso didático;
- 5) Fazer um levantamento das obras construídas pelo Conselheiro, através de registros fotográfico e cinematográfico.
- 6) Suscitar uma discussão sobre a situação agrária do Brasil, ontem e hoje.

Considerando que, tanto ontem como hoje, o uso da terra é uma questão central para o povo do Sertão, destacando-se Canudos, enquanto comunidade igualitária, exemplo bem sucedido de uso e posse coletivo da terra, o grupo tem procurado dar maior atenção a este aspecto da questão, na tentativa de extrair da experiência de Canudos as lições que sirvam para fortalecer as formas de organização e resistência daqueles que, no presente, dentro ou fora da região do sertão, enfrentam a luta por um pedaço de terra, por um teto, enfim, por um espaço onde possam viver com decência e dignidade.

Neste sentido, o grupo de estudos tem participado do Movimento Histórico de Canudos, aproximando-se de algumas comunidades do Sertão que têm procurado resgatar a memória de Canudos. Movimento, um ato de cunho cultural e religioso, para celebrar a memória dos mártires de Canudos, sempre nos dias 04 e 05 de outubro.

Um outro desdobramento do grupo de estudos sobre Canudos é a discussão do assunto, sob forma de conferências, seminários e debates em escolas de 1º e 2º graus da rede pública e particular do Estado e com associações e sindicatos rurais.

Uma etapa que está em nossa previsão, a depender das fontes de financiamento, é a elaboração de pequenos textos didáticos que possam tratar de Canudos, sob diferentes enfoques: geográfico, histórico, lingüístico, cultural etc.

Como lembra Edmundo Moniz, "ainda permanece inédita grande parte da documentação sobre Antônio Conselheiro e Canudos".² Esta realidade por si já deveria merecer especial atenção das universidades brasileiras.

Acredito que uma universidade, enquanto instituição de ensino, pesquisa e extensão, deve, antes de tudo, ter um compromisso ético em ajudar na preservação da cultura e no tratamento correto dos fatos históricos de um povo.

CONCLUSÃO:

Mais do que um projeto de pesquisa, nos moldes usuais, com etapas, objetivos e cronogramas já definidos, nosso trabalho configura-se como um projeto de estudo e aprendizagem, numa dimensão mais participativa. Na verdade, trata-se de um esforço conjunto que representa um passo na direção de Canudos como lugar de chegada.

E nossas universidades não podem dar-se ao luxo de viver distantes, pela sua ignorância ou pela sua indiferença, de acontecimentos como Juazeiro, Canudos, Caldeirão e Contestado, tão densos de lição de vida – cujo milagre maior foi a comum-união de todos, num contexto de luta por uma terra que propiciasse a cada um ganhar o próprio pão, com trabalho e senso de justiça.

² MONIZ, Edmundo. *Canudos: a guerra social*. 2. ed. Elo. p. 306.

PROBLEMAS DE MEDIÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR

*Joaquim Ozório Pires da Silva**

Na ciência, a simples descrição de um fenômeno não permite a visualização do que se quer dizer. Há estratégias como a construção de tabelas ou quadros que estabelecem referências. Este método tampouco serve, pois será preciso, então, descrever o quadro para explicá-lo. As ciências naturais costumam usar a Matemática para simplificar sua linguagem de transmissão de conhecimentos. O espírito prático norte-americano tentou aplicar às ciências humanas o mesmo método quantitativo, embora lidem com ciências de cunho qualitativo. Pergunta-se se é possível avaliar, com o mesmo grau de certeza com que se conta o número de átomos de uma molécula, quanto há de democracia num grupo ou sociedade. Do mesmo modo, indaga-se também se é possível medir o grau de religiosidade e se é possível expressar a resposta em números.

1 Religiosidade Popular – Costumes Locais – Doutrina Religiosa – Incoerência

Na Psicologia Social, desenvolveu-se o conceito de atitude como um conceito auxiliar para a descrição do interior de uma pessoa, através de seu comportamento ou outras manifestações inequívocas. Costuma-se avançar a definição para algo mais profundo: atitude vem a ser, então, um estado de prontidão cognitivo, psíquico e dinâmico, que surge do conjunto de normas de valor do grupo de referência, hierarquicamente organizado de modo permanente, e que determina a resposta dinâmica do indivíduo a um objeto psicológico.

A primeira característica da atitude é, sem dúvida, a sua unidade. Isto quer dizer que todas as reações do indivíduo, diante do objeto de sua atitude, estão combinadas e uniformizadas; pelo menos, essas reações não se contradizem. Se o indivíduo é, por exemplo, católico, e se indagarmos qual a sua atitude, diante de sua religião, poderíamos imaginar uma contínua entre rejeição total e aceitação incondicional. Imaginemos que o indivíduo batizado, católico, rejeitasse o Catolicismo. A primeira consequência seria a de que o Catolicismo em si não é uma atitude nem é religiosidade, pois se pode ser católico legalmente e rejeitar o Catolicismo. Atitude católica, no caso, seria a posição do batizado católico que deixasse conformar toda sua vida pela doutrina do Catolicismo. Neste caso, estaríamos nos referindo a

* FICB – Brasília.

uma síndrome da atitude religiosa, em que todos os setores da vida social (por exemplo, política, economia, família etc), são influenciados pela religião. Estamos, então, lidando diretamente com valores, ou melhor, com uma hierarquia de valores, que dá um sentido à vida do indivíduo, proporciona-lhe um esclarecimento acerca dos problemas finais, como o Mal, a Morte, os Transcendentais e outros. Exatamente porque o indivíduo deixa-se conduzir por esses valores, ressalta mais a unidade de sua religiosidade como uma atitude, cujo objetivo é o mundo todo.

A segunda característica da atitude – a constância de reações diante do mesmo objeto – foi deduzida da observação teórica e prática de que a mesma pessoa, em situações iguais e diante do mesmo objeto, mostra a mesma reação. Esta marca encaixa-se perfeitamente no conceito de religiosidade, uma vez que esta orienta as reações do indivíduo religioso, em todas as situações. A hierarquia de valores e a imutabilidade dos valores mais elevados na Religião são a base da constância de comportamento do homem religioso. A formação dessa tendência para a constância é tarefa do educador, diz Thurstone.

Tomando ainda o exemplo religiosidade católica: eleva-se contra ela, com freqüência, a recriminação de conservadorismo, o que parece ser, pelo menos, um mal-entendido. Se com isso se quer significar os valores, então o conservadorismo é, antes, um sinal de legitimidade da atitude, já que a hierarquia dos valores religiosos deve permanecer inalterada, em todas as situações e para todos os indivíduos. Se, contudo, por significado de conservadorismo deseja-se entender uma fixação no tempo, em relação a um melhor entendimento da doutrina, a uma mudança de ambiente ou a um isolamento do mundo, então esse conceito de religiosidade desconhece a terceira característica da atitude: O Dinamismo.

Por dinamismo da atitude deve-se entender a predisposição espiritual que leva o indivíduo a reagir dinamicamente às situações que o mundo coloca. As atitudes podem mudar, se o indivíduo mesmo mudar, através da acumulação de novas experiências, ou se a situação mudar, embora o objeto permaneça igual. A atitude também é dinâmica, porque ela prepara a ação e a conduz. Novamente aqui se encontram atitude e religiosidade. Esta também muda e de duas formas: a) intrinsecamente, ou seja, muda de tal modo que já não se pode mais falar em religiosidade, pela falta de princípio orientador; este seria o caso, se houvesse uma total desordem na hierarquia, remodelação dos valores, antes aceito; segundo Allport, uma situação semelhante a essa ocorre em situação de trauma. b) Extrinsecamente, ou seja, a religiosidade como tal permanece sem mudança, porém a maneira de manifestar-se e sua intensidade mudam; após um retiro espiritual, por exemplo, ou uma nova situação de vida, costuma haver mudanças comportamentais.

Milton Yinger, sociólogo da religião, vê pouca diferença entre religião intrínseca e extrínseca. Esta escassa diferença leva muitas pessoas a acreditarem na decadência da religião, ao perceberem o desaparecimento de suas formas tradicionais. Outras pessoas invocam a imutabilidade da religião para se opor a qualquer adaptação necessária, diante das mudanças no mundo. A função de orientação e do dinamismo para a ação é expressa, através de sua constante relação com seus valores. Esta relação com os valores está sempre presente, em qualquer decisão do homem religioso, o qual busca constantemente um vínculo de Fé ou a Moral.

A religiosidade popular parece ter todas as características dessas reflexões, razão por que se pode concluir que ela é uma atitude. Permanece a pergunta decisiva: como se poderá captar e medir a atitude – unidade pluridimensional? A resposta parece basear-se na possibilidade de quantificar-se cada uma das dimensões destacadas anteriormente: a cognitiva, a psíquica e a comportamental. Sendo impossível, poder-se-á medir a religiosidade popular.

2 A possibilidade de medição da religiosidade popular

Embora seja uma unidade pluridimensional, a atitude é um fenômeno abstrato. Isto significa que só podemos perceber a atitude de alguma pessoa em relação a um objeto, através de indicadores e de conclusões teóricas ou lógicas. Esta sistematização e generalização do comportamento das pessoas não é muito evidente para muitos observadores. A experiência de uma pessoa singular é impossível de ser expressa diretamente. Ela só pode ser percebida indiretamente, por meio da fala, do comportamento, de sinais ou de outros instrumentos de comunicação. Entender inteiramente o que uma pessoa experimentou e viveu é impossível. Percebe-se somente uma aproximação, e assim mesmo, por comparação com o que já se viveu pessoalmente.

Ao buscar indicadores, o pesquisador está consciente de que não poderá abarcar o que é impossível de ser comunicado. A religião é um desses fenômenos, e os autores que tratam desse assunto repetem isso com frequência. R. W. Beker, que estudou a possibilidade e o método de captação da religiosidade, chegou à conclusão de que o fenômeno global da religião é impossível de ser captado em si mesmo. Somente a capacidade analítica do observador, examinando os indicadores e construindo seus próprios, poderá indicar a direção do entendimento do que seja o ser religioso: "A religião em número é um método indireto que

depende do objeto de uma análise e do objetivo do pesquisador. Fé ou religião apresentam no mundo uma face visível. A fé em que se crê (*fides quam creditur*) é visível, descritível, intermediante de um conteúdo, que é a fé que se tem (*fides quae habetur*). Em si ela – a fé em que se crê – participa das ambigüidades da pessoa e está submetida às manifestações regulares de ordem psicológica e social, que são captáveis estatisticamente em suas formas de expressão”.

Os indicadores são, na verdade, equivalentes empíricos das características teóricas. Torna-se necessário construir, então, um grupo de características teoricamente organizadas entre si, uma espécie de modelo-hipótese, com suficiente probabilidade de certeza, que revele o setor da personalidade da pessoa a ser pesquisada, e que possua indicadores quantificáveis. A validade dos indicadores baseia-se na regularidade do comportamento humano, na forma de suas expressões emocionais e nos sinais de seu saber e significado de sua condição na sociedade. Na medida em que as atitudes se fundamentam na regularidade da vida social, podemos falar apenas em probabilidade. Esta, entretanto, pode adquirir um alto grau de segurança, se levarmos em consideração a lei estatística dos “grandes números”, pela qual a repetitividade em um universo limitado de números, havendo uma grande quantidade de experiências, permite que se espere uma seqüência regular e repetitiva de todos os números desse universo.

No caso da religiosidade popular, a probabilidade de uma pessoa visitar 5 ou 10 vezes a igreja e ser religiosa ainda é pequena, se não for acompanhada de outros indicadores que confirmem a observação, tais como o período observado (um ano, ou menos) e a comparação com o comportamento de outras pessoas que visitam a igreja: se forem religiosas, espera-se que a pessoa pesquisada também o seja. A lei dos Grandes Números leva-nos a essa expectativa. A expectativa será confirmada, se outras características ajudarem a cercar o fato: indaga-se, por exemplo, se a pessoa aceita certas decisões doutrinárias de sua igreja e se identifica com elas. Novamente se usa a lei dos grandes números para a confirmação e grau de confiança desse indicador. Na soma dos dois indicadores, diminui a probabilidade de desvio, pois se ajuntam as dimensões emocional e comportamental. A essas acrescenta-se, posteriormente, um indicador do grau de conhecimento doutrinário de sua religião e chega-se a uma relativa certeza da religiosidade da pessoa.

A partir destas reflexões, muitos pesquisadores sociais procuraram construir conjuntos de indicadores da religiosidade popular, com mais ou menos êxito científico. Na Europa e nos Estados Unidos, três experiências foram pioneiras e serviram de modelo posterior: Gabriel Le Bras, Joseph Fichter e Karel Dobblaere. Eles buscaram determinar o

grau de religiosidade católica existente nas pessoas que foram batizadas no Catolicismo. Cada um deles desenvolveu sua própria esquematização da realidade, porém foram conformes na conclusão de que era preciso abarcar as três dimensões quantificáveis da atitude: o aspecto cognitivo, o aspecto emocional e o aspecto comportamental.

Para cada caso de pesquisa da religiosidade popular será necessário averiguar, antes, a existência de um corpo doutrinário, condutor do modo de sentir e de comportar-se, exigido pela religião pesquisada. Somente após o estudo dos antecedentes históricos e do meio ambiente em que está situado o crente é que se pode adiantar a construção de indicadores dessa realidade religiosa.

Através da análise desses indicadores e da construção de escalas relativas, que permitem aferir os graus de variação de intensidade do sentimento religioso, poder-se-á quantificar a religiosidade popular, com algum grau de probabilidade.

O AUTORITARISMO DA HIERARQUIA E A NEGAÇÃO DO MILAGRE

Padre Neri Feitosa

A três de agosto passado, o Padre Murilo de Sá Barreto, pároco de Nossa Senhora das Dores, comunicou-me a inclusão de meu nome na pauta na estudos deste Simpósio. O assunto foi indicado: O autoritarismo da hierarquia e a negação do milagre de 1889, em Juazeiro do Norte.

Evitarei duas palavras da tese, por estar marcado por acontecimentos anteriores. Evitarei a palavra "autoritarismo", mudando-a por arbítrio, porque, em 1986, escrevi um folheto com o título O Padre Cícero noutro contexto, a saber – quem seria o Padre Cícero hoje, noutro contexto humano, ou se tivesse tido outros superiores hierárquicos. A editora mudou o título do livro para Padre Cícero, vítima do autoritarismo, debaixo de minha repulsa e de meus protestos. O título ficou polêmico, quando endosseí de minha parte a tese do Padre Cícero: "fujo de questões" (cartas, 33).

Evitarei também a palavra 'milagre'. O Padre Cícero nunca falou em milagres, mas em fatos (Cartas, 120) ou fenômenos extraordinários (Cartas, 118). Assim também falarei, sem mudar o conteúdo da tese.

O Padre Cícero foi minuciosa e cautelosamente obediente. Dona Amália Xavier lembra sua obediência, referindo palavras da Beata Bezinha: "Seu padre não quer que se fale neste assunto, porque é proibido pela Santa Sé". (Amália, 68; Ralph, 98).

O povo de Juazeiro é tão obediente quanto o Padre Cícero: uma obediência secular. Aqui não se fala em Maria de Araújo nem nos milagres. Isto sempre me impressiona sobremaneira.

Estamos agora desobedecendo? Não: não estamos falando, estamos estudando como cientistas, com antenas de pesquisadores da história.

Neste estudo, não construirei hidrelétricas, ou seja, as águas do rio da história não serão desviadas do seu curso natural, por apaixonamento ou segundas intenções para formar lagos artificiais. Desceremos o rio naturalmente, observando o que aconteceu e procurando a veracidade. Serei sóbrio, mas serei denso e essencial.

1 Precauções Prudenciais de Dom Joaquim José Vieira e do Padre Cícero

Em 1982, escrevi o livro Eu Defendo o Padre Cícero. A editora, de São Paulo, deixou passar vários erros de revisão em palavras e em datas. Onde eu dizia que as atas do 1º

Inquérito não foram remetidas autênticas para o Santo Ofício, saiu apenas "Não foram para o Santo Ofício" (90). Um escritor caturra, que se compraz em criticar livros e destruir pessoas, sem consulta ao pensamento e à redação do autor, chama-o mentiroso.

Por duas vezes, a editora traiu também Amália Xavier no seu livro *O Padre Cícero que eu conheci* (71 e 74), trocando Quixará por Quixadá (entre outras falhas de revisão). Ela não é mentirosa, garanto.

- a) Em 1886, três anos antes dos fatos em apreço, o Padre Cícero comunicou a Dom Joaquim, em Quixará, hoje Farias Brito, "fatos extraordinários sucedidos com Maria de Araújo, havendo o senhor bispo recomendado muito critério, muito cuidado, a fim de evitar-se qualquer ilusão". (Amália, 71). "Atendeu às recomendações do senhor bispo e isto lhe valeu um elogio da parte de seu Diocesano, em carta que lhe foi dirigida, dizendo ter 'ele sido fiel às recomendações, guardando silêncio criterioso'". (Amália, 71).
- b) A 23 de agosto de 1891, Dom Joaquim José Vieira escrevia ao Padre Cícero e dizia: "Em particular, cada um pode crer, desde já, nos fatos, como miraculosos; a questão é da solenidade do púlpito. Anuncie com prudência os fatos, mas não os qualifique já". (Amália, 85).
- c) Quando os médicos atestavam a veracidade dos fatos de Juazeiro, em 1891, Dom Joaquim inclinava-se a crer e escrevia: "esperemos a prova de que o sangue aparecido nas partículas consagradas procede imediatamente das partículas e não de Maria de Araújo. Isto provado, admitido e verificado pela Igreja, poderemos considerar um grande milagre, um grande presente da Divindade à Diocese do Ceará e à humanidade em geral. (Amália, 88).
- d) Quando nove sacerdotes, entre eles o Padre Quintino, assinaram requerimento ao bispo, pedindo permissão para apelar, conforme o Direito, de sua sentença para o Santo Ofício, Dom Joaquim teve uma resposta centrada no egoísmo e não no mérito da questão: "Apelem... mas sejam prudentes para que não haja escândalos contra a Autoridade Diocesana". (Amália, 96).

Aqui o bispo não pensa em ortodoxia doutrinal, mas em seu prestígio; já não procura a verdade, mas a honra de sua autoridade. Saiu da esfera da religião e do Direito para a esfera de sua dignidade pessoal: para nós, surpresa e arbitrariedade.

2 Estudo dos Fatos

- a) Dom Joaquim comissionou sacerdotes de sua absoluta confiança para um inquérito; padres íntegros, cultos, virtuosos, prudentes e qualificados:

1º - O Padre Clicério da Costa Lobo. Copio no livro *Eu Defendo o Padre Cícero* o que o *Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará*, redigido em 1914 e editado em 1919, refere ao Padre Clicério: vulto eminente, muito considerado e querido do Padre Chevalier; fez seus estudos em Olinda e Salvador (86, 87).

Segundo Della Cava, "foi responsável pelo plano do primeiro Sínodo Diocesano do Ceará, em 1888. Pelos serviços que prestou à Igreja, mereceu a nomeação para o cargo de arcebispo da Bahia, o mais antigo e mais importante bispado do Brasil, honra esta que ele, modestamente, recusou". (56, cita Quinderé). Contava 52 anos de idade e 30 de sacerdócio.

O Padre Azarias faz uma observação: "Leonardo Mota, depois de ter lido tudo que se acha nos arquivos sobre sacerdotes nascidos ou postos a trabalhar em terra cearense, chegou à conclusão de que, em santidade de vida, nenhum se erguera mais alto do que o chefe da referida comissão, Padre Clicério da Costa Lobo". (*O Patriarca de Juazeiro*, 308).

2º - O Padre Francisco Ferreira Antero tinha 36 anos e era doutor em teologia; estava, segundo Della Cava, sendo cogitado por Dom Joaquim para candidatar-se a um bispado vago, em algum ponto do Brasil. (56).

Foram comissionados por portaria do bispo, a 21 de junho de 1891, como tendo "os requisitos necessários para o tal inquérito proceder".

Ralph afasta a possibilidade de mudança nos comissários, por impacto emocional: "Não há provas de que o Padre Clicério ou o Padre Antero tenham tido, em qualquer momento, um choque de fundo psicológico. Sua erudição e longa experiência, nos mais altos escalões da mais alta administração eclesiástica, eram um atestado de sua fidelidade à Igreja". (54).

- b) Quanto ao Padre Cícero, em carta de 4 de novembro de 1890, Dom Joaquim escrevia: "sou amigo e admirador de V. Rvdma.; confio na sua sinceridade e sua ilustração e por isso o julgo incapaz de qualquer embuste".

- c) Os depoimentos médicos foram feitos por profissionais muito qualificados para o tempo:

Dr. Marcos Rodrigues Madeira, diplomado no Rio de Janeiro, havia sido Deputado Provincial e era "descrente" (Ralph, 52); Dr. Ildefonso Correia Lima era médico eminente e político importante no Ceará. (Ralph, 53). Tenente-coronel farmacêutico Joaquim Secundo de Chaves Melo era homem fiel à Igreja. Dele refere Azarias Sobreira: "Pela sua

honradez, sua coragem cívica, sua disciplina como católico, sua ilustração e alto espírito de beneficência, desfrutou até a morte eminente posição em todo o Sul do Ceará” (97).

As observações dos técnicos foram feitas com rigor e chegaram à conclusão, na redação do Dr. Madeira: “É um fato sobrenatural para o qual não me foi possível encontrar explicação científica”. (Ralph, 52; Amália, 88).

d) Dom Joaquim queria um esclarecimento: de onde provinha o sangue; se era da hóstia; tratava-se de grande maravilha que merecia ser espalhada pelo mundo inteiro (Carta ao Padre Cícero, de 5 de novembro de 1889; Ralph, 50).

A comissão competente deu o resultado, e o bispo desconsiderou, nomeando segunda comissão. Como entender? Daremos resposta, ao estudar o caráter de Dom Joaquim José Vieira.

3 Alteração dos autos do inquérito

a) Antecipando-se a este estudo, o Padre Cícero dá a resposta dele sobre este procedimento do bispo, em carta de janeiro de 1895, ao Cardeal Gotti: “Tudo isto somente por capricho humano”. (Ct. 23).

Em nove lugares de suas cartas restantes, o Padre Cícero protesta seguro contra um gesto arbitrário, injusto e iníquo de Dom Joaquim: a deturpação dos autos do 1º Inquérito para enviá-los a Roma (Ct. 20, 72, 74, 76, 119, 131, 132 e 139).

O processo foi alterado maldosamente para prejudicar. O Padre Cícero diz: 1º - o processo foi deturpado (Ct. 132); 2º - “Consta que muito depois de concluídos os trabalhos da Comissão Episcopal, em Juazeiro, e sem conhecimento nosso, certos documentos e papéis nos apresentam como profanadores do Santíssimo Sacramento e a mim especialmente deram por herético, desobediente e cismático, e nisso há gravíssima injustiça” (carta, de 27 de dezembro de 1894, ao Cardeal Prefeito da Suprema Congregação da Santa Inquisição; ct. 76).

Descaridosa e perversamente, Dom Joaquim fez a cabeça de outros bispos, com informações de que o Padre Cícero chama um “mar de mentiras, injúrias e calúnias, uma verdadeira conspiração diabólica contra mim” (longa carta ao Padre Constantino Augusto, 23 de outubro de 1914; ct. 122).

b) Diante disto, o Padre Cícero judiciosamente deu razão a Roma, por ter condenado os fatos. Eis suas palavras textuais: “O Santo Ofício, perante um tal processo devia condenar, como fez, nem podia julgar de outro modo”. (Carta, de outubro de 1914, ao Padre Constantino Augusto; ct. 120).

Um julgamento faz-se pelos autos do processo. O que não está nos autos, não existe. O que está nos autos, verdade ou mentira, constitui as premissas para o julgamento.

c) A diplomacia do Santo Ofício teve uma dupla atitude, divergente, mas coerente, para com a pessoa do Padre Cícero e para com o processo. O Padre Cícero foi convidado a ir a Roma. E foi. Ali, o Santo Ofício teve oito atenções delicadas para com o Padre Cícero, quase todas descritas por ele, na carta ao Padre Constantino Augusto:

1ª munido de documentos comprobatórios de sua inocência (ct. 163), o padre foi ouvido com atenção, com muita atenção e com a melhor boa vontade (ct. 121);

2ª foi bem tratado e julgado inocente (idem, ibidem);

3ª foi absolvido (idem, ibidem);

4ª foi lhe concedida a faculdade de Oratório Privado, podendo celebrar em casa para sua mãe (idem);

5ª ficou adido ao Clero de Roma e convidado a permanecer naquela cidade (idem);

6ª obteve autorização de morar em Juazeiro (idem, ibidem);

7ª sua causa foi retirada da jurisdição de Dom Joaquim (ct. 36);

8ª foi orientado para reclamar à Santa Sé, no caso de Dom Joaquim fazer oposição (idem, ibidem).

Para com o processo, a atitude permaneceu a mesma: condenação dos fatos extraordinários, porque os autos continuavam os mesmos. Voltaremos ao assunto, na conclusão deste estudo.

4 Sinceridade do Padre Cícero

É intrigante que quem escreve contra o Padre Cícero sempre se trai, cobrindo-o de virtudes. Até mesmo Otacilio Anselmo, que escreveu contra o Padre Cícero, por atenção ao Padre Antônio Gomes, mas não se cansou de dizer "justiça se faça ao Padre Cícero", ao abordar virtudes.

Deste modo, teve que registrar os elogios de Dom Joaquim ao sacerdote, na carta de 7 de março de 1890: "É escusado dizer que sou seu amigo e que venero suas virtudes (Ot. 93) e na Carta Pastoral, de 31 de julho de 1897: "O Padre Cícero é um sacerdote de costumes puros e tem muitas qualidades boas e mesmo certas maneiras que o fazem estimável" (Ot. 217). "A virtude do Padre Cícero enche todo o Vale do Cariri", falou ainda Dom Joaquim, por ocasião da visita pastoral ao Cariri (Az. 60).

“Reconhecemos na pessoa do Padre Cícero Romão Batista um sacerdote de costumes puros, regularmente instruído, zeloso e em extremo dedicado à santa Religião que professamos, incapaz, portanto, de qualquer embuste ou de pretender enganar a quem quer que seja (Portaria ao Clero, 19 de julho de 1891).

A prova mais cabal da sinceridade do Padre Cícero, quanto aos fatos de Juazeiro, está em ele pedir insistentemente a Roma uma comissão de lá, a expensas de Juazeiro, para exame elucidativo dos acontecimentos *in loco* (Ct. 23, 76, 102, 139).

O Dr. Irineu Pinheiro falou, com exaustivo conhecimento de causa: “Quem houver meditado sobre os documentos relativos aos fatos extraordinários, em Juazeiro, na última década do século passado, e tiver privado de perto e longamente com o Padre Cícero, chegará à conclusão de que deste se poderá divergir, quanto à interpretação do que ali ocorreu, mas ninguém poderá duvidar da sinceridade com que agiu, em todo o curso da célebre questão (O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914, 158).

5 Contraste entre Dom Joaquim e o Padre Cícero

Enquanto Dom Joaquim proclama o Padre Cícero de boas maneiras que o fazem estimável (Carta Pastoral de 31 de julho de 1897) e “tenaz em suas opiniões” (Carta Pastoral, de 26 de dezembro de 1899), os autores analisam Dom Joaquim como de modos bruscos e pessoalmente mutável.

Otacílio usa o eufemismo “de inquebrantável energia” (101) e o alcunha com o título de mau psicólogo (385); Ralph faz a lista dos padres punidos por ele, aumentada por Quinderé (86-87) e este seu biógrafo, Monsenhor José Quinderé, usa vários amortecedores para falar dele ou sobre ele: “gravidade de suas maneiras” (75); “Dom Joaquim era emotivo, em flagrante contraste com a sua conhecida austeridade” (78); “o inolvidável bispo foi passível de preferências e reservas” (69).

No livro mal intitulado ‘Padre Cícero, vítima do autoritarismo’, esmiúço três casos maiores, quando Dom Joaquim começou o estudo dos problemas calma e prudentemente e, para surpresa geral, sob o influxo de qualquer contrariedade, apressou uma solução arbitrária e incompreensível. São eles os casos:

1º a revolta dos seminaristas, em 1890: deu razão ao Reitor e expulsou os seminaristas, fechando o seminário. Três meses depois, chamou os seminaristas de volta ao seminário, ordenou três líderes da revolta e demitiu o Reitor;

2º a extinção da Mesa Regedora de Canindé. Adiou a eleição da nova mesa, constituiu advogado e nomeou uma comissão de cinco cidadãos notáveis. Inesperadamente, em crise nervosa, extinguiu a confraria, a 11 de novembro de 1896;

3º confronto com o Padre Cícero. Instaurou a Comissão de Inquérito e não aceitou seu resultado. Irritado com um artigo do Dr. Marcos Madeira, no jornal de Fortaleza, "Cearense", e arranhado porque alguns padres não seguiam sua orientação (Amália, 90), o bispo se atropelou, desconsiderou o 1º processo, corrompeu seu conteúdo e nomeou nova comissão.

O Padre Cícero, a vítima da cólera e da instabilidade emocional do bispo, queixou-se ao Cardeal Gotti: "Foi este estado de coisas que, desde o seu começo, o Bispo Diocesano procurou destruir e, depois que apanhou a Decisão do Santo Ofício, converteu-a em verdadeira arma de perseguição religiosa..." (Carta de 12 de janeiro de 1895; Ct. 22).

É válida a conclusão de Monsenhor Azarias Sobreira: "Um pouco mais de benevolência, um gesto de genuína paternidade daqueles que imortalizaram um São Francisco de Sales ou um Dom Antônio Ferreira Viçoso, teria, creio piamente, solucionado o impasse e imprimido bem diferente curso à História Eclesiástica do Ceará. Isto mesmo me deu a entender o Padre Cícero, em palestra confidencial. Faltou esta grandeza d'alma a Dom Joaquim" (144).

6 Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva

O Padre Azarias o considera "o maior antagonista (do Padre Cícero), durante mais de trinta anos" (90).

Começou, ainda não bispo, amigo, admirador, hóspede e homiziado do Padre Cícero. Depois de um atrito com o chefe político do Crato, Antônio Luis, morou seis meses em juazeiro, sob a proteção do Padre Cícero (Amália, 134).

Viu e confessou ter visto a hóstia transformar-se em sangue (Amália 67). "Acreditou ardentemente nos milagres de 1889" (Ralph, 234). Depôs desembaraçadamente junto a ela, a comissão (Otacílio, 125-126). Assinou a apelação de 28 de julho de 1891 (Ot. 102).

Quando Dom Joaquim endureceu e ameaçou os padres favoráveis aos fatos, o Padre Quintino mancou e mudou de rota.

Dom Quintino tinha defeito de caráter, desde pequeno. A propósito, faço uma revelação.

Ao paroquiar Madalena, então distrito civil de Quixeramobim, embora a 66km de distância da sede, interessei-me por saber onde havia nascido Dom Quintino. Informaram-me que tinha sido na Fazenda Várzea Grande pertencente a um amigo e benfeitor meu.

Fui lá. A dona da casa esticou o beijo, à la sertaneja, e disse: "Bem ali; ainda estão lá as estacas da casa velha; pergunte ao Ico que ele lhe conta a história dele todinha; o pai de Dom Quintino era morador do Major Cosme, pai do Ico".

Fui ao lugar e vi os destroços da casa de taipa. Escrevi ao sr. Ico Chagas, amigo e paroquiano, já nonagenário, residente na Fazenda Carretão e, com certeza, a memória mais prodigiosa desta terra dos mortais.

Respondeu-me seu Ico, com letra do filho Luís Gonzaga, também prodigioso em memória. A carta dizia que, de fato, Dom Quintino nasceu na dita fazenda, no chamado Alto da Bilinguinha, hoje município de Madalena, bem nas linhas do município de Itatira.

Os pais do menino Quintino mudaram-se para a Fazenda Canafistula, hoje de Damião Carneiro, e deram o filho ao senhor Cândido Moreira para criar. Passado algum tempo, os pais chamaram o menino de volta; ele tinha perdido o amor aos pais e chorou tanto que teve de retornar para a casa do pai adotivo, na cidade de Quixeramobim.

A carta diz: "Quintino entrou no seminário para estudar e esqueceu-se tanto do pai adotivo como do pai legítimo". E conta o que segue:

O trem pernoitava em Quixeramobim. Viajando de Fortaleza a Crato, o Padre Quintino foi esperado por Cândido Moreira que, sendo pobre, juntou-se aos vizinhos e amigos e preparou um jantar festivo para o filho de criação.

O Padre não fez conta do convite, nem do jantar e se hospedou na pensão de Dona Romana.

Por suas durezas de atitude e faltas comezinhas de trato e educação, Ralph o chama de "intratável" (285).

O Padre Azarias Sobreira, biógrafo de Dom Quintino, faz duas observações sobre ele, pároco, e sobre ele, bispo. Na primeira, responsabiliza-o pelo desentendimento entre Dom Joaquim e o Padre Cícero, por falta de coração e de diplomacia. Textualmente é assim que ele escreve:

"Possuísse Monsenhor Quintino um pouco mais de coração; tivesse empregado um pouco de diplomacia para promover um entendimento pessoal entre o Padre Cícero e Dom Joaquim José Vieira, entendimento no qual ele, vigário, fosse o traço de união, tudo teria sido resolvido a contento geral, decorrendo daí vantagens de imenso alcance para a maior glória de Deus". (143).

Na segunda, acusa-o de falta de compreensão. Assim: "Acredito, hoje em dia, na minha insensatez, que, se Dom Quintino fosse da estirpe espiritual de um Monsenhor Devie, o providencial Bispo de Lião, que soube maravilhosamente compreender os propósitos de São João Maria Vianney, a história de Juazeiro teria tomado outro rumo, com imensa vantagem para a Igreja do Brasil" (420).

Já o Padre Cícero sofreu todas as amarguras, mas "até morrer, acreditou na divindade do sangue aparecido nas hóstias consagradas", conforme palavras de Irineu Pinheiro (Ef. do Cariri, 533), embora não falasse nisto, por obediência. Em 1894, escreveu ao Prefeito da Inquisição Romana: "Desde agosto de 1892, fui suspenso de minhas ordens, à exceção do santo sacrifício, em consequência daqueles mesmos fatos, de que, graças a Deus, nunca fui culpado e tenho consciência que foram verdadeiros e sinceros" (Ct. 75).

7 Conclusões:

- 1ª Os fatos extraordinários de 1889 foram verídicos; isto ficou provado pela 1ª Comissão de Inquérito;
- 2ª O Santo Ofício rejeitou a sobrenaturalidade dos fatos, porque o relatório foi deturpado, e o julgamento havia de fazer-se sobre os autos;
- 3ª A rejeição não é um dogma: é um julgamento em cima dos autos como chegaram à Inquisição; quando os autos forem enxugados dos acréscimos malévolos de Dom Joaquim sobre o pronunciamento da qualificada Comissão, os cardeais poderão julgar diferente;
- 4ª Juazeiro, hoje, pertence à jurisdição do bispo de Crato; logo, só um bispo de Crato pode enxugar os autos do primeiro Inquérito, junto a Roma, e restituir a eles sua originalidade.

BIBLIOGRAFIA

CITADA:

- ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Civilização Brasileira, 1968.
- CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1977.
- FEITOSA, Neri. **Eu defendo o padre Cícero**. São Paulo-SP: Salesiana Dom Bosco.
- FEITOSA, Neri. **O padre Cícero, vítima do autoritarismo**. São Paulo-SP: Santuário, 1986.
- PINHEIRO, Irineu. **O Joazeiro do padre Cícero e a revolução de 1914**. Rio de Janeiro-RJ: Irmãos Pongetti.

- SILVA, Antenor de Andrade. **Cartas do padre Cícero**. Salvador-BA: E. P. Salesiana, 1982.
- SOBREIRA, Azarias. **O patriarca de Juazeiro**, Petrópolis-RJ: Vozes, 1969.
- XAVIER, Amália. **O padre Cícero que eu conheci**. 2. ed. Recife-PE: Mssangana, 1982.

CONSULTADA:

- BARBOSA, Walter. **Padre Cícero**. Fortaleza-CE: Henriqueta Galeno, 1980.
- BENEVIDES, Aldenor. **Padre Cícero e Juazeiro**. Fortaleza-CE, 1988.
- CEHILA. **Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres**. Paulinas, 1984.
- CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1981.
- DELGADO, José de Medeiros. **Padre Cícero, mártir da disciplina**. Documentário Pastoral, agosto de 1970.
- _____. **Juazeiro, padre Cícero e Canindé**. Documentário Pastoral, outubro de 1968.
- _____. **Deus e a Igreja em você**. São Paulo-SP: Loyola, 1979.
- DUMOULIN, Anne; GUIMARÃES, Therezinha Stella. **O padre Cícero por ele mesmo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1983.
- FEITOSA, Neri. **O fenômeno da devoção ao padre Cícero e a pastoral diocesana**. 1980.
- _____. **O Padre Cícero e a opção pelos pobres**. Paulinas, 1984.
- GUIMARÃES, T. S.; DUMOULIN, A. **A romaria em Juazeiro**. Juazeiro do Norte-CE, 1980.
- MACEDO, Manoel. **Joaseiro em foco**. Fortaleza-CE, 1925.
- MACHADO, Paulo. **Padre Cícero, o injustiçado**. Juazeiro do Norte-CE, 1986.
- MEMORIAL. **Revista documentária comemorativa dos 50 anos de morte do Padre Cícero**. BNB, 1984.
- NASCIMENTO, F.F. do. **Milagre na terra violenta**. Record, 1968.
- QUINDERÉ, Monsenhor José. **Dom Joaquim José Vieira**. 2. ed. Imprensa Universitária do Ceará, 1958.
- SOBRAL, Elias Rodrigues. **A personalidade marcante do padre Cícero**. Juazeiro do Norte-CE, 1959.
- TELES, Antônio. **Padre Cícero nas pegadas do mestre**. Juazeiro do Norte-CE, 1985.
- VIEIRA, P. A. **Roteiro lírico e místico sobre Juazeiro do Norte**. Fortaleza-CE, 1988.
- WALKER, Daniel. **O pensamento vivo do padre Cícero**. São Paulo-SP: Martin Claret, 1988.

ANÁLISE DO INQUÉRITO DO JUAZEIRO, RESSALTANDO OS FENÔMENOS EXTRAORDINÁRIOS

*Maria do Carmo Forti**

Desta vez, posso contribuir, de alguma forma, para um assunto que, durante tantos anos, me ocupou, me encantou, me prendeu, que é este fato ou estes fatos extraordinários, acontecidos na época do padre Cícero. A gente está aqui, hoje, para falar sobre Maria de Araújo. Então, não vou falar do padre Cícero, nem sobre todas as outras pessoas que circundaram o fenômeno. Vou falar sobre ela e sobre os fenômenos acontecidos com ela. A gente tem muita literatura sobre esse assunto, praticamente todos os livros escritos sobre o padre Cícero, Juazeiro e tal, em que é citado o milagre. Nós procuramos ir à fonte original dessas outras citações que é a dos inquéritos, primeiro e segundo, feitos em 1891. Trabalhamos nesses inquéritos, a partir de uma cópia que nos foi cedida por Irmã Anete, do Centro de Psicologia da Religião. Ela conseguiu uma cópia em Crato, no famoso baú de Crato, e cedeu-nos para pesquisa. Este nosso trabalho é mais uma interpretação do fato. Eu digo que mais uma, apesar de a gente estar se reportando diretamente aos inquéritos. Estamos trabalhando com uma interpretação feita há cem anos, com todo o conhecimento que nos foi legado, durante esses cem anos. Apesar da defasagem, e mesmo já sendo uma interpretação, os relatos que os inquéritos nos trazem são suficientes para entender e analisar muito bem o que aconteceu. Mas não pretendemos, nem de longe, apresentar nenhuma opinião conclusiva sobre o assunto, ao contrário, a nossa idéia é abrir pistas para os debates, é apresentar uma outra hipótese de trabalho, e é uma hipótese irrestrita. Nós não temos ainda todas as ciências discutindo o fato. Temos quatro ciências: Medicina, Teologia; Parapsicologia e Psicologia. Vamos iniciar a partir da Parapsicologia. A constatação, análise e interpretação do fato é o objeto de estudos desta ciência. A Parapsicologia preocupar-se com isso, com sanar, analisar e interpretar o fato. É uma ciência, como vocês já perceberam, que não consegue trabalhar sozinha. Eu diria que, talvez, mais que a maioria das outras ciências, a Parapsicologia precisa ser uma ciência multidisciplinar. Isso porque os fenômenos, conforme a sua natureza, têm ligação com ela. Por exemplo, vocês já devem ter ouvido falar ou visto pessoalmente. Se alguém viu, por favor me avise, porque é muito difícil, ou, pelo menos, por televisão: levitação. Um corpo mais pesado que o ar sobe, contrariando a lei da gravidade. Um ser humano que se suspende no ar.

* Graduada em letras pela Universidade 9 de julho, formação em teologia e filosofia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e Psicologia pela Universidade São Marcos.

Isso é um fenômeno físico, puramente físico. Então nós precisamos da Física (ele é contrário a uma lei da física, mas é um fenômeno físico) para estudar. No nosso caso, para analisar Maria de Araújo, precisamos da Psicologia, precisamos (pelo menos num primeiro momento) basicamente destas ciências: Psicologia, Medicina, Química para analisar e entender o fenômeno, ainda que parcialmente... Em primeiro lugar e rapidamente, o que é esse inquérito? Por que ele foi feito? Nós temos uma carta de Dom Joaquim ao padre Cícero, a qual diz que, em 1886, padre Cícero já falava a Dom Joaquim sobre alguns fenômenos que estavam acontecendo com Maria de Araújo. A gente sabe que é o fenômeno da crucificação com os estigmas. Ela reproduzia em seu próprio corpo as chagas de Cristo. E o padre Cícero fala para Dom Joaquim, e Dom Joaquim diz: "Olhe, discipulação com isso. Não vá alardear. Preste atenção, observe, procure que haja mais gente junto com você observando". E a coisa foi passando, e ninguém mais falou sobre o assunto. No entanto, no dia 06 de março de 1889, aconteceu a primeira transformação da hóstia em sangue, que continuou se repetindo, durante toda a Quaresma. Aí Monsenhor Monteiro ficou espantado e interessado em divulgar o fenômeno. No dia 07 de junho 1889, Monsenhor Monteiro veio de Crato com mais ou menos três mil pessoas e publicamente contou o milagre, disse que era sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e mostrou os paninhos (os panos ensangüentados). Nessas alturas, Dom Joaquim não podia mais ficar alheio ao caso, ele tinha que tomar uma posição. A coisa estava acontecendo dentro da Igreja. Então ele mandou chamar rapidinho o padre Cícero a Fortaleza e, no dia 17 de julho, dez dias após Monsenhor Monteiro ter falado ao público, ele questionou o padre Cícero sobre os fenômenos. Nesse momento, ele pediu ao padre Cícero que fizesse uma exposição circunstanciada do assunto em apreço. Padre Cícero, no dia seguinte, no dia 18, entregou a Dom Joaquim a exposição circunstanciada dos fatos. No dia 19, Dom Joaquim saiu com a advertência por escrito que proibia, em primeiro lugar, o culto aos panos. Pediu ao padre Cícero que desdisse o que tinha dito a respeito do fenômeno. E pediu também que Maria de Araújo fosse à Casa de Caridade de Crato para ficar longe do padre Cícero, do ambiente que, até então, ela estava freqüentando. Ele disse que iria instaurar um inquérito e nomeou padre Clícério e padre Antero para o encaminhar. Todo mundo já sabe, já foi falado, aqui, quem foram padre Clícério e padre Antero. Dois homens muito importantes dentro da Igreja, naquela época. Isso foi em julho. Em setembro, a comissão de padre Clícério e Antero chegou a Juazeiro, para iniciar, então, o inquérito, no dia 09 de setembro de 1891. O trabalho dessa comissão, que a gente está chamando de primeiro inquérito, foi o seguinte: eles escolheram 21 depoimentos, 22 com a beata Maria de Araújo. Houve três alinhamentos aos depoimentos. O pessoal ia falar, depois se lembrava de alguma coisa. Três pessoas, a própria

beata, o padre Cícero e uma beata chamada Joelza. Essa comissão fez cinco verificações da transformação da hóstia em sangue, fez duas verificações da crucificação da beata, isto é, a beata em estado de êxtase com os estigmas de Cristo em cruz no corpo. Eles verificaram quatro caixinhas contendo os panos ensangüentados: uma aqui em Juazeiro e três em Crato. Eles verificaram pessoas que receberam graças, a partir do culto aos panos, da crença no milagre. Eu gostaria de colocar, pelo menos por enquanto, milagre entre aspas. Eu não estou afirmando, nem negando a questão do milagre ainda. Então eles verificaram essas graças alcançadas, e no inquérito temos simplesmente os nomes das pessoas e o tipo de graça; não há um relatório mais extenso sobre esse assunto. Anexaram ainda três atestados de relatórios médicos à apelação de José Marrocos, e padre Clícério fechou o inquérito. Depois, houve o segundo inquérito, que foi iniciado em 20 de abril de 1892. O comissário foi o Monsenhor Alexandrino que, então, era vigário em Crato. Monsenhor Alexandrino mais umas outras pessoas não citaram nomes. Enquanto o primeiro inquérito foi muito detalhista na questão dos nomes, o segundo pecou um pouco, por isso ele não mostrou todas as pessoas. Mas esse segundo grupo que trabalhou fez três experiências – eles chamaram de experiência – com a transformação da hóstia e escolheram dois depoimentos. Nesse documento, podemos reconhecer alguns fenômenos da beata. Eu vou nomear de fenômenos, como eles os nomearam, não com a nossa nomenclatura, mas a técnica da Parapsicologia. A beata tinha então: visões; alucinações (alucinação visual, auditiva e tátil); comunhões miraculosas – comunhão miraculosa, gostaria de diferenciar um pouquinho. É quando Maria de Araújo recebia diretamente de Jesus Cristo a hóstia ensangüentada ou não, ou ela comungava em espécie de sangue, diretamente das chagas do Coração de Jesus Cristo. Nesse momento, ela fica com o sangue. O relatório, às vezes, diz coberta de sangue, mas eu diria com sangue, cai sangue na beata. Isso então seria a comunhão miraculosa, que fez a transformação da hóstia em sangue. Quando lhe dão a comunhão, então a hóstia se transforma em sangue. Há exsudações, por ocasião das comunhões miraculosas ou das crucificações; estigmas; idas ao céu, inferno, purgatório; conhecimento de fatos distantes; colóquios, conversas com Jesus Cristo, Nossa Senhora e tentações do demônio. A partir de 06 de março de 1889, os êxtases passam a ser mais frequentes, duram, algumas vezes, cinco horas, e é deles despertada por ordem e em obediência. Ela tem estigmas, desde 1885. Via-se sangue em sua testa a sair como uma coroa de espinhos; nas mãos, como que cravos; no lado, uma chaga que só na Quaresma do corrente ano chega a cicatrizar. Vejam quanto tempo, gente! De 1885 a 1891 ela tem essa chaga no lado, que só cicatriza no ano 1891, jorrando desses estigmas copioso sangue. Passemos ao depoimento da própria Maria de Araújo, em setembro de 1891. Ela se diz

analfabeta; desde a idade de dois anos, começa a sofrer de ataques nervosos, tendo os ditos ataques cessado há mais ou menos cinco anos, portanto 1886, quando as visões são mais claras. Antigamente ela não tinha visão muito clara das coisas. Ela diz que o objeto especial de suas meditações é a Paixão de Jesus Cristo, que recomenda aplicar a si própria os sofrimentos diversos. Falando sobre manifestar Jesus Cristo, é de sua vontade que ela se consagre e prepare para as revelações futuras. Como? Fazer desse lugar uma porta do céu e um lugar de salvação para as almas. A transformação da hóstia em sangue, pela primeira vez, acontece na primeira sexta-feira santa de março de 1889, interrompendo-se, porém, e continuando nesse corrente ano, até a presente data, salvo a interrupção de poucos dias desse mesmo ano. Não tendo, porém, certeza, diz ter convertido em carne como outros testemunham. Vamos ver os outros testemunhos. Prestem atenção! Olha, gente, o que Maria sente, quando a hóstia se transforma em sangue? Ela sente que não é seu próprio sangue, e a esse respeito tem revelação particular. Depois eu quero fazer uma observação sobre isso! Tanto que não experimenta enfraquecimento algum, nem qualquer alteração na saúde, notando-se que, nessas ocasiões, a hóstia volve-se de modo bem sensível na boca, e ela sente dar um salto na língua até tocar o céu da boca. Quanto à revelação particular, a gente tem no documento inteiro praticamente a imensa maioria das pessoas, especialmente as beatas e padre Cícero inclusive. Eles têm revelações particulares de Jesus Cristo e Nossa Senhora, dos anjos a respeito da natureza do fenômeno. Então Maria de Araújo sente que não é seu próprio sangue e tem uma revelação particular a respeito disso, não é o sangue dela, é o sangue de Jesus Cristo. Ela diz que os estigmas duram de 6 a 8 horas, tem sofrido exsudações sangüíneas, por ocasião de imitar a paixão e bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nas exsudações, tem dor e grande consolação da alma. Diz que tem chagas no corpo, têm se produzido em seu corpo impressões da paixão: na fronte, a coroa de espinhos; em suas mãos e pés, os cravos; e em seu peito, uma cruz sempre dói. Eu estou repetindo os fenômenos, apesar de já terem sido citados no depoimento do padre Cícero, porque é o depoimento de Maria de Araújo, para que vocês possam confrontar o que diz padre Cícero e o que diz a própria Maria de Araújo. Jesus lhe introduziu no dedo o anel nupcial, deu-lhe a mão, chamando-a esposa e confirmando a vontade, exigindo-lhe que se consagrasse, de modo mais íntimo ainda, e anunciando-lhe que, daí em diante, teria que sofrer mais por seu amor. Espancada pelos demônios que se disfarçavam hora nas pessoas de Jesus Cristo, Nossa Senhora, anjos e do próprio confessor, todas no sentido de distraí-la da vida interior. Libertava almas do purgatório e prendia demônios no inferno. Quando tinha 6 a 7 anos, brincava com o Menino-Deus. Este é o primeiro depoimento de Maria de Araújo. Isso foi feito no dia 9 de setembro.

No dia 10, pela manhãzinha, a comissão foi à igreja para tentar ver a primeira transformação da hóstia e viu. Está aqui, dia 10 de setembro. Vinte e seis pessoas assistiram como testemunhas. Não significa que só vinte e seis pessoas viram, mas essas vinte e seis com certeza, viram mais. Padre Cícero deu a comunhão à beata. Ela entrou em êxtase. Quinze minutos depois, o comissário mandou-a despertar do êxtase, e ela não conseguia abrir a boca, porque a hóstia estava em movimento, dentro da sua boca. Padre Cícero tirou a hóstia da boca da beata, e esta lhe comunicou que não era a vontade de Deus que se operasse a transformação. Vejam bem! A primeira tentativa de verificar a transformação da hóstia não deu certo. Padre Cícero tirou, e a beata disse que não era a vontade de Deus que se operasse a transformação. O comissário deveria dar a comunhão dentro da missa. Por favor, guardem esse dado; vai ser importante para o final, quando a gente estiver analisando o segundo inquérito. A beata pediu que o comissário lhe desse a comunhão dentro da missa. Concluída a missa, a beata em êxtase foi mandada pelo comissário que despertasse, abrisse a boca e estendesse a língua, de modo que pudesse observar a hóstia em via de transformação. Pouco a pouco, se ia transformando a hóstia, e visualizando-se, a princípio, alguns glóbulos de sangue que foram crescendo até que o padre Cícero mandou que deitasse a hóstia no sangüíneo. Todo o mundo sabe o que é sangüíneo, não? Aquele paninho branco que é usado, durante as celebrações. Portanto a beata não comungou. Foi dada de novo a comunhão. Nessa segunda vez, deu-se a mesma coisa: deram-lhe a comunhão, e tudo aconteceu da mesma forma. Na terceira vez, com a bênção, ela conseguiu engolir, portanto comungar a hóstia. Eles observaram o final desse apontamento que a boca e a língua da beata estavam limpas e sãs. Nesse mesmo dia, encontravam-se os padres Antero e Clícério na casa onde o padre Clícério estava hospedado, e de repente veio alguém chamá-lo, mais ou menos pelas 11 horas da manhã, para dizer que fosse à casa do padre Cícero, porque a beata estava em estado de crucificação, deitada em uma rede diante de um santuário, onde existia uma imagem de Jesus crucificado. Ela estava em êxtase: da fonte gotejava sangue que empapava o véu; nas mãos e pés divisava-se sangue em forma de chagas – não está sendo dito que são chagas, mas em forma de chagas – os olhos imóveis, e quinze pessoas testemunharam o fato. No dia seguinte, uma segunda hóstia, verificação da transformação da hóstia; de novo a transformação aconteceu, de novo foi tirada a hóstia ensangüentada da boca da beata, colocada na salva do sangüíneo, porque ela não conseguia engolir, a não ser pela terceira vez, quando lhe foi dada, ou melhor, foram quatro vezes. Na quarta vez, através da bênção do padre Cícero é que ela comungou. Ainda nas quatro vezes, eles observaram que a boca e a língua da beata estavam limpas e sãs. Depois disso, vem um aditamento da Maria de Araújo ao depoimento dela. Há

uma data aqui, 21 de agosto de 1889, o ano em que começaram os fenômenos. Quando ainda morava com sua mãe, houve o primeiro fenômeno. Não morava com o padre Cícero; só mais tarde que ela passou a morar com ele. E apareceu derramamento de sangue da cabeça aos pés. No dia 22 de agosto de 1889, pela primeira vez, Jesus Cristo deu-lhe a comunhão em sangue num cálice de ouro, derramando parte dele em sua cabeça, que ensopou o véu. Ela relatou que benzeu, uma vez, o vinho, e ele se transformou em sangue; outras vezes, ela benzeu o leite, e ele também se transformou em sangue. Relatou ter adivinhado a abertura do Seminário de Crato. A virgem contou-lhe da seca de 1887/89. Ela ia a Roma falar com o Papa. E há dois anos Jesus Cristo apareceu-lhe com o coração ensangüentado. O próximo assunto seria a terceira transformação da hóstia, que eu não vou ler, porque, se o fizer, não vamos acabar hoje. Eu queria mostrar uma verificação da caixinha contendo os panos ensangüentados, só para vocês verem um pouquinho o detalhe com que a primeira comissão cuidava de trabalhar o assunto. Havia 16 pessoas presentes. Foi aqui em Juazeiro. Havia 60 sangüíneos com sangue, 55 com partículas transformadas em sangue, de modo que se assemelhavam a carne: duas partículas no sangüíneo. Citam que se trata de uma experiência que o Dr. Widelfonso fez na casa do padre Cícero. Ele pediu que Maria de Araújo comungasse ou recebesse na língua a hóstia sem sangue. Havia também onze corporais ensangüentados, dois corporais com manchas de sangue mais aquosas, duas palas com manchas de sangue, cem toalhas com sangue, um véu com grandes manchas: Foi a comunhão miraculosa no cálice de ouro, de que parte do sangue foi jogada sobre ela. Eu gostaria de ler só um pedacinho para exemplificar para vocês como é a questão da ida para o purgatório. Então, em êxtase e em posição de crucificação, corria-lhe sangue na fronte dos olhos, pela face abaixo, sendo que este fato se reproduziu, durante o resto do mês de novembro do dito ano, permanecendo ela nesse estado, cada vez, pelo espaço de cinco horas. Senti-me inspirado – isso aqui é outro – a exigir que Nosso Senhor mesmo lhe desse a comunhão, e que Maria Santíssima fosse quem comungasse em lugar dela. Apenas proferida a bênção que se costuma dar, antes de se preparar para a comunhão, tomou-se a beata de rápido êxtase, aparecendo em sua boca – que conservava entreaberta – uma partícula da qual eu próprio extraí, uma parcela com a qual comunguei e dei a outra em comunhão à beata. Bom, começa agora o depoimento das restantes 21 pessoas, 11 homens e 10 mulheres; desses 11 homens 8 eram padres, e das mulheres 9 eram beatas, mais Maria de Araújo, que estou deixando de fora dessa conta. Na realidade, seriam 11 mulheres com Maria de Araújo, então 10 beatas. Conforme esses depoimentos, 14 pessoas – também estou ainda deixando de fora padre Cícero e Maria de Araújo – viram, e 7 pessoas não viram a transformação da hóstia. Sabem que ela aconteceu, mas por outras pessoas, por

testemunhos fidedignos de pessoas ótimas e tal, mas não viram diretamente o fenômeno; apenas 14. Eu não gostaria de me estender demais neles, porque o assunto todo é mais ou menos esse que nós ouvimos dos depoimentos de padre Cícero e Maria de Araújo. Anotei alguns testemunhos mais importantes, acho que vale a pena a gente estar ouvindo, e eu gostaria de dizer como é que foi feito o questionário, como é que os comissários inqueriam as pessoas. As perguntas eram mais ou menos essas, com algumas variáveis, é claro: Conhece a beata Maria de Araújo e sabe se desde menina cultivava ela a piedade?; Consta-lhe que a beata tenha êxtases, estigmas e impressões de alguns instrumentos da Paixão de Cristo em seu corpo, e tudo isso com um caráter divino?; Consta-lhe que a beata assista a atos celebrados em igrejas muito distantes do lugar em que mora e bem assim se tenha comunicado espiritualmente com o Santo Padre, em Roma?; Teria a beata o dom de discernir entre diversos objetos, qual seja bento ou não?; Presenciou, alguma vez, a ocasião de a beata comungar, transformando-se a sagrada hóstia em carne e sangue?; Consta-lhe que alguém tenha tido alguma revelação sobre a espécie de sangue na hóstia aparecida?; Sabe se a beata tem tido comunhões miraculosas?; Consta-lhe que a beata seja arrebatada em espírito já ao céu, já ao inferno, já ao purgatório?; Têm se produzido, em consequência desses fatos, muitas conversões?; Têm se dado milagres mediante votos feitos ao sangue derramado das sagradas partículas? – essa pergunta não é muito freqüente não; Sabe que, alguma vez, com a beata na Paixão de Nosso Senhor, correu sangue de um crucifixo de bronze?; Terá a beata pedido alguma coisa?; Sabe ou consta-lhe que a beata tenha saúde regular? Essas foram as perguntas mais freqüentes. A gente vai pular uma porção de testemunhas aqui e vai para a oitava testemunha, que é a beata Mocinha. A gente tem uma imagem da beata Mocinha como alguém muito rígida, muito séria e tal. E ela deu um depoimento interessante, porque disse que viu distintamente a transformação da hóstia em sangue, quando o Dr. Madeira estava também fazendo observação na beata. Mais tarde, Dr. Inácio disse que não conseguia ver distintamente a própria beata e o fato. A beata Mocinha disse que, nos êxtases, a beata Maria de Araújo adivinhava presença de pessoas. Monsenhor Monteiro contou-lhe que a beata se comunica na espiritualmente com ele – seriam essas comunicações a distância. Muitas vezes, durante o mês das almas, viu-a em estado de êxtase a derramar sangue, dizendo-lhe então que ela estava no purgatório, fazendo penitência em lugar das almas. Tinha boa saúde, apenas alguns incômodos de estômago e febre – como se a gente nunca tivesse nenhum incômodo de estômago, nem febre. Viu as comunhões que o Dr. Widelfonso relatou, estas que acabei de dizer, em que Dr. Widelfonso queria ver a hóstia em sangue. Eu gostaria de ler um pouquinho o primeiro depoimento do padre Quintino. Ele era, nessa época, professor do Seminário de

Crato, tinha vinte e oito anos de idade, conhecia a beata, viu-o em estado de êxtase com estigmas. Será que a gente termina hoje? Daqui a pouquinho. Bom, eu queria dizer a vocês que a primeira comissão do inquérito esteve na cela do padre Quintino, no Seminário de Crato, para fazer a verificação de panos ensangüentados que ele próprio guardava dentro da cela dele. No dia 09 de outubro de 1891, ele tinha dois lenços manchados de sangue que ficaram assim, por ocasião do crucifixo manchado de sangue, diante dele. Ele junto com a beata estavam pensando sobre a Paixão de Jesus Cristo, e ele disse que apareceu sangue no crucifixo; isso por duas vezes; esses dois panos com que ele secou o crucifixo estavam guardados no seu quarto, e a comissão de inquérito foi lá para ver. Padre Modelo tinha muito mais: tinha 6 sangüíneos manchados de sangue de comunhões; 2 sangüíneos de crucifixo e 4 panos de comunhões espirituais. A água num vaso de porcelana, limpa e transparente; novo exame e constatação de boca, língua, e limpas; colocação de nova partícula na boca da beata; entrou em êxtase serena e calma; abriu a boca, cinco minutos depois, e verificaram a transformação da hóstia em sangue. O comissário Padre Clicério deu uma bênção, ela consumiu a partícula. Boca e língua limpas e sãs. Nesse mesmo dia, houve uma crucifixão da beata, e eles foram ver: sangue já coagulado na fronte, na maçã esquerda do rosto, no côncavo das mãos e nos pés. Eles não viram o sangue jorrando, já estava coagulado. Nenhum ferimento no lugar, e a hemorragia não continuou. No dia seguinte, continuaram os exames e não encontraram nada, nenhuma moléstia que justificasse os sangramentos. A boca limpa e sem ulceração, não tinha lesão no pulmão, laringe, faringe e, pelo tempo em que o fenômeno vinha acontecendo, alguma vez, teria que haverem aparecido essas lesões. Não existiam. Deram-lhe para beber percloroeto de ferro, que é uma solução antecoagulante. Eles pensaram: se a beata tiver alguma ferida interna que a gente não possa constatar, porque no exame físico o percloroeto vai abrir essa ferida e deixar incontrolável a hemorragia, então ela não vai conseguir segurar a questão do sangue. Antes e depois, a boca, língua e tal não vão ficar limpas e sãs. O farmacêutico Hugo Chaves afirmou que foi administrar essa solução, por duas vezes, – e que não aconteceu nada; a mesma coisa, como se lhe tivessem dado água. Bom, fecha-se o primeiro relatório do primeiro inquérito, com o relatório do padre Clicério que contou, entre outras coisas, – ele fez muitos aditamentos de beatas que, posteriormente, o procuraram para complementar seus depoimentos, contou que aconteceu um fenômeno diante dele. Pôs-se a beata em oração diante do tabernáculo do Santíssimo. Unidos também em oração, estávamos, contudo bem atentos ao que se passava. Depois de um quarto de hora mais ou menos, eis que a beata tornou de um rápido êxtase e, levantando um pouco a mão direita, deixou ver duas hóstias ensangüentadas que Monsenhor Monteiro tomou entre seus dedos e

passou aos nossos, quando então notamos que o sangue que corria de cima a baixo daquelas partículas era fresco, tingindo nossos dedos. Na casa de caridade de Crato. Monsenhor Monteiro mandou chamar os dois comissários. Quando chegaram lá, a beata estava segurando duas partículas ensangüentadas que já estavam coladas uma na outra, e a beata dizendo que aquelas partículas eram para os padres da comissão. Só que, como elas estavam grudadas, Monsenhor Monteiro consumiu-as. A beata ficou em coração, diante do tabernáculo por 15 minutos. Depois, ela recebeu de novo duas partículas ensangüentadas, e aí os padres puderam comungar, padre Clícério e Antero. Foram anexados alguns outros documentos, por exemplo, um depoimento do padre Quintino se desdizendo de tudo o que disse no primeiro depoimento. Disse, então, agora que a mão de Maria de Araújo que segurava um crucifixo ficou escondida, mas disse que havia sangue no côncavo das mãos da imagem, na cabeça e nas extremidades do interior. Não havia sangue na mão da beata. Desdisse que tenha visto o ato da transformação da hóstia em sangue, mas reafirmou, somente depois de Maria de Araújo ter fechado a boca, por mais ou menos tempo, que se teve indício da partícula ensangüentada em sua boca. Então, depois de um pequeno intervalo de alheação ou concentração, apareceu em sua língua uma partícula que se parecia de matéria comum. E não viu muito bem a crucifissão e tal, mas viu, uma vez, bastante sangue na testa e no rosto, nas mãos e também nos pés, não tendo averiguado a existência de estigmas e chagas. Existe também no documento a apelação de José Marrocos e um depoimento –que acho muito importante – do Juiz de direito de Barbalha, que disse ter vindo aqui a Juazeiro, um dia de manhã, para tentar ver uma transformação da hóstia. E aí não houve transformação naquele dia. E o padre Cícero, então, muito atencioso, ele fez muitos elogios ao padre Cícero, muito delicado, muito amigo e tal, começou a contar os fatos acontecidos com a beata Maria de Araújo ao Juiz de direito. E aí o Juiz, queixando-se um pouco ao padre Cícero de que tinha perdido a viagem, mas estava pronto para ir embora e talvez voltasse em uma outra época. Quando eles estavam conversando, chegou uma beatinha – ele colocou no depoimento uma beatinha – que chamou o padre Cícero e pediu-lhe que fosse até a beata Maria de Araújo. Quando ele chegou lá, o Juiz disse que o padre Cícero ficou em conluio com a beata, se aproximou dela, e disse o Juiz que por 5 minutos. Voltou o padre Cícero e lhe disse: você não perdeu sua viagem não: a hóstia está transformada em sangue. E o Juiz disse: mas como, depois de tanto tempo? – a missa já tinha terminado – E o padre Cícero disse: não, é depois de muito tempo mesmo; às vezes, demora duas a três horas o fenômeno. E ela não conseguiu engolir; aquela coisa ficou na boca. E enquanto o padre Cícero dizia isso ao Juiz, a beata se aproximava com a boca já cheia de sangue. Lendo o depoimento, a sensação que a gente tem é a de que o Juiz tentou

dizer que, quando o padre Cícero foi lá, nesses cinco minutos, ele teria dado um jeitinho para que o fenômeno acontecesse. Só que, pela descrição que o próprio Juiz parece-nos que efetivamente o deu, fenômeno aconteceu e, como todos eles, demorou mais tempo para a hóstia se transformar em sangue. Ele ainda, que a boca estava limpa de sangue. Bom, eis o segundo inquérito, para terminar. Eles fizeram então três experiências; a primeira experiência, a da transformação da hóstia: oito pessoas testemunharam dar a comunhão à beata, ou a hóstia à beata. Ela ficou 16 minutos com a boca aberta e não apareceu nenhum sangue. Dois minutos com a boca fechada, e nenhum sangue. A questão da boca aberta e boca fechada é a seguinte: Dom Joaquim pediu expressamente a essa comissão que depositasse a hóstia na língua da beata e não deixasse que ela fechasse a boca. Então ela ficava, 15 minutos, de boca aberta, e nenhum sangue; depois, dois minutos com a boca fechada, nenhum sangue. No dia seguinte, então, uma segunda experiência: nove pessoas testemunharam, inclusive Dr. Madeira. Boca aberta, por vinte minutos; fechou a boca, por sete minutos; tudo igual, nada de sangue. Abriu a boca, após consumir a hóstia, e notou-se que ficaram alguns fragmentos da hóstia na língua. Terceira experiência: oito pessoas testemunharam; boca aberta, por mais de quinze minutos; fechou por cinco; abriu de novo, por mais três, e aí a beata teve ânsia de vômito e não conseguiu, porque os padres não deixavam que vomitasse. E ela disse que não conseguia engolir. Recusava-se a engolir a hóstia e pedia água para conseguir engolir, e eles não queriam dar água, porque tinha que engolir assim mesmo; e ela não conseguia porque ia vomitar. Afinal, depois de convencer os padres, eles lhe deram água, e ela pôde tomar. Eles colheram dois depoimentos, não no sistema de perguntas, como foi no primeiro inquérito, mas em relato. A primeira testemunha foi o coronel Juvenal Petrosa, casado, comerciante, 49 anos completados. Uma das coisas que ele disse é que se pediu à beata que botasse a língua para fora, e ele verificou sobre a língua dela a partícula dobrada ao meio, com alguns coágulos de sangue preto. A segunda testemunha, João Batista Siqueira, advogado, Juiz de direito, casado, 48 anos. Há uma outra beata que disse ter a transformação da hóstia também. Com certeza, o inquérito tem duas leituras: uma a favor, outra contra. O primeiro inquérito é a favor do milagre; o segundo é contra. Ambas as leituras, a favor e contra, colaboram com o estudo que a gente está desenvolvendo. Os primeiros "inquisidores" se preocuparam com pesquisar todos os fenômenos, o que não aconteceu com a segunda comissão, muito menos com Dom Joaquim, nem com José Marrocos. Ambos se centraram muito mais na transformação da hóstia. Na época, falava-se muito em hipnotismo e histerismo, mas a parapsicologia apenas começava a engatinhar. Não tinha nada ainda. Freud começava a dar sua grande contribuição, em nível de psicanálise. Nos dois inquéritos – Plácido colocava isso ontem – nos dois

inqueritos, nas cartas, na correspondência que a gente leu lá, no centro de psicologia da religião, ninguém duvida que o fenômeno tenha efetivamente acontecido, o que se questiona é a natureza do fenômeno e de dois pontos: ou truque, ou milagre. Pretendemos apresentar o que a gente está chamando – não de maneira a ser imposta, mas numa hipótese intermediária hoje – como fenômeno natural, como fenômeno próprio do homem, um fenômeno de todas as épocas e povos, um fenômeno parapsicológico, e é sobre isso que a gente vai falar, ao longo do dia. Muito obrigada.

LEITURA PSICOLÓGICA SOBRE A BEATA MARIA MAGDALENA DO ESPÍRITO SANTO DE ARAÚJO

Antônio Eduardo Lodi

...Apraz-nos conhecer um pouco mais a mulher Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, através da reconstrução de alguns fatos nutridos, na sua vida e sua infância. Esses fatos foram apresentados por ela própria, padre Cícero, outras personalidades e pessoas que participaram de sua vida, que são relatadas no inquérito que Maria do Carmo acabou de apresentar. Mas pensamos que investigar algumas características da personalidade de uma pessoa que vive entre nós, corremos o risco de danos, leituras distorcidas e projeções da pessoa que está lendo essa personalidade. Agora investigar a personalidade de uma pessoa que viveu, há uns cem anos, torna-se algo muito mais complicado, pois estaremos olhando, interpretando, através de um discurso que pode estar carregado de variáveis que não podemos estar pontuando. Já nos deparamos com artigos de livros e revistas, aliás, especializadas em psicologia, um estudo sobre a personalidade de uma determinada pessoa. Se nós também os nomes dessa pessoa e lêssemos os mesmos estudos, jamais diríamos estar falando dessa pessoa. Não queremos com isso criticar ou avaliar o trabalho dos profissionais que fizeram isso, mas ressaltar que, quando falamos, percebemos, analisamos, enfim, qualquer atitude que tomamos frente à compreensão mais profunda de uma personalidade. Sofremos variáveis, interferências externas (que são muitas), mas principalmente uma interferência interna do pesquisador, pois, por alguma razão da nossa personalidade, que nos é desconhecida, podemos alterar todo o rumo da história daquele indivíduo. Então para que possamos defender-nos desse rumo distorcido, defendendo uma característica de nossa pessoa que por nós pode ser reprimida. Então, por essa razão, tentaremos, da forma mais honesta da nossa pessoa, levantar algumas hipóteses sobre a personalidade de Maria de Araújo, com auxílio da teoria psicanalista, teoria criada por Freud. Então não traremos nenhuma verdade ou alguma conclusão fixa, rígida a respeito dessa pessoa e sim uma possibilidade de compreendermos um pouco mais o que ocorria na dinâmica psíquica de Maria de Araújo. Para isso temos necessidade de estar esclarecendo, bem rapidamente, como Freud entende ou entendeu o nosso aparelho psíquico. Existem três instâncias fundamentais de nossa psique. A primeira seria o "ID" ou inconsciente, em que a própria palavra se apresenta. O inconsciente, no desconhecido, e já está na moda nós falarmos de caixas pretas de avião, que registram tudo que ocorre com a mente. Para lermos o que está registrado nelas, necessitamos de sofisticados métodos. O nosso inconsciente é muito parecido com essa caixa preta, pois, desde o primeiro dia em que

nascemos já vamos registrando informações nele e há alguns que até falam de registros na vida intra-uterina. Esse inconsciente, na maioria das vezes, conduz-nos para as nossas escolhas, decisões, ações e principalmente os nossos desejos. Não temos muito controle sobre a sua atuação, e é o nosso grande desconhecido. Podemos fazer uma comparação da nossa mente com um "iceberg": a parte de fora deste "iceberg" a que está acima do nível do mar, seria o nosso "ego", de que vou falar daqui a pouco. A grande parte do "iceberg", que está abaixo do nível do mar, seria o nosso inconsciente. Entre eles existe o superego, que é a nossa consciência moral, a parte que, nos proíbe e que muitas vezes, nos impede de fazer algo. O ego é aquilo que nos permite estarmos aqui e nos possibilita vivermos dentro de uma sociedade, que controla as pressões do inconsciente e as pressões do superego.

Desde criança, mais ou menos na idade de dois anos, Maria de Araújo tinha uma enfermidade, que caracterizaram como "espasmos", e sofria de ataque dos nervos, chegando a perder os sentidos. Com seis anos, brincava com o menino-Deus, sem que soubesse exatamente quem era. Mais tarde, quando começam, a acontecer os fenômenos, ela recebeu uma revelação de que era o menino-Deus quem já brincava com ela, quando pequena. Com nove anos, fez a primeira comunhão e já nessa época tinha visões de Jesus Cristo, da Virgem Santíssima, que lhe davam direções espirituais. Com essas visões, sua sensibilidade ficava mais desenvolvida para conhecer os mistérios divinos e tinha maior disposição ao amor de Deus. Na sua primeira comunhão, padre Cícero percebeu uma grande disposição de Maria de Araújo para a vida interior, aconselhando-a a consagrar-se a Jesus Cristo, a quem se dedicou, de modo mais íntimo e perfeito, considerando-se, desde essa época, como verdadeira esposa Dele: união de uma mente com características muito especiais. Através dessa religiosidade, a dinâmica psíquica dela pôde, expandir-se, ter seu lugar ao Sol.

Gostaria de estar levantando aqui as nossas escolhas de profissão: que carreira a seguir. Isso sempre está ligado ao nosso inconsciente, uma opção. Por que um é médico; outro é engenheiro; outro, advogado; não é à toa; porque o pai foi médico, também serei. Então as nossas opções pela vida estão ligadas ao nosso inconsciente.

Essa escolha de Maria de Araújo unir-se a religiosidade, à religião já mostra uma opção pessoal. Com mais ou menos 16 anos teve novamente visões da Santíssima Virgem Maria e Jesus Cristo que lhe dirigiam algumas palavras; isso acompanhado de grandes perturbações. Com 18 anos, foi vítima de graves irritações e perturbações de espírito, as quais convergiam para distrair da adoração e eram contrárias às práticas da sã castidade. Foi freqüentemente espancada por demônios que se disfarçavam em Jesus Cristo, na Santíssima Virgem, até mesmo no padre Cícero. Com mais ou menos 20 anos, a conselho do padre

Cícero, celebrou um consórcio espiritual com Jesus Cristo, uma nova e maior consagração a Ele, que fez solenemente na Capela de Nossa Senhora das Dores; segundo Maria de Araújo, em presença da Santíssima Virgem, São José e um coro de 20 anjos. Jesus Cristo colocou-lhe no dedo um anel nupcial, chamou-a de esposa e convidou com Ele a salvar os pecadores. Nessa época, a beata tinha êxtase e ainda nesse tempo sofria de ataques nervosos, que aconteciam, muitas vezes, em público e por ocasião das festas maiores. O objetivo principal de suas meditações era a Paixão de Cristo, que lhe recomendava abrigar-se do sofrimento de sua mesma paixão. Nessa idade, Maria de Araújo, oferecendo-se como vítima e expiação para as almas, sofria estigmas da coroa de espinhos, cravos nas mãos e nos pés e chagas no peito. Seu diretor espiritual sempre incentivou para essas manifestações, oferecendo-lhe todo o auxílio espiritual e pessoal que necessitasse. Percebemos, então, uma aceitação plena por parte do padre Cícero em relação a essas manifestações, o que nos leva a crer e pensar que em Maria de Araújo havia uma grande segurança e dependência respeitantes a esse homem, o que se configura, durante todo o processo. Em 1889, quando estava com 25 anos, na primeira sexta-feira do mês de março, ocorreu a primeira transformação da hóstia em sangue, e querendo ela se abster de outra comunhão, só continuou em obediência a padre Cícero. A partir dessa data, entrou em estados de êxtase mais freqüentes e mais longos, durante algumas vezes entre cinco horas, por obediência. Achemos importante estar ressaltando isso. Ou a padre Cícero ou a outro sacerdote. Suas comunicações com Deus se davam sempre em estado extático. A partir de agosto de 1889, foi mandada, por ordem imediata de Deus, ir a Roma para conversar com o Papa e dizer-lhe que aprovasse como milagre os fatos ocorridos em Juazeiro do Norte. Esses acontecimentos se repetiram, mas sempre por ordem de Deus ou seu confessor. A obediência sempre esteve presente em Maria de Araújo. Em 15 de novembro do mesmo ano, por ordem de Jesus Cristo, foi ao purgatório para fazer penitência pelas almas, mas que antes fizesse uma confissão com o seu confessor, a fim de haver dele o consentimento e até mesmo real mandato. E, ao receber essa bênção, caiu em profundo êxtase. Corria-lhe sangue da fronte, dos olhos pela face abaixo, repetindo-se essa situação até o fim do mês de novembro, com duração de até cinco horas por vez. Também por ordem de Deus e seu confessor, teve de ir ao inferno ensinar a prender os demônios, para o bem da Santa Igreja e salvação das almas. Dando-se realmente a prisão de demônios, por intermédio de um anjo, conforme mandado dela em nome de Deus, teve, em diversas, ocasiões que se banhar em copioso sangue, sempre em estado de êxtase. A convite de Deus foi também ao céu, para o mito da glória de Deus e, por vezes, a pedido de seu confessor. Vamos então tentar compreender esses fatos psicologicamente. Por que fizemos questão de dar como título à

presente apresentação o nome completo de Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo? Por saber da importância da ligação do nome da pessoa com suas atividades mentais e inconscientes. E daqui começamos a conhecer uma ambivalência, uma dualidade que se apresenta na pessoa de Maria de Araújo, pois em seu nome temos Maria Madalena, que é mulher, uma pessoa que deseja, que tem um corpo; e do outro lado, o divino, o Espírito Santo. Mas essa dualidade não se apresenta somente em seu nome, é presente em toda a sua vida – ela sustenta através do inquérito: a presença de Deus e do diabo, do prêmio e do castigo, do dentro e do fora, do prazer e do desprazer; faz parte do cotidiano de Maria de Araújo, da ambivalência, dualidade. Segundo Freud, no sono perdemos nosso equilíbrio psíquico. O que é esse equilíbrio psíquico? É aquilo de que havíamos falado, do ego que controla o ID, o inconsciente e o superego. É através do sono que a gente perde esse equilíbrio psíquico. É a atividade – além do princípio de atividade do nosso cérebro – durante o sono é uma atividade desordenada que, em muitos aspectos, lembra a loucura. Por que loucura? É o inconsciente que manda mensagens a um consciente carregado de distorções e que nos impede de estar a compreendê-lo, por isso a possibilidade de loucura. O fato principal de hipnotismo consiste na possibilidade de se colocar uma pessoa em estado especial da mente, ou mais precisamente do cérebro, que se assemelha ao sono. Padre Cícero tinha percebido essa situação peculiar de Maria de Araújo que, objetiva e conscientemente, encadeava essa manifestação de seu inconsciente. No que acreditamos é que existia um clima, um ambiente favorável para que isso pudesse ocorrer, lembrando aquele casamento de que falamos, do segundo casamento do psiquismo com a religião – Mas isso vai ser retratado, mais tarde, por Maria do Carmo e Pablo – E também pela dependência que existia entre a beata e seu confessor. A possibilidade de uma comunicação inconsciente é muito grande. Além de se retomar a história de Maria de Araújo, apareciam já algumas características, alguns fenômenos, antes de padre Cícero. Então, realmente se prova como era, objetivamente, Padre Cícero quem desencadeava isso em Maria de Araújo. E também não podemos esquecer que, através do sonho ou em estado de hipnose, é que temos um acesso maior ao inconsciente, ao aumento da vida mental nesses estados. É uma vida mental que em Maria de Araújo aparecia com alguns comprometimentos. É presente em sua história uma identificação com Jesus Cristo, quando fala da sua disposição 'a me dar' – discurso da própria Maria de Araújo – seus estados de crucificação, por em sua fronte aparecerem marcas da coroa de espinhos e em suas mãos e pés, os cravos, em seu peito, a cruz. Em muitas vezes, em estado extático, ela ficava como Cristo na cruz. Então existia uma certa imitação; e outros fatores mostravam essa identificação com Cristo, era como se ela passasse a viver como se fosse o outro, o que revela uma certa "estrutura histórica". Não se

assustem com alguns termos que empregamos; aos poucos esclareceremos todos. Já que pronunciamos a palavra histeria, queremos fazer uma observação: é relatado, no inquérito, que, nos dias 24 e 25 de setembro de 1891, os doutores Inácio de Souza Dias e Marcos Rodrigues Madeira examinaram Maria de Araújo. Em seus relatórios, informaram não ser portadora de um quadro histérico, pelas seguintes razões: não apresentar convulsões de nenhuma natureza; alteração ou mudança de caráter, em seu trato; outras perturbações nervosas; e que entrava em êxtase e dele saía, repentinamente, sem transição. Não nos sentimos capazes de fazer uma avaliação deste diagnóstico, por não ser médico, e também porque o conhecimento da época era muito precário. Mas podemos crer que, hoje, com o desenvolvimento da psicologia, quadros histéricos não são diagnosticados por essas observações, e que, quando falamos em uma estrutura histérica, esquecemos aquela visão de mulher com ataques epilépticos, e que uma simples paralisação da face pode estar revelando o quadro histérico. (pausa). É verdade que essas fantasias são da mesma natureza das fantasias que podemos observar diretamente dos devaneios, como nos sonhos noturnos, e que na hipnose isso também está claro: o inconsciente se revelando. Muitas vezes, um sonho pode substituir o ataque, já que a mesma fantasia se expressa de forma diversa, no sonho e no ataque. Sigmund Freud dizia: "se nós não sonhássemos, todos ficaríamos loucos"; daí a necessidade de o inconsciente ficar mandando mensagens, mesmo distorcidas. Então, retornando ao início da nossa exposição, levantando a hipótese de que os estados de êxtase são gerados por sugestão e auto-sugestão, e que o inconsciente tem maior manifestação nesse momento, como se fosse um sonho, mas um sonho carregado de censuras e fantasias, essas manifestações ocorrem como manifestação de um desejo recalcado, de um desejo reprimido e que, muitas vezes, entendemos como tentação do "inimigo", tentação do demônio que, normalmente, se encontram na esfera da sexualidade. Percebemos que a sexualidade de Maria de Araújo não pôde ser vivida; teve que ser transfigurada. Ela apareceu em uma situação inversa, quando seus êxtases seriam o orgasmo milagroso. E identificamos isso também em sua face que experimentou a dor, ao mesmo tempo, uma grande consolação para a alma. A dor apareceu, mas também apareceu como uma certa consolação da alma, como uma certa forma de prazer. Não existe a permissão do prazer como tal: ele tem que ser reprimido, recalcado. Mas, como o instinto sexual é também um instinto de vida, instinto da preservação da espécie humana, é muito forte, ele é deslocado, ele é transformado e, de alguma forma, representado através da dor e, de certa maneira, foi representado e vivido no corpo de Maria da Araújo. Mas não cabe aqui a gente estar falando muito da sexualidade dela, e sim da hipótese de isso haver aparecido. Um impulso estar vindo, mesmo distorcido por bastante

culpa: a culpa pela tentação, pois, de alguma forma, o desejo se manifesta; a culpa pelo perigo da castidade, diante do impulso que é condenado. Então há necessidade de recorrer a mecanismos de defesa para apaziguar a sensação dessas culpas. Identificamos essas situações, quando Maria de Araújo revelou, em sua contínua oração, condenar-se mais a violar os princípios de castidade, consistindo naquelas situações em que Deus lhe revelou que muitos padres deviam ser perseguidos, encarcerados e até mesmo mortos, por causa do casamento civil. Então, acreditamos que, nessa ocasião, ela estava tratando de matar o impulso que aparecia como tentação. E quanto mais intimamente se ligava ao seu divino esposo, mais grave era a atuação do inimigo, que representava essa mensagem sempre aparecendo. Recebeu ordens de Jesus Cristo para tudo contar ao seu confessor e aí prestar inteira obediência, para poder chegar ao conhecimento das ciladas do inimigo e assim se livrar. Chama-me a atenção: tudo comunicado ao padre. Então é como se o pecado aparecesse sempre e eu tenho que ficar confessando, tenho que está pedindo desculpas. Uma compulsão... Isso não aconteceu só com Maria de Araújo... Outras beatas também passaram por isso. Como exemplo, citaremos Maria das Dores do Coração de Jesus, uma beata de 15 anos. Ela falava: "Jesus me revelou ser o verdadeiro sangue derramado na hóstia". Viu Nossa Senhora adorando esse sangue. Viu Jesus Cristo ensangüentado. Viu Nossa Senhora, ao lado de quatro anjos, tirar duas almas do purgatório. Uma outra beata, Joana Tertulina de Jesus, 28 anos, quando conversava com outras pessoas sobre o sangue e a carne de Jesus, se eram verídicos, sucedeu ouvir uma criança, de apenas sete meses, dizendo, por duas vezes, de modo indistinto, "é", referindo-se a suas elucubrações. Ângela Veríssimo do Nascimento, 28 anos, viu, muitas vezes, em espírito, "por permissão de Deus", a beata Maria de Araújo arrebatada em espírito ao Céu e ao Purgatório, sendo que, quando subira ao Céu, dava glória a Deus, e sabendo, ao certo, que no Purgatório sofreu juntamente com as delas, tendo permissão de libertar muitas almas, na companhia de Jesus Cristo, São José e alguns outros santos. Ana de Aguiar Neto (19 anos) informou que, em um dia de 1891, estando na capela de Juazeiro, sucedeu que a "hóstia se transformou em uma pasta de carne, fato este que não revelou ao seu confessor, e que tentara, a muito custo, consumir a partícula, em carne transformada, como conseguiu". Deu-se a transformação da hóstia em carne, em mais duas ocasiões... E outras beatas apareceram. Verificamos, então, que outras pessoas também viveram fenômenos similares aos de Maria de Araújo. Acreditamos que isso possa ter sido um "contágio psíquico" e que, talvez, pudesse ser explicado pelo "inconsciente coletivo", mas não nos cabe discutir sobre isso. Mas achamos que o que mais importa é que existiu também, como mostra o inquérito de Juazeiro, um outro desejo nessas mulheres. A gente costuma dizer que, através da

A LOCALIZAÇÃO DO FENÔMENO DE JUAZEIRO NA PESQUISA PARAPSICOLÓGICA*

Juan Pablo Garulo Rico

As provetas ou as pipetas do laboratório, da ciência... nos ajudam também a obter um conhecimento cada vez mais ampliado da natureza, do mundo, das pessoas, dos seres humanos. E, neste ponto de vista, a investigação, seja ela do ponto de vista da Física, da Psicologia, da Filosofia, das ciências em geral, sempre tem uma contribuição a dar na prescrição e na avaliação de certas manifestações e de certos fenômenos.

Do ponto de vista da Parapsicologia, antes de eu conversar, quero dizer também que a Parapsicologia não explica tudo, assim como não há ciência nenhuma que explique tudo. Portanto, são visões ou são apreciações, são formas de estudo naturalmente limitadas. Mas dentro de seus limites, há sempre alguma contribuição a dar no conhecimento de certos fenômenos e principalmente num conhecimento cada vez maior do ser humano.

E uma terceira e última coisa é a seguinte: eu venho aqui porque, a partir do trabalho, que foi feito por Maria do Carmo, de tradução (digamos assim) do inquérito e depois de tê-lo lido demoradamente... estou absolutamente convicto, pelo que pude detectar no inquérito, que os fatos aqui acontecidos não são devidos a nenhum tipo de fraude, de embuste ou de... Isto, do ponto de vista da Parapsicologia, como investigador que sempre tem como pressuposto de trabalho de qualquer tipo de coisa estranha, de fenômeno... (depois veremos aqui), sempre levanta como hipótese explicativa a possibilidade de fraude consciente ou inconsciente...

Pois bem, deste ponto de vista, essa hipótese da fraude, do embuste, ao meu modo de ver, na minha experiência como parapsicólogo, está descartada e posso, então, com mais tranquilidade e satisfação, estudar essas manifestações.

Tudo isso são objetos de visões, de aparições... assim por diante, são tão antigos assim como a humanidade. Em todas as culturas, em todos os povos, em todas as civilizações, encontramos descrito, em cada cultura, povo ou civilização, Deus, no decorrer da história, com explicações também diferentes. Explicações diferentes para o mesmo tipo de manifestações. Os mesmos tipos de manifestações do fenômeno ocorrido no Brasil, hoje, ocorreram na França, num século atrás. O ocorrido na Índia, há dois mil anos, ou o ocorrido

* DVD 05 – II Simpósio sobre o Padre Cícero – 1989.

em Israel, há três mil anos. O mesmo tipo de fenômeno explicado de formas diversas por estes povos, dependendo do momento histórico, dependendo da circunstância... e assim por diante.

A Parapsicologia percebe, através das diferenças... e tenta levantar uma outra possibilidade de explicação, uma outra hipótese. São muitos os fenômenos e ambientes que estão, por exemplo, atribuídos ao demônio, são atribuídos a santos, são atribuídos a Deus... são atribuídos a forças exteriores ao próprio ser humano. São muitos os fenômenos e ambientes, por exemplo, espíritas, têm interpretação espírita. São atribuídos às almas dos mortos. Seriam os causadores dessas manifestações. No Islã, por exemplo, temos um outro tipo de manifestação. Com todas essas diversidades de explicações, a Parapsicologia desconfia de uma coisa e faz uma pergunta: Será que estes fenômenos não poderiam ser atribuídos ao próprio ser humano vivo? Será que esses fenômenos, em lugar de serem explicados fora de nós não poderiam ser explicados a partir de nós? Seria necessário recorrer a demônios, a anjos, a santos, a Deus, às almas dos mortos para explicar essa fenomenologia, ou poderia haver uma outra possibilidade... a partir do próprio ser humano? Isto que a Parapsicologia trabalha, a partir desta perspectiva.

E trabalha... mais especificamente, eu diria que faz mais ou menos um século. Quando aconteciam em Juazeiro os primeiros sinais com Maria de Araújo, as primeiras manifestações, os primeiros fatos extraordinários, formava-se em Londres a Sociedade de Pesquisas Científicas, uma entidade que, em 1882, começou a estudar, de uma forma mais sistemática, esses tipos de manifestações.

E, por isso, constantemente, com o dom da investigação, vem também outro dom... E, por volta da década de 30, chegou também, de uma maneira mais consolidada, a fazer parte da investigação mais sistemática, em Universidades de quase todo o mundo.... Transformação de um objeto numa coisa diferenciada que não é, aparentemente, fácil: a transformação da hóstia em sangue. ... a transformação de um objeto em um outro tipo de objeto.

A capacidade de discernimento de Maria de Araújo, com muita frequência, conseguia determinar os objetos que lhe eram apresentados... ou não. E ninguém tinha falado antes a ela... Ela tinha, portanto, um poder de discernir entre objetos benzidos ou não, sem que houvesse qualquer tipo de comunicação anterior... é o objeto da Parapsicologia também.

Evidência a distância, nós chamamos em Parapsicologia de clarividência. Ela sabia, aparentemente, o relatório confirma isso, com uma certa frequência, que, de fato, estavam acontecendo, simultaneamente, em Crato, na própria Fortaleza, capital, ou mesmo

em Roma, festividades no Seminário. Ela, digamos assim, estava participando dessas solenidades ou desse momento. ... explicar como que isto pode acontecer.

Outras manifestações, comunicações, também à grande distância: conseguir se comunicar também com outras pessoas, à grande distância, principalmente com o seu diretor espiritual, o Padre Monteiro. Eventualmente haveria essas explicações. ... de sangue e estigmatizações fazem parte, portanto, de manifestações de nosso eu, conforme a... Parapsicologia.

Maria do Carmo, na parte da tarde, retomará mais especificamente os fenômenos do Inquérito e fará um estudo mais aprofundado sobre cada um deles. Eu vou, nesta parte da manhã, fazer uma apresentação mais geral. ... da hipótese do trabalho da Parapsicologia, reunindo os fenômenos em dois grandes grupos e... dar uma explicação de como a Parapsicologia estuda esses dois grupos de fenômenos... seriam os chamados fenômenos do efeito..... Alguém dotado consegue movimentar um objeto que está seis, oito metros de distância dele. Um tipo de energia passou do dotado até o objeto que foi captado pelo feixe de raio. São formas de como se pode perceber, pode detectar certo tipo de manifestações e provar que elas vêm originadas do ser humano, de uma pessoa que está tentando fazer que isso aconteça.

Uma outra forma de constatar-se que isso de fato é possível e que se trata de alguma coisa física que existe normalmente nas pessoas, foi o tema através de balança, por exemplo, pesando os dotados, quando eles exteriorizam o ectoplasma (o ectoplasma seria uma energia materializada). O dotado que está na balança pesa "x" (60 quilos). Quando ele, no laboratório, exterioriza, por exemplo, esse fenômeno mais concreto do ectoplasma, o dotado perde imediatamente até dois quilos na operação, na manifestação. Isto está nos mostrando também que se trata de algo físico, de algo material, de algo energético que, procedendo do dotado, a pessoa que apresenta este fenômeno se exterioriza.

Isto tem sido também até filmado, estão conseguindo filmagens de pessoas movimentando objetos sem aparentemente terem nenhum tipo de ação ligando a pessoa ao objeto com o objeto. ...Talvez, hoje à tarde, a própria Maria do Carmo possa apresentar aqui. Nós temos um vídeo em que algumas dessas coisas foram gravadas. Um outro dado parapsicológico... movimentando objetos à distância.

Todos esses fenômenos sempre têm uma relação muito estreita com a Psicologia e as características psíquicas da personalidade total que os manifesta. Vou contar a vocês uma situação que eu mesmo tive a oportunidade de... acompanhar de perto. Foi em São Paulo, em Judiaí. Nós fomos chamados para dar atendimento numa casa onde acontecia o fenômeno dos

fogos. Queimavam-se objetos dentro da casa, de uma maneira estranha, de uma maneira anormal. Queimava-se, por exemplo, um livro, a capa do livro e não se queimava o miolo. Chamuscava a capa e não chamuscava o miolo. Chamuscava uma prateleira e não chamuscava os papéis que estavam nessa prateleira. Queimava-se uma colcha (um acolchoado de uma cama) e não queimava o colchão. Queimavam-se os pés da cama, e não se queimava o que havia por cima.

Uma série de coisas estranhas que assustavam por demais a família. E nos chamaram para ver se nós poderíamos dar uma ajuda. Eu lembro que chamaram um padre (que trabalhava junto conosco), chamaram também um parapsicólogo para ver essas coisas. E o padre também entendia essas questões de parapsicologia.

A primeira hipótese que levantamos, uma vez excluída a fraude do consciente e do inconsciente, foi a de ter sido provocado esse fenômeno por duas adolescentes que estavam lá trabalhando na casa. Nós comprovamos que, na imensa maioria dos fenômenos de efeito físico, o número muito elevado deles é provocado por pessoas do sexo feminino, no período da puberdade e da adolescência. E um número também significativo desses fenômenos é provocado por mulheres grávidas. Isso não quer dizer que as mulheres sejam mais dotadas do que os homens para fazerem os fenômenos para provocarem esses fenômenos. Acontece que o fenômeno parapsicológico, quando se manifesta, sempre se manifesta de uma forma inconsciente, de uma forma inesperada e não existe fenômeno parapsicológico com hora marcada.

Um dos indícios que nos mostram que pode haver truque, embuste (consciente ou inconsciente) é quando a pessoa, diante de uma experimentação, encontra que o dotado sempre produz o fenômeno a seu bel prazer. Quando ele quer e como ele quer. O fenômeno é controlável, o fenômeno não é produto do inconsciente, o fenômeno não é esporádico. Maria de Araújo... e é um dos pontos que nós damos pé para pensar que não havia o embuste aí, porque nem sempre a hóstia se transformava em sangue, no momento em que ela queria, ou no momento que o padre queria. Às vezes, passava duas ou três horas. No segundo inquérito, nos três dias em que foi inquirida, não apareceu, não se manifestou o fenômeno. O fenômeno na própria beata Maria de Araújo era uma coisa esporádica, era uma coisa que não era feita com hora marcada, sempre, quando e como ela queria.

Esses fenômenos, por serem de origem consciente, manifestam-se mais naquelas pessoas que têm menos controles emocionais, que colocam menos barreiras na sua personalidade, ou às vezes, em pessoas que estão, do ponto de vista psicológico, em momento de desequilíbrio. Vejam bem, estou falando de momentos de desequilíbrios psíquico-

somáticos. Não estou falando em loucos, não estou falando em doentes da cabeça, não estou falando em doidos que devem ser internados. Em pessoas que têm mais dificuldades, às vezes, isso ocorre em determinados momentos da vida, também em controlar a "racionalidade da mente", digamos assim,... Em pessoas que têm mais facilidade de abrir ou deixar aflorar o seu inconsciente, os fenômenos são muito mais freqüentes... Não são raros. ... Não acontece nunca nada. Numa casa mal assombrada, para acontecerem assombrações, deve haver alguém vivo lá dentro ou muito perto da casa.

Quando analisamos a pessoa... nós tentamos fazer uma análise sobre o que poderia ter provocado esses fenômenos, se ela estaria usando desse recurso inconsciente para apresentar, de forma agressiva, aquele tipo de manifestações. E começamos a descobrir uma série de detalhes muito interessantes. As únicas coisas que pegavam fogo, que chamuscavam, que se consumiam, eram as coisas relacionadas com o dono da casa, com o homem, com o marido. Nunca havia... na cama do casal, quando pegava fogo o pano, uma parte da cama, era o lado em que o marido dormia. Não o lado em que a mulher dormia. Na cama da filha pequena do casal nunca apareceu... Quando pegavam fogo os papéis eram as notas fiscais do açougueiro que pegavam fogo. Mas não os papéis, de costura, dos padrões que tinha a esposa dele... no quarto, no escritório. Então, uma coisa interessante, parece que algo está dirigido contra determinada pessoa que mora naquela casa, que é o dono da casa.

Quando foi submetida a uma análise psicológica mais profunda a personalidade dela, foram descobrir, de fato, distúrbios mais sérios na menina, na moça. E ela tinha passado por experiências muito traumatizantes. Algumas delas se mostravam muito óbvias. Ela tinha sido expulsa da casa pelo pai. O pai dela tentou violentá-la... esse tipo de coisa traumatizante. E que tinha saído da casa e que, provavelmente, essa tal moça, diante do homem, diante do perfil masculino, ela teve uma reação de agressão, uma reação de defesa, uma reação de revolta. Conscientemente, muitas vezes, nós manifestamos isso. O nosso ego nos bloqueia, em certas manifestações. E às vezes aparece num sonho... distância, muita distância.

O padre Monteiro, em seu depoimento, disse que ela, Maria de Araújo, captava e que não havia condições materiais e casuais de se pensar que isso pudesse acontecer, dois ou três meses de antecipação.

Esses fenômenos são possíveis? Esses fenômenos são possíveis. Fazem parte do ser humano vivo. Todos nós temos essa qualidade, todos nós temos essa faculdade de manifestá-la. Algumas pessoas, que nós chamamos de dotadas, conseguem manifestar, de uma forma mais freqüente e mais espontânea, e outras pessoas não conseguem fazê-la aflorar, ou muitas vezes, nunca em sua vida. O grande mérito da parapsicologia feito em laboratório

consistiu em experimentar com pessoas normais, completamente normais. Pessoas comuns. Há outras universidades com pessoas comuns, ninguém dotado ou especialmente dotado. Então se faziam testes... testes de telepatia ou teste de clarividência com grande número de pessoas... Com pessoas que nunca, na sua vida, tinham apresentado manifestações, e... notamos, percebemos que isso é perfeitamente possível... muito mais simples de trabalhar que um baralho com cinco símbolos diferentes, cinco naipes diferentes. São: uma cruz, um círculo, uma estrela, umas ondas e um quadrado. Estes cinco símbolos são refletidos, cinco vezes, no mesmo baralho. Nós temos um baralho com vinte e cinco cartas e muito bem misturadas, pede-se à pessoa que está sendo pesquisada que tente adivinhar qual a ordem em que estas cartas estão aparecendo.

Então, poderemos estar pensando que ela está adivinhando por clarividência, que ela sabe em que ordem estas cartas estão colocadas. É feita uma probabilidade de uma chance em cinco de acertar. Por pura sorte, ela acertaria uma em cinco. Até um cachorro acertaria uma vez em cada cinco, colocando-a pata lá, nas probabilidades. Num baralho de vinte e cinco cartas, ele tem, por pura sorte, pelas probabilidades, tem chance de acertar cinco vezes. Quantos descobrem que o número de acertos é muito superior a cinco (entre vinte e cinco cartas) e que isto se manifesta de uma forma constante e permanente. O parapsicólogo é obrigado a levantar hipótese de que há aí um fator diferente do acaso, que está influenciando esses resultados. Está fazendo com que esta pessoa acerte e que não acerte por pura sorte. A experiência em laboratórios sempre é muito fria, sempre é mais distante e não é muito importante.

Uma coisa podemos dizer, é que os fenômenos têm a ver com o comportamento psicológico das pessoas que os manifestam. Há uma co-relação do ponto de vista da personalidade entre o fenômeno parapsicológico e o ser humano. E através também de muitas pesquisas e de testes de personalidade aplicados nas pessoas que faziam o experimento no laboratório, a gente chegou a uma série de resultados, a uma série de conclusões. Por exemplo, as pessoas deixam de apresentar bons resultados, resultados favoráveis, na medida em que vão se cansando. Os resultados, com perdão da palavra, da expressão popular, na medida em que eles se tornam chatos e enchem o saco das pessoas que estão ao lado, com tentativas e mais tentativas de adivinhação, os resultados tendem a cair, ou seja, tudo faz parte do ser humano, da motivação do ser humano. Eu faço uma coisa, quando ainda estou acreditando nela, tenho ânimo, estímulo para fazê-la. Quando vou me perdendo, me desgastando e tal, isso cai também, os meus resultados começam a cair. ... Em termos de

personalidade, os sujeitos que melhor resultado apresentam são os que acreditam na possibilidade de o fenômeno acontecer.

Em parapsicologia são chamados de ovelhas, ovelhas e cabritos. Cabritos são os descrentes. São aqueles que não acreditam no fenômeno; e, quando não acreditam no fenômeno, acontece, às vezes, o fenômeno contrário, inverso, que eles não chegam a obter nem sequer o número de resultados que obteriam pela pura sorte, pelo acaso. Então, se numa experimentação, com 100 cabras, eles deveriam por acaso obter 25 resultados, os não crentes, as pessoas que não acreditam na possibilidade de esse fenômeno acontecer, obtêm treze, doze; é uma prova ao contrário. Eles estão bloqueando a sua faculdade "psigâmica", sua faculdade paranormal, extra-sensorial, para provar aquilo no qual eles acreditam como sendo... Os resultados caem. Mas, um dos grandes testes de personalidade é o de pessoas crentes, que acreditam que se obtêm resultados muito melhores do que as pessoas céticas, isto é, as que não acreditam...

As pessoas mais sociáveis, extrovertidas, abertas obtêm, via de regra, resultados melhores do que aquelas pessoas mais retraídas... de comportamento mais secundário, mais racional. Mas, acentuando algumas perguntas,... creio também que são importantes os estudos dos fenômenos parapsicológicos, porque alguns destes fenômenos, que aconteceram na história, serviram também para fazer mal a muita gente, para prejudicar a vida de muitas pessoas. Se nós pegamos, por exemplo, toda a época da Inquisição do lado católico, ou ainda na época do lado protestante, quantas pessoas não foram queimadas como bruxas, por exemplo, por manifestarem toda uma série de fenômenos para os quais, hoje em dia, (se bem que podemos considerar extraordinários) podemos encontrar uma explicação. ... Então, é interessante o estudo desta fenomenologia que eu acho ter uma contribuição a dar à própria parapsicologia e a todas as manifestações da beata Maria de Araújo.

Deste ponto de vista, muitas coisas que se apresentam podem ser explicadas através da parapsicologia. Não tem a parapsicologia, a instância superior, digamos assim, a competência para dizer se isso foi milagre ou não foi milagre. Mas é um elemento a mais, somando-se aos outros, à análise do tipo psicológico, antropológico, teológico, sociológico, e poderá dar uma contribuição, um esclarecimento da visão do milagre de Juazeiro do Norte. Então, eu paro por aqui...

Maria do Carmo Pagan Forti

Quem é de nós que jamais mentiu? Há alguém que nunca mentiu aqui? É óbvio. A gente mente, é próprio do ser humano, ou por defeito, ou desequilíbrio... E o inconsciente, com todo o seu talento, a sua capacidade de dramatização, a sua capacidade de envolver o

fato, ele o faz, às vezes, de uma maneira diferente. Se ele não consegue passar de uma forma verdadeira, ele truca. E truque mesmo de mágica, coisa comum, normal. A gente encontra isso com muita frequência. Por exemplo, uma vez, em São Paulo, fomos pesquisar, fomos atender a um chamado de uma casa mal-assombrada, no bairro Vila Ré: "Tá pegando fogo! Tá pegando fogo! Tá pegando fogo!". E a gente chegou lá. Cercando o fenômeno, a gente viu que estavam colocando fogo. Numa situação completamente diferente dessa que o Pablo descreveu, hoje de manhã.

O fogo do fenômeno parapsicológico, a combustão do fenômeno parapsicológico, muitas vezes, é diferente da combustão normal. O truque, então, é a minha hipótese. O parapsicólogo, eu insisto um pouco nisto, às vezes, deixa o fato, que é investigado profundamente como truque, passar despercebido; complica pra avançar a questão. O parapsicólogo é alguém que tem olho aberto pra isso. A gente estuda; não sei fazer mágica, mas a gente estuda a lógica da mágica, do embuste... A gente tem o olho aberto pra isto. Quando Pablo afirmou que veio pra cá ouvir, que aceitou estudar o fato porque, do ponto de vista dele, isso não é embuste, ele sabe o que está falando, da mesma forma, quando afirmo a vocês, clarissimamente que não há truque, não há embuste, não há qualquer fraude nesses fenômenos parapsicológicos. É absolutamente tranquilo dizer isto. Eu gostaria de demonstrar isso com um único fato, mas eu não posso me alongar.

Pedi a vocês que prestassem atenção, hoje de manhã, quando a gente via no inquérito, na meditação da primeira transformação da hóstia, quando Maria de Araújo recebe a hóstia do Padre Cícero; esta hóstia não se transforma em sangue. Padre Cícero tira a hóstia da boca da beata e ela diz: tem que ser na missa. Posteriormente, nas três experiências do segundo inquérito, o que é que acontece? É exatamente a mesma coisa que a comissão tenta fazer, na primeira vez que lhe dá a comunhão. À comunhão fora do ambiente (Pablo falou muito bem, há pouco, de tudo isso), fora do contexto, sem a situação emocional, sem o envolvimento da pessoa com o fato... a transformação não acontece.

O segundo inquérito é administrado friamente, como em laboratório, e a coisa não acontece. O psiquismo humano não é um computador, cujo botão uma pessoa aperta, solta o dado, ele solta o fenômeno. Ele precisa de condições pra poder realizar o fenômeno. E mais: o nosso consciente, especialmente, é o nosso maior aliado, sem sombra de dúvidas, mas tem suas frescuras, sem dúvida nenhuma. Ele não se deixa dominar. Quando a gente diz que o fenômeno parapsicológico é espontâneo, é incontrollável, é isso mesmo. O inconsciente não permite ser controlado. O fenômeno parapsicológico acontece, quando o inconsciente quer, independentemente da nossa vontade.

Porque, se dependesse da vontade, certamente, no segundo inquérito, Maria de Araújo teria feito as três transformações da Hóstia. Anterior a isto, se fosse truque, se Maria de Araújo estivesse trucando com José Marrocos e tal, sem sombra de dúvidas, ela teria feito todo o possível pra trugar, exatamente no momento das três experiências.

O segundo inquérito foi levado a efeito por gente que queria provar que não era milagre. Se a coisa fosse um truque muito bem feito, ela teria feito algum truque ali, mesmo que fosse pega. E a questão não é mesmo de aparecer o truque? – eu sempre pergunto. É importante notarmos, ou talvez até termos a humildade para reconhecer que não é porque somos doutores em uma porção de coisas e de ciências, que temos de ter a perspicácia, mas temos que aprender também.

O princípio da economia de hipóteses tira a possibilidade do truque. A gente estudou, usou aí todas as possibilidades, como: medicina, psicologia, parapsicologia, e não há mesmo a possibilidade de um truque. Pela economia de hipóteses, o próximo passo é tentar ver se esse fenômeno é um fenômeno natural. Dentro da ciência tradicional, da medicina tradicional, ele não é, absolutamente, um fenômeno natural.

Bom! Eu gostaria de fazer para vocês uma aproximação dos fenômenos apresentados, a partir do inquérito, unindo-a com as explicações que Pablo deu de parapsicologia. Então, eu fico assim com uma certa dificuldade por causa do tempo. Nós vimos que Maria de Araújo tinha um grande número de fenômenos. Eu estou tentada em restringir a explicação dos fenômenos a dois ou três, inicialmente. Mas eu gostaria de falar de três fenômenos: primeiramente, da crucifixão, o... da exsudação sanguínea e estigmas, que seria tudo mais ou menos a mesma coisa da transformação da hóstia e das possíveis adivinhações de Maria de Araújo. Se houver mais tempo, talvez abra perguntas ou avance outros fenômenos.

Começando pelo fenômeno da Crucifixão ou estigmas. O que é que isso? Como é que a parapsicologia pode explicar uma coisa como esta? Nós temos em parapsicologia o que a gente chama de dermatografia (grafia da pele). Isto é uma coisa muito comum. Vocês podem encontrar exemplos, aí à vontade, de pessoas que têm manchas no corpo, porque a mãe, na hora de ir para a maternidade, teve vontade de comer um frango assado, e já não dava mais tempo; então nasceram com (eu tenho uma prima que tem) um frango assado na coxa. Outras que, durante a gravidez, tiveram vontade de comer qualquer coisa e não conseguiram comer, e o bebê nasceu com aquela mancha. É uma coisa relativamente freqüente. É o princípio do fenômeno acontecido com Maria de Araújo de impressões admiráveis no corpo. As chagas no peito de Maria de Araújo levaram anos pra curar. Ela não tinha feridas, ela tinha manchas...

sanguíneas nos locais das chagas. É a mesma coisa; o influxo do psiquismo sobre o organismo da pessoa produz a tal mancha ou a tal chaga.

Padre Pio de Pietralcina..., alguém o citou ontem; ele tinha chagas permanentes nas mãos, nos pés. Isso é o influxo do psiquismo sobre o organismo. Mas como é que é esta história, o psiquismo influir tanto assim sobre o organismo? A gente tem que esquecer que o psiquismo é uma coisa e o organismo é outra; que corpo e alma são duas coisas diferentes. É uma coisa só. Quando a gente dá um ponta-pé numa pedra, imediatamente a gente tem um reflexo psíquico, não tem? Por exemplo, uma raiva; quando a gente tem uma emoção muito forte, a gente pode ter, efetivamente, uma reação física. Não existe absolutamente essa separação corpo e alma. É a mesma coisa.

Portanto, se eu tenho medo ou se eu tenho vontade de imprimir inconscientemente (conscientemente é mais difícil, é mais fácil inconscientemente) alguma marca no feto, imprime-se a marca no feto. É corpo do meu corpo. Se a minha psicobulia faz com que eu deseje tremendamente sofrer com Jesus Cristo, eu imprimo no meu corpo as chagas de Jesus Cristo ou dramatizo, fazendo sangrar naquele local o sangue normal; não é tão normal assim, mas por ali escorrendo sangue nos lugares das chagas. Isto é, rapidamente, a dermatografia, e alguns fenômenos de Maria de Araújo se explicam pela dermatografia. A crucifixão com os estigmas de ferida, de chagas a gente explicaria pela dermatografia. Isso na dermatografia católica é relativamente freqüente.

Dermatografia, então, pode ser simplesmente uma mancha ou realmente fazer uma ferida. Vocês se lembram do filme O Exorcista, quando se desenhava no estômago a palavra "Help"; era o inconsciente da garota pedindo ajuda, pelo amor de Deus. E escreveu a palavra socorro; não era o demônio pedindo ajuda...

Nesse fenômeno da crucifixão, o sangue não necessariamente aparece nos lugares de ferimentos de Jesus Cristo. Ele aparece sem chaga, sem... sair sangue. Ele pode parecer o que nós chamamos de aporte. Aporte é o seguinte: um corpo sólido ultrapassa outro corpo sólido sem que a natureza de um e de outro seja desmanchada. Por exemplo, em casas mal-assombradas (alguém já entrou em casa mal-assombrada?) Já? Já? Voavam tijolos nessa casa? Eu queria saber: Voavam tijolos nessa casa, ou alguma coisa que não fosse própria do interior da casa? Coisas de fora que entram na casa? Eu só queria saber exatamente isso. Era saber de vocês um corpo opaco que ultrapassa um outro corpo opaco.

O fenômeno do aporte, os físicos têm aí uma explicação pra ele. Eu não sou física, por favor, não me questionem a respeito do mecanismo físico do fenômeno, porque eu não

vou saber responder. Eu vou apenas repetir uma hipótese de explicação, porque é impossível experimentar isso em laboratório.

A opacidade de um corpo sólido é dada pela velocidade do átomo deste corpo, que compõe este corpo. Portanto, se nós influirmos na velocidade do átomo, nós teremos entre um átomo e outro... corpo opaco, um espaço equivalente à distância de estrela a estrela. Pelos furos do outro corpo opaco, sem problema absolutamente nenhum. Na teoria, tudo bem. A gente até que consegue entender. Provar isso na prática não se sabe. O que se sabe é que, efetivamente, um corpo opaco (tijolo) entra na casa com tudo fechado; que o estrume que Pablo citava, hoje de manhã, entra na panela de comida fechada. Essa família que Pablo citou, quase morria de fome, porque não tinha o que comer. Havia estrume por dentro do pão e por todos os lugares. Isso é o que a gente chama aporte.

A gente chama aporte também aquele sangue que cai nas imagens, por exemplo, de Cristo... A gente chama aporte a lágrima da imagem que sangra. A gente chama aporte tudo aquilo que, pra que aconteça o fenômeno, tem de ultrapassar um corpo sólido. Na visão do sangue, o sangue de dentro da pessoa sai, ultrapassa a roupa. Maria de Araújo pode ter dramatizado a crucificação, através do aporte, colocando em ferida o seu próprio sangue, de dentro pra fora, nos locais das chagas.

Uma das hipóteses para o sangue na hóstia é a hipótese de trabalho, é exatamente o aporte. Nós temos inúmeros casos de pessoas que sangravam como Maria de Araújo, e o fenômeno, em todas as épocas e em todos os povos e em qualquer lugar, a gente encontra. A gente não encontra com tanta facilidade uma pessoa que dramatize, da forma como Maria de Araújo fez. Dramatizar é montar a situação. Não tem nenhuma conotação pejorativa, mas ela dramatizou, ela montou a situação inconscientemente. É mais difícil a gente encontrar isso – a hóstia dentro da boca, recebendo o sangue. Para nós existem duas possibilidades; a mais fácil aí do princípio de economia de hipóteses seria uma exsudação sanguínea do aparelho bucal. O inconsciente digeriria esse sangue da forma como ele quisesse. Ele daria uma coloração, deixaria aparecer um pouco da hóstia e jogaria... o sangue da forma como quisesse. E, depois de retirada a hóstia, a boca estaria limpa e sã, o corpo estaria reabsorvendo algum possível resto de sangue que tivesse ficado na boca de Maria de Araújo.

Dr. Cardoso dizia assim: na medicina tradicional, isso é absolutamente impossível. Tudo aquilo que sai do corpo não volta para o corpo. Mas aí, quando a gente começou a discutir com ele a questão da parapsicologia, a gente disse o seguinte: em parapsicologia, a exteriorização da energia somática, humana, própria do homem, material,

limitada não passa; ela pode, algumas vezes, se condensar e se transformar naquilo que a gente chama de ectoplasma, transfigurando uma pessoa, por exemplo.

Contou-lhes mais uma caso em parapsicologia: ... Numa das sessões, o pessoal pediu à parapsicóloga que cortasse os seus cabelos e desse como lembrança, como recordação. Ela pegou uma tesoura, cortou os cabelos, colocou dentro de alguns envelopes e entregou ao pessoal. Quando o pessoal chegou à casa e abriu o envelope, não havia nada. A energia foi reabsorvida pelo corpo humano, da mesma forma quando nós acreditamos que o sangue da boca de Maria de Araújo era sempre reabsorvido pelo organismo dela. Por isso a boca limpa e sã. Um truque não dá pra fazer isso. Tratando-se de truque, de alguma forma, a pessoa teria que sujar pra fazer isso, se havia tanto sangue como o pessoal descreveu que havia. O dente tem que ficar sujo de sangue... O sangue não é uma coisa que some de uma forma assim tão fácil, a não ser parapsicologicamente, quando reabsorvido pelo corpo.

Quando se tirava a partícula da boca de Maria de Araújo... no sanguíneo e tal, ela continuava sangrando. Ainda continuamos a dizer que é muito provável que fosse um aporte. Esse caminho do sangue até o objeto normalmente é invisível. Ele é desmaterializado e materializado naquele ponto. Eu não sei se há mais alguma coisa a dizer a respeito da transformação da hóstia. Eu diria que é mais ou menos por aí aquilo que a gente tinha que dizer. Eu não vou ficar me alongando demais. No entanto, consideremos ainda energia e sangue em Maria de Araújo. A energia é um tipo de matéria, o sangue é outro tipo de matéria. O sangue não é energia e, como tal, se ele não estiver num local apropriado para ser absorvido, ele não vai ser reabsorvido. Quanto à energia, a gente nunca conseguiu detectar se ela efetivamente se separa do corpo. As experiências que se têm feito, até agora, dizem que a telergia vai até um ponto, mas sempre ficando ligada ao corpo. A gente diz que, quando um objeto se movimenta a distância, essa telergia forma como que um terceiro braço que movimenta esse objeto, mas ligado ao corpo. Não se tem notícia de que a energia se desligasse. Então, por isso, é muito mais fácil haver a absorção. O sangue desligou-se do corpo, e o que caiu lá no paninho não fez falta inclusive para o organismo da pessoa.

NO TEMPO E NO POVO DE MARIA DE ARAÚJO: O SENTIDO E SIGNIFICADO DO MILAGRE, EUCARISTIA, MULHER, PADRE, SECA E DE SANTIDADE E EM QUE, O FENÔMENO VEM CONFIRMAR OU QUESTIONAR OS CONCEITOS

Marcelino Sivinski*

As minhas considerações querem ajudar na reflexão dos participantes do Simpósio, a partir do que foi colocado, especialmente nas exposições deste dia [18-09-1989]. São considerações não para fechar ou concluir, mas para abrir alguns trilhos para continuarmos na busca do aprofundamento e compreensão dos sucedidos que marcaram a história de Juazeiro, do povo nordestino e brasileiro.

Declaro que não pretendo com isso fazer uma síntese do simpósio, nem uma reflexão teológica para ler, à luz da fé, as contribuições da psicologia e parapsicologia. Pretendo, isso sim, invocar o conjunto sinal-milagre acontecido aqui, com a finalidade de dar uma leitura mais teológico-pastoral, uma vez que o tema para mim destinado, "No tempo e no povo de Maria de Araújo: o sentido e significado do milagre, eucaristia, mulher, padre, seca e de santidade e em que o fenômeno vem confirmar ou questionar os conceitos", foi, durante o dia, brilhantemente abordado... [referência aos outros palestrantes]. Para que não haja colocações paralelas ou mesmo repetições desnecessárias, folgo em tratar, em minha abordagem, mais a perspectiva teológico-pastoral.

Para isto, algumas questões se impõem: O que Deus quer mesmo nos revelar ou indicar com todos os acontecimentos que estamos analisando, nesses dias, não esquecendo que Ele está acima das instituições, das leis, das igrejas e das ciências humanas? Essa pergunta também traz no seu bastidor uma questão política, isto é, a quem esses acontecimentos e fenômenos favoreceram e estão favorecendo hoje? À hierarquia eclesiástica? À elite dominante? Ao povo "lascado" do Nordeste? E como esses três reagiram, trabalharam e assimilaram os acontecimentos e a sua evolução histórica? O que mudou, ou não mudou, na região, com os acontecimentos, tanto na área política, econômica, cultural, religiosa, eclesiástica?

Olhando cem anos, esses acontecimentos trouxeram mais vida, esperança, liberdade, resistência e união do povo, este povo pobre, filho da seca e explorado? Isto é, esses acontecimentos ajudaram o povo a ser mais "gente", descobrindo um jeito novo de viver em meio aos latifúndios, a terra seca do Nordeste, com todas as oligarquias e monopólios existentes? O que foi milagre, no contexto do Nordeste daquele tempo, considerando-se a sua

* Instituto Teológico - RS

realidade política, econômica e eclesiástica? Qual foi o conteúdo captado pelo povo, e como esse mesmo povo interpreta, hoje, esses milagres?

É bom dizer, desde o início, que para Deus está, em primeiro lugar, o dom sagrado e mais santo que nós temos, que é a vida. A vida em abundância para todos, especialmente para os mais pobres. Então o milagre, para Deus, não está, em primeiro lugar, na transformação da hóstia, mas na transformação das estruturas e da sociedade, gerando mais possibilidade de vida e dignidade para todos.

Por isso é importante que este contexto do milagre possa ser colocado na perspectiva do sonho do Pe. Cícero e no contexto da crise nacional, regional e local existente. O sonho do Pe. Cícero que se apresentou numa visão: treze homens vestidos de branco entraram na sala da escola onde ele [Pe. Cícero] estava e sentaram-se na mesa do professor, numa disposição que lembrava a última ceia de Jesus Cristo, apareceu como está no quadro da santa ceia. Seu coração está visível, exposto e simbolicamente representado como que incendiado de amor pelos homens e despedaçado, sangrando das feridas surgidas pelos pecados da humanidade e pela indiferença. Quando Cristo ia dirigir a palavra a seus apóstolos, um grande número de camponeses e miseráveis entrou de repente na escola. Davam a impressão de que vinham de muito longe, sem pertences, e Cristo, voltando-se para eles, lamentou a ruindade do mundo e as inumeráveis ofensas da humanidade a seu Sacratíssimo Coração. Apontou para os pobres, voltou-se para o Pe. Cícero e disse: "Você, Pe. Cícero, tome conta deles!". Naquele ano, Cícero veio morar em Juazeiro, numa pequena casa, coberta de palha, defronte da Capela de N. Sra. das Dores, e começou a sua vida entre os pobres que lhe haviam sido confiados por Cristo.

O sinal-milagre não pode, portanto, ser isolado e desvinculado do conjunto de fatos que fazem o contexto histórico do Juazeiro, ontem e hoje. O sinal-milagre da presença e ação de Deus se iniciou, talvez, há muito tempo, e continuará no meio deste povo por muito e muito tempo. O sinal-milagre é visível, quando os pobres são valorizados, respeitados, amados, ou quando se organizam para a sua libertação. E nós cremos que Deus se revela na história e nos acontecimentos e que esse Deus tem seus segredos e jeitos para manifestar o seu poder-projeto como amigo, como companheiro e como libertador de seu povo. Ele age e se manifesta, através de pessoas santas e pecadoras, dotadas de fenômenos ou não, através da ação destas pessoas, da coerência de vida, do profetismo e mesmo entre as ambigüidades.

Contudo, Deus está preferencialmente do lado onde estão os pobres e marginalizados, e especialmente as suas organizações e resistências. Está do lado deles e com aqueles que lutam e se alinham aos pobres, na luta da vida, da liberdade e dignidade.

É neste contexto e perspectiva que deve se entender o chamado sinal-milagre. Milagre significa sinal, ou seja, "atenção, aqui há algo importante!". É uma sinalização que indica a direção, como um convite de seguimento e, portanto, uma saída, uma esperança maior.

Na Bíblia, o milagre situa-se sempre no contexto social, global, comunitário, popular e profético. Então o milagre não é para favorecer o individualismo, projeção de pessoas, interesses particulares. Mas uma sinalização na caminhada do povo. Coloca-se na perspectiva da realização do plano do Pai, de uma orientação libertadora, histórica e integradora. E, neste sentido, poderíamos analisar o capítulo 6 de São João. Relata mais ou menos o seguinte: Jesus, já no final do dia de caminhada com o seu povo, depois de muitos discursos, percebeu que a grande multidão que o seguia estava com fome, estava faminta. Perguntou a seus discípulos se eles tinham alguma coisa para oferecer de comida a esse povo. E eles abriram as mãos: "Não temos nada, e nem na cidade há comida suficiente para tanta gente". E aí Cristo perguntou: "E vós, o que tendes?" Aí Filipe disse: "Parece que há um menino que tem dois pães e três peixes". Notem que esse menino está representando o novo, a mensagem, o milagre, o sinal. Mandou o povo se sentar dividido em grupos, e aconteceu que nesse dividir em grupos estava, certamente, por detrás de cada idéia de Jesus... (pausa na gravação).

E o pessoal começou a se organizar, se reunir em grupos, fazer a partilha do que trouxera. E Jesus abençoou este gesto. E a mensagem significa comunicar vida, abençoar o gesto, no sentido de buscar mais vida, portanto mais liberdade. Deus, junto aos seus escolhidos, seu povo lascado, pobre, significa proposta nova, projeto apresentado pelo menino, com dois pães e três peixes, portanto, a partilha, a solidariedade pela qual Jesus dá a vida. Projeto pelo qual Ele diz: "Eis minha vida. Eis o meu projeto. Eis minha proposta capaz de salvar a humanidade da fome, da inveja, da divisão e da morte". Significa a vitória da Ressurreição. Significa esperança transformadora.

E o símbolo, para nós maior, da eucaristia é a mesa com comida e festa para todos os empobrecidos, que são os amigos prediletos Dele, lembrando e celebrando o projeto do Ressuscitado, vivo e vitorioso, que trouxe aqueles ensinamentos e práticas construtoras do reino. Sentar-se à mesa, em cada missa, significa abraçar e comungar o projeto e as propostas de Jesus Cristo, que se resumem em vida nova para todos.

Milagre, hoje, consiste em levar adiante e lutar pelo projeto de mais vida para todos, liberdade, pão, terra, justiça com a participação de todos, com quem a experiência da partilha, solidariedade e serviço seja construída, vivida ou sofrida. Então sinal-milagre é, de

alguma forma, retomar o sonho do Pe. Cícero, no qual está embutido um projeto que se identifica com a proposta de Jesus Cristo.

Em Juazeiro está acontecendo este sinal-milagre? Se a História séria, escrita a partir do povo pobre; se as ciências sociais, sociologia, psicologia, parapsicologia, medicina, se a memória do povo vem testemunhando, esclarecendo que nos fatos acontecidos não houve embuste, não houve má intenção, nem fraudes, nem mentiras, mesmo que os acontecimentos mostrem ambigüidades, a Teologia tem que considerar mais esses fatos e ver neles um lugar da revelação de Deus, indicando um caminho, um sonho, um projeto a ser realizado, pois os acontecimentos, os fatos e a história são motivos como lugares da revelação de Deus, de sua vontade a seu povo, através de sinais sensíveis, visíveis e perceptíveis. Por isso, mesmo que os fenômenos analisados tenham uma explicação natural, nada impede que Deus possa se manifestar e comunicar às pessoas através deles.

Quais são os sinais, em Juazeiro, que remetem ao sinal-milagre de Jesus Cristo? Se o milagre é um sinal de chamada, atenção na caminhada do povo, uma interpelação para a mudança e uma provocação para os sentimentos, vamos encontrar muitos sinais que evocam esse sinal-milagre nos discípulos de Jesus, em Juazeiro. No caso, refiro-me a muitos: o Pe. Cícero, Maria de Araújo, José Marrocos e outros; apenas lembro alguns para assim a gente pensar, reviver e celebrar juntos.

Por exemplo, um dos sinais são essas muitas experiências humanitárias que existem no nosso povo. A experiência de solidariedade, simplicidade vividas entre tantas famílias, vizinhos e romeiros. A experiência da identidade do povo em torno do Pe. Cícero, de N. Sra. das Dores, enfim, dando sentido, inclusive, para seu caminhar e viver.

Fica clara a mensagem deste Simpósio: que os acontecimentos de Juazeiro só podem ser entendidos, se vistos a partir do povo, o chamado povão. O sinal-milagre de Juazeiro não pode ser analisado e escutado apenas pelo transformar da hóstia em sangue. Mas deve ser visto no conjunto da caminhada do povo, tendo, como exemplo, Pe. Ibiapina, um dos marcos significativos da história. O sinal-milagre está embutido no sonho do Pe. Cícero, que o leva a permanecer com o povo e projetar uma saída política e econômica para a situação de miséria de seu povo.

O sinal-milagre de Juazeiro tem no seu bojo características que o identificam como sinal-milagre da Bíblia, especialmente com Jesus Cristo. Por isso se pode afirmar que na experiência histórica de Juazeiro, e ao redor de Juazeiro, os discípulos de Jesus continuam fazendo memória viva das propostas e práticas de Jesus, tanto ontem, como hoje.

As competitividades, animosidades, guerras, etc. fazem parte da opção de Jesus e de seus discípulos, ao se colocarem ao lado dos pobres, revelando a eles o seu plano, lutando por eles, marcando presença em suas organizações de resistência. Em virtude disso, os poderosos reagem.

O sinal-milagre de Juazeiro continua hoje e são tantos os sinais que o identificam com o sinal-milagre de Jesus Cristo: as romarias como celebração da misericórdia do Pai e acolhimento da esperança para a resistência, a congregação do povo ao redor de Jesus, como a multiplicação dos pães, como o encontro de Jesus com a multidão, com o desejo de ouvir e ver o segredo para poder sobreviver; e mais, a memória que o povo faz de Jesus e seu projeto na participação das romarias e da missa. Agora, fica a pergunta para o clero: até que ponto nós fazemos a missa, no sentido da memória, da ação de graça, da identificação com este Jesus Cristo pobre, perseguido, torturado? A romaria também é oportunidade de festa e partilha, confraternização dos pobres, sinal, portanto, inicial, de como será a experiência do reino dos pobres.

Os acontecimentos em Juazeiro, mesmo com as suas ambigüidades embutidas, trazem sinais da presença e ação de Deus intervindo na história, mas mostrando sua misericórdia junto aos mais pequenos. O milagre da hóstia será sinal no meio do povo, na medida em que este crescer em liberdade, mais vida, mais justiça, isto é, uma mesa farta de pão para todos.

Frente à multidão dos camponeses miseráveis, Jesus disse: "Toma conta deles". Muito obrigado.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Perguntas Propostas:

- 1 No seu entender, o que esse simpósio contribuiu para a discussão sobre os fatos havidos, há um século, envolvendo padres e beatas, em Juazeiro e em outras localidades?
- 2 Quais as linhas de trabalho e as perspectivas de estudo que se mantêm abertas como foram vislumbradas, através dessas discussões aqui havidas?

Helcion Ribeiro

Bem, primeiramente, fui pego de surpresa para participar da mesa de encerramento. Por ser o primeiro a responder, fica mais difícil. Eu nem sei o que pensar, mas, acho que existem alguns fatos que evidenciam a contribuição deste simpósio. E eu diria o seguinte: se esse simpósio fosse feito em Fortaleza, no Rio de Janeiro, ou nalgum outro lugar fora de Juazeiro, ele teria uma conotação diferente. Mas sendo feito aqui, não é exclusivo da academia; ele tem que levar em conta o fato de que se dá é aqui a história dessa situação, e a pergunta que fica no coração, particularmente, devia ser propensa à religião católica que tenta viver. Então, nesse sentido, tem um significado diferente, feito pela academia aqui, daquele significado, se fosse feito pela academia noutro lugar.

Uma primeira contribuição muito significativa não foi, aliás, a primeira contribuição significativa, no meu modo de ver, que aconteceu, não foi aqui dentro, foi a desestabilização da proibição sobre a referência aos famosos paninhos. Por ter se mostrado isso, por ocasião do simpósio, portanto é resultado do simpósio, isso traz algumas coisa pra muita gente de Juazeiro. No entanto, uma contribuição mais científica, mais apurada, no sentido de dez, é outro aspecto significativo: muitas idéias vinculadas foram expostas de uma forma quase acabada, por exemplo, a figura Zé Marrocos, que era uma figura que não estava considerada no conjunto mais significativo, para que depois se detecte um papel desse senhor. Trazê-lo aqui já é alguma coisa muito própria, muito significativa. Então, José Marrocos, nesse contexto, acho que é um fato importantíssimo. Outro fato importante, parece-me, é o fato de que, tendo a academia assumido essa temática, ela é capaz de ouvir que a Igreja também tem uma palavra a esclarecer.

Essa Igreja, de que falo, não é necessariamente exclusividade de homens da hierarquia que têm um amor grande à sua instituição, mas nem sempre acompanham 'paripassu' todo o desenvolvimento que Deus oportuniza, apesar de a academia não gostar desta palavra, mas todo o conhecimento que Deus oportuniza, também na academia, para que se desenvolva e caminhe à frente e que, no fundo, ao mostrar a verdade do trevo científico, ela nada mais faz do que mostrar a verdade que vem de Deus.

Uma outra contribuição significativa no simpósio, que vejo ainda, é que a URCA teve coragem de trazer aquilo que dormita há cem anos, século maldito e herético; gostei desta expressão. Então, a pergunta deste tempo foi feita por um público com coragem, não polemicamente, como surgiu no noticiário da imprensa aí. Acho que o simpósio, em nenhum momento, foi polêmico por perguntas diversas, mas nós saímos daqui mais radicais, pró e contra. Acho que enfrentamos com serenidade uma série de elementos.

Luitigarde Barros

Tomando o trem de Helcion, vejo o assunto por dois caminhos: um, como cientista; outro, como nordestina. Não me preocupa esse problema. A coisa que me preocupava era se milagre, se não milagre; isso eu estou sempre dizendo em todo canto aonde eu chego. Para mim, o assunto corre sempre em duas vertentes: se a hierarquia da Igreja vai dizer, ou o povo do Nordeste já decidiu que houve milagre. E durante cem anos prescindiu da decisão da Igreja, como vai continuar prescindindo da decisão da ciência. Na minha cabeça, não corre pela ciência, nem corre pela decisão do Vaticano o que aconteceu em Juazeiro.

Então, nessa perspectiva, como eu não tenho vinculação com problemas da Igreja, da hierarquia, mas me sinto extremamente vinculada, enquanto povo do Nordeste, ao problema de Juazeiro. A mim independe se é milagroso, se é parapsicológico. A única coisa que me passa, nesse momento, é que o simpósio veio discutir isso apenas. Enquanto cientista e enquanto nordestina, isso me incomodou sempre, seja com apreço de embusteiro, seja com apreço de crente. O mundo todo é crente. A mim nunca incomodou que se chame o povo do Nordeste de crente, o povo de Juazeiro de crente. Temos de acreditar em alguma coisa, nós vamos ter de acreditar no dia 15 de novembro, que é o dia em que vai haver alguma coisa. Então, enquanto nordestino, todo mundo acredita que o Padre Cícero faz alguma coisa. Vai se o padre Cícero vai ser o produto do nosso imaginário e da nossa vontade de acreditar.

Se ele merece crença, isso não é problema e nem a Igreja vai decidir, ou se a parapsicologia vai decidir; isso não é um problema. Eu gasto minha crença na hora que eu quiser, como eu quiser e com quem eu quiser. Há gente que crê na Xuxa: um problema sem muita importância. Cientificamente, tive um compromisso sim. Acho que esse simpósio trouxe muita coisa.

O simpósio trouxe o padre Cícero homem histórico, e foi esse homem histórico que historicamente ficou resgatado nesse simpósio. Várias perspectivas no simpósio, e aqui não houve busca, pelo menos dos personagens históricos de Juazeiro, tradicionalmente citados, com historiografia insuficiente como embusteiro. Esse simpósio transformou isso. O que achei gozado é que até com o personagem da Igreja, isso aqui ficou claro, houve embuste sim, mesmo o padre doutor Joaquim insistindo que num era de jeito nenhum. E isso está no simpósio. Houve embusteiro sim, só que não foi na turma de Juazeiro, foi na turma da hierarquia.

Quanto à Igreja, basta o bispo de Crato reabrir o processo e mandar o legítimo inquérito, para ela estudar tudo outra vez.

A mim isso dá uma satisfação muito grande, porque o legítimo inquérito, o inquérito não manipulado, está transcrito por José Marrocos. Então, a Igreja fará de Zé Marrocos um grande historiador, porque registrou fatos históricos e esmiuçados, ou manipulados pelo bispo. Hoje, todo o mundo diz que ele foi manipulador, e aí Zé Marrocos tornar-se-á o historiador que vai mandar a história para a Igreja editar. Então, essa história está aí, por esse aspecto; cientificamente está tudo bem. A ciência da história será resgatada, Zé Marrocos passará a ser o novo historiador, vários livros que escreveu estão aparecendo, e isso vão ser as linhas de trabalho e perspectivas. O meu amigo Zé Paulino estava me dizendo que tem de haver um simpósio sobre Ibiapina, já que Ibiapina não foi tão citado aqui. E uma linha de trabalho de que temos dezenas, centenas, milhares de documentos. Que os estudiosos daqui e de outros lugares, que estudantes do curso de história, que os professores do curso de história daqui, que os sociólogos do Brasil todo possam vir para cá estudar, e cada um faça sua linha de pesquisa a fim de desenvolver seu trabalho. Para mim, o que me preocupa são os milagres sociais. Estes que a gente constrói não com o consciente, não com a parapsicologia, não com Deus. O que me preocupa são esses milagres que os homens constroem internacionalmente. E nesse, a gente põe a mão, desses a gente é co-autor, desses a gente assume os erros cometidos, por esses a gente paga caro, por cada garfe.

Então, nesse sentido, esse simpósio para mim é um milagre, em consequência de outro milagre que foi o primeiro simpósio. Então, surge uma universidade que vem para cá

discutir o milagre, mas, no bojo de tudo isso, nós estamos discutindo é a condição de uma universidade no Cariri, o papel dessa universidade, a que ela vai servir, a quem ela vai servir. Então, dentro dessa mesma linha, nesse simpósio, como cidadã de Juazeiro, fui cidadã, no ano passado, por conta dos outros simpósios de que aqui participei; até isso acontece.

Quero chamar a atenção do público aqui presente para o milagre da romaria de Juazeiro. Vejo que o povo mais civilizado do território brasileiro é o romeiro do Padre Cícero. Nunca vi tanta civilização. Eu estava conversando com André Luiz que aqui não há nem sistemas de mictórios públicos na cidade, e que eu saí pelo Rio de Janeiro, aquela Copacabanice, aquela zona-sul maravilhosa, pisando em dejeto, casca de banana; que quando acaba uma feira, há uma grande quantidade de gari, quando acaba uma passeata, há também; quando acaba a festa de ano novo, quatrocentos garis não limpam a festa de ano, do Natal, ninguém limpa; após o carnaval, são 500 mil garis numa reunião do departamento; tem que trazer a turma para varrer tudo; a romeirada foi embora, e Juazeiro esta limpinho, não tem nenhum gari.

Os homens mais pobres, os homens mais analfabetos do Nordeste desfilaram, nove vezes, em Juazeiro; foram embora e deixaram a população do Cariri. Compraram o que a população produziu, encheram os bolsos da turma de dinheiro, foram embora cheios de esperança e não deixaram nenhuma sujeira em Juazeiro; então, um milagre. Agora, o que Juazeiro faz de milagroso, vocês de Juazeiro, autoridades de Juazeiro, que milagre os senhores fazem para esse povo? Por favor, eu não quero discussão política. Estou avaliando uma coisa, falo antropologicamente. Então, eu gostaria do senhor prefeito, aqui presente, um milagrezinho. Passam-se nove meses para se fazer o milagre da vida, do qual que aparece o ser humano na terra.

Eu estive aqui em novembro, também em abril do ano passado, e a URCA era um milagre que ia fazer outros milagres, os do simpósio. E fez um milagre de abril para novembro, que foi apanhar um milagre vivo de uma grávida, dentro de Juazeiro, que publicava o inconsciente, que publicava o onírico, que publicava toda a construção intelectual dos homens da universidade, e o doutor Teodoro, que não é do Cariri, fez o milagre de resgatar essas máquinas que estavam por perdidas no tempo, situadas na romaria nordestina, fez botar para construir. O milagre das autoridades de Juazeiro era garantir essa sagrada vida, contratando seis, oito homens como gráficos. Ainda hoje, eles não foram contratados nem como auxiliares de gari e isso é terrível. A possibilidade de fazer milagre é tão simples como contratar seis gráficos para Juazeiro, para manter o milagre do pensamento, do intelectual, dos homens acadêmicos funcionando, de modo que eles possam publicar os seus benditos, os seus

trabalhos; Juazeiro vive disso. Nem pode interessar a Juazeiro se há milagre ou não. Quem acredita que acontece milagre vem para cá. Se doutor Teodoro, que não é caririense, fez milagre, por que as autoridades do Cariri não fazem esse milagre? Há dez meses, os gráficos estão esperando essa contratação, e eu encontrei muita gente com benditos lá fora, com seu livro escrito, tendo que repetir várias vezes, porque não estavam publicados para ser distribuídos. Vi a história de toda a cheia de Alagoas, cantada da maneira mais bela, mantendo viva a produção intelectual do Nordeste, que não pode ser publicada, porque não há onde; é muito caro lá fora.

A gráfica de José Bernardo foi incorporada pela URCA. Tinha por função manter esse milagre, isto é, Juazeiro ser o centro divulgador da criação popular deste Nordeste, porque quem vem para cá, é popular, e eu achei muito interessante que a beata Maria de Araújo disse ser analfabeta; ela disse isto aos intelectuais da Igreja. E toda a tradição oral de Juazeiro diz que a beata Maria de Araújo tinha uma escolinha, onde alfabetizava as crianças. Ela era uma professora do nível de sua camada social e, nas horas livres, passava roupa pra viver. Então, essas pequeninas camadas fazem o milagre de manter Juazeiro dessa maneira, e Juazeiro tem que fazer milagre de responder a essas pessoas.

Para finalizar, eu só queria dizer que a Secretária Violeta Arrais disse que tem como projeto atender a todos os artesãos deste Estado, com saúde, com todo tipo de atendimento; ela vive com Padre Murilo junto de todos os artesãos deste Nordeste, para serem atendidos dentro de Juazeiro, e este é o milagre que vai ser feito pela prefeitura, pela Secretaria de Cultura e pelo Padre Murilo: um verdadeiro milagre.

Professor José Paulino

Bom, eu quero apenas assinar em baixo das coisas que Helcion e Luitgard falaram, mas destacar que achei muito importante, que este simpósio contribuiu para a discussão sobre esses temas. Em primeiro lugar, quero ressaltar que conheci, ontem, o papel fundamental de uma universidade, em justamente ser um centro e um fórum de discussão maior, que é redescobrir para a região, para o Brasil, de um modo geral, esses temas que, de certo modo foram tabus. Compete a uma universidade propiciar a discussão. Nós não viemos aqui buscar uma solução do simpósio para saber se houve ou não milagre. Viemos, sem dúvida, ampliar nossas preocupações em torno de uma temática que, há muito tempo, não só

estas como outras temáticas, vêm encobertas, escondidas no contexto da historiografia, no contexto das ciências, de um modo geral.

Então, em primeiro lugar, acho que a grande contribuição foi esse compromisso da instituição, da universidade que não deve ser um patrimônio somente dos municípios a que ela atende, mas deve ser um patrimônio da região, e, nesse sentido, quero ressaltar esse papel da universidade. Por outro lado, eu gostaria também de destacar aqui uma coisa que me preocupa muito: como era, como estava o povo, na época desses fenômenos, e como o povo está hoje para o papel do ontem e do hoje, esses que são os figurantes principais. Então, destacando o Padre Cícero, Ibiapina, não estou dizendo, primeiro, Maciel e tantos outros, como líderes do povo que souberam dar uma resposta ao seu dogma, pelo compromisso com esse povo, o que nos interessa é avançar. Não tem de utilizar o povo como objeto de estudo, mas realmente é fazer com que esse povo se organize, para fazer com que esse povo, realmente, seja um, ocupe seu espaço no contexto histórico em que ele vive.

Então, nesse sentido, o Nordeste tem muito ainda a resgatar, e as instituições, seja ela igreja, seja ela de ordem política, seja ela de ordem cultural, têm muito a fazer em prol desse povo que, sem dúvida, merece toda, não só a contribuição do cientista, mas, sobretudo, a ação das instituições.

Eu acredito que o simpósio também foi muito importante. E, então, diria que o trabalho continuasse mais voltado para o resgate de figuras que deram sua vida e que fizeram algo profundamente útil ao povo humilde. Mas, antes, eu queria fazer uns pequenos parênteses com uma coisa que me preocupa muito. No ano passado, estive aqui, vim a alguns locais que são ainda interessantes para o conhecimento, porque, na verdade, o espaço físico é de fundamental importância para que entendamos a relação do homem com o meio, o meio em que vive. Isso é muito importante: como se configura o espaço físico, como era configurado? Então, eu gostaria de fazer um apelo, aqui, às autoridades políticas presentes que, na medida do possível, preservem também a memória física e histórica do patrimônio, que é este centro e que também é este Vale do Cariri evidentemente. Porque, atualmente, há uma grande curiosidade dos historiadores, das pessoas que quiserem saber como era, por exemplo, aquela Vila de Canudos; hoje ela está soterrada, esta coberta sobre a recepagem e limpeza do Cocorobó, mas, para mim, seria muito importante também, ao longo dessas preocupações em torno dos assuntos sociais, que se olhasse também, com carinho, esse aspecto físico hoje, essa preservação do patrimônio físico, desta e de outras cidades. É este o meu recado, em forma de síntese.

O que foi o simpósio? Destaco três elementos: primeiro, ofereceu uma melhor contextualização interdisciplinar. A articulação nos dias de ontem e de hoje mostrou isso, inclusive como um caminho a ser seguido.

A situação de complementaridade entre a sedimentação doutrinal, a partir dos místicos e da Idade Média, a história da mística e da teologia da prática devocional apresentada ontem por Salatiel, do século XIII à constituição do Vaticano II, mostrou exatamente aquela fundamentação doutrinal e a sua transformação num 'ethos' cultural que já faz até mesmo antecipar determinados comportamentos, tal como o terço, dessa fundamentação doutrinal, na prática devocional do nosso povo.

A mesma forma articulada viu-se, hoje, na medicina, na psicologia, na parapsicologia e a consideração de ordem teológica que, para mim, não foi um saldo mortal, mas a coerência necessária, exatamente, para a definição, e um grande passo do simpósio que me pareceu isto, que a construção do milagre é uma formulação teológica, como muito bem expressou o padre Marcelino. E também a contribuição do simpósio para um melhor delineamento do perfil típico da identidade de Juazeiro, e aquela contribuição numerosa foi fundamental para a gente vislumbrar os fios, os liames invisíveis que constroem nossa história, marcando, sobretudo, um determinado tipo de atualidade dos problemas que persistem, no que diz respeito a situação do povo marginalizado, aflito, castigado.

Eu acredito que essa ligação dos fios e dos liames invisíveis da história exige de nós, e já aí vem a perspectiva, um alarguecimento da efetiva prática pastoral renovadora e a postura política em favor do camponês nordestino. Persiste, ainda, inatacável a questão da reforma agrária, da política agrícola e a sua integração nos bens do progresso e da cultura da modernidade, por parte da massa camponesa, nordestina, que visita Juazeiro e cativa a simpatia da nossa querida professora.

Por fim, eu vi, ainda, uma nova conotação do problema; ontem, tive a oportunidade de assinalar que não se discutia o fenômeno, mas a natureza do fenômeno, dos fatos extraordinários e destacar duas correntes: a corrente miraculosa e a corrente do embuste.

Hoje, vimos a refutação da corrente do embuste e vimos a emergência de uma nova corrente, que eu poderia dizer é a corrente forte, em homenagem a nossa professora. Essa corrente forte, lorde e rica nos ensejos à refutação da corrente do embuste, faz emergir a corrente que limita o fenômeno como um fenômeno natural e nos oferece elementos para um julgamento crítico do procedimento institucional, que feriu o padrão da ética humana, com a

manipulação do processo, e feriu profundamente o sentido da caridade cristã, mas se teve uma consequência muito prática, que foi exatamente o ensejo da santificação do Pe. Cícero, defendido pelo arcebispo Dom Lorscheider como um mártir da disciplina e que foi, efetivamente, a figura que emergiu nesse simpósio, como aquele que, no confronto com a hierarquia, manteve-se firme, abrindo espaço para aquela interpretação que eu dei ontem, o espaço da liberdade criativa e da participação do povo humilde, pobre, expulso do latifúndio, em Juazeiro, construindo um estágio mais elevado de organização e participação social, fazendo de Juazeiro um entreposto comercial que deu melhores condições de vida a muita gente. E faz ainda, com toda aquela veemência com que foi colocada pelo Pe. Marcelino [Sinviski], a grande interpelação que se situa, ainda hoje, a situação das massas camponesas que buscam Juazeiro, como aquele sinal que interpela, como aquele sinal que representa um apelo da presença de Deus na história dos homens.

A grande colocação desse simpósio, pelo que entendi, foi exatamente a afirmação de que o milagre é uma construção teológica, a partir exatamente daquilo que eu chamei de choque de fé e que vai ser a interpelação no sentido efetivo do que significa você aceitar Deus como um pai, se não aceita os homens como irmãos. E a advertência a Juazeiro: a origem é popular, a interpretação é popular; há o risco da elitização. Felizmente, não houve um desvio positivista de se pegar o aval da ciência para definir um milagre. Acredito que o problema com o doutor Moreira foi exatamente falar da sobrenaturalidade, invadindo um campo que não era dele, quando a situação é exatamente esta, vislumbrar o que a ciência diz. Eu vou até aqui, como foi a lição de humildade, de modéstia que nossos professores de parapsicologia, de psicologia nos deram, na jornada de hoje. Não temos a pretensão de explicar tudo, damos uma contribuição. O campo seguinte não é nosso, a tarefa é de outras ciências. Está aí onde se colocam as novas perspectivas de estudo mais aprofundadas e mais sistematizadas, que vão fecundar e aprofundar não apenas o estudo da sala de aula desse instituto, mas a renovação do ensino e a configuração duma pesquisa e de uma extensão muito mais abrangentes e muito mais vastas.

Eu acredito que a linha da universidade seria dinamizar, de todas as formas, as possibilidades de pesquisa desse instituto que tem uma vocação profunda para resgatar a eficiência de ensino, hoje, tão bem cuidado. E, por fim, eu queria entender que se en caminha também uma solução na direção de que a resposta da Igreja será também acadêmica, convencido da evolução da teologia e dos estudos bíblicos. Todos nós sabemos que, nos cinquenta anos que precederam o Concílio Vaticano II, todos os grandes teólogos e exegetas da Igreja foram marginalizados, punidos e convidados ao silêncio obsequiosos: e que, depois,

foram todos convocados a dar a contribuição fundamental, na grande virada da Igreja, que foi o Concílio Vaticano II.

Da mesma forma, eu vejo que a resposta ao problema teológico dos fenômenos de Juazeiro será uma resposta teológica de procedência acadêmica. Eu disse a resposta da Igreja será acadêmica. Os teólogos, filósofos e exegetas que foram criticados, convidados ao silêncio obsequiosos mais tarde terão suas propostas canonizadas. Por isso concordo com Luitigarde, quando diz: a resposta teológica será também da academia e não fruto de um decreto. Meu muito obrigado.

Maria do Carmo Forti

Alguns anos atrás, quando a gente pensou em estudar este assunto, e daí fazer um livro contando a Dom Aluizio Lorscheider, em Fortaleza, o projeto da gente, ele disse assim: É fundamental que se estude o milagre acontecido, em Juazeiro, com Maria de Araújo, porque isso é um entrave à descoberta maior da pessoa do padre Cícero, que foi o homem, como ninguém, que soube unir a vida, a fé e a política. Isso foi em oitenta e sete mais ou menos. Jamais a gente podia imaginar que, dois anos e meio depois, nós estaríamos aqui, num local público, com possibilidade de qualquer um entrar e sair falando sobre o milagre de Maria de Araújo, sobre o milagre de Juazeiro.

Cem anos depois, e eis um sonho que se tornou realidade rápido demais. A gente fica meio balançado para acompanhar, e eu estava aqui pensando: que pena que a gente não pode controlar o inconsciente para adivinhar o que vai acontecer, daqui a uns dez anos, a partir deste simpósio, a partir desta porta imensa que se abre, com a discussão desse fenômeno, com a apresentação desse pano, porque agora não se pode mais dizer que não existe pano. Eu fico pensando que eu não tenho muito jeito, nem visão para dizer qual foi, exatamente, a contribuição deste simpósio. A impressão que eu tenho é de que ele foi muito grande, para a academia. Tenho também a impressão de que foi muito grande e vai ser muito proveitoso ao povo. O povo vai poder falar; espero que se sinta com liberdade para falar de novo do milagre, da mesma forma como nós falamos aqui; que o povo possa dizer a qualquer um o que está abafado dentro dele.

Eu fico pensando que a gente teria tanta coisa ainda a fazer, a dizer em cima desses fatos, em cima de tudo o que foi discutido neste simpósio. Doutor Renato pediu linhas

de trabalho, perspectivas de estudo, daqui para a frente. Eu diria que a gente tem que esperar um pouquinho as conseqüências deste simpósio, olhando os sinais e traçando o caminho.

Uma coisa objetiva e concreta que eu gostaria de colocar é a questão do paninho ensangüentado que apareceu aqui. Imagine uma exposição do pano por si só. É claro que, sem dúvida nenhuma, é muito interessante e importante, porque quebra um pouco o tabu. Mas não deveria parar aí. Temos esse pano e teremos talvez uma possibilidade, ainda, de angariar toda a colocação, por exemplo, que nós fizemos hoje. Ela não passa de hipótese, não dá para provar. Talvez a gente consiga, pela análise do pano ou dos panos que estão por aí, definir com suficiência que efetivamente não houve milagre, não houve truque. Definir, pelo menos, se era sangue de humano ou de animal, se era de homem ou mulher; e a gente poderia encontrar um caminho um pouco mais tranqüilo.

Acho que este simpósio, daqui a um tempo, vai realmente render muitos frutos. A discussão desse tipo de tema, com uma platéia excelente como esta e tão heterogênea, sem sombra de dúvida, vai render frutos. É isso.